

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN – FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

JERÔNIMA DALTRO MILTON

**A COMUNICAÇÃO DO SENSÍVEL NA PERSPECTIVA DAS PRÁTICAS
INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE COM CRIANÇAS**

Porto Alegre
2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

JERÔNIMA DALTRO MILTON

**A COMUNICAÇÃO DO SENSÍVEL NA PERSPECTIVA DAS PRÁTICAS
INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE COM CRIANÇAS**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de
Mestra pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação,
Artes e Design (FAMECOS) da Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Tonin

Porto Alegre
2021

Ficha Catalográfica

M662c Milton, Jerônima Daltro

A comunicação do sensível na perspectiva das práticas integrativas e complementares em saúde com crianças / Jerônima Daltro Milton. – 2021.

203 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Tonin.

1. Comunicação do Sensível. 2. PICS. 3. Infância. 4. Crianças. 5. Práticas Integrativas. I. Tonin, Juliana. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

JERÔNIMA DALTRO MILTON

**A COMUNICAÇÃO DO SENSÍVEL NA PERSPECTIVA DAS PRÁTICAS
INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE COM CRIANÇAS**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de
Mestra pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação,
Artes e Design (FAMECOS) da Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul.

Aprovada em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Juliana Tonin – PUCRS (Orientadora)

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva – PUCRS

Prof^a Dr^a. Rosane Gonçalves Nitschke – UFSC

AGRADECIMENTOS

A sensibilidade para mim, com todas as suas nuances, começa pela espiritualidade, pela fé, pela capacidade de compreender que o planeta gira em torno das diferenças, e que estas movem o mundo, sejam elas boas ou ruins. Reconheço que nem todos têm a permissão de identificar os benefícios que recebem por uma graça envolta em merecimento e/ou resgate ou por atitudes a partir do livre arbítrio. Um livre arbítrio capaz de levar qualquer ser humano a refletir sobre os seus acertos e os seus erros, e também sobre o quanto as graças divinas caem sobre cada um de nós em um tempo que, muitas vezes, não é o nosso. Então, não há como não agradecer a um Deus que me deu e trouxe em minha trajetória uma linha mística africana, de Oguns, Oxalás, Xangôs, Oxuns, Iemanjás, que são homenageados a cada dia da semana e a cada ano. Agradecer por um Bomi, um Onira, um Tupinambá, um Tibirabé e uma Maria Conga, um Miguel, um Oxóssi, um Tupimirim e um Jorge de Ronda, filho herdeiro desta dinastia, que me permitiram a vida e avançar a cada passo dado.

Gratidão e orgulho também ultrapassam as portas do céu. Então a ti, minha querida e amada vó Maria, meu pai Antônio, meu avô Simplício, meus tios Luiz e Valdir, minha madrinha Petrônia e a todos que conviveram comigo e que rogam por mim em um plano espiritualizado. Obrigada por me permitirem continuar, e assim penso que eu esteja deixando-os orgulhosos. Nada mudou, continuo amando a todos cada vez mais!

Falar de PICS é dialogar também sobre subjetividades, afetos, impulsos, sensibilidades. É ainda reconhecer no outro o bom e o ruim, mas, acima de tudo, é ver neste outro um parceiro para todas as horas, sempre com a disposição e a intenção de te motivar e de acalantar. Então, a família está neste patamar com quem divido cada palavra mencionada, e é através do coração da matriarca Nadyr Daltro Milton e da minha tia Tereza Ferreira Daltro que reconheço a certeza do amor e da compreensão dos meus amados familiares, madrinhas, padrinhos, primos, primas, afilhados e afilhadas, de sangue e de coração, as Daltros, Fuhr Caldas, Araújo, Bastos, Bernardes, Gonçalves, Martins, Moreira, Nunes, Oliveira, Rocha, Santos, Silva, Silveira's, Souza, Teixeira. Valeu pela convivência repleta de energia, apoio e dedicação. Para aqueles que a distância foi real nestes dois anos, saibam que ela foi somente física, mas nunca espiritual. E diferente de muitos mestrados e mestradas, não abri mão de estar com minha mãe Nadyr, minha mana Janair, meu cunhado João, minhas filhas Fabiane, Thayne e Jessica, além do meu genro Fabrício e do meu rico neto Miguel. Nunca deixei de estar com todos que me foram permitido contato, como Zoffi e meus manos João, Adão, Jorge, José e Ana Rita, os quais representam tantos e tantas que acolhi como família e que foram incansáveis nesta trajetória.

A permissão alcança degraus também no espaço laboral, com minhas chefias que viabilizaram e incentivaram essa caminhada. Pelas colegas Fátima e Patrícia que me indicaram a pessoa e o caminho para o GAO, retomando, assim, a minha relação presencial de afeto e aprendizagem com a querida amiga e colega Cristiane Fammer e seu grupo, a quem sou imensamente agradecida. A um Deus que me leva a ser grata àquelas e àqueles que intensificaram o seu apoio de forma prática, sejam psicólogas/família, colegas da SES, do Município de Porto Alegre, do Rio de Janeiro, ou da UERGS, como a Ana, a Adriane, o Alexandre, a Carla, a Célia, a Cláudia, o Eduardo, o Elci, o Elson, a Fátima, a Fernanda, a Jaqueline, a Lia, a Lígia, a Leda, o Leonardo, a Márcia, a Maria Isabel, a Mariney, a Raquel, a Rejane, o Rodilon, o Selmar e a Silvia. Todos representam aquelas pessoas que, com afinco, me auxiliaram na busca da vitória, de meus objetivos, pois acreditaram no meu esforço e na minha proposta. Agradecimento extensivo à equipe da ACS, do Proser e do PIM, amigos e amigas que foram e são dignos do meu carinho.

Amar e aprender a visão de ser profissional e ser pesquisadora também passou por outros idiomas, que me proporcionaram encontrar não só professores, mas amigos para a vida toda. Desde a Cientec, onde o então presidente Antonio Antoniazzi me fez participar das aulas de inglês e, a partir daí, minha trajetória de leituras e compreensão da língua inglesa se intensificou, e foi aprimorada na UERGS e na School House. E porque não citar a minha paixão, o espanhol!? O qual foi aprendido e apreendido na PUCRS e no Nele, que foram lugares onde pude perceber que, na verdade, as instituições são o que são pelas pessoas que as representam e pelo convívio. Portanto, sou grata por cada ensinamento e reitero que amo a todos os *teachers* e professores que caminharam comigo.

Este olhar para o infinito me trouxe pessoas maravilhosas, conhecedoras de uma prática integrativa que me emociona e me faz feliz, sua dimensão com os pequenos me fez chegar neste lugar. Portanto, um muito obrigada à Cláudia (Estagiária), por me permitir conhecer a Liane e a Beth, ao Grupo de Aprimoramento a Vida (GAV), e a todos os voluntários deste grupo, inclusive ao meu Grupo das Racionalidades, lugar onde os primeiros passos foram dados e que é um espaço oportuno para as descobertas que virão.

Então cheguei, ou melhor, retornei à universidade e à faculdade que amo: PUCRS/FAMECOS, e os meus novos colegas mestrandos e doutorandos Airton, Aline, Bruna, Diogo, Fábio, Francielle, Jerônimo, Mauren, Wagner, Romulo estão aqui representando todos e todas que me levaram a ver que aquele retorno era gratificante e que as trocas e os compartilhamentos eram reais. Estávamos dentro de um imaginário social configurado de verdades, culturas e realidades, que se intercalam com o saber. E professores que tiveram

paciência, carinho e compreensão com as minhas dúvidas e com as dificuldades que hoje são menos estressantes, porque o tempo nos ensina a respirar, parar e pensar. Ainda, assimilar como aproveitar o aprendizado, e descobrir o quanto queremos aprender, isto me faz ser grata a vocês: Antônio, Cláudia, Cleusa, Cristiane's, Juremir, as queridas Kelly e Roséle, que foram incansáveis. E na continuação presente e futura está minha caríssima orientadora Juliana Tonin e meus amados pesquisadores, os quais formam um círculo de amor, em que a sabedoria do CoruGim reverberou em nossas vidas de maneira singular. Portanto, Amanda, Ana, Anderson, Daniela, Marília, Clarissa, João, Patrícia e Raquel obrigada pela honra de ser aluna, colega, parceira, mãe, e por todos os papéis que a vida nos apresenta e que optamos ou não por representar. Saibam que eu sinto que a NOÇÃO DO SENSÍVEL foi um grande presente divino para nós, minha querida família, orientadora Juliana, e colega doutorando, Anderson. Espero que as percepções do mundo nos toquem, realmente, a ponto de mudarmos e sermos muito além do que simples pessoas, mas cada vez mais atores sociais protagonistas de nossas vidas. Como são a Carla e o Vinicius que contribuíram para a produção deste trabalho com seu olhar nas palavras e no formato, um formato que a vida nos proporciona e que foi encaminhado aos professores doutores Rosane Gonçalves Nitschke e Juremir Machado da Silva, os quais contribuíram com o seu conhecimento e com os seus valores imprescindíveis que repercutem nesta tribo, na qual me incluo, Comunicação e Saúde. Esta traz nas suas passagens o cuidado também com a criança que está em cada um de nós e que transcende, muitas vezes, caminhos não percorridos ou envoltos de invisibilidade. Obrigada por desvelar tais vias que nem sempre se constituem de regras, protocolos, mas que pode ser alinhadas e compartilhadas se observarmos o outro através da EMPATIA. Espero que todos e todas se sintam homenageados e homenageadas ao lerem estas singelas linhas, e aqueles que não foram citados aqui, reafirmo que não foram esquecidos, pois a todos que me conhecem e sabem o quanto são importantes na minha trajetória, quero que sintam-se abraçados e recebam de coração o meu MUITO OBRIGADA.

A comunicação não existe sem o outro [...].

(TV UNESP, 2015b, n.p.)

Comunicação é algo que ocorre de forma sensível [...].

(MARCONDES FILHO, 2018)

Então? [...] Que nova sensibilidade esta surgindo aqui neste contexto?

(MIDIATICOM, 2020, n.p.)

Há coisas que nossa boa filosofia não alcança, mas na certeza de que a fé remove montanhas.

(Gilda/Maria – *in memoriam*)

RESUMO

A pesquisa tem por objetivo geral compreender a comunicação do sensível na perspectiva das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) a partir de aplicação de Reiki em crianças, e tem como problema de pesquisa “de que formas podemos compreender a comunicação do sensível na perspectiva das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) a partir de aplicação de Reiki em crianças?”. A proposição tem enfoque nas noções da Comunicação do Sensível sob a ótica de Marcondes Filho, perpassando pelas teorias de Maffesoli, Santaella e Sodré. Abrange o estudo dos princípios sobre as PICS (ARAÚJO; CARDOSO; LUZ) e a Infância e a Criança (CORSARO; SARMENTO; SIROTA). A metodologia, com foco qualitativo, foi realizada presencialmente, respeitando os cuidados e protocolos do período da Covid-19. As técnicas metodológicas seguem três fases: Observação, Projetiva e Grupo Focal. A análise dos dados foi definida *a posteriori* a partir dos elementos oriundos do campo, originando quatro categorias, elementos constitutivos da comunicação do sensível: **conversa inicial, espaço, música e aroma e imposição das mãos**, estabelecido neste processo os códigos. A pesquisa foi aplicada em crianças que recebem atendimento de Reiki no Ambulatório de Terapias Naturais e Complementares 1º de Maio (ATNC), pertencente à Rede de Saúde Divina Providência (RSDP). Os resultados indicam que, para as crianças, o Reiki representa espaço de proteção que lhes dá a garantia de segurança e de paz. Que palavras como *relaxante, harmonia, paz, tranquilidade, conforto, energia boa, felicidade, alegria*, que trouxeram no decorrer de todas as fases, estão conectadas à forma como reverberou nelas a prática do Reiki e estão contidas nas concepções enunciadas na comunicação do sensível.

Palavras-chave: Comunicação do Sensível. PICS. Infância. Crianças. Práticas Integrativas. Humanização.

ABSTRACT

The research has as a general objective to understand the communication of the sensitive in the perspective of integrative and complementary practices in health (PICS) based on the application of Reiki to children, and has as research problem “in what ways can we understand the communication of the sensitive in the perspective of Integrative and Complementary Health Practices (PICS) based on the application of Reiki to children?”. The proposal focuses on the notions of Communication of the Sensitive from the perspective of Marcondes Filho, going through the theories of Maffesoli, Santaella and Sodré. The study covers the principles about PICS (ARAÚJO; CARDOSO; LUZ) and Childhood and Children (CORSARO; SARMENTO SIROTA). The methodology, with a qualitative focus, was carried out in person, respecting the care and protocols of the Covid-19 period. The methodological techniques followed three phases: Observation, Projective and Focus Group. The data analysis was defined *a posteriori* based on the elements coming from the field, originating four categories, constitutive elements of the communication of the sensitive: **initial conversation, space, music and aroma and imposition of hands**, being the codes established in this process. The research was applied to children who receive Reiki care at the Ambulatório de Terapia Natural e Complementar 1º de Maio (ATNC), belonging to the Divina Providência Health Network (RSDP). The results indicated that for children Reiki represents a space of protection that gives them the guarantee of security, of peace. The claimed that words like *relaxing, harmony, peace, tranquility, comfort, good energy, happiness, joy*, brought in the course of all the phases are connected to the way in which the practice of Reiki reverberated in them and are contained in the conceptions enunciated in the communication of the sensitive¹.

Keywords: Communication of the Sensitive. PICS. Childhood. Kids. Integrative Practice.

¹ Versão do resumo em língua portuguesa para língua inglesa feita por Daiane Gomes de Freitas, da School House.

RESUMEN

La investigación tiene como objetivo general comprender la comunicación de lo sensible en la perspectiva de las prácticas integradoras y complementarias en salud (PICS) basadas en la aplicación del Reiki a los niños, y tiene como problema de investigación “de qué maneras podemos entender la comunicación de lo sensible en la perspectiva de las Prácticas de Salud Integrativas y Complementarias (PICS) basadas en la aplicación del Reiki a los niños? La propuesta se centra en las nociones de Comunicación de lo Sensible desde la perspectiva de Marcondes Filho, pasando por las teorías de Maffesoli, Santaella y Sodré. El estudio cubre los principios sobre PICS (Araújo; Cardoso; Luz) e Infancia y Los Niños (Corsaro; Sarmiento Sirota). La metodología, con un enfoque cualitativo, se realizó de manera presencial, respetando los cuidados y protocolos del período de Covid-19. Las técnicas metodológicas siguieron tres fases: Observación, Proyectiva y Grupo de Enfoque. El análisis de los datos se definió a posteriori con base en los elementos provenientes del campo, originando cuatro categorías, elementos constitutivos de la comunicación de lo sensible: **conversación inicial, espacio, música y aroma e imposición de manos**, siendo los códigos establecidos en este proceso. La investigación se aplicó a niños que reciben asistencia de Reiki en el Ambulatorio de Terapias Naturales y Complementarias 1º de Maio (ATNC), perteneciente a la Red de Salud Divina Providência (RSDP). Los resultados indicaron que para los niños el Reiki representa un espacio de protección que les da la garantía de seguridad, de paz. Afirmaron que palabras como *relajante, armonía, paz, tranquilidad, comodidad, buena energía, felicidad, alegría*, traídas en el transcurso de todas las fases, están conectadas con la forma en que la práctica de Reiki reverberaba en ellas y están contenidas en las concepciones enunciadas en la comunicación de lo sensible².

Palabras clave: Comunicación de lo Sensible. PICS. Infancia. Niños. Práctica Integrativa. Humanización.

² Versão do resumo em língua portuguesa para língua espanhola feita por Evandro da Rosa Jaques, da School House.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Consultório 4	77
Figura 2 – Consultório 6	78
Figura 3 – Consultório 7	78
Figura 4 – Escadaria ATNC	80
Figura 5 - Escadaria ATNC	81
Figura 6 - Lanche (Sala do Encontro)	82
Figura 7 - CoruGim e Corujinha Flor	83
Figura 8 - Kit de Desenho	84
Figura 9 - Crachás das crianças	86
Figura 10 - Desenho de Pedro (8 anos)	107
Figura 11 - Desenho de Maria (10 anos)	110
Figura 12 – Desenho de Fátima (11 anos)	112
Figura 13 – Desenho de Paulo nº 1 (9 anos)	113
Figura 14 – Desenho de Paulo nº 2 (9 anos)	114
Figura 15 – Desenho de José (10 anos)	116

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – ATNC – Terapias naturais ofertadas em 2019	75
Quadro 2 – ATNC – Terapias naturais ofertadas de janeiro a agosto de 2020	76
Quadro 3 – ATNC – Terapias naturais ofertadas em 2020	76

LISTA DE SIGLAS

AB - Atenção Básica

ABRASCO - Associação Brasileira de Saúde Coletiva

APS - Atenção Primária de Saúde

Bireme/Opas/OMS - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde

CABSIN - Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa

CEP/RSDP - Comitê de Ensino e Pesquisa da Rede de Saúde Divina Providência

CEP-PUCRS - Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

CNPICS - Coordenação Nacional de PICS

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico

CNS XI - 11ª Conferência Nacional de Saúde

CNS XII - 12ª Conferência Nacional de Saúde

CNS - Conselho Nacional de Saúde

CONCLA - Comissão Nacional de Classificação

DNSP - Departamento Nacional de Saúde Pública

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz

GIM-Pesquisa - Grupo de Pesquisa Infâncias, Comunicação e Imaginários

ICICT/Fiocruz - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz

IEC - Informação, Educação e Comunicação

LabGim - Laboratório de Pesquisa sobre a Comunicação nas Infâncias

MS - Ministério da Saúde

MTC - Medicina Tradicional e Complementar

NIH - National Center for Complementary and Integrative Health

ObservaPICS - Observatório Nacional de Saberes e Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde

OMS - Organização Mundial de Saúde

PEN/UFSC - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina

PEPIC/RS - Política Estadual das Práticas Integrativas e Complementares do Rio Grande do Sul

PICS - Práticas Integrativas e Complementares em Saúde

PIM - Programa Primeira Infância Melhor

PNAISC - Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança

PNEPS - Política Nacional de Educação Permanente em Saúde

PNPIC - Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares

PPGCOM/PUCRS - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Rede MTCI Américas - Rede de Medicinas Tradicionais, Complementares e Integrativas das Américas

RM - Racionalidades Médicas

SES/RS - Secretaria de Estado da Saúde do Rio Grande do Sul

SESC - Serviço Social de Comércio

SIPESQ - Sistema de Pesquisa da PUCRS

SMS/RJ - Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro

SUS - Sistema Único de Saúde

UBS - Unidade Básica de Saúde

US - Unidade de Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	18
2 PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE (PICS).....	23
2.1 A VISÃO POLÍTICA E A ESTRUTURA DAS PICS.....	27
2.2 REIKI: PRÁTICA COMPLEMENTAR ENERGÉTICA E VIBRACIONAL.....	38
3 A COMUNICAÇÃO DO SENSÍVEL.....	43
3.1 AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS.....	48
3.2 AFECÇÃO, EXISTÊNCIA E ESTÉTICA.....	51
3.3 INTERFACE ENTRE PICS E A COMUNICAÇÃO DO SENSÍVEL.....	55
4 INFÂNCIA E CRIANÇA.....	59
4.1 CONCEPÇÕES SOBRE INFÂNCIA E CRIANÇA.....	60
4.2 A INFÂNCIA E AS CRIANÇAS NO CONTEXTO DAS PICS E DA COMUNICAÇÃO DO SENSÍVEL.....	63
5 METODOLOGIA.....	72
5.1 APRESENTAÇÃO DO AMBULATÓRIO DE TERAPIAS NATURAIS E COMPLEMENTARES (ATNC).....	74
5.2 SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	84
5.3 COLETA DE DADOS.....	89
5.4 ANÁLISE DE DADOS.....	90
6 RESULTADO E INTERPRETAÇÃO.....	92
6.1 CONVERSA INICIAL, MÚSICA E AROMA, IMPOSIÇÃO DAS MÃOS.....	92
6.2 ESPAÇO, MÚSICA E AROMA, IMPOSIÇÃO DAS MÃOS.....	105
6.3 CONVERSA INICIAL, ESPAÇO, MÚSICA E AROMA, IMPOSIÇÃO DAS MÃOS.....	117
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
REFERÊNCIAS.....	136
APÊNDICE A – Roteiro.....	144
APÊNDICE B – Transcrição.....	146
APÊNDICE C – Interlocução da terapeuta com a criança e a sessão de reiki.....	147
APÊNDICE D – Apresentação e lanche (Sala do Encontro).....	158
APÊNDICE E – Lanche (Sala do Encontro).....	161
APÊNDICE F – Brinquedo e desenho (Sala do Encontro).....	164
APÊNDICE G – Desenho e CoruGim (Sala do Encontro).....	171
APÊNDICE H – Finalização do desenho (Sala do Encontro).....	175
APÊNDICE I – Conversa Reiki e Segundo Desenho (Sala do Encontro).....	178
ANEXO A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética da PUCRS.....	190

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) Pais e Responsáveis.....	194
ANEXO C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).....	197
ANEXO D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Profissionais.....	199
ANEXO E – Presença do imaginário, o cheirinho era como chá, a sensação da chuva e das flores, lugar com árvores, sem carros ou poluição.....	202

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa tem por objetivo geral compreender a comunicação do sensível na perspectiva das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) com crianças. A proposição tem enfoque nas noções da comunicação do sensível sob a ótica de Ciro Marcondes Filho e visa responder ao problema de pesquisa “de que formas podemos compreender a comunicação do sensível na perspectiva das Práticas Integrativas e Complementares com Crianças (PICS) a partir de aplicação de Reiki em crianças?”. A proposta trata de um tema atual, da adoção de práticas complementares de saúde em crianças e a sua comunicação. Neste sentido, a pesquisa investiga aspectos relevantes de comunicação e sociabilidade, bem como manifesta relevância ao abordar a oferta de saúde pelo Sistema Único de Saúde (SUS) no contexto de pandemia, por oferecer olhar original em relação ao seu objeto e por conferir à comunicação interpessoal um *status* de importância equivalente às comunicações midiáticas.

Ao atuar no cargo de especialista em saúde, na função de Relações Públicas, da Secretaria de Estado da Saúde do Rio Grande do Sul (SES/RS) senti como essência o olhar para o outro e compreendi a potência das trocas entre as pessoas, principalmente, na convergência entre a comunicação e a saúde. A experiência pessoal e profissional neste lugar permitiu verificar que ambos os campos dispõem de múltiplas interfaces, capazes de produzirem conexões e vínculos. Mesmo que vistas como campos distintos, com características e competências específicas, a comunicação e a saúde estão conectadas. Uma e outra tendem a trabalhar, ainda que perpassem por alguns obstáculos, de forma articulada, principalmente, porque as suas operações têm por base os seres humanos¹ e as simbologias advindas da técnica, dos ambientes e das relações interpessoais.

Esta perspectiva de unificação dos campos da comunicação e da saúde, que olham para o ser humano, trazem em si diversos modelos de comunicação como algo intrínseco e, neste sentido, é necessário compreender o papel de sujeito, pois, conforme o paradigma de Signates, há uma:

Natureza inseparável entre a comunicabilidade e a humanidade do sujeito. [...] Inclui a comunicação como condição da subjetividade e a intersubjetividade como constituidora dos sujeitos – isto é, os sujeitos não mais são dados no processo de interação, mas se constituem enquanto tais no próprio processo comunicativo (SIGNATES, 2000, p. 2).

¹ “Desse modo, impõe-se [...] o reconhecimento da personalidade de todos os seres humanos. [...] A personalidade do ser humano, em decorrência da dignidade que lhe é imanente [...]” (COSTA, 2013, p. 76).

Essa mudança de paradigma, de uma comunicação informativa para uma sedimentada nas relações, fundamentada no ato comunicacional, se constitui a contar outro e não do Eu que fala, a alteridade e os fatos que não podem ser definidos são o suporte desta condição relacional (SIGNATES, 2000). Isto revela que, antes de conhecer a nós mesmos, há premência de reconhecimento de que existe um outro, que não basta somente interagir, mas reconhecer o outro e o mundo, percorrendo, assim, as estradas da alteridade. O que subverte a ideia de um sujeito passivo para dar a este a condição de um sujeito interlocutor, algo instigante, pois trilhar sob estas searas é como estar transitando por estradas perpendiculares, que se cruzam em um único ponto, onde está este sujeito.

Agrega-se a tudo isso a realização de ações específicas na SES/RS, que tratam de políticas de promoção e prevenção através de atividades, as quais envolveram algumas das práticas integrativas e que estiveram à serviço dos públicos interno e externo. Ações e eventos foram construídos conjuntamente com técnicos e representantes da rede que congrega as PICS e que proporciona conhecimento e a possibilidade de tratar de assuntos pertinentes sob a dimensão da pluralidade. A pluralidade e a diversidade presente nas atividades terapêuticas como o Reiki, a dança circular, entre outras, permitem a potencialização dos discursos sobre as energias, as crenças e a espiritualidade, por exemplo. A realidade destas práticas terapêuticas faz parte de minha bagagem profissional, da mesma forma que as temáticas da infância. Em áreas específicas, estratégias foram criadas e realizadas conjuntamente com os consultores, como do Programa Primeira Infância Melhor (PIM), ou com os especialistas em saúde que tratam da Política da Criança e Adolescente. Dessa jornada, ressalta-se a importância dos instrumentos comunicacionais (cartilhas, livros, teatro, entrevistas, fotos etc.) e midiáticos, que permitiram observar como as crianças produzem e/ou vivenciam algum tipo de imaginário, o qual está refletido, inclusive, no cotidiano propulsor de transformações.

Ao ingressar no mestrado, com esta visão da intersecção entre a comunicação e a saúde, solidificou-se o intuito de olhar para o sujeito como um ser de direitos e vontades, principalmente, quando se busca levar em consideração as suas singularidades e a possibilidade de se movimentar, através dos diálogos e das ações, que são os elementos transformadores da sociedade e que o constituem como cidadão e como ator social. Dos contextos de investigação oportunizados pelo Grupo de Pesquisa Infâncias, Comunicação e Imaginários (GIM Pesquisa) e pelas atuações do Laboratório de Pesquisa da Comunicação nas Infâncias (LabGim), foi construído o arcabouço teórico que concebe as linhas de pesquisa a respeito das infâncias,

comunicação e saúde, e que permitem à pesquisadora refletir sobre as questões que me trazem até aqui.

A partir das leituras, apreendeu-se que o uso do termo *sensibilidade* e até mesmo a noção de uma comunicação do sensível são interessantes como perspectiva para a questão do sensível sob outro *prima*, ou seja, que envolva as relações interpessoais, especificamente pelo contato pessoal, já que as discussões sobre o tema são, majoritariamente, vistas a começar da ótica do estético, do político e do midiático. Neste âmbito, a dissertação “A comunicação do sensível na perspectiva das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde com crianças” contempla as relações interpessoais com crianças no contexto da saúde, transcrita a partir da noção de comunicação do sensível evidenciada pelas reflexões do já citado, Ciro Marcondes Filho, e de pesquisadores da área da Comunicação, dentre eles, Lucrecia D’Alessio Ferrara, Lucia Santaella, Michel Maffesoli e Muniz Sodré. As considerações apresentadas por eles, ainda que em campos distintos, trazem aspectos comuns que envolvem a ligação dos sujeitos. Este caminho leva à reflexão sobre o quanto de sensível emerge do diálogo e da troca, e o quanto, se identificado, reforça ou (re)cria processos de saúde antes não imaginados.

Por sua vez, conforme as concepções de Inesita Araújo, Janine Cardoso, Leandro David Wenceslau, Madel Therezinha Luz, Nelson Filice Barros, entre outros, abordamos as práticas integrativas, a contar de sua origem nos saberes e conhecimentos, para além da política pública da qual fazem parte. A prática escolhida como elemento de pesquisa foi o Reiki, recurso terapêutico que utiliza a imposição das mãos para a transmissão da energia vital e universal, objetivando o equilíbrio energético necessário ao bem-estar físico e mental dos sujeitos. O Reiki responde aos novos paradigmas de atenção em saúde, como as demais PICS, sobretudo no contexto de pandemia da Covid-19. As PICS ganham espaço de destaque quando surgem as questões de adoecimento geradas pelo vírus e pelos protocolos de enfrentamento, que afetam o emocional dos profissionais de saúde e da população em geral, já que elas incluem dimensões da consciência, do corpo e das emoções (BRASIL, 2020).

A intersetorialidade que se intenta perpassa, ainda, pela Sociologia da Infância, já que o *corpus* de pesquisa são as crianças. Esse trajeto, que tem os paradigmas destacados por Cléopâtre Montandon, Manuel Jacinto Sarmiento, Règine Sirota e William Corsaro, é relevante para a cena em discussão. De acordo com a linha teórica destes autores, a criança é alguém que participa dos cenários como um ator social. Esta ressignificação do papel da criança resgata o que ela é capaz ou consegue expressar também no tocante às suas ideias, crenças etc.

Vislumbra-se, nesta pesquisa, a compreensão da criança quanto à matéria do sentir através da comunicação e do Reiki (PICS).

Dessa maneira, a seguinte proposta está estruturada em oito capítulos, sendo o primeiro e o último respectivamente, a Introdução e as Considerações Finais. O segundo é referente às Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, que nascem das demandas sociais, contemplando diretrizes e responsabilidades. Seu exercício está embasado na estratégia multiprofissional e transversal, com vista à promoção da saúde, e que perpassa pela intersetorialidade, que busca se integrar ao olhar da comunicação.

O terceiro capítulo pauta o tema central, ou seja, a Comunicação do Sensível. Essa comunicação, a partir da noção de Marcondes Filho (2008, 2019), traz a relevância das relações que o sujeito estabelece com o outro, pressupondo que emissor e receptor estão atrelados a questões subjetivas na sua essência, as quais transcendem a esfera da racionalidade. Logo, de acordo com o autor, não podem ser medidas, mas sentidas. Reporta as consequências das interações interpessoais entre os sujeitos envolvidos num ambiente, já que as trocas iniciadas visam gerar uma efetiva mudança no sujeito. O resultado por ele dimensionado seria um efeito preponderante quando o assunto é a saúde.

O quarto capítulo tem interlocução na Infância e na Criança; versa sobre o que constitui sua visão e presença como ator social. A linha teórica aplicada ao texto retrata a criança como um ser capaz de expor suas necessidades e interpretações, ou seja, um protagonista, com a possibilidade de verbalizar ou produzir sentido a partir do seu olhar, minimizando ou restringindo o poder dos adultos nas decisões que lhe dizem respeito.

A proposta metodológica, quinto capítulo, tem abordagem qualitativa, conforme Chizzotti (2003, p. 232), “leva o pesquisador a reconhecer a experiência humana”, traz como sentido filosófico a perspectiva das interações e a capacidade do sujeito de expressar os fenômenos além das manifestações momentâneas, voltando-se à essência que o concebe. As técnicas metodológicas seguirão três fases: Observação, Técnica Projetiva e Grupo Focal, realizadas com cinco crianças, de ambos os sexos, que recebem atendimento de Reiki. O serviço terapêutico é exercido por uma equipe multidisciplinar que atua no Ambulatório de Terapias Naturais e Complementares 1º de Maio (ATNC 1º de Maio), pertencente à Rede de Saúde Divina Providência (RSDP), na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

O sexto capítulo abrange, brevemente, o cenário que configurou o campo, relatando algumas das alterações que, em função de um cotidiano de pandemia, refletiu no caminho

metodológico, pondo em cena uma outra realidade que leva à adequação das ações frente à proposta inicial.

No sétimo capítulo, apresentam-se os resultados e a interpretação a partir dos dados oriundos do campo e as fases de Observação, Técnica Projetiva e Grupo Focal. Para tanto, *a posteriori*, foram definidos os códigos e elencadas quatro categorias, elementos constitutivos da comunicação do sensível: **conversa inicial, espaço, música e aroma e imposição das mãos**, que embasam nossa investigação aliadas às três fases realizadas sob a perspectiva das técnicas de: observação, projetiva e grupo focal, com o intuito de responder ao problema de pesquisa. Acredita-se que refletir sobre tal ponderação, partindo da premissa que o sujeito é o centro e que a oportunidade está dada às crianças, é reforçar a diferença necessária que move o mundo. Então, que possamos congregarmos a comunicação, as sensibilidades e esta energia aos caminhos que desvelam temas sobre a natureza humana e que conectam comunicação, saúde, infância e criança.

2 PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE (PICS)

O desenvolvimento tecnológico implementado na divulgação dos serviços terapêuticos, bem como a expectativa de uma comunicação com um olhar na pessoa humana, a partir do que lhe é de direito, aplicado neste caso às crianças, são relevantes quando procura-se encontrar respostas quanto às sensibilidades oriundas, na presente concepção, dos processos terapêuticos e que permeiam todas as modalidades de inter-relações. O cotidiano nas PICS, envolto pela produção do cuidado e pelo ato humanizado, visa direcionar o sujeito a participar da cultura recém apresentada a ele na esfera da saúde, principalmente, porque os saberes e as práticas disponibilizadas pelos serviços têm, como entende-se aqui, um caráter relacional. Em um cenário em que as interações entre os participantes são marcadas pela expressão da subjetividade, por meio de recursos comunicacionais, que procuram trabalhar o sensível nas relações é que buscar-se-á compreender a dimensão dessa comunicação do sensível na perspectiva das PICS. Gradativamente, novos vínculos entre as áreas da comunicação e da saúde são construídos e, diante disso, é pertinente conhecer as PICS neste contexto, de que forma adentram à realidade do ser humano, e em que ponto se cruzam com a comunicação e a sensibilidade citadas.

A contar da diversidade que cerca a sociedade brasileira, com suas características e necessidades regionais, ações e documentos normatizadores são redigidos e apresentados à esfera pública nos âmbitos federal, estadual e municipal para configurarem políticas e/ou programas que, posteriormente, serão incluídos no rol de políticas do SUS⁴. Algumas das propostas concebidas, face à carência e prioridades, se transformam concretamente em políticas públicas, ainda que a abrangência das demandas nem sempre tenha uma aplicabilidade efetivamente global, mas, fragmentada, seja por aspectos ligados aos recursos humanos ou aos financeiros.

Neste sentido, as PICS se constituem como política fundamentada e prevista na legislação do SUS, na esfera federal como a Política Nacional das Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), e estadual referenciada como Política Estadual das Práticas Integrativas e Complementares do Rio Grande do Sul (PEPIC/RS). A PNPIC foi promulgada com o intuito de garantir a integralidade na atenção da saúde, pelo Ministério da Saúde (MS), através da Atenção Básica (AB)⁵, atendendo às necessidades de se “conhecer, apoiar, incorporar e implementar experiências desenvolvidas nas redes públicas estaduais e municipais” (BRASIL, 2020, p. 7).

A integralidade como base nas PICS reúne as práticas de saúde e as praxes sociais, além dos “cuidados de saúde e bem-estar, geralmente incluindo aspectos mentais, emocionais, funcionais, espirituais, sociais e comunitários” (NIH, 2019; LUZ *et al.*, 2012), sob uma concepção do fluir da vida. Isto nos diz que as práticas de saúde não só intervêm no elemento propulsor do adoecimento, mas na melhoria das condições reais e concretas da vida individual e coletiva, estimulando a criação de ambientes favoráveis à saúde, reforçando a ação social e reorientando o serviço. Os diagnósticos, a partir destes aspectos, reforçam os pontos dos cuidados que estão em um plano que não se reduz ao universo dos pensamentos (LUZ *et al.*, 2012), estão presentes no fazer e no sentir. Um fazer e sentir centrados na qualidade do acesso, no destaque da privacidade dos sujeitos, o mínimo a ser disponibilizado por um sistema gratuito, aliado a uma atuação multiprofissional que imprima um “maior grau de comunicação e ativação do protagonismo e autonomia” (BARROS; NEVES, 2013, p. 417) por parte dos sujeitos em processo de cuidado e autocuidado, principalmente, se a perspectiva é compreender e identificar o que de bom ou ruim eles absorvem de sua realidade.

⁴ Foi instituído em 1988, com a promulgação da Constituição da República Federal do Brasil e regulamentado com a Lei Orgânica da Saúde n. 8.080, de 19 de setembro de 1990. O SUS estabeleceu o marco histórico da saúde pública brasileira, definindo a saúde como “direito de todos e dever do Estado”. A Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990, imprimiu ao SUS uma de suas principais características: o controle social, ou seja, a participação dos usuários (população) na gestão do serviço.

⁵ Atenção Básica (AB) ou atenção primária à saúde (APS) é a “porta de entrada” do usuário no SUS. São desenvolvidos um conjunto de ações, no âmbito individual e coletivo, que abrange a promoção e a proteção da saúde, a prevenção de agravos, o diagnóstico, o tratamento, a reabilitação, a redução de danos e a manutenção da saúde com o objetivo de desenvolver uma atenção integral que impacte positivamente na situação de saúde das coletividades. É o centro de comunicação com toda a Rede de Atenção dos SUS, devendo se orientar pelos princípios da universalidade, da acessibilidade, da continuidade do cuidado, da integralidade da atenção, da responsabilização, da humanização e da equidade.

As citações demonstram que há um potencialidade nas atividades multiprofissionais, pois delas emergem da conexão entre técnica, percepção e normatizações, que, se assumidas pelos profissionais, solidificam as ações motivadoras e multiplicadoras das PICS no tocante à saúde e à vida dos sujeitos. O cuidado e o autocuidado extrapolam o simples tratamento - tal perspectiva sinaliza que o papel de protagonista teria origem nesses grupos multiprofissionais, ao colocarem no ato de cuidado suas experiências e convicções de acordo com a sua realidade. As referências e aceitação da prática estão alicerçadas também na conversa destes terapeutas e como eles se enxergam neste processo.

Estes métodos fazem sentido, pois estão contidos na proposta de integralidade prevista pela OMS/SUS, e buscam a compreensão do sujeito em sua totalidade, incluindo aquele que oferece o serviço e aquele que recebe, e que está de certa forma referenciado nas PICS. Os protocolos e a política de humanização que abordam “a valorização dos diferentes sujeitos implicados no processo de produção de saúde: usuários, trabalhadores e gestores” (BRASIL, 2010, p. 8) acordam com os valores de autonomia e protagonismos encontrados nas PICS. Portanto, fica clara a necessidade de uma reflexão sobre a adequação dos trabalhadores e/ou gestores no instante da observação daquele que está em processo de cuidado, pois é, nesse momento, que a flexibilidade seria considerada a atitude propícia para a conjuntura. Com a flexibilidade, vem o “estar aberto a coisas diversas”, que permite compreender a parcela dos sentidos abstratos e invisíveis, que fazem parte da integralidade e que são enfatizados quando fala-se de uma comunicação que postula a exteriorização das sensibilidades.

Na linha do protagonismo, as diretrizes e estratégias da política das PICS asseguram ao usuário o direito de definir o tipo de terapia que deseja, benefício que adveio com o relatório final da VIII Conferência Nacional de Saúde (1986), que propôs “a introdução das práticas alternativas de assistência no âmbito dos serviços de saúde, possibilitando ao usuário o direito democrático de escolher a terapêutica preferida” (NASCIMENTO *et al.*, 2013, p. 3597). Somado a isso, a OMS incentiva que o cidadão tenha autonomia nas suas questões terapêuticas.

A experiência profissional, relatada anteriormente, leva a crer que o acesso e a escolha, muitas vezes, se dão pela observação e vontade do ator social, não descartadas as necessidades provenientes dos problemas de saúde, por indicação médica ou por sugestão dos terapeutas. O terapeuta na complementação do tratamento pode adequar a sua sessão a uma ou mais atividades, pois, como já afirmado, as práticas não só estão substanciadas por serem um serviço multiprofissional, mas por ensejarem o desenvolvimento de uma ou mais técnicas, como a música, a dança, os aromas. Há, neste contexto, uma dimensão da transversalidade do

emocional com o racional, cenário em que os atores necessitariam compreender os processos decorrentes de cada atividade. Salienta-se, todavia, que independente da dinâmica terapêutica, todos os sujeitos cumpririam a normativa federal de manter, conjuntamente com as sessões, a consulta biomédica quando o tratamento está na centralidade da rede pública.

Outro fator relevante está no significado que é dado, neste trabalho, aos termos doença e adoecimento, considerando a visão ampliada de saúde no que tange ao cuidado e ao autocuidado. Os termos doença e adoecimento condizem com a reavaliação sobre os preceitos de saúde e a sua relação com as patologias que afetam os sujeitos, disfunções que, normalmente, na explicação racional, têm base somente no conhecimento científico. A interpretação da estudiosa das racionalidades médicas em saúde, Madel Luz, foi a fonte que claramente explicou esta diferença na *live* de lançamento do PodPICS, promovida em julho de 2020. Na oportunidade, Luz (FIOCRUZ PERNAMBUCO, 2020) destacou que, na medida em que a biomedicina faz uma distinção a partir do paradigma do cuidado e não da intervenção no combate a patologia (doença), as ações estariam voltadas para o entendimento do que seja exatamente este adoecimento.

Assim, o sujeito adoecido ou em processo de adoecimento, segundo a pesquisadora, tem consciência de como e porque adocece, tomando ciência de quais as práticas terapêuticas poderiam ser aplicadas no tratamento. Etimologicamente, as palavras adoecimento e doença têm sentido diferente, sendo que a doença está na classificação dada às patologias, enquanto que o adoecimento englobaria todos os fatores que afetam o sujeito. Assim, o termo adoecimento, no entendimento que pretende-se, acompanha as convicções presentes nas PICS e no que traduz as discussões sobre a comunicação do sensível embaladas pela vida de cada sujeito. Especificamente, neste sentido, concebesse que as PICS não têm a função somente de combater a doença propriamente dita, elas se inserem em uma amplitude muito maior, pois a produção do saber, do que seja adoecimento, recolocaria o sujeito como alguém integralmente sadio, considerando a realidade das condições do indivíduo na sociedade. Portanto, tanto doença quanto adoecimento requerem um olhar plural (LUZ, 2020), pluralidade esta reforçada nos debates do século XXI e no reconhecimento da diversidade investidos, como não poderia deixar de ser, na esfera da comunicação.

2.1 A VISÃO POLÍTICA E A ESTRUTURA DAS PICS

O SUS, com caráter público, universal, integral e gratuito, possui, em seu teor, normativas e diretrizes que englobam a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC). A PNPIC dispõe de objetos propícios aos trâmites e fatores do cotidiano que advêm da “natureza política, técnica, econômica, social e cultural” (BRASIL, 2014, p. 7). Assim, há 30 anos, o sistema público brasileiro busca acompanhar os avanços e as “novas questões que demandam outras respostas, mas também problemas que persistem, impondo a urgência, seja de aperfeiçoamento do sistema, seja de mudança de rumos” (BRASIL, 2020, p. 7). Com isso, o artigo 3º, da Lei nº 8.080, de 1990, prevê que a saúde possui fatores determinantes e condicionantes alicerçados nas necessidades de “[...] alimentação, [...] moradia, [...] atividades físicas, de lazer e do acesso aos bens e serviços essenciais” (BRASIL, 1990, n.p).

Entende-se que, além dos parâmetros hereditários e biológicos, elementos externos impactam na saúde dos indivíduos, que são refletidos pelos fatores determinantes e condicionantes de saúde, em virtude da diversidade de cada região brasileira. Deste modo, os fatores determinantes, relacionados a padrões hereditários, dizem respeito às condições de vida do ator social, atrelados à distribuição de renda e às proposições políticas; já os fatores condicionantes, relacionados às causas biológicas, condizem com a peculiaridade no que tange às diferenças daquilo que cabe como direito a cada cidadão e/ou país. As práticas, neste sentido, tratando-se de saúde, vieram para ampliar o acesso dos serviços oferecidos pelo SUS, pelos planos de saúde e/ou profissionais liberais que trabalham especificamente como terapeutas ou que agregam às suas áreas de atuação algum tipo de prática integrativa.

Contudo, as PICS apresentam lacunas estruturais, dentre os desafios apontados pelos gestores públicos, está a “resistência por parte de alguns profissionais de saúde, atribuída à escassez de evidências científica e falta de apoio logístico e estrutural da gestão local,[...] ainda que no Brasil dentre os profissionais habilitados estejam os médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, farmacêuticos”, (RUELA LO *et al.*, 2019, p. 4247), conforme a revisão integrativa da literatura, guiada pela questão: “Qual o atual cenário de implementação, acesso e utilização das PICS no âmbito do SUS?”, realizada por Ruela LO *et al.* (2019). Como todos os saberes, sejam científicos ou populares, a adesão não é hegemônica, ocorrendo o mesmo com o Reiki e com as demais práticas integrantes das PICS nas redes pública e privada, principalmente, no que diz respeito à competência científica destas práticas, sob este assunto controverso:

O Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa, criado em 2017, está montando mapas de evidências para as 29 PICS reconhecidas no Brasil. O grupo formado por pesquisadores iniciou um cadastro de todos os cientistas que estudam o tema em diferentes campos. Foram cadastrados até o momento mais de 600 nomes vinculados a 60 universidades do país (ObservaPICS, 2019, p. 8).

Indo ao encontro desta ação efetiva, destacamos a opinião de Luz e Nascimento (2019), que entendem que as PICS consideram os pressupostos científicos e contribuem com a medicina convencional na atenção à saúde, sem almejar substituí-la, até porque, na esfera pública, o atendimento de qualquer uma das PICS não estariam desvinculados do serviço biomédico, como já citado. Todavia, elas reafirmam que as PICS

valorizam fortemente os estudos científicos, baseados em metodologias de observação sistemática validadas na produção do conhecimento, por entender que a ciência oferece ferramentas estratégicas para guiar a ação humana na saúde, no ambiente, e em outros campos da vida (LUZ; NASCIMENTO, 2019, p. 7).

Sob outro enfoque, a *webinar* internacional, realizada pelo ObservaPICS e pela Rede MTCI Américas, em março de 2021, promoveu o debate sobre a “articulação das PICS nos sistemas de saúde das Américas: regulação e políticas”. Dentre as pautas abordadas, estava a questão da socialização das informações sobre práticas integrativas para o público em geral e a resistência do pensamento biomédico e os interesses comerciais contra a saúde, assim como a ampliação do diálogo intercultural entre as medicinas tradicionais e os profissionais que estão em postos e hospitais (ALMEIDA, 2021, n.p.) Esta socialização dialoga com a proposição de Habimorad *et al* que:

Embora o desconhecimento e o baixo acesso caracterizem uma importante fragilidade da PNPIC, é importante sinalizar que a identidade entre as PIC e muitas das práticas de saúde enraizadas na cultura popular e religiosa do Brasil, também pode ser reconhecida como uma potencialidade do processo de implantação da política pois favorece a legitimação e aceitação destas terapêuticas pela população (HABIMORAD *et al.*, 2020, p. 402)

Como qualquer outro campo do conhecimento, o cenário que se desenha, identifica que alguns alicerces já foram sedimentados e outros precisam ser (re)afirmados e/ou construídos, mas os estudos e os questionamentos estão respondendo às questões da cientificidade, já que as práticas são reconhecidas como um saber válido pelo sistema público vigente, como também pelos organismos internacionais e por aqueles que integram as redes de pesquisa que discutem esta abordagem. Há de se considerar, neste contexto, que as práticas atuam sobre uma outra dimensão que está, inclusive, no âmbito do espírito, do imaginário e do irreal. A sociedade está

vivenciando em uma época em que as PICS demonstraram ser necessárias, reforçando a relevância de sua existência, principalmente, frente às consequências geradas pela Covid-19. Luz e Nascimento trazem elementos que corroboram com essa alegação:

O ser humano não se reduz a um corpo, muito menos a uma parte dele: é também um conjunto de valores, concepções e crenças, experiências, expectativas, frustrações etc. E a doença que o acomete expressa, para além de alterações biológicas, desarmonias no jeito de andar a vida, tanto pessoal como coletiva (LUZ; NASCIMENTO. 2019, p.7).

Sob outro patamar, a Nota Técnica da Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares (PEPIC-RS), nº 01/2017, da Secretaria de Estado da Saúde do Rio Grande do Sul (SES-RS) (RIO GRANDE DO SUL, 2017), acentua o princípio do SUS, isto é, reafirma a integralidade que prioriza o acesso ampliado, por parte dos cidadãos, e a implementação dos serviços, vinculando conhecimentos científicos aos saberes tradicionais ou de cunho popular. O desempenho dos agentes de saúde, neste cenário, se faz extremamente importante, já que ele é baseado em um cuidado integral à saúde e foca na ampliação das atividades terapêuticas para a população de forma individual ou coletiva, fazendo com que eles corroborem para a implementação da lei.

O Brasil, com sua extensão territorial e perfil demográfico, é o 69º Estado-Membro da Organização Mundial de Saúde (OMS), que participa das estratégias da Medicina Tradicional e Complementar (MTC). A partir das Conferências Nacionais de Saúde (CNS), e a recomendação da OMS, em junho de 2003, a PNPIC foi promulgada (BRASIL, 2014), e as normativas criadas objetivaram orientar os órgãos federativos, a atender, sobretudo, o que fosse necessário para o desenvolvimento e implementação destas atividades de acordo com a realidade regional e interesse das comunidades. Porém, acrescenta-se que os desdobramentos, oriundos deste apoio e/ou incorporação, se concretizam quando os processos de cuidado e cura geram resultados positivos. A OMS reconhece que os estados-membros não desenvolvem todas as práticas em seus domínios, como é o caso do Brasil e, desta forma, elas não estão presentes igualmente.

Em contrapartida, a listagem oficial dos municípios é condizente com os serviços oferecidos na região, conforme as características culturais e os recursos humanos habilitados para o atendimento, como frisou-se anteriormente. Neste âmbito, o conhecimento advindo deste processo é ampliado, e são organizados encontros, seminários, entre outros, por gestores e profissionais da rede, com o objetivo de explorarem os resultados, a fim da troca de saberes e de técnicas humanizadas sobre aquelas ações que se tornaram exitosas. Os eventos são

organizados em âmbito local, regional, nacional e internacional. No que diz respeito aos processos de trocas, entende-se, na pesquisa, que estes são como propulsores do fazer, do como fazer e da intervenção dos sujeitos na vida do outro, e traduzem diferentes formas de comunicar e de acesso à informação. Então, aplicando tal pensamento no que constitui as questões do adoecimento, poder-se-á quiçá encontrar sentido na relação de reciprocidade que os sujeitos configuram a partir de tais processos.

Historicamente, as intervenções terapêuticas foram estruturadas no Brasil nas décadas de 1970 e 1980, face ao aumento da demanda destes serviços na sociedade, e também, da maior oferta dos sistemas médicos orientais e de outras formas de cuidado que, também, se sucederam denominados de “terapias alternativas, tradicionais, holísticas, integrais, naturais, doces, energéticas [...] através do enfoque da medicina popular e religiosa, praticada por rezadores, curandeiros, especialistas em ervas, parteiras, entre outros” (NASCIMENTO *et al.*, 2013, p. 3597). A PNPIC incorpora tanto as denominadas racionalidades médicas vitalistas quanto às práticas integrativas e complementares.

Originalmente, as práticas foram organizadas em conformidade com o modelo de tratamento: a medicina tradicional chinesa ou medicina chinesa contemporânea e a racionalidade ocidental moderna não-convencional. Ambas dentro de uma visão holística e vitalista (vitalidade-energia) dão uma outra dimensão às questões de saúde-doença, pois a primeira, ao considerar somente a doença em si, colocaria o sujeito em desarmonia com o universo; e a segunda concebe que os movimentos e mutações, propulsores da vida, seriam bloqueados. A medicina, através de um paradigma vitalista, parte da premissa da harmonia, das subjetividades, do autoconhecimento e da autotransformação.

A perspectiva holística, sob o enfoque da noção ampliada de saúde, promove a saúde física, mental, social e espiritual. A concepção positiva de saúde presente nesta perspectiva também está no que concebe às racionalidades médicas e suas práticas, que estão embasadas nas técnicas, pertinentes a cada uma delas, delineadas pelo cuidado e autocuidado e que são fortalecidas pelos saberes e ações no que tange a promoção à saúde, viabilizando, com isso, a cura (LIMA *et al.*, 2014, p. 268). Os estudos realizados por Nascimento *et al.* (2013) resultaram na compreensão de que são consideradas racionalidades médicas os sistemas que estiverem adequados dentre estas cinco dimensões:

- 1) *Morfologia humana* (na biomedicina, anatomia), que define a estrutura e a forma de organização do corpo;
- 2) *Dinâmica vital humana* (na biomedicina, fisiologia), que define o movimento da vitalidade, seu equilíbrio ou desequilíbrio no corpo, suas origens ou causas;
- 3) *Doutrina médica* que define, em cada sistema, o que é o processo

saúde-doença, o que é a doença ou adoecimento, em suas origens ou causas, o que é passível de tratar ou curar (na biomedicina, o que pertence ou não à clínica); 4) *Sistema de diagnose*, pelo qual se determina se há ou não um processo mórbido, sua natureza, fase e evolução provável, origem ou causa, 5) *Sistema terapêutico*, pelo qual se determinam as formas de intervenção adequadas a cada processo mórbido (ou doença) identificado pela diagnose (NASCIMENTO *et al.*, 2013, p. 3597).

A distinção entre os sistemas médicos complexos e as práticas integrativas está no fato de que práticas são compreendidas sob a ótica da “intervenção em processos de adoecimento ou mal-estar de indivíduos e grupos, de caráter ‘objetivo’ (patologias identificáveis pela biomedicina), como também situações de estresse e sofrimento psíquico” (NASCIMENTO *et al.*, 2013, p. 3600). Contudo, convivemos com outro raciocínio do *National Center for Complementary and Integrative Health* (NIH, 2019) que faz uma distinção entre a medicina complementar e a alternativa, sendo a complementar aquela prática não convencional utilizada no tratamento em conjunto com a medicina convencional, o que é previsto pelo sistema de saúde brasileiro nas ações em sua rede pública, e visto como alternativa quando qualquer uma das práticas não convencionais forem a forma de tratamento, sem a perspectiva da medicina convencional.

A racionalidade médica vitalista demanda uma percepção interativa por parte dos atores sociais com o sujeito em tratamento, neste caso, as crianças, para que toda e qualquer reorganização que diga respeito a ele atue de forma tão intensa no profissional a ponto de ele modificar o tratamento prescrito (LUZ; WENCESLAU, 2012; LUZ; BARROS, 2012).

Os procedimentos oficiais do MS comportam uma lista de 29 serviços terapêuticos à disposição na rede pública, aqui dispomos com aquelas que, ainda não fazem parte deste rol, de acordo com as seguintes categorias (BA, 2019):

- 1-Racionalidades médicas: ayurveda, homeopatia, medicina antroposófica, medicina tradicional chinesa (acupuntura, auriculoterapia);
- 2-Práticas corporais: apiterapia, bioenergética, osteopatia, quiropraxia e reflexoterapia shantala;
- 3-Energéticas/vibracionais e meditativas/contemplativas: constelação familiar, cromoterapia, hipnoterapia, imposição das mãos, meditação, Reiki e yoga;
- 4-Terapias baseadas em produtos naturais/plantas medicinais: aromaterapia, crenoterapia/termalismo, geoterapia, naturopatia, ozonioterapia, plantas medicinais (fitoterapia) e terapia de florais;
- 5-Práticas expressivas/vivências integrativas: arteterapia, biodança, dança circular, musicoterapia e terapia comunitária integrativa;

6-Práticas Tradicionais e Populares: benzedeadas, curandeiros, médiuns, orientadores espirituais e praticantes de religiões de matriz africana, parteiras, raizeiros e videntes.

A inscrição destas práticas nos ambientes de atendimento vem demonstrar e corroborar que a pós-modernidade trouxe, à luz os saberes do passado, uma ressignificação na atualidade, destacada como práticas tradicionais e populares, que hoje ocupam um lugar enquanto serviço nos territórios em que estão inseridas como as demais PICS.

É certo que estas práticas figuram-se como conhecimentos que não são excludentes em nenhum momento, pois são moldadas com o intuito de se adequar a todo o tipo de situação de adoecimento físico, emocional e espiritual pelo qual passa o sujeito. E portanto, são regadas de valores e tornam-se evidentes, ou não, de acordo com a capacidade ou vontade deste sujeito de perceber as construções que elas podem provocar, até mesmo com relação a valores humanos, a partir de uma ótica espiritualizada. Reconhece-se, diante deste pensar, que a complexidade presente no caráter subjetivo, que constitui algumas das práticas populares, faz com que elas não se afirmem como saberes absolutos, e no campo da pesquisa elas poderiam levar o pesquisador a refletir, idealmente, que “o conhecimento admite graus diversos e que deve, vez ou outra, admitir ‘que não sabe’” (MAFFESOLI, 1985, p. 34). Ao mesmo tempo, seriam fonte de estudo de uma “sociologia aberta, apta a integrar saberes especializados num conhecimento plural sempre em vias de se constituir e de se desfazer” (*ibid.*, p. 33), em um cenário onde os discursos não estão apartados de poder ou de neutralidade, já que confrontam outros paradigmas teóricos que não estão tão abertos a novos conceitos ou abordagens.

Como visto, a intenção de retorno dos antigos saberes e sua proximidade com os conhecimentos científicos, ao serem repaginados, dão um novo sentido aos serviços, como o das parteiras e o das rezadeiras, que apropriam-se deste saber pela herança e aprendizagem, que inclui hoje o aprender e apreender as técnicas e o que elas transmitem. Este é o protagonismo do saber, porque funciona na base das trocas pela clara manifestação do compartilhar, da confiança, na possibilidade do contato e da construção de um imaginário social. Este imaginário que está em harmonia com as PICS, pois ambos transcendem os aspectos do corpo e do emocional, perpassam o sujeito e culminam no coletivo, repleto de imagens que ultrapassem, em algum momento, as fronteiras da razão.

As racionalidades médicas dialogam com as considerações apresentadas, pois englobam a teoria e a prática, ainda que, segundo Luz (2005), não coexistem sem conflito. A primeira está na perspectiva da apreensão daquilo que envolve a ciência, ou seja a razão, em relação ao binômio saúde-doença. E a segunda, a prática, é concebida à luz da interpretação das

singularidades, sensibilidades, intuições, todas oriundas dos sentidos e que estão presentes nas intervenções daqueles que estão no processo de cuidado (LUZ, 2005).

Aqui, o imaginário social, a comunicação, as sensibilidades e as práticas são vistos como pequenas partículas que conectam sensações e pensamentos que intentam a compreensão de quem é este sujeito social na relação e no processo do cuidado (MAFFESOLI, 2012). Credo que este imaginário não tem nada de estático, pois ele vibra pelo dinamismo, ele passa pelo que é nebuloso, como o medo das sombras ou dos monstros (algo presente no diálogo de algumas crianças com as quais convivemos) e tem um caráter místico, que está imbuído de união, intimidade e do processo de aproximação e acolhimento.

O resgate em direção a pós-modernidade, em um trajeto paralelo entre o científico e o popular, o cultivo do corpo, especificamente em relação ao cuidado pronunciado no sistema de saúde, destacam os saberes populares vigentes e os que estão ressignificados neste contexto contemporâneo. Neste pensamento, o regresso dos sentidos, do sensível e da ação dos movimentos sociais elevaram os fazeres e a cultura de algumas destas práticas a um serviço de saúde, pois existem costumes populares que eram e são executados por determinados grupos (tribos) no seu dia a dia em comunidade. Ainda assim, muitas destas práticas, principalmente as populares, lutam por uma abertura na estrutura da saúde. A medicina tradicional e as práticas surgem desse contexto social, e nestas condições, compondo as PICS, ainda que reformuladas, vão ao encontro da renovação, reforçando a ideia do ressurgimento do que era anteriormente desprezado e desvalorizado, na modernidade, algo colocado em prática, debatido e estudado na pós-modernidade.

Mesmo não estando presentes na listagem oficial do Ministério da Saúde, as práticas tradicionais e populares diversificam o mundo das PICS, como representação social de ordem física e espiritual que são originárias, algumas delas, das “[...] populações negra, quilombola, indígena, cigana, ribeirinha, pesqueira, marisqueiras, extrativista, assentados e acampados” (BH, 2019, p. 22).

Sob outro prisma, a Nota Técnica da PEPIC-RS estabelece a distribuição de materiais educativos e de divulgação nas comunidades e instituições. Há um entrelaçamento destes interesses com a afirmação de Araújo e Cardoso (2007) de que a comunicação no campo da saúde está embasada no direito do cidadão e na sua participação naquilo que é possível e recomendado pelo SUS (BRASIL, 2019). A promoção do cuidado e do autocuidado, dimensionada pela garantia de utilização dos recursos tecnológicos de forma eficaz e segura, e condicionada a uma escuta acolhedora, traz o usuário e o trabalhador para o contexto da

relevância do meio ambiente em seu “sentido amplo – natural, social e biológico, em defesa da qualidade de vida e da saúde” (NASCIMENTO *et al.*, 2013, p. 3596), e ainda, do desenvolvimento social.

Atualmente, o caráter educativo também está atrelado ao estímulo do uso destes mecanismos naturais fundados: no menor custo, no crescimento populacional, no aumento da expectativa de vida do cidadão, e nos problemas físicos e mentais decorrentes do dia a dia, o que reforça a premência de recursos humanos multidisciplinares, considerados fundamentais para a execução das PICS de forma transversal (BRASIL, 2018), e para implementação de novas técnicas e procedimentos. O MS, buscando responder à necessidade de formação acadêmica, por sua vez, incentiva a formação dos profissionais, com a inclusão nos currículos dos cursos de nível superior e técnico, orientações que estão na base da Política Nacional de Educação Permanente (PNEPS), também implementada e adequada por cada Estado ou município do território nacional.

No Estado, a coordenação do Observatório Nacional de Saberes e Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde (ObservaPICS) desenvolveu um projeto, juntamente com a SES/RS, com a finalidade de “apoiar a formação em práticas integrativas e complementares de profissionais de saúde da atenção básica e acompanhar o impacto da implantação do modelo de cuidado na saúde dos usuários do SUS” (ALMEIDA, 2019, n.p.). A construção das práticas empíricas acaba coerentemente compondo as disciplinas de formação profissional. Porém, mesmo assim, as PICS não são reconhecidas cientificamente, e o contraponto, acionado pela presente pesquisa, neste sentido, estaria, impreterivelmente, na disseminação dos conhecimentos a partir da formação desses profissionais e a implantação e acompanhamento efetivo dos fundamentos apreendidos enquanto fator teórico e prático. Além da produção de pesquisas e de artigos já existentes, requer um aumento qualificado neste escopo para que contribua a partir dos resultados que o campo possa disponibilizar, principalmente, se as investigações forem promovidas pela transversalidade e pela interdisciplinaridade de diferentes campos de conhecimento.

Outro aspecto é que, através do exercício da função e das ações desenvolvidas pelas práticas integrativas, a perspectiva do “fazer” remonta seu lugar, e está presente na visão de Telesi Júnior (2016, p. 99) quando declara que “tentar perceber o sentido dessas práticas no dia a dia de trabalho, vivendo-as e utilizando-as, sem dúvida é a melhor forma de avaliar sua importância para a saúde coletiva”. Neste caso, dir-se-ia que as atuações multidisciplinares retratam o compartilhamento, as características pessoais e técnicas de cada área profissional. A

extensão disso direciona ao caminhar de uma comunicação do sensível, produzindo uma semelhança plausível com a acuidade visual (MARCONDES FILHO, 2019). Isso porque compreende-se que a racionalidade, por si, só já é complexa, se vista no âmbito daquilo que é holístico e vital, necessitando o profissional de um olhar mais atento, capturando e apoderando-se dos elementos notados e concebidos durante o tratamento, principalmente, com o grupo infantil. Assim, o perfil deste profissional formaria o “‘saber ouvir o mato crescer’, isto é, ‘estar atento a coisas simples e pequenas. Gerir o saber estabelecido e atinar com o que está prestes a nascer, afinal os dois polos de tensão que constituem a harmonia conflitual de todo o conhecimento” (MAFFESOLI, 1988, p. 35). Sendo assim, o conhecimento passa pelos meios e conteúdos daquilo que objetiva comunicar, mas não se descola da convicção de olhar para o protagonismo do ator social.

Neste sentido, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), vinculada ao Ministério da Saúde, através do Canal Saúde, produz programas como o “Universidade” e “Ligado em Saúde” que tratam, em suas edições, respectivamente, dos discursos plurais, polifônicos e sobre as demandas dos telespectadores esclarecendo dúvidas sobre saúde. As matérias que pautam as PICS ilustram o que tais terapias são na prática, e como são os seus resultados, e reafirmam as razões sobre a viabilidade de conexão entre uma comunicação do sensível e o que buscam os sistemas médicos vitalistas, as práticas corporais e bioenergéticas como ioga, reiki, meditação, terapia comunitária e biodança, bem como atividades terapêuticas que incluem dimensões artísticas em suas ações, como: musicoterapia, teatro, artes plásticas e dança.

Em 2016, ainda no programa “Universidade”, foi apresentada uma edição sobre a homeopatia no SUS, em que Domingos Vaz (CANAL SAÚDE OFICIAL, 2016, n.p.), preceptor da Residência de Medicina da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (SMS/RJ), diz que a homeopatia é um “tratamento sistêmico que trata o sujeito como seu semelhante e, a partir da semelhança, faz com que este busque entender o seu processo de adoecimento como algo pedagógico que o estimule a estabelecer o autocuidado”. Vaz (2016) cita o descobridor da homeopatia, o médico alemão Samuel Hahnemann, que, na década de 1700, denominou de patogenesia, prática que tinha a capacidade, pelas substâncias, de alterar a saúde dos sujeitos saudáveis.

O médico partiu do princípio da semelhança feita por Hipócrates de que “aquilo que provoca adoecimento onde não existe, cura a adoecimento que existe” (CARRILLO JÚNIOR, [2014?], n.p.), ou seja, ao aplicar um medicamento homeopático, um adoecimento inexistente seria provocado, curando desta forma a enfermidade que afetava o organismo do paciente. A

observação clínica foi o instrumento utilizado para medir os resultados das substâncias inseridas, na qual Hahnemann detectava se a homeopatia indicada poderia curar o mesmo transtorno. Atualmente, esta experimentação é denominada Medicina Baseada em Evidências, e os “princípios da experimentação em voluntários sadios e utilização das substâncias estudadas como medicamentos pela semelhança, formariam o que se pode chamar de vertente empírica ou positivista da homeopatia” (CARILLO JÚNIOR, [2014?], n.p.). Assim, a forma como Vaz (2016) caracteriza a homeopatia, amplia o escopo a contar da lógica kantiana (2007) no tocante a experiência, quando se pensa nas condições *a priori* de percepção do objeto como a exteriorização do que se dá a sentir, ou seja, o sujeito é capaz de perceber a partir do tratamento homeopático, como ele se coloca à frente do seu semelhante e do próprio adoecimento.

A homeopatia, como uma medicina tradicional, é citada como “arte” pela médica homeopata, Denise Espiúca Monteiro, que agrega a este vocábulo seu caráter científico capaz de ajudar na ressignificação do adoecimento. A médica homeopata foi uma das convidadas do programa “Universidade” e, na oportunidade, frisou que “não há como falar de homeopatia sem falar do cuidado, da atenção, do carinho no olhar, da empatia na escuta” (CANAL SAÚDE OFICIAL, 2016, n.p.), contingências que se pressupõem transpassar o vínculo, que reforçam a trajetória de valorização destas práticas pelos profissionais, e pela população que usufrui do serviço dentro e fora da rede pública.

Por outro lado, as PICS ensejaram a produção de artigos que citam as lacunas estruturais em sua trajetória, mas também o empenho de pesquisadores e profissionais para que estas cheguem à maioria da população. O ObservaPICS, ao fazer o mapeamento dos grupos de pesquisa no diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico (CNPq), identificou 174 trabalhos, de várias regiões do país, dentro desta temática. O Brasil é referência mundial neste quesito. Os dados e o serviço de monitoramento disponibilizados pelo Ministério da Saúde informam o número de estabelecimentos cadastrados, a distribuição das práticas por municípios, quais os pontos da rede em que são realizadas as PICS (BRASIL, 2018), não contendo, entretanto, quais os atendimentos que estão direcionados especificamente para crianças.

Ainda que se tenha interesse, foram contatadas, informalmente, algumas unidades básicas de saúde, hospitais e cursos (profissionalizantes com temática terapêutica e holística), em Porto Alegre (RS), no primeiro semestre de 2020, e foi verificado que, em alguns desses ambientes, inexistem profissionais, ou há um número reduzido dos que realizam as práticas com este público definido. Da mesma forma, os gestores e profissionais indicaram o

Ambulatório de Terapias Naturais e Complementares (ATNC), que integra a Rede de Saúde Divina Providência (RSDP), que assegura as práticas integrativas e medicinas tradicionais à população adulta e infantil nas suas adjacências. As PICS oferecidas aos infantes no ambiente ambulatorial indicado são: auriculoterapia, cromoterapia, fitoterapia, florais, homeopatia e Reiki. A auriculoterapia é a única com restrição, pois o atendimento é prestado somente às crianças a partir dos seis anos.

Entretanto, o quadro pandêmico atual mexeu com o horizonte dos sistemas de racionalidades médicas e das práticas integrativas, já que, assim como no ambiente hospitalar citado, o serviço presencial foi suspenso no início de março nas regiões brasileiras. Todavia, no segundo semestre de 2020, foi estimulado entre os organismos públicos, instituições públicas e privadas, iniciativas que incentivassem a promoção de saúde e a disponibilização de serviços terapêuticos à população brasileira. Como exemplo, reitera-se a recomendação do Conselho Nacional de Saúde (CNS) sobre a inclusão e a divulgação das PICS nas estratégias de assistência ao tratamento para combater a Covid-19 (BRASIL, 2020), a contar das evidências científicas produzidas pela Rede de Medicinas Tradicionais, Complementares e Integrativas das Américas (Rede MTCI Américas), pelo Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa (Cabsin) e pelo Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme/Opas/OMS).

Para tanto, visando o bem-estar, a qualidade de vida, o equilíbrio mental e emocional, algumas estratégias foram desenvolvidas por profissionais autônomos e organizações, com atendimentos virtuais e gratuitos, em um primeiro momento, direcionado aos profissionais de saúde que estavam atuando diretamente no enfrentamento à doença. Um exemplo disso é o ReviraSaude, que mobilizou os interessados em prestar o atendimento e os que necessitavam recebê-lo, uma parceria entre instituições de ensino e pesquisa e a SES/RS. Na mesma direção, debates trouxeram a relevância dos serviços, como os integrados pela Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO). Em termos de pesquisa, o Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (ICICT/Fiocruz), com o apoio do ObservaPICS, lançou, em agosto de 2020, a pesquisa de amplitude nacional denominada “Uso de Práticas Integrativas e Complementares no contexto da Covid-19 (PICCovid)”, direcionada às pessoas que receberam qualquer tipo de atendimento como: acupuntura, meditação, ioga, homeopatia, musicoterapia, plantas medicinais, reiki, ou outras que integram a medicina complementar. O relatório final da investigação está previsto para o mês de outubro (PH, 2020), e visa reconhecer os padrões de uso, não só em relação ao tratamento do

Coronavírus, mas de outros agravos, e também da promoção da saúde ou do autocuidado, tendo como meta o fortalecimento de pesquisas multidisciplinares nesta área.

2.2. REIKI: PRÁTICA COMPLEMENTAR ENERGÉTICA E VIBRACIONAL

A origem do Reiki não procede de um saber unânime, já que alguns pesquisadores sinalizam diferentes versões. Todavia, reporta-se, inicialmente, ao Tibete (Século VII), como uma técnica energética e de cura, conhecida como *Tsi Dup Yang Bod*. Consta que, até a II Guerra Mundial, esta prática natural foi utilizada com frequência pela Marinha Japonesa, porém, com a derrota do Japão, as práticas holísticas foram proibidas (ABR, [S. i.]).

As narrativas históricas dão conta que o missionário japonês Mikao Usui (1865-1926), de origem budista, foi quem denominou esta prática energética de ‘Reiki’. Sua busca pelo conhecimento o levou ao estudo das técnicas da medicina tradicional chinesa, “à psicologia budista, religião, artes marciais e ervas como era a tradição cultural do seu povo, na época, entre outros assuntos” (AMETEREIKI, 2020). A maioria das comunidades que desenvolvem esta técnica estão na Índia, Nepal e Nova Zelândia, mantendo o legado e a transmissão das tradições. Portugal e Espanha comemoram na data do nascimento de Usui, 15 de agosto, o Dia Internacional do Reiki; já no Brasil não há uma ampla difusão desta data, ao contrário da Europa, onde muitas localidades celebram.

Em março de 1922, Usui, no monte Kurama, depois despertar de um estado de inconsciência após 21 dias realizando a “Meditação Estrela da Manhã”, viu a sua volta a formação de imagens simbólicas, os *sâncritos*, que permitiu-lhe a captação e a ativação da energia vital. O primeiro Centro de Tratamento e Ensino, fundado por Usui, iniciou com as disciplinas energética e a Satori, ou Iluminação. Antes da criação do Centro, primeiramente, o mestre aplicou o Reiki em si mesmo, e depois em seus familiares. De acordo com a cultura oriental, o Reiki era exercido somente por homens, entretanto, a nipo-americana Hawayo Hiromi Takata foi a primeira mulher a ter o iniciamento, e foi o doutor Chujiro Hayashi, discípulo de Usui, quem repassou os ensinamentos para Hawayo Takata² em Tóquio, no Japão.

² Por sentir muitas dores, Hawayo Takata busca atendimento em um hospital no Japão, onde foi constatado que as dores que sentia eram provenientes de um tumor no abdômen, cálculo renal e apendicite. Com o diagnóstico, foi definido como procedimento uma cirurgia e também foi indicado um tratamento alternativo (reiki), que foi realizado na clínica do Dr Chujiro Hayashi. Após passar pelo tratamento na clínica e vendo o resultado da cura, teve interesse em permanecer no Japão para um aprendizado com o doutor. Junto com o doutor e suas filhas, colocou em prática os ensinamentos.

Em 1937, a nipo-americana retorna a Kauai, no Havaí, propagando no ocidente a prática que preconiza o dom da cura.

Estudiosos e seguidores afirmam que o Reiki tem relação com o cosmo e significa “energia da força vital do Universo, ou seja, *Rei* com sentido de ‘Universal’ e *Ki* como ‘força de energia vital’”. Como as demais questões desveladas pela pós-modernidade, o Reiki, entre os séculos XX e XXI, foi difundido em algumas partes do mundo como uma técnica na qual o profissional terapeuta, ou reikiano/reikiana, capta a energia disponível no universo, canalizando-a e transferindo-a através da imposição das mãos, em partes específicas do corpo, para os sujeitos que estão em processo de atendimento.

O MS, integrado a esta dimensão universal e vitalista, formaliza que o Reiki “busca promover o equilíbrio energético, necessário ao bem-estar físico e mental e fortalecer os locais onde se encontram bloqueios – “nós energéticos” – eliminando as toxinas, equilibrando o pleno funcionamento celular, e restabelecendo o fluxo de energia vital – Qi” (BRASIL, 2020). Assim, o Reiki está na ordem de uma terapêutica de saúde que emana energia, vibração, meditação, e como prática holística compõe o rol da PNPIC, integrando as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) por meio da Portaria nº 849, de 27 de março de 2017. A lei prevê sua disponibilidade em caráter universal, de acordo com o que concerne o sistema público de saúde em vigor. O atendimento é realizado, inclusive, por instituições e profissionais da área privada, recebendo o código 8690-9/01 da Comissão Nacional de Classificação (CONCLA), órgão responsável pela classificação de profissões, ligado ao Ministério do Trabalho e ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Apesar disso, o Reiki, como as demais práticas, não é aceito de forma unânime, por parte dos profissionais da área de saúde e/ou dos sujeitos, mesmo aqueles em processo de atendimento, por questões que perpassam pelo caráter científico. Entretanto, o Reiki é uma prática de saúde reconhecida a partir da perspectiva vitalista. Como vitalista, a prática produz saúde, não doença, por isso não pode ser quantificável. Mas proporciona bem-estar, o que pode ser relatado por seus praticantes. Mas, também, porque fazem parte dos serviços que operam a partir das vibrações e da própria energia que remete às variáveis do que não é percebido, mas sentido, e que intentam um modelo de pesquisa que possa responder aos questionamentos e dúvidas desses atores sociais – não só na esfera pública como privada.

Por outro lado, a Coordenação Nacional de PICS (CNPICS) divulgou que estudos sobre as práticas complementares estão vinculados à prevenção ou tratamento paliativo de doenças crônicas, como hipertensão, diabetes, obesidade, depressão e ansiedade (FIOCRUZ, 2020).

Segundo a naturóloga Mariana Ostermann (CANAL SAÚDE OFICIAL, 2017, n.p.), as terapias energéticas são chamadas, também, de “energia ganha ganha”, porque o profissional é beneficiado no mesmo instante em que passa a energia, já que uma parte é canalizada no seu corpo, obtendo a maior dose aquele que recebe o serviço. De acordo com os reikianos, os símbolos do Reiki são os sistemas que geram a cura e que, de uma maneira mais ampla, revelam sentidos e mensagens em campos distintos como aqueles que dão significado à ligação dos sujeitos.

A naturóloga e outros estudiosos e praticantes têm o bambu como um dos símbolos do Reiki. O bambu é uma planta de construção forte, pela qual circula a energia transmitida pelos reikianos para aquele que está recebendo-a. Neste lugar, onde a energia é o centro, o bambu passa por uma ressignificação: seu formato de cano é o verdadeiro canal de transmissão e (re)transmissão, e ambos emissor e receptor são agraciados por esta energia cósmica que interliga céu e terra no processo de cura. Inclusive, o bambu integra o grupo de plantas medicinais, e suas características medicinais são ricas em sílica, usada, principalmente, para problemas reumáticos.

Artigos científicos na área da saúde destacam os benefícios do Reiki a partir da percepção e vivência dos profissionais e usuários do sistema público. De maneira geral, os estudos direcionam a ansiedade e a depressão como problemas tratados nas sessões de Reiki, mas também agregam-se a isso as questões de concentração, melhora de humor, autoestima e confiança para os diferentes públicos (adultos, crianças e idosos). As situações do cotidiano também estão presentes dentre alguns dos diagnósticos apresentados. Os autores Speazzia e Speazzia (2018, p. 108) destacam que:

O uso do Reiki tem crescido nos últimos sete anos entre médicos, enfermeiros, cirurgiões dentistas e outros profissionais de saúde, e a técnica tem sido aplicada em hospitais, unidades de emergência, unidades psiquiátricas, salas de cirurgia e dentre os recursos usados nos cuidados paliativos.

Outros terapeutas, como os psicólogos, incluem o Reiki nas sessões como um complemento ao processo de tratamento. O “Reiki é como ondas radiofônicas, pode ser aplicado no local ou à distância, com sucesso” (VARNO, 2009, p. 43) e, sendo ministrado individual ou coletivamente, no geral, é feito com as pessoas sentadas ou deitadas em uma maca permanecendo de olhos fechados e, para acompanhar a sessão, não é obrigatório o uso de uma vestimenta específica. A ação pode ser compartilhada com a musicalidade adequada para o momento, ou com outros instrumentos que o iniciado assim preferir. Por outro lado, adultos,

crianças e idosos que estão no processo de cuidado, principalmente por não ser uma prática invasiva, normalmente, encontram a cura ou sentem uma calma crescente e ficam em um estado de paz e de bem-estar (BULLOK, 1997).

O Reiki não está ligado à religião, portanto, não é dogmático, mas uma prática de saúde laica. Entretanto, a espiritualidade está presente e, segundo Sader (2011, p. 31):

[...] ainda que o Reiki seja uma terapia alternativa reconhecida pela Organização Mundial de Saúde como terapia integrativa, os efeitos prévios e outras experiências evidenciam o lado espiritual do Reiki, ainda que ele não esteja ligado a nenhuma religião.

A capacidade de cura vem, segundo Sader (2011), do desbloqueio do chackra, conhecido como “roda de luz”, que, através de um canal, percorre a energia que flui no corpo físico e emocional. Os chackras “são pontos de energia de diferentes vibrações, representando distintos aspectos do corpo, da alma e do espírito. Simbolizam a lei da natureza, estando em constante movimento” (FREITAG *et al.*, 2015, p. 348). A centralidade da energia está localizada ao longo da coluna vertebral e no alto da cabeça; ao ser transmitida a energia, o corpo fica em equilíbrio.

Sob o olhar da comunicação, conceberia-se que esta energia entraria em contato com os humores e estado de espírito dos sujeitos, suas intenções, ainda que nada mencionem, porque suas reações serão desveladas exatamente pelo corpo (MARCONDES FILHO, 2008). Esta centralidade de energia que emana, através das mãos pelo Reiki, espelharia o:

Processo e a constituição da relação que se cria entre as pessoas comunicantes é falar da ocorrência do acontecimento comunicacional, que tem caráter único efêmero, irrepetível; é falar da interveniência de fatos extralingüísticos na comunicação, de processos que são mais sentidos do que verbalizados; trata-se da captura do momento em que a comunicação se realiza e, em todos esses casos, é preciso que o pesquisador possa apreender a atmosfera presente, o clima criado, o incorpóreo que atravessa os atos. Tudo isso constitui o evento mágico da comunicação humana (MARCONDES FILHO, 2008, p. 9).

A técnica, o conhecimento sobre a centralidade descrita e as outras simbologias que fazem parte do aprendizado para aplicação do Reiki são definidos em três níveis. Os ritos começam com a iniciação e com o estabelecimento de vínculo entre o mestre e o aluno (FREITAG *et al.*, 2015; VARNÓ, 2009; RAMOS; RAMOS, 2011). Neste primeiro nível, denominado de “Despertar” ou *shoden*, conhecido também como físico, o iniciado recebe os ensinamentos diretamente do seu mestre, sobre as técnicas da captação, canalização e abertura de energia (RAMOS; RAMOS, 2011). A transmissão é pessoal e individualizada, ou seja, é a

fase em que o aluno faz a autoaplicação. No segundo nível, denominado de “Mental, Transformação ou *okuden*,” o reikiano é capaz de transmitir o Reiki à distância em uma relação temporal de passado e futuro, através da ação de três símbolos sagrados que atuam como portais, e está relacionado aos aspectos emocionais e mentais (ABR, [s. a.]). O terceiro nível tem enfoque na “Realização”, ou ainda conhecida como *shinpiden* (consciência). Neste nível, o mestre tem uma energia mais intensa, e pode realizar a prática para grupos de pessoas ao mesmo tempo. Entretanto, não está habilitado a transmitir os conhecimentos aos novos iniciantes. E por fim, o conjunto de conhecimentos e técnicas o levam a condição de professor, tornando-se mestre. Nesta fase, o mestre está sintonizado com as questões do espírito.

Os princípios do Reiki foram adaptados ao longo da história no atendimento aos seres humanos, porém a busca pelo equilíbrio também direciona a liberação de energia nos ambientes e nos animais. Por fim, observa-se um aumento progressivo no número de adeptos do recebimento da prática vibracional e energética, assim como um aumento de profissionais-terapêuticos (reikianos/reikianas) neste universo em que a busca de saúde e de bem-estar mantém esta prática por muitas décadas.

3 A COMUNICAÇÃO DO SENSÍVEL

Qualquer pessoa pode compreender a comunicação como algo intrínseco ao ser humano, ou seja, ela se faz presente em suas vidas de diversas formas, aproximando e/ou afastando os indivíduos, traduzindo sons, sentidos, imagens, e, ao mesmo tempo, se deixando traduzir. Ainda, a comunicação dispõe de várias ideologias e concepções que também podem ser próximas ou distantes, dependendo das interpretações que lhes são atribuídas.

Interpretações e/ou noções, normalmente, são bons pontos de partida quando se quer chegar a algum lugar ou se obter conhecimento, principalmente, quando se está diante das diferenças que compõem os cenários do dia a dia. Assim, este capítulo parte do que permeia a comunicação propriamente dita para o que norteia o sensível neste campo de estudo.

Etimologicamente, a palavra comunicação vem do latim *communicatio* (isto é, “ação de participar”) e sua definição ampliada diz respeito ao desempenho de atividades realizadas conjuntamente (MARTINO, 2015). Os eclesiásticos foram os primeiros a colocar em prática tal conceito, no antigo cristianismo, onde se diferenciavam quanto às suas práticas para pureza da alma e estado de graça. Os clérigos, denominados anacoretas, tinham como objetivo de vida conhecer Deus através da contemplação, optando por viverem isolados, sem nenhum contato social, habitando os espaços de maneira individualizada e solitária.

Já os cenobitas mantinham o convívio em comunidade, nos mosteiros e conventos praticavam o *communicatio* no ato de “tomar a refeição da noite em comum” (*ibid.*, p. 13), rompendo com a prática do isolamento, pois a existência deles não se restringia apenas a conhecer Deus. A intenção destes religiosos de fazer algo “juntamente com outros” (MARTINO, 2015, p. 13) fortaleceu um estilo de relação diferente do isolamento. Segundo Martino (2015), essa prática incorporou aspectos importantes ao sentido original de *communicatio*, termo que não refletia todas as formas de relações, mas aquelas que espelhavam a solidão; e trouxe o desejo de romper com este estar isolado e dar ênfase ao senso de fazer algo em comum. Ao negar o isolamento, esse grupo de religiosos transpôs para a sociedade a solidão e a individualidade, a ressignificação de um momento sagrado, tal qual a Santa Ceia. A releitura desses clérigos, na forma de entendimento da existência e do conhecimento de Deus, fortalece a idealização de que a vida para os seres humanos é composta de relações. Consequentemente, isso reforça a necessidade de tratar a comunicação como um prisma relacional.

O caráter relacional também contém o comum vivenciado pelos cenobitas como algo integrador, e ressurgente novamente como interpretação do termo comunicação nas ciências físicas e biológicas e na arquitetura, respectivamente, como vasos comunicantes ou espaços

comunicantes (MARCONDES FILHO, 2019; SODRÉ, 2014). Os espaços comunicantes, de acordo com Sodr  (2014), s o aqueles que n o abrangem apenas a capacidade de fala dos atores sociais, mas nestes ambientes, tamb m, acontecem a rela o e a organiza o das media es simb licas e dos elementos comuns partilhados, contemplando assim o (in)consciente. O autor salienta que, na esfera da comunica o, a media o deste comum a ser partilhado n o se limita ao significado do signo, pois, por ser transversal frente  s oscila es do inconsciente, acaba englobando as palavras, as imagens e as afec es corporais. Ainda, tais media es simb licas surgem da faculdade do homem de se comunicar e de se relacionar, bem como do desenvolvimento oriundo da linguagem, da psique, do fluir do sistema pol tico-econ mico e das rela es parentais. Isto  , os sujeitos, por diferentes mecanismos de comunica o, est o ligados uns aos outros, considerando que suas percep es e ideias levam a um grau de reflex o que os fazem confrontar, consigo mesmos, e que repercute no seu v nculo com os outros.

As rela es e liga es deste sujeito no tocante aos demais, permite que este tome consci ncia de sua exist ncia e, por outro lado, segundo Maffesoli (2003), materializa como um cimento social a natureza relacional da comunica o e a sociabilidade que nela existe. Diferentemente de Lacan (2005), que v  a liga o no contexto comunicacional como um potencial de troca a contar das intera es estabelecidas e o simb lico, como algo que permite ao homem a compreens o de sua exist ncia. Esta linha de pensamento p e o sujeito no centro de tudo o que o cerca, pois o simbolismo articulado pela fala e pela linguagem, por exemplo, traria no di logo e nas a es, as ideias e a valoriza o dos acontecimentos a partir do cotidiano e da potencializa o das rela es de trocas (BERGER *et al.*, 2001; MARCONDES FILHO, 2008, 2019).

Ao perceber a sua existencialidade, o sujeito ter  discernimento de como se d o as rela es com este outro e a sua presen a no mundo, logo “o indiv duo s o   o que   na rela o com outras pessoas [...]. O importante   o *primum relationis*, ou seja, o princ pio de rela o que me une ao outro” (MAFFESOLI, 2003, p. 14). Esta rela o reafirma a rela o do ator social com os demais, estabelecendo um novo modo de vida, mas p e em destaque tudo que   considerado como irreal, que est  na esfera das imagens, dos s mbolos e da concep o vitalista e hol stica.

Entendendo a comunica o do sens vel a partir do que envolve a liga o dos sujeitos, Marcondes Filho (2008, 2019) discorre que tal liga o, que ele diz partir da etimologia da palavra religi o, e que est  presente na comunica o, nos faz pensar novamente que,

independentemente de aceitar ou não o que lhe é emitido, circunda entre os sujeitos expressões linguísticas e simbólicas, (re)ações, efeitos, e qualidades que os conectam.

Porém, é preciso lembrar, inclusive, que, para Marcondes Filho (2019), a comunicação do sensível, parte do caráter relacional e enseja o sujeito à transformação, para uma mudança não decorrente da simples transmissão ou do contato, mas da intensidade de compreensão e aceitação, ou negação, de determinados atos comunicacionais. Isto porque, “a comunicação, não existe em si e por si mesma, não é “uma coisa”, mas algo relacional: ela está diretamente relacionada à minha necessidade. O que é para mim, pode não ser para qualquer outra pessoa” (MARCONDES FILHO, 2019, p. 13).

O autor projeta, na ideia desta comunicação do sensível, inclusive, um potencial de vida, de entrega, da capacidade do sujeito ser tocado e impactar o outro, incidindo sobre as sutilezas que estão no interior da alma. Ainda que essa comunicação se dê por outras características relacionais, como espírito e desejos, o sujeito, segundo o autor, além de ser percebido, precisaria reconhecer os fatos do cotidiano, as emoções e os afetos para que esta comunicação se configure.

Contudo, ratificamos que, em suas ponderações, Marcondes Filho (2008, p. 15) não aceita o processo de comunicação pela simples transmissão e vai mais longe:

A comunicação, portanto, jamais pode ser vista como transmissão, deslocamento, transferência, como se fosse um objeto que eu pegasse de um lado e pusesse em outro, como eu faço com as fichas do jogo; como se fosse possível retirar uma ideia, uma sensação, uma impressão, um sentimento de dentro de mim e abrir a cabeça de outra pessoa para colocá-lo lá dentro. Não dá.

Há um sentido real nesta proposição, mas que, ainda assim, confronta-se com diferentes ideologias que, muitas vezes, podem ser adequadas sob uma perspectiva específica. Concordamos com o autor de que esta comunicação que transforma e que traz à tona as sensibilidades, está impregnada de uma potencialidade que permite que o sujeito consiga compreender a si e ao outro. Entretanto, como ele bem diz, há a necessidade da vontade (MARCONDES FILHO, 2019). O ser humano é complexo na sua integralidade, dispõe de pensamentos diversos e, por isso, aceita-se que cada pessoa tem seu tempo para compreender mensagens e situações e, desta forma, reforça-se a ideia de que uma mudança profunda, que está na perspectiva de Marcondes Filho, dependerá do nível ou intensidade, ou do que ou quem o afetaria.

De qualquer forma, não pode-se ter certeza de quais ideias, sensações, impressões sejam modificadas ou venham à tona, como ele mesmo diz: não dá para saber. Por isso, o nosso olhar

não pode desconsiderar que muitos atores sociais seriam capazes de mudar a sua forma de pensar ou de refletir sobre os seus atos pela observação, pela transmissão, pois incide sobre eles as variáveis externas e o livre arbítrio, que repercutem nas diferenças precursoras das mutações sociais, individuais e coletivas, o que consolida o nosso pensamento de que “as diferenças é que movem o mundo”. Assim, considerando que as abordagens de Marcondes Filho, de alguma forma, interligam/ligam com algumas dimensões propostas pelos demais, é importante olhar para esta concepção que norteia o ser humano e que está integrada na abordagem de Sodré (2006, p. 10):

Compreensão da comunicação no seu sentido mais amplo de interação, comunhão [...] Percebe o outro na sua singularidade e a ferramenta para isso é o afeto, a sensibilidade e, por quê não, o mítico: compreender a história humana é também entender, ao mesmo tempo, passado e presente. Na relação comunicativa, além da informação veiculada pelo enunciado, portanto, além do que se dá a conhecer, há o que se dá a reconhecer como relação entre duas subjetividades, entre os interlocutores.

O contraditório aqui tem espaço, porque não se trata da relação entre a mídia e os atores sociais, mas destes e as suas relações com o outro, com uma prática de saúde, com uma comunicação que faz uma trajetória na emocionalidade e na imaterialidade, ou seja, que está no domínio do (in)visível e depende do sujeito. Com isso, cogitou-se que, além do uso da palavra, eles carregam elementos que lhes são inerentes e que, muitas vezes, expõem ou ocultam suas subjetividades, que fazem parte de suas vivências e experiências. Interessante perceber que “teremos sempre dois processos psicológicos distintos em ação durante a sua comunicação, ainda que alguns pensamentos, crenças, etc. possam ser similares aos pensamentos, crenças etc.” (FISHER; ADAMS, [2010], p. 28).

Tal realidade ou o que dela resulta estará alicerçada pelo protagonismo dos sujeitos e da vida em sociedade, segundo Maffesoli (1985). Certamente, as conexões realizadas pelos atores sociais e o protagonismo de que trata Maffesoli, também estão associadas aos significados que estes atores dão às situações experienciadas, suas perspectivas individuais e coletivas e, com isso, serão confrontadas com aquelas produzidas em ambientes específicos.

A interpretação sociológica desenvolvida pelo autor aparenta dizer que é, através da integração e participação efetiva destes personagens (sujeitos e sociedade), que se consegue compreender o sentido da vida social. Ampliando a explanação acerca da ideia sociológica abordada, identifica-se em Berger e Luckmann (2001) uma contribuição para a similaridade deste entendimento, que se conecta à perspectiva da comunicação sob a ótica do sensível, porque trata da relação entre o ator social e a sociedade sob o aspecto de uma realidade objetiva

(concreta) e outra subjetiva (dotada de sentido). Na realidade objetiva, o sujeito necessita compreender os seus pares e, na subjetiva, através das relações sociais, ele seria capaz de apreender o que permeia a sociedade e as diferentes realidades que a compõe, permitindo-lhe entender o mundo como uma realidade social dotada de sentido (2001). A concepção que se tem na presente pesquisa é de que ambos se complementam, pois é desta concretude objetiva e do que o sujeito absorve como sentido, que os atores sociais seriam capazes de materializar atos, situações e/ou sentimentos a ponto de conceber a relevância a algo ou alguém. Todavia, não se pode deixar de lado o fato de que o ideal seria observar a realidade como um espelho que nem sempre reflete as mesmas imagens.

De outra forma, significado e sentido são equivalentes em termos de linguagem, pois “o significado, embora tenha propriedade de ser sempre cultural, designa aquilo que seria imanente às palavras e aos objetos, já estaria dado não dependendo dos contextos” (ARAÚJO; CARDOSO, 2007, p. 59).

Os sentidos, na posição de elementos plurais e produtos do ato comunicativo, reportam a algo que está em construção cotidianamente e têm como relevância o fato de serem modificáveis e gerarem entre os envolvidos o ato de negociação. Entretanto, o processo social é mutável naquilo que concebe ao ator social expressar a sua vontade e trazer nos contatos a concessão ou a negociação daquilo que pretende. Essa perspectiva, no ponto de vista das autoras, ocorre pela interação social que se manifesta na realidade da vida cotidiana que está em constante mudança, dialogando com o fato de que não existe uma única realidade, mas, sim, “maneiras diferentes de conhecê-las” (MAFFESOLI, 2010, p. 36). Aproximando esta concepção com o contexto das PICS, dir-se-á que essas reflexões estariam sedimentadas no protagonismo dos atores sociais de forma ativa. Outras estruturas fundamentadas na socialidade, provavelmente, se tornem comuns entre os sujeitos, já que transitam pelas relações humanas, as “sensações, emoções, desejos, interesses, curiosidades, percepções, estados de espírito, intuições, humores, uma indescritível sensação de coisas comuns” (MARCONDES FILHO, 2019; MAFFESOLI, 2003; SANTAELLA, 2016; SODRÉ, 2014).

Outro ponto de apreciação sobre comunicação é oportunizado pelas reflexões de França (2015), porque sugerem que a comunicação é definida pelo “objeto”. O objeto e as mensagens situam a informação que está disponível e que é transmitida pelas mídias sociais e/ou de massa, que versam sobre temas sociais e culturais que acessam a vida cotidiana (MARTINO, 2015; FRANÇA, 2015). Com tudo, objeto e mensagem também não estão dissociados de uma

comunicação interpessoal, face a face, porque esta também produz circunstâncias no dia a dia, ou seja, no próprio cotidiano.

Os acessos às características culturais e sociais que mergulham nas rotinas diárias trazem à luz as conversas, as trocas simbólicas, expressas pelas diversas formas de comunicação. Movimentam-se, também, pelas expressões do corpo, em sua dimensão interior e exterior, por meio dos contatos verbais e não verbais que possam sugerir ou surgir no decorrer da percepção, dos afetos presentes no âmbito dos sentimentos (pelos fatores emocionais de amor, raiva, inclusão e exclusão) e que, de uma certa forma, dão e trazem sentido à vida sob a ótica de Marcondes Filho (2018), que, através das lentes do sensível, tornou discutível a (in)visibilidade oriunda da sensibilidade humana. Este panorama que reforça a ideia de tornar límpido o olhar para a vida, aquele em que o cotidiano é visto sem qualquer tipo de venda, sem qualquer forma de reducionismo e que, acima de qualquer coisa, traria a compreensão de suas nuances, a contar de uma categorização reflexiva (MAFFESOLI, 1988).

Autores como Ciro Marcondes Filho e Muniz Sodré contextualizam e discutem esta comunicação, entendendo que a sociedade é mutável, sendo assim, sofre transformações, afetando todos aqueles que dela fazem parte. Logo, algumas teorias no âmbito da comunicação lograriam ser repensadas e modificadas. Esta proposta cruza o caminho que as práticas vêm construindo ou, ideologicamente, desconstruindo, já que entender o que é peculiar e particular nos sujeitos e no espaço em que habitam levaria a apreender as consequências de sua inserção nas comunidades em determinados momentos de suas vidas.

3.1 AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Os trajetos dos autores com certeza são díspares, quando observados os seus campos de pesquisa. Porém, revigora-se a noção de que os conhecimentos aqui descritos se identificam em alguma instância, como as relações estabelecidas no contexto social que imprime, como fator crucial à existência humana, as interações e a comunicação construída entre os sujeitos sociais (BERGER E LUCKMANN, 2001; MARCONDES FILHO, 2008, 2019; MAFFESOLI, 2010; ARAÚJO E CARDOSO, 2007). Este processo comunicacional pode ser fomentado no contato face a face, numa proporção do aqui e agora, e nos modos como os gestos, a linguagem, os símbolos e as representações servem como parâmetro para entender o que nasce das relações efetivamente constituídas: “a realidade social da vida cotidiana é, portanto, apreendida num contínuo de tipificações que se vão tornando progressivamente anônimas à medida que se distanciam do 'aqui e agora' da situação face a face” (BERGER; LUCKMANN, 2001, p. 52).

Uma lógica também identificável em Maffesoli (2007) é que a razão, os afetos, os ambientes em suas dimensões, bem como a imprevisibilidade humana definem a vida cotidiana. Deste modo, debruçados sobre os processos comunicacionais que extrapolam a lógica binária de transmissão, aproximamos a leitura de comunicação com as relações interpessoais descritas por Marcondes Filho (2019), que se fazem presentes também nas PICS, uma vez que as concepções sobre a comunicação do sensível, as normativas e as ações pertinentes às atividades terapêuticas colocam os sujeitos e os sentidos humanos em um primeiro plano.

Neste patamar, Fischer e Adams (2010) tratam da *conexão da relação interpessoal com a relação intrapessoal*, atribuindo a ambas um paradigma sistêmico, onde o modelo interpessoal estaria alicerçado pelos padrões de comportamento que permite ao ator social compreender os aspectos que integram o sistema intrapessoal (motivações, emoções, sentimentos, crenças e demais), já que esses podem variar na medida que afetam a relação. Ressaltam, todavia, que “os comportamentos ou ações, tanto os nossos como os do nosso parceiro, são absolutamente essenciais para a nossa compreensão das dinâmicas do sistema intrapessoal” (FISCHER; ADAMS, 2010, p. 12).

Qualquer relação precisa de dois interlocutores, e este é um fator determinante tanto nos textos de Maffesoli (2003) quanto nos de Marcondes Filho (2008, 2019), ainda que, para este último, o contato por si só não reverbere em um processo de comunicação, necessariamente. O pesquisador transcreve que os atos comunicacionais partem da relação que se origina entre os humanos e, neste sentido, Fischer e Adams solidificam a concepção da ligação entre estes atores sociais contextualizada pelos autores inicialmente referidos. Fischer e Adams (2010), ao abordarem aspectos sobre a comunicação interpessoal, afirmam que os sujeitos se ligam entre si pelo que emerge do comportamento inter-relacionado. A comunicação interpessoal é um processo dinâmico e fluído, sem princípio nem fim, do qual “podemos dizer que os indivíduos se envolvem ou são participantes de uma relação de comunicação, em vez de dizer que a comunicação é algo que os indivíduos fazem uns aos outros” (FISCHER, ADAMS, 2010, p. 25). Os elementos da relação intrapessoal, por sua vez, têm um potencial de retorno do modo de ser e agir do sujeito, pois as relações sociais ao serem internalizadas a qualquer tempo, porventura, poderiam reativar as emoções, por exemplo.

A afinidade do ponto de vista relacional compreendido por Maffesoli (2003) e Marcondes Filho (2008, 2019) dialoga, notadamente, com o modelo de relações descrito por Fischer e Adams (2010), que creem que este modelo se perpetua durante o tempo, de acordo com os tipos de relações edificadas pelos atores sociais. A relação interpessoal, por sua vez,

requer um olhar externo que traga aos sujeitos elementos não percebidos, postulado entre os pares e/ou coletivo, por meio da proximidade ou do vínculo.

Depreende-se então, a necessidade de uma abertura e uma receptividade quanto à escuta, a partir de um pensamento flexível que englobe os envolvidos. Com isso, haveria uma disposição para interagirem frente aos obstáculos ou situações que tocam a sensibilidade (MAFFESOLI, 2003, 2007; MARCONDES FILHO, 2008, 2019; SODRÉ, 2006; SANTAELLA, 2016). Esta comunicação, que, em um primeiro momento não é previsível para alguns, aparentemente foge do que é absoluto, concreto, e imutável, como se trouxesse à tona a viabilidade dos atores sociais pensarem o mundo sensível e compreenderem essa vibração em comum (MAFFESOLI, 2003). Outrossim, identificariam as variações e intensidades daquilo que possa ser sensível e expresso pela mente, pelo corpo, no dia a dia, não mascarando os aspectos bons e ruins oriundos da sociedade ou do próprio ator social.

As relações sociais referidas até o presente momento vinculam os sujeitos ao cotidiano e ao mundo, e trazem um pouco do pensamento de Araújo e Cardoso (2012) quando fazem alusão ao lugar de fala do interlocutor e das interconexões que fará com as suas redes, já que perpassam pelos contextos situacionais, uma vez que a comunicação acontece de forma dinâmica. Porém, entende-se que o resultado desta comunicação ou, precisamente deste lugar de fala, circunda a dimensão citada por Maffesoli sobre a vida cotidiana (a razão, os afetos, os ambientes, a imprevisibilidade humana). Isto torna evidente a importância desse lugar, conforme bem salienta Araújo e Cardoso (2007), pois, no ato comunicativo, ainda que constituam significados, os atores sociais não encontram um lugar de fala com um padrão inalterável, não em virtude de sua estratificação social ou institucional, mas sim pela influência das variáveis que afetam as situações vivenciadas.

Essa mobilidade permite, na etapa da estratégia enunciativa do interlocutor, que a fala por ele emitida se torne legítima e empoderada, levando em conta, principalmente, o nível de poder que lhe é atribuído em cada relação. Inclusive, muitos autores destacam que os discursos construídos entre os interlocutores estão embasados em informações e saberes anteriores, pois existe sempre uma referência nos conteúdos proferidos por cada um deles. Ademais, complementa-se dizendo que esses diálogos estão carregados de significados que, de uma forma ou outra, acabam gerando algum resultado ou consequência, o que só seria efetivado com a assimilação de um ato comunicacional que convertesse o modo de pensar do ator social (MARCONDES FILHO, 2008, 2019). O autor, neste sentido, também remete ao fato de que a mudança provocada não será oriunda de um evento ou causa natural, mas de circunstâncias que

levem o sujeito a traduzir estas cenas ou situações como uma “mensagem”, como um fim determinado que remete a um novo estado do ser de indignação, revolta, adquirindo uma consciência que se centraliza e ratifica a ideia de que ocorra uma mudança de posição ou opinião deste sujeito (MARCONDES FILHO, 2019).

Os novos paradigmas interpostos no final do século XX e início do século XXI nos mostram que os discursos baseados na razão, no convencimento, não são mais os únicos elementos que interligam a comunicação e as relações humanas, assim está, de uma maneira ou outra, estabelecida a discussão sobre a subjetividade e a sua assimilação, presentes na sensibilidade e no imaginário social. Os debates ultrapassam essas barreiras, já que eles também versam sobre o direito do sujeito em atendimento e seus familiares de participarem efetivamente das decisões durante o processo de tratamento, tendo sua vontade e assimilação levados em consideração pela equipe médica/terapêutica, que atuam de forma especializada.

3.2 AFECÇÃO, EXISTÊNCIA E ESTÉTICA

Há, no contexto das PICS, o pluralismo de pensamentos e das ações individuais, que se integram ao coletivo, em que a valorização da saúde e da vida leva em consideração as imperfeições da sociedade e do próprio sujeito.

Ao ressaltar que a comunicação está embebida de sensibilidades e de sentimentos, não sob uma concepção romântica ou fechada, mas como algo que traduz ou produz a paixão, a emoção, “numa palavra, aos afetos de que estão impregnados os fenômenos humanos” (MAFFESOLI, 1998, p. 10), o autor trará elementos que também figuram no imaginário, e que caracterizam a linguagem cultural das comunidades. Aspectos do simbólico e do imaginário perpetuam sempre na vida cotidiana, pois, de acordo com Marcondes Filho, este simbólico carregado de linguagem é a forma de expressão e de comunicação na relação do sujeito com o outro, e faculta, pelo que se percebe “[...] o imaginário como um conjunto de cenas e imagens que estão em nossa vida desperta, assim como nossos sonhos” (2008, p.79).

O ator social, para além das relações com os seus semelhantes, se relaciona de forma singular com os objetos, os quais simbolizariam desejos que, talvez, estejam no plano das sensibilidades, isto se reconhecido que o imaginário externaliza, inclusive, a fusão do sujeito com o objeto, algumas vezes, pela propagação dos conhecimentos científicos e outras, pelo efeito intuitivo. Sendo assim, alguns afetos viriam à tona e/ou seriam (re)conhecidos. (MAFFESOLI, 1988).

Sob outro prisma, a racionalidade e a irracionalidade (MAFFESOLI, 1998; MARCONDES FILHO, 2019) estão carregadas de um imaginário, de uma complexidade e também de “um estar-juntos no sentido de explorar os afetos da experiência ‘vívida’” (ESPINOSA, 1983, p. 23). Esta citação contribui quando fala-se das PICS, porque apresenta a natureza do estar junto e das fruições, que estes autores vislumbram como um pilar no agir, potencializando a capacidade do sujeito de afetar e de ser afetado, abarcando possibilidades de alegria ou tristeza.

Espinosa explora este conteúdo, pois, para ele, o corpo dá evidências da imaginação, através da mente, e expressa a força intrínseca do Ser e, como o sujeito é um Ser múltiplo e complexo, não teria ideia da proporção em que pode afetar ou ser afetado, principalmente, porque a sua composição é formada por outros corpos que estão a mercê de fatores externos e que prevalecerão através da afecção (MARCONDES FILHO, 2019; SODRÉ, 2006).

Afecções que não estão à margem das características humanas ou das variáveis sociais, como observamos na interpretação que segue:

As margens instáveis entre o ego e o mundo, entre o real e o imaginário, entre o existente e o imaginário, entre o existente e o projetado fizeram do corpo um sistema de interações e conexões. Como matéria do vivido, o corpo tornou-se foco privilegiado para a atividade constante da modificação e adaptação por meio da troca de informação com o ambiente circundante (SANTAELLA, 2004, p. 66).

Pontua-se, então, que os corpos inseridos nesta realidade, através de sistemas simbólicos, trazem à luz múltiplas verdades, que conduzem à forma como são afetadas as normatizações e as regras que agregam como fatores externos às situações vivenciadas diariamente pelos sujeitos, e que criam movimentos e expectativas, e a compreensão de sua própria experiência “[...] que não se trata simplesmente de olhar, ouvir, sentir, mas efetivamente de se envolver com ela” (MARCONDES FILHO, 2019, p. 30).

No presente percurso, reforça-se a ideia de Marcondes Filho (2019), na qual o caráter argumentativo e reflexivo da comunicação não seriam suficientes, porque os argumentos e as reflexões comunicacionais teriam que afetar o sujeito de tal sorte que sua estrutura emocional, ideológica e social fossem mexidas, tirando-o, porventura, de sua zona de conforto, e assim levando-o à transformação de suas perspectivas. Todavia, crê que o processo comunicacional até poderia ocorrer; mas seria contundente e operante se promovido pela emoção, afeto e entrega, o que reforça as proposições aqui expostas (MARCONDES FILHO, 2008, 2019).

A comunicação para o autor também desempenharia a função de conectar estes sujeitos, de maneira que emissor e receptor tenham igual compreensão, pois ele nos diz que “Comunicação [...] é tornar comum, é fazer com que uma coisa seja a mesma de um lado e o outro” (MARCONDES FILHO, 2008, p. 16).

Portanto, ao dar realce a esses questionamentos na lente do sensível, desvinculado da racionalidade pura, mas contíguo de um saber dionisíaco, o ator social ao fazê-lo, de acordo com Marcondes Filho, seria capaz “sem justificar ou legitimar o que quer que seja, [...] de perceber o fervilhar existencial cujas consequências ainda não foram totalmente avaliadas” (*ibid.*, p. 13), ou seja, um saber paradoxal, que adentra incertezas e imprevisibilidades (MAFFESOLI, 1998).

A comunicação, nesse sentido, não se dá somente pelos desejos e repetições. Ela passa a ser sinônimo da trajetória de vida dos sujeitos, condiz com a possibilidade deste olhar para além de si mesmo, uma vez que “duas pessoas não constituem um sistema só” (MARCONDES FILHO, 2008, p. 16). Com isso, as concepções teóricas nos levam a crer que a comunicação extrapola os sentidos, os sentimentos e as sensibilidades do Ser, numa busca de existência possível, revestida de incertezas e de imprevisibilidades, muitas vezes, latentes. Uma existência que está na dimensão do que se entende por complexidade, mas também está nos atos que são praticados cotidianamente, o que confirma a ideia de Morin, de uma comunicação como essência, como prática social. Assim, as manifestações que ocorrem, habitualmente, entre os grupos, transformam-se em atos concretos:

Ritos de comunicação social, gestos ou palavras de pacificação, apertos de mãos, abraços, fórmulas de cortesia, de respeito, ritos de acolhida a parentes, amigos, estranhos, ritos de conquista amorosa, ritos de comportamentos (ritos domésticos da manhã), ritos de exorcismo da angústia, ritos que se perpetuam em hábitos (MORIN, 2003, p. 43).

Os ritos citados também estão inclusos, de certa forma, nos pressupostos teóricos com análise na existência, visto que vislumbram o existir mediante o estar junto, na consistência de uma aptidão que faz com que os sujeitos estejam abertos ao outro. As narrativas têm, de forma presumível, um ponto em comum que equivale ao "ser-com", que expressa a mobilidade dos sujeitos no mundo, que traz em si a representação do sentir e que, ao usarmos uma das óticas de Sodr  (2014, 2006), diríamos que o significado e o ressignificado do que   transmitido ser  interpretado a partir da subjetividade e da hist ria de vida de cada um, pois   relevante, em qualquer tipo de contato ou interpreta o, que raz o e afeto n o sejam vistos separadamente. N o desconsidera-se, neste caso, os elementos que retratam as exist ncias abstratas e imateriais,

que são, sobretudo, partilhadas. Por outro lado, a sensibilidade revolucionária e predispõe, como diria Maffesoli (1998), o “estar-junto” pós-moderno, reconectando a comunicação como um marcador da estética e da cultura, interligando passado e presente, pois ensejam novos e velhos conhecimentos.

Entende-se que o “ser-com” ou “estar junto” têm intrinsecamente o “sentir”, também sob a perspectiva estética. O modelo estético (*aisthesi*), definido por Perniola, é um sistema que repercute o sentir, ainda que este seja algo fluido e incerto. Neste cenário estético, os atores sociais buscariam tudo o que tivesse efeito e efetividade, algo, na verdade, que já vem marcado pela força do sentido (PERNIOLA, 1993). O autor salienta, ainda, que “a época em que vivemos é estética, é efectual, pois é marcada pelo já sentido, porque o sensível e o afetivo se impõem como algo já pronto e confeccionado que apenas requer ser assumido e repetido” (PERNIOLA, 1993, p. 24).

Na atualidade, não há uma delegação da experiência vivida entre os atores sociais, pois todos querem a experiência do já sentido, conforme Perniola. Não haverá, neste tempo, uma imitação do sentido, mas, sim, a possibilidade de reflexão sobre ele. Outrossim, é incisivo ao dizer que “nossa época reclama do alheamento³ do sentir, a sua transferência para o exterior, a sua posição como algo independente, social e coletivo” (PERNIOLA, 1993, p. 22), diferente daquele investido pela democracia e ideologia que excluía do sujeito o pensar e o agir. A magia de experienciar o já sentido está não só na plenitude de pensamentos e ações, mas na possibilidade destes se tornarem reais na vida dos atores sociais, onde as dúvidas, o encantamento, as imprecisões ultrapassem a névoa de dominação e de controle sobre estes atores.

Na sequência, volta-se o olhar às palavras de Marcondes Filho (2019), quando este fala da experiência estética sob a ótica de John Dewey. Ao traçar este caminho, primeiramente, diz que “a experiência estética tem o mesmo padrão fenomenológico que um acontecimento comunicacional” (MARCONDES FILHO, 2019, p. 29), portanto, faz uma analogia desses dois referenciais ao entender que ambos cumprem sua função: a experiência estética de sensibilizar; e a comunicação como o ato de comunicar. Deste jeito, tanto a experiência estética quanto a comunicação impulsionariam os sujeitos para outra dimensão/situação/vivência, pois, nos momentos de luta ou conflito, se este indivíduo está em sua totalidade presente naquele instante, uma força agiria sobre ele, levando-o à “forçar para frente” (MARCONDES FILHO, 2019). Isso porque, as experiências vivenciadas através das “rupturas ou desarranjos” atuam

³ Movimento do alheamento - o Ser manifesta-se no espaço como exteriorização, embora abstrata.

motivando o pensamento a seguir em frente, como uma força impulsionadora, quando visto pela comunicação, já que produz sentido, transforma ideias e valores, sendo “contaminado por um acontecimento comunicacional” (MARCONDES FILHO, 2019, p. 29).

A arte, na retórica de Marcondes Filho, tem objetivo específico: dar sentido ao percurso que proporciona e ser capaz de direcionar o sujeito a algum lugar ou a alguma coisa, o que, para Dewey, de acordo com Marcondes Filho (2019), é diferente da emoção instantânea, se visto pela análise da psicologia experimental. É válido corroborar à contextualização acrescentando ainda que o valor de beleza como referência para o estético, na atualidade, tem outra versão de análise que não aquela voltada à ideia do artista quanto à concepção de sua obra, mas o que ela comunica, ou seja, o que ela expressa ao observador, suscitando nele um novo interesse, sendo essa uma das interpretações de Kant (2007).

3.3 INTERFACE ENTRE PICS E A COMUNICAÇÃO DO SENSÍVEL

Talvez encontrar-se-á neste subcapítulo contextualizações já referendadas, mas não há como não refletir, mesmo que modestamente, sobre a interface entre os temas em estudo. Desta forma, esta estrada traz como cenário o desenvolvimento tecnológico, implementado na divulgação dos serviços terapêuticos, atrelado à comunicação e está sob a expectativa de um olhar no sujeito, como algo relevante. quando procura-se encontrar respostas quanto às sensibilidades oriundas dos processos terapêuticos e que permeiam as inter-relações. Como apresentado anteriormente, o cotidiano nas Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) impulsionariam, apesar dos obstáculos estruturais, políticos e sociais, este sujeito a participar desta nova cultura na esfera da saúde. As PICS estimulam as interações interpessoais, buscando um resultado, ou mesmo um efeito, como o aumento da saúde, o apoio à cura ou até mesmo a manifestação dos interlocutores. A comunicação do sensível, neste contexto, atuaria aguçando, através dos contatos, da experiência e do vivido, quem é este sujeito na sua integralidade. As ponderações desta abordagem, se eficazes, funcionariam nos processos de cura ou de cumplicidade entre o terapeuta e o sujeito acolhido no cuidado. Ou, por outro lado, no vínculo desses com os familiares, mas também como regime dos elementos psíquicos, sociais e morais dos indivíduos.

Tanto as práticas integrativas como este modelo de comunicação com aporte na sensibilidade, direcionam os sujeitos a aderirem a vida como ela é, compreendendo os pequenos e grandes acontecimentos “anódinos, cotidianos, anedóticos e imaginários” (MAFFESOLI,

1998, p. 125). Ainda nos convidam a entender os interesses, os gostos, as projeções que tendem ao sentimento de pertença desses sujeitos, e os possibilite sonhar, ainda que “nesse movimento, esses sujeitos passam a compreender melhor o papel determinante do poder, os desafios das políticas públicas e as iniquidades presentes no âmbito da saúde, apesar dos avanços obtidos com o advento do SUS” (VIEIRA *et al.*, 2018, p. 138).

Entretanto, como já visto, isto não impediria a intervenção de um sujeito sobre o outro, tanto na perspectiva da comunicação como na da saúde, a contar de estruturas pré-estabelecidas ou da edificação de novas ideologias ou teorias, a exemplo da sensibilidade, do Reiki, da dança circular ou da ayurveda, que embasam a configuração de novos e velhos grupos ou tribos como, bem dito por Maffesoli (1998), que se constituem através de vínculos identitários. Ainda assim, a relação interpessoal/intrapessoal entre seus componentes não inviabilizaria a mobilidade que se constitui no dinamismo e na vontade de produzirem, quiçá, as mudanças sociais. Dando um destaque ao fato de que, aos atores sociais, caberia à reflexão “de quem é, para mim, este outro com quem eu falo e vice-versa” (SODRÉ, 2006, p. 70), o que daria outro sentido às suas impressões, atitudes e mudanças em si e neste outro, atentando, principalmente, ao fato de que a mutação destes sujeitos, em uma ótica sensível, não ocorreria de uma forma superficial, pois esta transformação internalizada por ele permitiria uma nova visão em relação ao mundo, conforme Marcondes Filho, o qual buscou transformar a forma como se entende a comunicação (2008, 2019).

Assim, o convívio consigo mesmo ou com o(s) outro(s) permitiria ensejar que, ao ator social, talvez, fosse plausível, conforme Kant (2007, p. 67), “agir de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio”. Então, pensar no homem como um fim em si mesmo, inspira a refletir sobre a relevância do seu papel e de sua capacidade de vivenciar o coletivo e a experiência social provocada pelas PICS, na perspectiva da integralidade e por uma “sensibilidade generosa, que não se choque ou se espante com nada, mas que seja capaz de compreender o crescimento específico e a vitalidade própria de cada coisa” (MAFFESOLI, 1998, p.12), cogitando também que receptor e emissor têm, cada um, o seu próprio tempo de compreensão, até mesmo dos atos comunicacionais.

Assim, as partilhas feitas como formas de comunicação e de tratamento geram expectativas do que não foi vivido, da compreensão de diferentes imagens simbólicas que estão na relação presencial, e na dimensão, inclusive, do corpóreo. Logo, todos os serviços terapêuticos têm uma função, a partir dos fatos que os inserem neste lugar, que não é

simplesmente corpóreo, pois, como sintetiza Maffesoli (1998, p. 190), “que em nada são puramente corporais ou espirituais, mas sim o misto dos dois”. As PICS são, neste pensar, estradas capazes de levar a diferentes cenários e que trazem uma abrangência dos sincretismos, das medicinas paralelas, dos cuidados do corpo e da alma, e que não podem ser negados em nenhuma das esferas sociais, sejam elas legalmente constituídas ou não, e que estão somadas aos estudos do sensível.

Desta forma, as sociedades se apropriam daquilo que o desenvolvimento tecnológico produz, enquanto os sujeitos e as famílias usufruem pelo prazer ou pela necessidade destes bens e/ou serviços, a exemplo das práticas integrativas ou das medicinas tradicionais. Os sujeitos vivenciam as mudanças estruturais, ideológicas e/ou de crenças, algumas vezes, intangíveis, porém, mantêm na lembrança os elementos anteriores às alterações, contexto de uma memória coletiva e de um espaço como o descrito por Halbwache:

[...] que se vivemos sós, a região do espaço que nos circunda de modo permanente e suas diversas partes não refletem apenas o que nos distingue de todos os outros. Nossa cultura e nossos gostos aparentes na escolha e na disposição desses objetos em grande quantidade se explicam pelos laços que sempre nos ligam a um número enorme de sociedades sensíveis e invisíveis” (HALBWACHE, 2006, p.158).

Isso porque a propagação de um conhecimento, muitas vezes, é intuitiva, como alvo para a participação ágil dos atores sociais.

Especificamente na perspectiva biopsicossocial, de acordo com De Marco (2006), a comunicação é algo efetivamente considerável, já que cria elos a partir do processo da fala e da escuta, integralizado pela comunicação não-verbal, avultando a exteriorização pelo(s) sujeito(s), das expressões pelos gestos, pelo contato visual e/ou postura. Os modos revelados pelo autor acercam ou fazem intersecção com as PICS e a comunicação do sensível, “[...] impregnada de comunicação verbal, a partir da qual é possível elaborar algumas leis gerais, mas, por outro lado, comporta também aquilo que chamamos de comunicação não-verbal, coisa bem delicada de apreender com precisão. É o domínio do sensível” (MAFFESOLI, 1998, p.60). De qualquer forma, as sensibilidades não invalidam qualquer outra perspectiva já existente de comunicação conectada à realidade. Todavia, introduzem à necessidade de comporem estudos e discussões, principalmente, neste momento em que a heterogeneidade dos processos é visível sob a presença de uma pandemia (Covid-19), o que, de certa forma, “atenta a todos os aspectos constitutivos do dado social” (MAFFESOLI, 1988, p. 33).

Questões filosóficas e sociológicas permeiam a interdisciplinaridade quando fala-se de comunicação, sensibilidade e PICS, e a visão sobre a sociedade incide nestes campos, principalmente se o foco está na percepção qualitativa da sociedade contemporânea. Desta forma, decodificar os sentidos que norteiam a comunicação do sensível, através das práticas integrativas em saúde, sob o olhar das crianças é conceber um outro canal de compreensão da razão e da sensibilidade a partir deste público.

4 INFÂNCIA E CRIANÇA

A inquietação, o questionamento e as maneiras diversas do pensar são elementos que apontam o sentido e a importância da infância e da criança na sociedade e nas instituições que a integram, levando muitos pesquisadores a buscarem respostas e entendimentos do que este tema simboliza. Os períodos históricos e os processos de construção foram igualmente marcados por teorias que incluem e/ou excluem o binômio infância-criança.

Neste capítulo, através da sociologia da infância, coloca-se em destaque a interpretação de autores que, fazendo referência ao cenário em que estão inseridos e ao seu vínculo com outras áreas do saber, e com a vida social, investigam as questões da criança e da infância. Os estudos têm como base o conhecimento e os modelos de expressão, de modo que seja possível conhecer a criança e o que fazer e pensar em relação a ela, bem como compreender os papéis que desempenham como meio de inclusão nos processos que estejam integrados (CORSARO, 2011; SIROTA, 2007; SESC/RS, 2017).

Esta investigação que olha para as crianças, que caminha também nos campos da psicologia e da antropologia, tonifica o interesse de retirá-las do anonimato, de permitir que também possam, à sua maneira, expressar o que percebem e como percebem, considerando as suas individualidades e a sua situação social, possivelmente, seria eficaz para revelar a estratégia e a ação do que fazer e por que fazer algo para esses pequenos atores sociais. Desta forma, ao mesmo tempo em que a infância não pode ser tida como singular, ela, enquanto classe, tem sempre a introdução de novas crianças em substituição àquelas que se tornam adultas, o que a remete a algo renovável e contínuo (QVORTRUP, 2010). Este enfoque, pertinente à sociologia da infância, coaduna com a necessidade de os atores sociais conhecerem a si e aos outros (MARCONDES FILHO, 2007, 2019), expressarem aquilo que apreendem; então, falar sobre as sensibilidades sob o ponto de vista da criança são maneiras possíveis de vincular as questões do afeto e do sentir.

O nosso olhar sobre estes atores sociais está no fato de que as crianças vivem em sociedade com diversos grupos e situações. Neste contexto, elas teriam, talvez, a possibilidade de “se assumirem como indivíduos autônomos, porém considerando a impossibilidade estrutural de uma visão única [...]. E tal impossibilidade se prende justamente ao fato de que todas as situações se enraízam no concreto, isto é, na diferença” (MAFFESOLI, 1988, p. 77). Assim, os subcapítulos a seguir vão falar da cultura, do corpo, do cuidado e da aplicabilidade de uma prática integrativa e complementar em saúde em conformidade com os paradigmas da

sociologia da infância, visando à integralidade desse ator social, apontando, também, para os ângulos das sensibilidades que serão contextualizadas.

4.1 CONCEPÇÕES SOBRE INFÂNCIA E CRIANÇA

Em outra época, através das imagens do cotidiano, Ariès possibilitou que a história das crianças e da infância representasse muitas facetas. A partir desse historiador, pesquisadores franceses, ingleses e americanos buscaram fomentar estudos empíricos e debates teóricos sobre o assunto (SIROTA, 2001). Como um espelho que reflete diferentes figuras, Ariès (1981) disponibilizou ao mundo a ideia de que a infância é uma construção social da modernidade, consolidada, principalmente, no século XVIII, quando retratou a “descoberta” da infância em conformidade com a “consciência” da particularidade infantil, ou seja, daquilo que torna a criança um ser em si mesmo, específico, e que também a diferencia do adulto. A contar de Ariès, as pesquisas sobre as crianças tomaram outro rumo.

Por volta das décadas de 1970 e 1980, homens e mulheres da Grã-Bretanha, da Itália, dos Estados Unidos, da Alemanha e da França, nas suas respectivas épocas, trouxeram à luz a nova perspectiva de identificação da infância e das crianças por meio da investigação direcionada à sociologia da infância. Mediante questionamentos diversos, buscavam entender e desenvolver conhecimentos e teorias que serviriam de reflexão para a (re)criação de diretrizes científicas e sociais que caberiam às crianças como direito. Com o olhar na sociedade, os pesquisadores aprofundaram seus estudos, tendo como pilar a pesquisa teórica ou de campo, levando em conta, todavia, que as viabilidades de acesso aos direitos imputados ao público infantil, em todos os âmbitos, ainda hoje, são contraditórias e heterogêneas. A inserção da criança e os reflexos de sua situação e vivências também conduziram a procura do entendimento do que simbolizava a infância e o que este ciclo representa para cada uma e para as demais categorias sociais, considerando, no entanto, as rupturas e as vulnerabilidades estruturais de cada era.

Sob outro enfoque, a exposição dos símbolos ou representações, por parte destas crianças, atores sociais, segundo a ótica da sociologia da infância, viabiliza o senso de criatividade e de proximidade, além de uma percepção de mundo divergente daquela intentada pelos adultos, já que tudo que produzem, enquanto partícipes das diversas fases da infância, envolve o seu próprio meio, a sua vida e a dos demais. Nesta trajetória, o termo geração é apercebido por várias dimensões; uma delas, de acordo com as estruturas sociais, que partem

de uma classificação etária, além dos fatores demográficos, políticos, de produção e de consumo, que traduzem e sedimentam a história da infância (SARMENTO, 2005).

Os princípios geracionais percebidos a partir das diferenças de cada época e de seu lugar de origem (regionalização) são nominados por Sarmiento (2005, p. 371) como “categoria social do tipo geracional”, e suas variações apontam para o fato de que a infância não pode ser considerada como única e que estas também são referência na construção social e histórica da humanidade. Não obstante, esta ótica desvela as fragilidades que intervêm na estrutura social da qual fazem parte. É através da infância, que as crianças percorrem “diversos grupos etários onde o transcurso de sua capacidade de locomoção, de expressão, de autonomia, de movimento e de ação, [...]” (SARMENTO, 2005, p. 370) se efetivam, pois, é pelo grupo geracional que surgem as diversidades oriundas das condições de vida das crianças (que na posição de indivíduos têm especificidades biopsicológicas).

O paradigma geracional está aliado ao fato de que, com a pós-modernidade, pensamentos sociológicos permitiram que as crianças deixassem de serem vistas com base na fragilidade, ou seja, um ser em devir (SIROTA, 2007; CORSARO, 2011). Os discursos produzidos que realçam o poder, os valores verticais e as normatizações estruturalistas de instituições, como a família e o Estado, passaram a ter um outro tipo de análise.

As reflexões teóricas sobre criança/infância na contemporaneidade, inclusive, estão identificadas por uma pluralidade de interpretações e variedades de falas. Porém, estas seriam interpretadas para além das abordagens convencionadas pela família ou pela escola, gerando assim uma intervenção a partir do entendimento concebido. O que reforça a ideia que expressa a “socialização interpretativa” (SIROTA, 2007, p. 43), na qual a criança não está mais apartada da sociedade, sendo encarada como um sujeito de direitos e a socialização tem, em decorrência deste novo olhar, um direcionamento vertical que permuta para um horizontal. O lugar da criança então é reconhecido nesse novo paradigma, assim como a sua relação com seus pares ou entre-crianças.

O termo interpretativo é empregado por Corsaro (2011) da mesma forma. Contudo, com a denominação de “reprodução interpretativa”, na qual as crianças produziriam ou reproduziriam suas próprias culturas, ou seja, elas não necessitariam se valer da imitação ou da simples reprodução daquilo que os adultos fazem; elas, efetivamente, participariam e colocariam em prática o processo de criação através das informações apreendidas, isto é, não internalizariam informações ou mensagens constantes nos discursos que circundam o seu ser, mas seriam capazes, por si só, de produzirem as suas próprias ideias, contribuindo ativamente para as

mudanças sociais. O autor destaca que as crianças em convívio cotidiano com outras de sua faixa etária estabelecem uma relação que demarca uma cultura local, a qual define como cultura de pares, sendo esta “um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interação com as demais” (CORSARO, 2011, p. 128). Tal cultura é extensiva ao contato entre as crianças e os adultos e as variáveis que se apresentam no decorrer das interações que atuam, a partir de ambos enquanto protagonistas, afetando e transformando as rotinas de vida e a cultura.

Certamente, confusões, medos e incertezas são tratados à medida que surgem na interação adulto-criança. No entanto, uma suposição importante da abordagem interpretativa é que características importantes das culturas de pares surgem e são desenvolvidas em consequência das tentativas infantis de dar sentido [...] (CORSARO, 2011, p. 128-129).

Tendo em consideração a reprodução interpretativa e partindo do paradigma de que as crianças estão inseridas em contextos distintos, que as vinculam à sua própria cultura, nos aproximamos do pensamento de Sarmiento (SESC/RS, 2017, n.p.), de que este lugar onde a criança é percebida, onde ela emite aquilo que gostaria e o que tem a dizer, deveria ser analisado pelo adulto, não somente com o sentido de divertimento (ou de cunho apenas engraçado ou infantil), mas como algo que tem conteúdo e lógica, isto é, como o esboço de uma base útil para a vida em comum, o que sedimentaria a construção ou resgate do envolvimento da criança na vida social a partir de sua voz.

Mesmo que tais pensamentos sejam utópicos para muitos, a sociologia da infância vem retirar a criança de um estado de invisibilidade, ainda que, na realidade, nem todas as crianças ou nenhuma delas, desfrutem de um espaço de abrangência para a construção das políticas públicas de acordo com as suas necessidades. O que é certo é que elas estão em todas as partes, constituindo diferentes grupos e/ou tribos, vivendo realidades diversas, isto é, “a participação, individual e coletiva, está para além do enquadramento jurídico das democracias ocidentais representativas. Por conseguinte, não é de ausência de ação política que se trata, mas de invisibilização na cena pública” (SARMENTO; FERNANDES; TOMÁS, 2007, p. 185).

Sob esse prisma, no IV Fórum SESC de Educação, ocorrido em 2017, em Porto Alegre, na palestra intitulada “Protagonismo nas infâncias: práticas e investigações”, Sarmiento falou sobre a valia de considerar o “ponto de vista” do outro a partir da observação. No painel, o palestrante trouxe a ideia de que o “ponto de vista” nada mais é do que a simples “vista de um ponto”, pois, ao mencioná-lo ou considerá-lo, poderia o ator social estar limitado ao condicionamento de sua própria cultura, gerando, dessa forma, a produção da interculturalidade

ativa. Quando o assunto são as crianças, o processo de escuta dinâmica e diário, por parte dos ouvintes/interlocutores, reforça a importância do ponto de vista delas, bem como “do significado que elas atribuem às situações em que estão envolvidas” (SILVA *et al.*, 2009, p. 79). Tudo isso, nos reporta à “aceitação de que nós somos um outro para o outro e, portanto, nosso lugar é sempre um lugar relativo, sendo esta uma aprendizagem que todos deveríamos exercer” (SARMENTO, SESC/RS, 2017, n.p.).

Não distante disso, pesquisadores consideram que a história das crianças é formada por uma linha temporal marcada pelo seu passado e presente, ainda que, muitas vezes, os adultos não vivenciam cada momento ou que não tenham compreensão da forma como estas agem ou pensam (SIROTA, 2007; ABRAMOWICZ *et al.*, 2014). A mudança conceitual, de acordo com Sirota, “vai introduzir uma visão em termos de socialização horizontal no nível do grupo de pares e do entre-crianças, considerando a criança não somente como um ser futuro, mas também como um ser no presente” (2007, p. 41). Ao reforçar essa presença como um marco do existir, Sirota (2007) acentua que a presença é sedimentada no presente, cogitando o aqui e agora.

Quem sabe este aqui e agora não estaria, também, no pensamento que equilibra o espírito e a sensação, ou no fato de que não há uma divergência entre estética e intelectualidade? Mesmo porque, segundo Maffesoli, “o que realmente importa não é a elaboração de uma verdade acachapante – mas a articulação de verdades locais (em todos os sentidos e termos), permitindo que nos situamos no presente” (1988, p. 79). O discernimento de que tais verdades locais são substanciadas pela cultura é primordial para as análises quanto ao futuro destas crianças. Esta lógica pode ser aplicada ao que Sirota identifica na criança, ou seja, um “ser” social com uma expectativa de futuro podendo esta, então, deliberar sobre seu destino. O *aqui e agora* também espelha a realidade da vida cotidiana, da qual estes atores sociais fazem parte, mas que, de qualquer forma, repercutirá no convívio face a face.

4.2 INFÂNCIA E AS CRIANÇAS NO CONTEXTO DAS PICS E DA COMUNICAÇÃO DO SENSÍVEL

A história das crianças e da infância demonstra que elas passaram a ser vistas também como seres que deveriam ser observados a partir do cuidado (CASTRO, 2015), retomando os valores de viver o presente e sendo capazes de atuar em suas próprias vidas; quer dizer, sendo atores da sua própria socialização (SIROTA, 2001, 2007; MONTANDON, 2001; CORSARO, 2011). Nesse contexto, ressalta-se que a infância é a base de (re)estruturação da sociedade, e como tal, se constituirá dispondo as crianças em categorias sociais (classe, gênero) e

segmentando-as por idade, o que ainda hoje prevalece quando o foco é o tratamento pela medicina hegemônica ou pelas práticas integrativas e/ou medicina tradicional.

Na busca da promoção e intervenção na sociedade, a ambiência da comunicação e saúde também habita o mundo das crianças, pois as estratégias e ações previstas ou promovidas buscam entender o que pode ser produzido em nome delas (FLORES, 2009), o que remonta, atualmente, nas políticas públicas que traçam diretrizes a uma parcela desta população como a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC), o Programa Primeira Infância Melhor (PIM), ou em outras esferas, que também visam à integralidade destes atores sociais, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Os ordenamentos jurídicos do ECA repercutem também no âmbito da comunicação e da saúde frente à transversalidade não só dos entes que discutem as questões sobre as crianças, mas também de situações emergentes do cotidiano desses atores sociais. Neste ponto, é relevante ponderarmos sobre o pensamento de Corsaro (2011, p. 18), o qual expressa que, raramente, as crianças “são vistas de uma forma que contemple o que são: crianças com vidas em andamento, necessidades e desejos”. No entanto, ao se visualizar o cotidiano das crianças no decorrer de sua infância, depara-se com os direitos sociais pelos quais a responsabilidade jurídica sobre elas está nas mãos de quem exerce poder paternal, o que é reforçado e previsto pelo poder público (SARMENTO, CERISARA, 2004). Em outras palavras, elas não têm autonomia efetiva quanto às suas decisões. Ainda assim, é válido destacar que os envolvidos na criação das políticas de governo, se preconizarmos a lente temática da sociologia da infância, precisam acolher e valorizar a opinião das crianças centro dos debates em foco (SARMENTO, SESC/RS, 2017).

Outrossim, se o ambiente for da pesquisa, a potencialidade das crianças de produzirem conhecimento a partir de sua própria linguagem não as colocaria à margem das pesquisas científicas, na concepção de Sarmiento, pois, para o autor, mesmo que estes pequenos atores sociais não tenham conhecimento das metodologias e dos pressupostos epistemológicos, eles, como coparticipantes (em pesquisas participativas), teriam o poder de evidenciar a sua percepção sobre o objeto estudado. Isso porque suas vivências e representações dariam uma outra consistência em termos de resultado, uma vez que as proposições seriam feitas de acordo com o seu olhar e não somente com o da pesquisadora (adulta).

É claro que, para a constituição de uma política ou a título de garantia científica, o cotidiano requer uma comprovação através de registros dos fatos elencados pelas crianças. Contudo, por suas peculiaridades, as práticas de saúde, ao traduzirem um outro olhar

(não somente aquele voltado à saúde-adoecimento), diversificariam as suas ações, isto é, comporiam as suas atividades valorizando as atitudes e as falas das crianças, o que notoriamente é uma das concepções da sociologia da infância. Para tanto, faz-se necessário que os incluídos no processo sintam-se realmente integrados e presentes como atores sociais, pois, segundo uma das perspectivas de Marcondes Filho, a contar da sensibilidade, isto lhes daria uma possibilidade de (re)adequação de sua vida frente à doença e às demais situações da vida cotidiana e das relações com os seus semelhantes.

Além disso, a área da saúde possui, entre seus pesquisadores, profissionais e trabalhadores, a ótica empírica e racional muito presente, voltada à medicalização e às novas tecnologias aplicadas a tratamentos inovadores. Porém, quando a prerrogativa são as práticas integrativas, uma transcrição de Maffesoli (1998, p. 165) se torna considerável: “[...] a vida empírica está aí para mostrar que, ao lado da razão, a paixão ou a emoção ocupam um lugar inegável; pode-se até dizer, um lugar cada vez mais importante”. Sendo assim, isso é compatível com os processos da saúde que partem também de uma condição relacional, dos vínculos que são construídos, das habilidades que fortalecem as políticas públicas saudáveis e que abarcam, principalmente, os interesses e a capacidade do profissional de se sentir pertencente na construção e (re)avaliação do processo de saúde que está envolvido (ARAÚJO *et al.*, 2007). O que se conclui deste cenário é a predisposição ao incentivo da participação dos sujeitos e a reorientação dos serviços de saúde com ênfase nas PICS.

Ao ser questionado sobre que especificidade teria o vínculo enquanto objeto da comunicação em um contexto midiático, Sodré (2002, p. 87) respondeu categoricamente que “o vínculo atravessa o corpo, o afeto, passa pelo sentimento, por ódio, enquanto a relação entre as pessoas pode ser completamente impessoal, ou seja, são indivíduos atomizados separados, que se relacionam jurídica e polidamente [...]”, o que se entende ser aplicável em uma relação presencial, tão bem explorada pelas práticas integrativas com suporte na integralidade. Ao mesmo tempo em que o autor diz ser o vínculo de caráter emocional e afetivo tem-se que a vinculação, nesse sentido, reforça a ideia de Marcondes Filho (2007, 2019) de que as relações operam quando há interesse por parte dos interlocutores, não respondendo somente a uma interpelação jurídica ou social.

O segundo fator é que o corpo, segundo o Marcondes Filho (2019), faz parte da comunicação pela consciência, além de evidenciar as reações de ódio, de apreço e de outros afetos. O corpo como exteriorização das vivências ou personalidade dos sujeitos, explicitaria os sentimentos pela comunicação do sensível, sendo que este sensível não tem uma abrangência

somente nas coisas boas ou positivas, mas em tudo que o constitui o sujeito e o afeta integralmente. Seguindo o raciocínio do filósofo José Gil sobre as conexões da consciência e sua relação com o corpo, Marcondes Filho (2019) nos dirá que estas junções partem dos pequenos percebismos e intuições presentes no dia a dia, como atos simples do cotidiano e que, sem sombras de dúvidas, acabam por estabelecer um tipo de comunicação.

De modo igual, ao conectar as (re)ações do corpo com a comunicação pelo sensível, outra forma de comunicação emerge, isto é, aquela que liga a consciência à inconsciência, e que também constitui um processo de abertura para o entendimento. Assim, uma vez aberta às questões do inconsciente, viria à tona as pequenas apreensões à superfície da consciência, e, dessa forma, o corpo da criança, como elemento comunicante tanto consciente quanto inconsciente, traria à luz as suas compreensões e a intensidade com o que lhe afeta. A concepção que envolve as práticas nesse sentido estaria orientada à intenção do sentir e da integralidade do corpo, o que vai ao encontro com o que o corpo precisa entender integralmente sobre o que lhe acontece a partir das suas hipersensibilidades, menção feita por Marcondes Filho (2019) com base na visão de Gil. Isto sinaliza que as variações de força e intensidade do sentir pudessem ser identificadas, e tal reflexão trata da mesma forma do caráter relacional, pois os corpos ao estarem conectados perceberão as sensibilidades e ritmos dos demais.

Em contrapartida, seria lógico pensar que as crianças talvez não estejam habilitadas a compreenderem as formas de comunicação citadas; não porque estejam fechadas em relação ao outro, mas porque esse acesso à comunicação, que se traduz pelas conexões do consciente e do inconsciente, necessitam de um discernimento, provavelmente, presente nos adultos. Isso também carece que os sujeitos (adultos/crianças) nos seus contextos precisem esvaziar sua interioridade para compreender os sentidos produzidos pelo outro, ou então, passar pelo processo de aprendizado com seu semelhante (MARCONDES FILHO, 2008). Possivelmente, isso não se dê sempre ao nível do consciente, mas do inconsciente, por isso mesmo a prática predispõe:

[...] aceitar o inesperado, o imprevisto que as crianças trazem, os adultos [...] precisam estar abertos no sentido de se surpreender com elas, com suas experiências e novidades. Porém, isto só será possível se os papéis tradicionais se invertem e as lógicas de ação também, o que implica uma reflexão acerca das relações desiguais de poder entre adultos e crianças (SILVA *et al.*, 2009, p.78).

Sob esse prisma, as crianças, uma vez respeitadas as suas individualidades, introspecção e empatia, quem sabe estariam abertas a declararem os seus afetos e entregas por meio, inclusive, da transferência oriunda do contato/vínculo. A sensibilidade, assim, estaria embasada

nas relações interpessoais (intrapessoais) e na forma como são captadas as energias emitidas pelas práticas integrativas, já que estas têm por pressuposto outros canais comunicativos, além da fala e da escuta, pois levam em conta a sintonia espiritual e social. Em se tratando das fórmulas do espírito, elas são consideradas no plano do intangível e do inexplicável, mas partem da essência descrita fora da racionalidade permanente (MAFFESOLI, 1998).

Para tanto, a escuta dinâmica e acolhedora se traduz no ato humanizado e no acolhimento definido pelo SUS. O cuidado e a identidade são projetados pela enfermeira Silva (2015, p. 15) sob a noção de que o cuidado com o sujeito em tratamento “não afeta unicamente o seu físico, mas principalmente a sua identidade”, parâmetro primordial no exercício das práticas integrativas. Assim como na comunicação do sensível e nas PICS, o processo de compreensão da criança em tratamento sedimentaria “auxiliá-lo a encontrar novos padrões de comportamento” (SILVA, 2015, p. 14). Dessa maneira, os interesses desse público refletiria nos processos de edificação de serviços como os das terapias complementares e integrativas, que transcendem a forma hegemônica de tratamento que intersecciona o sentir, o popular e o contemporâneo. Ao acolhê-la, ainda que seja uma criança, o sujeito (profissional terapêutico) veria “[...] o outro como pessoa, como alguém que lhe diz algo” (MAFFESOLI, 1998, p. 60). Destaca-se, neste cenário, a necessidade de construção de um lugar para esse outro no interior de cada um, o que nas palavras de Marcondes Filho (2008) seria mais fácil pelo inconsciente, a exemplo do que ocorre com as crianças.

Sob outro ponto de vista, o estudo a contar das PICS, conforme suas proposições, colocaria o campo da comunicação em um patamar também de buscas. Tal procura se dá, pois as áreas da comunicação e da saúde prevêm identificar os processos de relações interpessoais, bem como o papel do interlocutor (emissor/receptor), ao enviar e receber mensagens, na iminência de que possa transmitir sua opinião ou posição quanto ao tratamento ou ao modelo de autocuidado (ARAÚJO *et al.*, 2007; SILVA, 2015).

A opinião ou posicionamento das crianças no que tange ao tratamento, independente dos motivos geradores do processo de adoecimento, repercutem no processo de cura e tomam outra dimensão quando vistos através da aplicabilidade do lúdico e da música, por exemplo, que têm feito parte da estratégia de atenção à saúde, muitas vezes, desenvolvidas por voluntários nos locais de atendimentos, como hospitais. O lúdico e a música são elementos capazes de liberação daquilo que a criança quer ou precisa dizer, recursos preponderantes que possam, quem sabe, dar voz às crianças, quando a questão é vista através da humanização do ser. Seguindo este pensar através da música e do lúdico na esfera da infância, Corsaro e Miller

(1992) afirmam que as crianças, ao interagirem, exercem diversos papéis, e a cada relacionamento se conectam com o imaginário que “possui uma complexidade transversal que atravessa todos os domínios da vida” (MAFFESOLI, 2001, p. 78). Entende-se, então, que o imaginário constitui uma característica dos grupos sociais, formado pelas ideias do lúdico e da espiritualidade a contar da realidade de cada criança, que seriam forjadas pelos sonhos, pelo afetivo e pelo irreal. Esse entendimento é compartilhado por Sarmiento e Cerisara (2004), já que afirmam que as crianças são capazes de transpor o real imediato para o plano do imaginário criativamente e, ao darem sentido à criação, transferem as situações experienciadas para o seu cotidiano.

A capacidade da criança de (re)criar, através do imaginário, a possibilidade do resgate e de resiliência da sua infância, provavelmente, indicaria o entrelaçamento necessário deste imaginário com as sessões terapêuticas como forma de expressão ou da chance de ser ouvido. Isso porque o exercício propriamente dito das PICS requer, como vantagem, que o terapeuta saiba o que acontece com aqueles que estão sob cuidado, uma vez que o ambiente e os aspectos sociais afetam o estado de saúde-adoecimento dos usuários. Como emissoras/receptoras de sua realidade, retoma-se a ideia de que com sentimentos e emoções, estes atores sociais poderiam tomar consciência do seu Eu e do Outro, no ato de reciprocidade entre-crianças ou com os seus pares, reiterando a noção de conveniência, se analisadas tais circunstâncias também pela ótica do sensível.

A interação decorrente disso é integralmente ativa, uma vez que o processo comunicacional não está sedimentado somente na mensagem emitida, mas na maneira de ser do sujeito, que está na base das configurações semióticas e não das emissões enunciativas, pois a reação-produto desta comunicação parte do sensível e do que se institui entre ambos. Desse modo, “a mensagem comunicativa é o próprio modo como os sentidos e o corpo manifestam-se comunicativos” (FERRARA, 2018, p. 31). Tal fato seria procedente quando os sujeitos (crianças) estivessem libertos ou quando baixassem a guarda (MARCONDES FILHO, 2008), momento em que o diálogo se estabeleceria, ou seja, eles aceitariam o que estão vivenciando naquele instante. Aliado a isso pode-se pensar que:

A infância moderna se constrói sob uma constelação de olhares. Ao lado das representações e das práticas de atores, a fabricação social da infância se apoia também nos discursos intelectuais ou acadêmicos, e em teorias científicas. Assim, socialização e transmissão espelham-se em suas próprias produções (SIROTA, 2007, p. 46).

Essa citação consolida o fato de que, a partir desses enfoques, a relação com as crianças seria passível de se estabelecer, trazendo para a realidade, por meio da observação, uma amostra de suas particularidades, expressando exatamente seu instinto criador. Todos os esclarecimentos referidos se tornam oportunos no cenário das PICS, até mesmo o estar relaxado a ponto de o sujeito baixar a guarda, sobretudo, porque as práticas fogem dos padrões tradicionais de serviço à saúde.

A constelação de olhares mencionada por Sirota relembra que a palavra *constelação* tem um significado prático no cenário das práticas integrativas, visto que a constelação familiar faz parte dos serviços disponíveis na rede pública. Tomando a *constelação familiar* como exemplo (BRASIL, 2020), este método psicoterapêutico sistêmico, energético e fenomenológico reconhece as questões que estão afetando a saúde física e emocional do usuário no ciclo familiar. Suas ações são direcionadas para atuarem através do inconsciente, tratando, então, dos relacionamentos humanos com uma leitura que gere a reorientação, que estabeleça o equilíbrio e a sensação de pertencimento àquele núcleo.

Outra situação presente no mundo das crianças é a rede de relações que se efetiva pela comunicação presencial (face a face) e que está na cultura. Tal encadeamento precisa da valorização dos discursos, não havendo, nesse sentido, uma relação hierárquica quando se fala do contato do profissional terapêutico com o usuário, quando no desempenho da atividade. Um exemplo disso ocorre na lógica de execução da constelação familiar, como de outras práticas, porque ainda que tenham as técnicas, a sessão irá se desenvolver de acordo com o que se apresenta naquele instante, seja por algo gerado por quem atende ou por quem recebe o atendimento. Isso repercute na política que contempla as PICS, por prever que o terapeuta precisaria atuar valorizando as trocas, criando um processo de aprendizagem, regulando as atividades de suporte adequadas às crianças (se comparadas àquelas propostas para adultos).

Tais exercícios estariam apoiados também nos discursos intelectuais e/ou acadêmicos, visto que as práticas, mesmo que sejam um saber popular, também se constituem de um conhecimento vinculado a algumas das teorias científicas, a exemplo das preconizadas pela medicina tradicional, como a acupuntura. À luz disso, considera-se a ideia de Sirota (2007) de que os discursos intelectuais e acadêmicos necessitariam ser considerados como teorias científicas: formas de “conhecimento” que não advêm somente da ciência, mas do cotidiano, das expectativas e das experiências dos sujeitos. Assim, parece fazer muito sentido e ser relevante crer nesse formato de saber, principalmente, quando o objeto de estudo está na noção do sensível.

De acordo com esse contexto, a visão de Maffesoli (1998, p. 189) revela que o sensível é o “elemento central no ato do conhecimento”, pois é através dele que a sociedade tem suas reformulações. O conhecimento empírico e racional mencionado por Maffesoli (1998) agrega valor e transforma os elementos que surgem como experiência, enquanto as estratégias de comunicação perpassam pela capacidade de codificar e decodificar os conteúdos que se tecem pelos vínculos, mas não somente os vínculos centrados na conexão, mas em uma configuração perceptiva e afetiva que recobre o conhecimento a que se refere (SODRÉ, 2006). Tal conhecimento, principalmente evocado na atuação dos profissionais terapêuticos em relação às crianças, estaria também direcionado ao intuito de identificar cada uma delas de forma precisa. Essa temática é abordada por meio de uma atividade relacionada à grade de observação em sala de aula desenvolvida por Sirota (1994).

Para a socióloga, cada locutor deve ter seu comportamento detectado, não se tornando uma entidade indiferente àquele contexto, o que mergulha no tornar comum no que tange à partilha do sensível abordado por Rancière (2005). Essa partilha integra aquilo que cada um faz no período em que a atividade ocorre, o que, em outras palavras, potencializaria a representação e as práticas das crianças como um dispositivo de construção de sua socialidade. E, no que diz respeito ao terapeuta, a possibilidade de aplicar as suas habilidades e a sua técnica como comprovação da liberdade de atuar a partir de seu olhar (MAFFESOLI, 1998), em especial se esta conexão fosse acompanhada de suas percepções e quicá de sua espiritualidade.

O domínio da partilha do sensível pronunciada por Rancièri, mesmo com um enfoque na esfera política, aproximando-o deste estudo que vislumbramos, revela a existência do comum, em que a repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividades que determinarão como este “comum se presta a participação e como uns e outros tomam parte desta partilha [...] A partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte do comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce” (RANCIÉRI, 2005, p. 16).

Sob esta ótica, conversar ou observar o fazer de uma criança, ou ir ao encontro do outro, demandaria do terapeuta entender, até que, no cotidiano, há a necessidade de alguma conexão, basicamente por integrarem grupos que concebem as práticas sob outro patamar. As situações analisadas no pensar de que a comunicação do sensível deriva de um processo de aceitação da mensagem, alcançando, assim, uma transformação interior e exterior visível, pressupõe a presença da alteridade (MARCONDES FILHO, 2019). Esta, por sua vez, não existe sem a compreensão da cultura, a qual cria elementos e fatores que sinalizam um tipo de interação no

envolvimento do sujeito com o outro. Na maioria das vezes, sintetizando o que frisou-se anteriormente, isso é a projeção do olhar para si mesmo, só que através da imagem refletida no espelho (MARCONDES FILHO, 2015). Que, despida de qualquer medo, insegurança e ignorância, e desprovida de qualquer formalidade, traria a transparência os sentidos, os pensamentos, as vivências, entre outras subjetividades que habitam o seu interior.

Marcondes Filho (TV UNESP, 2015) pronuncia algo também importante, ou seja, os diálogos na atualidade são formais e, portanto, passíveis de um rompimento que desconfigura o processo de escuta. Logo, poderia ser dito que, ao sair da redoma do formal, o ator social (terapeuta) reforçaria o binômio diálogo-escuta, o que, para Marcondes Filho, seriam os dois polos que elaboram o senso criativo e o repensar daquele convívio. Esse senso criativo está atrelado, como citado anteriormente, na cultura das crianças e baseia-se na produção cultural do que elas fazem e partilham no processo de interação, e naquilo que os adultos realizam em relação a elas. Esse entrosamento não ocorre de forma espontânea e reflete, inclusive, valores e ideias:

[...] as crianças são competentes e têm capacidade de formularem interpretações da sociedade, dos outros e de si próprios, da natureza, dos pensamentos e dos sentimentos, de o fazerem de modo distinto e de o usarem para lidar com tudo o que as rodeia (SARMENTO, 2005, p. 373).

A citação de Sarmiento (2005) corrobora com a ideia de que muitas das percepções e situações experienciadas ainda permaneceriam na mente das crianças ao serem acessadas. E demonstra que, ao darmos voz à criança, principalmente quando em tratamento terapêutico, ainda que ocupem os mesmos espaços e que sejam atuantes, é relevante perceber como cada uma capta aquele instante e como as igualdades e diferenças estão conectadas ao modo de vida de cada uma. Então, a experiência estética não foge disso. Nela, todos os envolvidos terão as suas sensações individualizadas com a mesma profundidade, ainda que vivenciem as mesmas situações, pois “a construção mental que cada um terá será diferente de pessoa para pessoa” (MARCONDES FILHO, 2008, p. 79).

Enfim, a noção da comunicação com perspectiva no sensível repercute também na aceitação, de forma consciente, dos processos do cotidiano e que também estão ao alcance deste ator social chamado criança. Com isso, ao identificar o modelo metodológico e desenvolvê-lo a partir da pesquisa de campo, buscar-se-á compreender se essa noção da comunicação do sensível está presente nas práticas integrativas em que a criança é o *corpus* da investigação.

5 METODOLOGIA

A pesquisa trata de abordagem qualitativa, com enfoque nos aspectos humanos, como a sensibilidade, os vínculos sociais e o que emana enquanto relação, como o ato descritivo que visa “[...] captar o universo das percepções, das emoções e das interpretações dos informantes no seu contexto.” (CHIZZOTTI, 2000, p. 82). Ao olhar para o caráter interdisciplinar e a possibilidade de interlocução entre os campos da comunicação, da saúde e da infância, percebeu-se a importância da participação das crianças neste espaço, principalmente, porque tal oportunidade viabiliza, quiçá, a interação e o protagonismo desses atores sociais respeitados o seu grupo etário, as suas características, além das experiências oriundas do “[...] mundo real, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.” (CHIZZOTTI, 2003, p. 79)

A pesquisa contou com a participação de crianças a partir dos critérios de inclusão, respectivamente, daquelas que fazem parte dos grupos de atendimento de Reiki (uma das práticas integrativas), pelos profissionais terapêuticos do Ambulatório de Terapias Naturais e Complementares 1º de Maio (ANTC 1º de Maio), da Rede de Saúde Divina Providência (RSDP), e de exclusão, incluindo as que já tenham encerrado o seu vínculo com o grupo de atendimento ou que permaneceram cumprindo o protocolo de distanciamento social.

Destacam-se no processo metodológico: o emprego das técnicas de observação, o uso da técnica projetiva, grupo focal, análise documental (prontuários), vídeos e fotografias. O desenvolvimento da pesquisa de campo transcorreu em três fases, que foram marcadas pelo início do emprego das técnicas e que ocorreram nesta ordem: (1) Observação (reiki), (2) Técnica Projetiva (desenhos), e (3) Grupo Focal. Salienta-se que em cada fase foram definidos um objetivo geral, tornando claro o que pretendíamos em cada momento, e que serão apresentados na sequência. As fases foram realizadas presencialmente, sendo programadas para a mesma data e local, com duração prevista de 3h30min, respeitando os cuidados e protocolos deste período de Covid-19.

A Observação, primeira fase de pesquisa, apresentou como objetivo geral identificar, através da imposição das mãos e das crianças o que emerge deste momento. A ação no território concebe as questões culturais e as vivenciadas pelos sujeitos em observação. Santos *et. al.* (2016) aborda, inclusive, que sentidos e intuições são parâmetros que potencializam representações e a percepção do observador para além dos pressupostos delineados na pesquisa. Assim, a Técnica da Observação é “usualmente empregada em pesquisas sociais, que tem

permitido descrições minuciosas de [...] situações, interações, aproximando o pesquisador dos contextos e das pessoas, sendo considerada cada vez mais importante no trabalho de campo.” (SANTOS *et. al.*, 2016, s.n.)

A segunda fase, a Técnica Projetiva, teve por objetivo geral identificar, através do desenho livre, como as crianças perceberam a sessão de reiki que aconteceu. A Técnica Projetiva introduzida pelo psicólogo Lawrence K. Frank, em 1939, aborda, entre outras concepções, a projeção dos indivíduos, a sua realidade e a forma de manifestação dos aspectos inconscientes da personalidade através do desenho (ALVES, [201-]). Há um horizonte holístico da personalidade, a partir dos estímulos que são introjetados nos sujeitos (crianças), tendo como resposta a forma projetiva. Ou seja, o ator social deixa transparecer a sua maneira de ver, sentir e interpretar, segundo Formiga e Mello (2000).

Este método, que tem uma proximidade com o caráter qualitativo, oportuniza uma interação interpretativa, considerando a oportunidade dos entrevistados verbalizarem as impressões que captam do mundo simbólico e que na “maioria das vezes é difícil de ser expressado pelo indivíduo em sua linguagem verbal” (FORMIGA; MELLO, 2000, p. 18).

O Grupo Focal, terceira fase, tem por objetivo geral fazer com que a criança manifeste, a partir do seu ponto de vista, o sentido e os significados que o Reiki têm no seu processo. O Grupo Focal, por sua vez, permite a interação entre os participantes, como a reflexão dos princípios e valores que regem os julgamentos e percepções dos atores sociais, sem que ocorram deduções ou generalizações por parte da pesquisadora (COSTA, 2006). Apresenta como elemento positivo a valorização e o incentivo da interação entre os integrantes, e, no presente contexto, este espaço proporcionará à criança o desfrutar do papel de protagonista da ação. Não há estudos específicos sobre o Grupo Focal infantil, mas, de qualquer maneira, é uma dinâmica que cede às crianças um tempo para falarem sobre os seus pensamentos e sensações em relação ao objeto em estudo, oportunizando, inclusive, um momento para serem ouvidas (ROCHA, 2016).

Foram atendidos os termos e às definições da Resolução nº 510/2016, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta as disposições da ética em pesquisa, implicando no respeito pela dignidade humana e pela proteção de vida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos. O presente trabalho foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS). Inclusive, cumprindo os termos da Resolução nº 466, de 2012, e a Norma Operacional nº 001, de 2013, todas do CNS. A pesquisa recebeu as devidas anuências,

sendo certificada pelo número de CAAE 40313620.9.0000.5336 e aprovada pelo parecer 4.468.91, em dezembro de 2020, em anexo. As prerrogativas éticas de monitoramento dos dados e acesso aos vídeos de filmagem, desenhos e informações do prontuário estarão restritos à pesquisadora e à sua orientadora, respeitando e garantindo o anonimato dos participantes. Destaca-se que o Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), respectivamente, dos responsáveis e dos profissionais; e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) das crianças encontram-se em anexo, e os documentos devidamente assinados estão arquivados no Laboratório de Pesquisa da Comunicação nas Infâncias (LabGim).

5.1 APRESENTAÇÃO DO AMBULATÓRIO DE TERAPIAS NATURAIS E COMPLEMENTARES (ATNC)

O Ambulatório de Terapias Naturais e Complementares 1º de Maio (ATNC 1º de Maio) é um projeto social da Rede de Saúde Divina Providência (RSDP), situado na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. O ATNC 1º de Maio foi inaugurado em 1997 nas vilas Batillanas e Tabajaras, sendo ampliado, posteriormente, para uma localidade mais central do Bairro Cascata⁴. As terapias naturais e terapêuticas são disponibilizadas gratuitamente à comunidade por uma equipe multidisciplinar composta de oito profissionais, 1 Técnico em Enfermagem, 1 Higienizadora, 1 Recepcionista, 1 Enfermeiro, 2 Terapeutas Naturais, 1 Nutricionista, 1 Supervisora de Educação Física e 1 Coordenador Enfermeiro.

O dia de trabalho destes profissionais inicia pela manhã com a leitura da Bíblia e a oração do Pai Nosso, juntamente com os usuários que estão à espera do atendimento, após são encaminhados à triagem, seguindo então para as terapias específicas.

O acesso ao serviço é por livre demanda ou encaminhamento pelas escolas. As práticas que estão a serviço das crianças são, especificamente, a cromoterapia, os florais, a homeopatia, a fitoterapia, o Reiki e a auriculoterapia, sendo esta última a única disponibilizada às crianças a partir dos seis anos de idade; as demais não têm restrição etária. O ciclo de tratamento envolve o acolhimento da criança e do responsável, a escuta e a aplicação da terapia. Entretanto, o retorno é definido conforme a avaliação do terapeuta.

Em contrapartida, o quadro de ações de pessoas atendidas por mês não representa distintamente o quantitativo de acordo com o perfil destes públicos, pois os atendimentos são contabilizados sem especificar aqueles realizados em adultos e/ou crianças. Os dados de

⁴ Consultar: <http://divinaprovidencia.org.br/responsabilidade-social/atnc/>.

produção das Terapias Naturais do Ambulatório 1º de Maio demonstraram que, de janeiro a dezembro de 2019, foram realizadas 1.222 sessões de Reiki (Quadro 1).

Quadro 1 - Quadro sobre terapias naturais ofertadas em 2019

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
TOTAL DE PROCEDIMENTOS	0	131	391	301	378	382	279	275	756	258	595	221	3.967
TOTAL DE PESSOAS	0	42	211	175	134	167	96	264	257	85	213	129	1.773

4.3 Quadro sobre Terapias Naturais Ofertadas:

ACÕES	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
1. Cromoterapia	7	91	86	92	75	36	47	49	78	83	99	133	876
2. Reiki	51	63	80	79	150	112	196	103	96	111	72	109	1.222
3. Auriculoterapia	112	180	253	346	280	246	299	209	430	299	368	197	3.219
4. Fitoterapia	22	35	38	34	30	109	34	81	154	50	24	27	638
5. Floral	82	145	122	133	125	114	103	123	123	178	127	134	1.509
6. Homeopatia	69	56	53	73	86	62	78	73	59	74	66	67	816
7. Massoterapia	12	29	128	53	60	62	86	108	56	108	49	59	810
8. Acupuntura	18	11	22	27	29	16	39	23	0	14	11	14	224
9. Quiropraxia	156	123	80	173	145	137	108	155	144	172	185	176	1.754
10. Aromaterapia	19	12	46	35	37	23	38	42	34	51	28	27	372
11. Assis. Nutricional	0	116	130	108	96	53	61	48	54	55	16	40	777
12. Biodança	0	21	21	28	39	37	78	64	64	113	107	137	711

Fonte: coordenação ATNC.

Com a pandemia da Covid-19, as atividades no espaço terapêutico foram interrompidas em março de 2020 e o ATNC, fechado. Os decretos protocolares homologados pelas esferas de governo, e aqueles instituídos a partir destes pela instituição hospitalar da qual faz parte o ambulatório, direcionaram os terapeutas para outras áreas. A nova missão levou alguns destes profissionais, principalmente, a atenderem os colegas que estavam atuando diretamente no enfrentamento da Covid-19. Face a este relato, o quadro de ações do setor registrou de janeiro a agosto de 2020, 1.060 atendimentos, incluindo aqueles disponibilizados aos funcionários como citado (Quadro 2).

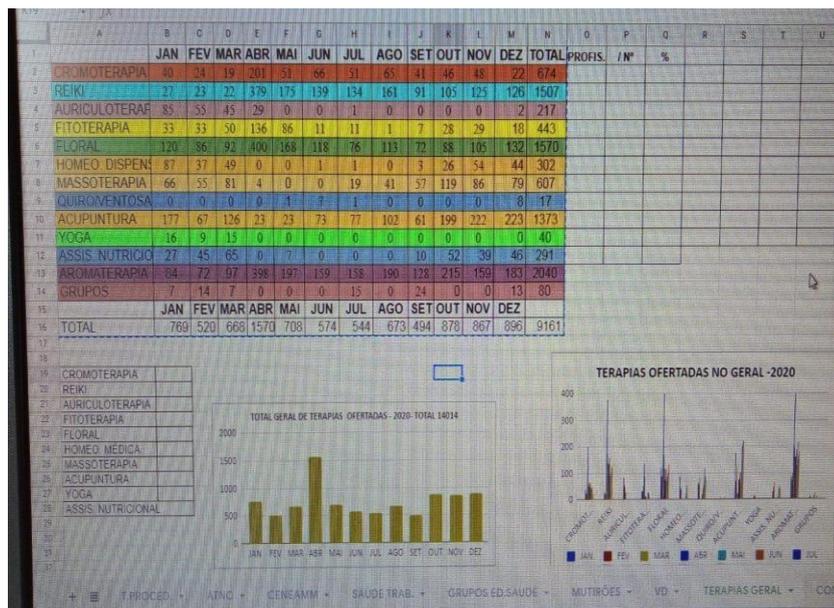
Quadro 2 - Quadro sobre terapias naturais ofertadas de janeiro a agosto de 2020

PRODUÇÃO DO AMBULATÓRIO 1º DE MAIO - TERAPIAS NATURAIS													
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
2	AÇÕES - US												
3	282	203	217	433	197	139	159	192					
4	40	24	19	201	51	66	51	65					
5	27	23	22	379	175	139	134	161					
6	85	55	45	29	0	0	1	0					
7	33	33	50	136	86	11	11	1					
8	120	86	92	419	168	118	76	113					
9	87	37	49	0	0	1	1	0					
10	66	55	81	4	1	7	19	41					
11	177	67	126	23	23	73	77	102					
12	27	45	65	0	7	0	0	0					
13	296	209	228	0	0	0	0	0					
14	84	72	97	398	197	159	158	190					
15	QUIROPRAXIA												
16	PHL												
17	AÇÕES - US												
18	16	16	16	0	0	0	0	0					
19	16	9	15	0	0	0	0	0					
20	0	3	12	0	0	0	0	0					
21	21	9	10	0	0	0	0	0					
22	18	7	8	0	0	0	0	0					
23	0	0	0	0	0	0	0	0					
24	0	3	15	0	0	0	0	0					
25	0	0	11	201	11	0	0	0					
26	3	0	2	0	0	0	0	0					

Fonte: coordenação ATNC.

Somente em outubro de 2020, com a reabertura do ATNC, os terapeutas retomaram o exercício do Reiki com o público externo, e mantiveram o serviço para os funcionários da RSDP. Dessa forma, o quadro de produtividade do setor registrou 1.507 atendimentos de janeiro a dezembro de 2020 (Quadro 3).

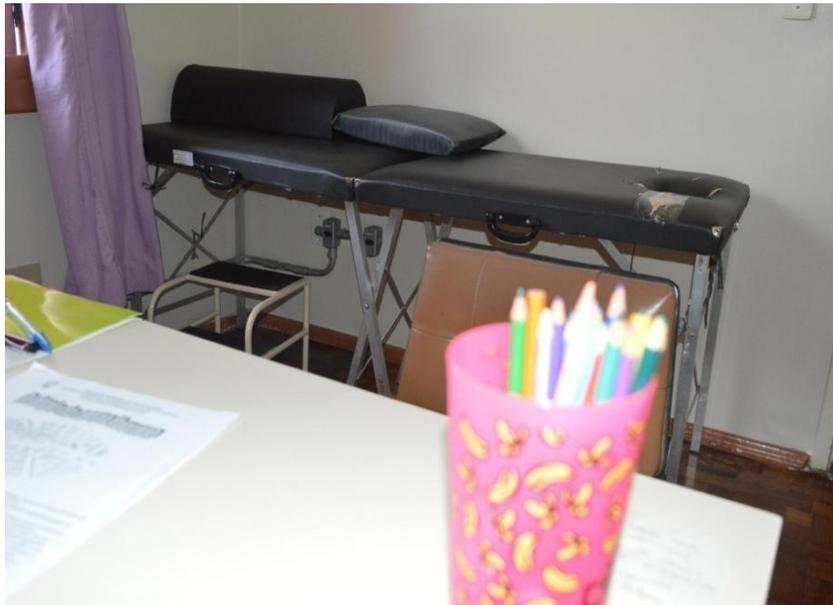
Quadro 3 - Quadro sobre terapias naturais ofertadas em 2020



Fonte: coordenação ATNC.

Na percursoria no Ambulatório 1º de Maio, foram visitados os consultórios onde o Reiki é transmitido. Neles, há uma maca, travesseiros e rolo de posicionamento⁵, que podem ou não ser usados, já que o importante neste processo é que as crianças se sintam confortáveis. Os consultórios 4, 6 e 7, respectivamente, foram os ambientes em que realizamos a observação (fase 1) das sessões de Reiki com as crianças.

Figura 1 – Consultório 4



Fonte: assistente de pesquisa.

⁵ Rolo de posicionamento equipamento onde o receptor posiciona as pernas “quando tem problema nos quadris e pernas ficando mais confortável, não dando tanta pressão na coluna”. Fonte: informação da terapeuta Rita no momento de uma das entrevistas.

Figura 2 – Consultório 6



Fonte: assistente de pesquisa

Figura 3 – Consultório 7



Fonte: assistente de pesquisa.

Verificou-se que, de forma individualizada, diálogo e a prática ocupam o mesmo espaço, pois são nestes locais que a conversa entre a terapeuta e a criança caminharam para o campo das ideias, sentimentos, vivências e imaginários, onde (re)significados seriam construídos, dando sentido para aquele que emite ou que recebe a informação, já que há neste sujeito o poder de se tornar um interlocutor.

Os ambientes são laboratórios que produzem conhecimento quando trazem elementos que nos levam à reflexão e, de uma forma ou de outra, afetam o pensar e sentir dos sujeitos que entram em contato com esta ambiência, propiciando quiçá uma mudança de perspectiva. A escadaria do ATNC, que dava acesso à Sala do Encontro, no subsolo do prédio, representou esta ambiência, pois continha em cada degrau palavras como: sabedoria, força de vontade, coragem, disciplina, equilíbrio, confiança, tranquilidade, otimismo, etc., que traduziam, fortemente, a sua relação com os sujeitos em tratamento e a socialidade.

Sob o olhar das PICS, elas comunicam e se conectam ao sensível de que se fala aqui, porque representam, sob esta ótica, a preponderância de olhar para as relações entre os sujeitos quando buscam quiçá a compreensão de si mesmo. Por isso, se crê que, dentre os caminhos para alcançar o que estas palavras significam, estariam as modalidades das práticas integrativas. Palavras que, conceitualmente, trazem para a realidade enfoques que dizem respeito a como este sujeito vê as coisas ou a maneira como vive, nada distante do nosso estudo, nada distante do que os teóricos, que visualizam a comunicação do sensível, relacionariam à dignidade deste sujeito de viver a partir da sua realidade e da relação com o outro. As palavras reforçam sensações, sentimentos e atos que, dentro de um espaço de saúde, repercutem no cuidado e no autocuidado.

Figura 4 - Escadaria ATNC



Fonte: assistente de pesquisa.

Figura 5 - Escadaria ATNC



Fonte: assistente de pesquisa.

Naturalmente, outros aspectos foram relevantes, tal como a Sala de Encontro, preparada para o desenvolvimento das Técnicas Projetiva e do Grupo Focal, nesta ordem, fases 2 e 3. Espaço em que foram compartilhados o lanche⁶, idealizado como uma ferramenta do Grupo Focal, pensado como um local de criação de vínculos, propiciando a desinibição daquelas crianças mais tímidas.

Na Sala do Encontro, as crianças interagiram enquanto aguardavam as outras que faziam o Reiki nos consultórios, estabelecendo uma relação, sem que houvesse a presença das terapeutas ou da pesquisadora. Isso pareceu importante, considerando que elas se conheceram

⁶ Lanche: a orientação da nutricionista responsável foi determinante para atendermos às prerrogativas protocolares empregadas pela Rede de Saúde Divina Providência, que restringiu qualquer tipo de alimentação que não fosse industrializada em decorrência da Covid. Entendemos que o olhar para o campo e para o momento exigia esta atenção ainda maior, assim seguimos as normas ao ofertarmos o kit, buscando o equilíbrio com o objetivo de oferecermos uma alimentação saudável.

naquele dia, situação oposta à ideia dos pares, na qual as crianças têm um convívio quase que diário e que compartilham valores, atividades etc (CORSARO, 2011). Mesmo que no grupo houvesse aquelas mais comunicativas, elas conversavam sem qualquer restrição ou timidez sobre temas que lhes eram comuns.

Figura 6 - Lanche (Sala do Encontro)



Fonte: assistente de pesquisa.

Ressalta-se que os lanches, também, serviriam para a construção de uma relação interpessoal, já que estavam face a face e geraram interlocuções e atitudes de afetividade espontâneas. Um dos exemplos foi com a figura de diferentes *minions*, nas embalagens dos sucos oferecidos, que os motivou a uma conversa alegre, demonstrando que, naquele instante, estavam em outra dimensão, além da pesquisa em si, porque interagiam naturalmente, algo presente nesta fase da infância. Outro elemento foi a aproximação que tiveram com o

CoruGim⁷, mascote do Laboratório de Pesquisa, pois ele estabeleceu uma conexão entre as próprias crianças, e elas com a pesquisadora. A Corujinha Flor⁸, a Corujinha Faladora, utilizada pelas crianças no momento em que estas têm algo a dizer, simbolicamente foi o instrumento para percebermos o quanto afetivas e carinhosas as crianças eram. De forma lúdica, as corujinhas propiciaram a integração, e o vínculo entre elas.

Figura 7 - CoruGim e Corujinha Flor



Fonte: assistente de pesquisa.

Outra ocasião reveladora foi quando as crianças pegaram os kits de materiais usados na produção dos desenhos, e relataram que os materiais remeteram a lembranças da escola e manifestaram sentir saudade deste espaço. Além disso, o conjunto de máscaras de prevenção ao coronavírus trouxe, entre estes atores sociais, os diálogos da prevenção e do cuidado diante à pandemia.

⁷ Para saber mais sobre a CoruGim, consulte: <https://www.labgim.com.br/sobre>.

⁸ A corujinha Flor foi um presente da mãe de um dos integrantes do LabGim. O nome foi dado por uma menina; a Flor sempre acompanha o CoruGim nas atividades desenvolvidas pelo grupo e desempenha também a ação de dar voz às crianças. Por isso, a denominamos de Corujinha Faladora.

Figura 8 - Kit de Desenho



Fonte: assistente de pesquisa⁹.

5.2 SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

O grupo dos sujeitos participantes da pesquisa foi formado pelo público infantil, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão, que se detiveram, respectivamente, nas crianças que fazem parte dos grupos de atendimento dos profissionais terapêuticos do ATNC 1º de Maio; naquelas que já tenham encerrado o seu vínculo com o grupo de atendimento ou que permaneceram cumprindo o protocolo de distanciamento social.

O ambulatório é referência no atendimento das crianças na rede de saúde da capital. A presença destas na Unidade de Saúde (US) é variável, eis que algumas mantêm a continuidade dos encontros, enquanto outras comparecem de forma intercalada ou deixam de acessar o serviço, que é também disponibilizado para os adultos. Segundo a coordenação, as patologias mais eminentes são a agitação, o déficit de atenção e a hiperatividade. Mesmo com o regresso dos profissionais às atividades em outubro de 2020, como antes citado, o ambulatório recebia um número limitado de pessoas em busca das práticas por eles oferecidas. Neste período, teve o recesso de final de ano, que incidiu no quantitativo das crianças a serem contatadas, situação preponderante até mesmo para postergar-se o campo. Com isso, os fatos mencionados afetaram

⁹ Tratamento de imagem por Anna Ortega.

o número de participantes que, inicialmente, eram de oito crianças, que teriam entre 8 e 10 anos de idade, de ambos os sexos, conforme as proposições de Costa (2006). Todavia, a flexibilidade permitida pela metodologia empregada e o olhar para o campo desenhou outro cenário a ser explicado.

Iniciou-se pelo agendamento, para participação dos atores sociais no Reiki, salientando que este foi realizado pela equipe do Ambulatório no primeiro dia útil de janeiro de 2021, agendando efetivamente seis crianças: três meninas e três meninos. Com acesso à lista dos indicados e com o contato dos pais/responsáveis, formalizou-se o convite. Todavia, somente cinco deles responderam favoravelmente à participação, confirmando a presença de três meninos na faixa etária de 8, 9 e 10 anos e duas meninas, uma de 10 e outra que, por ter feito aniversário no final de dezembro (época da pesquisa), estava com 11 anos.

Outrossim, ficou acordado entre as partes que a assinatura dos respectivos Termos de Assentimento seria realizada na data prevista para o campo antes do início das atividades. Termo também produzido para as três terapeutas que atuaram na aplicação do Reiki. Todos ficaram cientes do objetivo e das abordagens que seriam trabalhadas durante a pesquisa com as crianças no dia 6 de janeiro de 2021, nas dependências do ATNC.

O Reiki é um do mais aplicados, sendo escolhido como atividade de campo por trazer elementos como a canalização de energia, que dialoga com as diversas subjetividades existentes no dia a dia e no ser humano, e que perpassa pelo que se busca entender quando se fala da noção que abarca a comunicação do sensível, do sujeito em processo de adoecimento ou das próprias PICS.

Identificou-se os atores sociais, partícipes deste processo, por um nome que perpassa pela oportunidade de as crianças serem vistas como Sujeitos, incorporando a isso o ato humanizado que reverbera na forma como tratamos ou vemos o outro ou gostaríamos de ser tratados, além da perspectiva do anonimato. Assim, elas serão nominadas como Pedro (8 anos); Paulo (9 anos); José (10 anos); Maria (10 anos) e Fátima (11 anos), crachás em anexo. Esta percepção também levou a denominar as três terapeutas que aplicaram o Reiki os nomes de Clara (sala 4), Rita (sala 6) e Lourdes(sala 7).

Figura 9 - Crachás das crianças



Fonte: assistente de pesquisa¹⁰.

Nomes são como as palavras, eles têm poder, têm força e dão sentido. Foi nessa lógica que se pensou em cada nome para as crianças e para as terapeutas, as quais têm nomes de batismo fortes, até um pouco incomuns. Com este olhar, a vontade e a certeza de manter a força foi o motivo pelo qual os nomes foram imaginados, aliado ao fato de dar o nome como forma de benção, justamente por acreditar no “poder da palavra e do nome”. Nomes não são puramente palavras, eles têm significados. Em alguns casos, dizem muito daquele que o tem. Nomes, inclusive, foram transmitidos por homens bíblicos, por santos e santas, e assim este foi o primeiro olhar para que recebessem cada um dos seus nomes fictícios, independente de sua religiosidade, da presença da fé e da espiritualidade; tendo consciência de que cada um dá o que tem e o que pode. Então, eles receberam de nossa parte nomes santos como agradecimento,

¹⁰ Tratamento de imagem por Anna Ortega.

exatamente gratidão e sensibilidade por permitirem a nossa presença naqueles instantes que farão parte de suas histórias de vida.

Há força no nome bíblico, mas também há força no nome social de homens e mulheres que vivem o dia a dia, independentemente de sua raça, gênero e condição socioeconômica. Sujeitos que comunicam ou não, são tocados ou não, mas são relevantes, porque a realidade é relevante, é marcante; ela transforma e é transformada por algumas destas pessoas. Então, voltou-se a olhar com o coração para cada um na dimensão de todo o processo de pesquisa, e a escolha foi feita. O mesmo critério de escolha foi realizado para a definição dos pseudônimos das terapeutas. Sabe-se que as pessoas são diferentes, os grupos são múltiplos, cada um constitui sua rede, e este pequeno grupo construiu uma teia formada por pessoas diferentes, que demonstraram que, mesmo com os contrastes, alguns vínculos podem coexistir. Assim, a relação está acompanhada de algumas informações constantes de seus prontuários.

Pedro e Paulo foram os primeiros nomes pensados, porque trouxeram a espontaneidade da criança em suas brincadeiras e nas falas. Logo, seriam os PMs, denominados no século passado de Pedro e Paulo, mas não pela força coercitiva, mas pela força da infância que fez com que ambos trouxessem alegria e movimento.

Paulo tem o dom da palavra, pois ele foi o mais falante, alegre, descontraído, perspicaz, sempre rápido nas observações. Seus gestos demonstraram afetuosidade com os demais. Estabelecia vínculos com as outras crianças, mesmo com aquelas mais tímidas. Ele nasceu em abril de 2011 e está no ensino fundamental. Quando se apresentou disse: “meu nome é (-); eu tenho 9 anos e eu gosto muito de brincar e de correr, hum deixa... (-) (bate uma mão contra a outra) eu moro um pouquiiinho mais longe daqui”¹¹. Na primeira consulta, ele foi acompanhado pelo avô. O prontuário consta as seguintes informações: que ele fica nervoso e ansioso com as atividades da aula, que vê pouco o pai e tem uma irmã com necessidades específicas, e ainda, está angustiado em terminar a aula. Também apresenta falta de confiança e insegurança. Em dezembro de 2020 o avô relatou que o neto estava melhor, mas que ele também era ansioso.

Pedro repete todos os atributos que observou-se em Paulo, pois, através do lúdico, foi ele que, com a chave do afeto, foi o primeiro que tocou no CoruGim e na Corujinha Flor, e a partir de seus gestos, motivou José, Fátima e Paulo a acolherem e tocarem as corujas com gestos de carinho. Ele nasceu em maio de 2012 e está no ensino fundamental, e apresentou-se da seguinte forma: “Eu tenho 8 anos, sou (-) e gosto muito de celular”. Pedro apresenta um

¹¹ Todas as falas podem ser conferidas na íntegra nos apêndices deste trabalho.

diagnóstico neurológico como hiperativo, e toma medicamentos. Ainda, tem uma relação boa com o padrasto e com os meio-irmãos (18 e 19 anos), e dorme com os pais (mãe e padrasto). O prontuário indica que ele é agitado na escola e já teve crise de ansiedade, e sua mãe diz que relaciona a hiperatividade com a ansiedade, já que ele não pára em casa, fala muito e tem pensamentos mais maduros. Ele é comunicativo, saudável, obediente, mas tem ciúmes da mãe, apesar de ter um bom relacionamento com ela. Adora animais, tem cachorros, canários e tartarugas em casa e, na conversa com o grupo, ele reitera isso e acrescenta que também tem animais na casa dos avós, onde fica no período de trabalho de sua mãe.

Maria tem a força de uma Maria, a escolhida, e que fez uma caminhada possuindo uma missão, que através dos seus gestos angelicais, sua voz singela tinha uma força, uma energia. Sua presença foi marcada pela observação, pelo olhar, pela palavra escrita. Ela, como muitas das Marias que estão no nosso cotidiano, demonstrou que suas palavras expressavam o que estava em seu íntimo, com a intensidade que a palavra e a mensagem tinham para ela, e que tocava o outro na intensidade que o outro permitia ou era capaz de permitir.

Maria nasceu em agosto de 2012, está também no ensino fundamental. Em sua apresentação disse “moro muito longe daqui, gosto de fazer novos amigos, gosto muito de socializar e amo brincar”. Maria iniciou a consulta no ATNC em 2012, ela reside com a avó e tem um irmão mais velho, pois sua mãe faleceu neste mesmo ano. O prontuário informa que ela é uma menina agitada, que ama doce, que tem muita ansiedade, e come muito doce em função da quarentena, por não conseguir abraçar os amigos. Está conseguindo aprender as tarefas do colégio e gosta muito de cachorro. Seu prontuário de dezembro de 2020 relata que sente ansiedade, come mais doces, como bala e chiclete, e é muito braba. Ainda, a prescrição seria a de comer menos doce.

José, sentado do outro lado, foi aquele operário, o construtor. Através da sua mágica proporcionou momentos brotando a alegria, a vida e o interesse das demais crianças. Em sua simplicidade, sempre usufruiu da partilha de seus conhecimentos, fazendo com que todos compartilhassem as suas infâncias naqueles instantes. Ele é o modelo daquelas crianças que criam, produzem e encantam com a sua vontade e dom. José nasceu em maio de 2012 e está no ensino fundamental. Ele se apresentou dizendo: “Meu nome é (-) tenho 10 anos, gosto bastante de fazer mágicas”.

José frequenta o ambulatório desde 2011. Em 2017, mudou de escola e gostava bastante da atividade física no jardim. Entretanto, a mudança foi grande. As transcrições falam de sua preocupação com a opinião dos outros e que se magoa facilmente e é sensível. Ainda, ele teve

problemas com os novos amigos, porque diz que eles não gostaram dele e manifesta não querer voltar para a escola.

Fátima, na força do seu testemunho, na sua forma comunicativa, demonstrava que aquela menina madura tinha em si a potencialidade de estabelecer vínculos. Seu olhar, sua presença, suas perguntas foram marcantes. Sua disposição de falar o que lhe vinha à mente e ao coração, não só sobre o tema, mas nas trocas que aquela geração se permitiu naqueles breves momentos. Fátima é como muitas Fatima's, também como Maria, tem nos gestos, na postura o desvelar de um Ser a expressão de um sentir que esteve no âmbito dos não ditos, mas que, ao mesmo tempo, a mantinha conectada à experiência que estavam vivenciando. Fátima nasceu em dezembro de 2009 e está no ensino fundamental. Ela se apresentou dizendo: “Meu nome é(-), eu tenho 11 anos. Hmm... Eu gosto muito de gravar vídeo e... Hmm... Eu também moro aqui perto, e eu... (gaguejou) E eu sou muito comum de criar novos amigos.”

Fátima começou a ser atendida no Ambulatório 1º de Maio em 2015, por diagnóstico de rinite, sinusite e ansiedade. Em janeiro de 2020, sentia-se mau humorada e tinha muita ansiedade. Em fevereiro, queixava-se da amiga que fazia *bullying* com as crianças do condomínio, apelidando-as. Já em dezembro de 2020, ela confessou que o ano foi cansativo, mas que brincou bastante no pátio, e que sua mãe ajudou muito nos estudos, e que se sentia mais calma, mais alegre e disposta. Ela usa medicação para déficit de atenção, bipolaridade e não estava fazendo nenhum exercício, mas queria correr ou caminhar.

Clara (terapeuta), por sua relação com os pequenos, pela singeleza que este nome traduz a importância de sua presença na comunidade.

Rita (terapeuta), porque, através da palavra e da espiritualidade, ela é aquela que aguarda o momento de transmitir a palavra e/ou conselho, após a escuta.

Lourdes (terapeuta) por observar, acolher e retornar àquele que precisa, quantas vezes forem necessárias.

5.3 COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi processada através dos resultados oriundos das três fases: Observação, Técnica Projetiva e Grupo Focal, além da consulta aos prontuários. Os dados coletados ficarão armazenados no Laboratório de Pesquisa da Comunicação das Infâncias (LabGim) por um período de cinco anos, e após, o material será descartado (arquivos apagados). A transcrição literal dos registros feitos, através do caderno onde foram feitas notas de campo

(fase 1) e dos vídeos produzidos pelas câmaras digitais e de celulares (fases 2 e 3), foi realizada na íntegra e disposta nos apêndices. No entanto os dados serão apresentados na análise, conforme a interpretação. Os relatos das crianças foram gravados e transcritos, tendo resultado 2h13min16s de gravação e 44 páginas de textos transcritos.

Importante destacar que, no decorrer das atividades, as crianças e as terapeutas foram chamadas por seus nomes de batismo, ratifica-se que os dados foram trabalhados de forma anônima e serão utilizados somente para fins científicos desta pesquisa.

5.4 ANÁLISE DE DADOS

O conjunto dos dados obtidos foram analisados com base nos pressupostos das técnicas de observação, técnica projetiva e do grupo focal, e das categorias que foram definidas a posteriori, elementos constitutivos da comunicação do sensível: Conversa Inicial; Espaço; Música e Aroma; Imposição das Mãos.

Na técnica de observação, vislumbrou-se a descrição da situação, materializando os fatos de acordo com as atividades que os atores sociais vivenciam (SANTOS *et al.*, 2016; JACCOUD *et al.*, 2008), bem como variáveis que se entende serem pertinentes para a percepção da prática com as crianças. A técnica projetiva compreende o desenho, a contar da experiência das crianças no momento em que recebem o Reiki e como estas interagem, levando em conta os aspectos que estão no âmbito do inconsciente (BORSA, 2010; ALVES, [201-]). Por fim, o grupo focal trata do estímulo e das percepções dos participantes, da sinergia e da troca de impressões por meio das interações que estabelecem (COSTA, 2006). Com este intuito, refletimos sobre as verbalizações e expressões internalizadas pelas crianças para a construção dos indícios que respondessem à questão de pesquisa.

Ratificamos que, em cada fase, respectivamente, foi definido um objetivo geral com o intuito de identificar o que pretendemos em cada uma das etapas.

1. Observação (Reiki): objetivo geral – identificar, através da imposição das mãos e das crianças, o que emerge deste momento.

2. Técnica Projetiva: Desenho: objetivo geral – identificar, através do desenho livre, como as crianças perceberam a sessão de Reiki que aconteceu.

3. Grupo Focal (Conversa): objetivo geral – fazer com que a criança manifeste, a partir do seu ponto de vista, o sentido e os significados que o Reiki tem no seu processo.

Em face da complexidade dos temas, foram considerados, em cada fase, os aspectos simbólicos que envolvem os movimentos corporais, como os gestos, o olhar, as expressões

faciais (alegria, tristeza, raiva), tom de voz, fala (discurso), o silêncio e a postura, as fontes de reflexão nos estudos, que têm por centralidade o sujeito, e que adentram os aportes teóricos da Comunicação do Sensível, das PICS, e da Criança e Infância.

6 RESULTADO E INTERPRETAÇÃO

Neste capítulo, apresentam-se os resultados e a interpretação, oriundas da orientação e do que emergiu do campo. Para tanto, as categorias, constitutivos da comunicação do sensível: Conversa Inicial, Espaço, Música e Aroma, Imposição das Mãos serão apresentadas de acordo com as fases que as tornaram evidentes. Importante salientar que no transcurso da pesquisa não foram ditos os termos que definem cada fase, mas as palavras Reiki (fase 1), Desenho (Fase 2) e Conversa (Fase 3), pois entendemos ser relevante utilizarmos uma linguagem que fosse compatível com o vocabulário e a compreensão da faixa etária a que se destinou.

6.1 CONVERSA INICIAL, MÚSICA E AROMA, IMPOSIÇÃO DAS MÃOS

Objetivo: identificar, através da imposição das mãos das crianças, o que emerge.

Nesta categoria, apresentam-se os resultados sobre a comunicação do sensível presentes na prática do Reiki. Esta fase (Reiki) fez emergir situações e emoções que atrelaram, algumas das conversas entre as crianças e o terapeuta e a efetiva realização da prática, comprovando a existência de diferentes formas de sensibilidades.

Como já salientado, nos consultórios as conversas são parte do processo, acontecem no início ou no final da terapia e abrangem informações contidas nos prontuários, outras questões gerais do dia a dia, e ainda sobre como as crianças estão se sentindo emocional e fisicamente; se houve alguma mudança desde a última consulta, se seguiram a orientação da terapeuta (orientação técnica) etc. Sob este aspecto, consideramos que este seria o lugar no qual as crianças, se quisessem ou conseguissem, estabeleceriam, por meio do diálogo, um “maior grau de comunicação e ativação do protagonismo e autonomia” (BARROS; NEVES, 2013, p. 417).

Verificou-se que, na introdução das conversas informais, cada profissional trazia para o contexto as suas características individuais, que foram identificadas no seu olhar e com a sua forma pessoal de acessar as crianças, através da escuta, imbuídos também da orientação técnica. Mesmo com suas peculiaridades, os atos e gestos das reikianas não expressavam qualquer tipo de hierarquização, mas um diálogo descontraído. Com isso, notamos que elas tentavam fazer com que a conversa fluísse, o que surtiu efeito com algumas das crianças e com outras nem tanto. Como a conversa da terapeuta Rita com o menino José, 10 anos, (Consultório 6). José traz em seu histórico, oriundo do prontuário, ser uma pessoa sensível e que se preocupa com a forma como os outros o percebem e o aceitam nas relações, e ele, efetivamente, se conectou com a terapeuta, por meio da mágica propulsora desta relação.

Rita: E me conte! O que você gosta de fazer José?

José: Hmm, é mágicas!

Rita: É!? Hmm...

José: Só eu não sou mágico, quer dizer, eu nunca fiz um show de verdade assim, mas eu já fiz tipo um showzinho assim.

Rita: Que legal!

José: Na escola de inglês eu fiz um showzinho.

Rita: Hmm que bacana, e tu ficou tipo num palco?

José: Não, tinha... era uma mesa firme. [...] Um show surpresa! Nem eu sabia que eu ia fazer o show, ninguém sabia né, tipo, eu levei um livro e daí eu fui pegar o material de fazer a mágica.

José: Eu fiz uma mágica assim de um livro que eu... que o livro fecha sem eu encostar nele

Rita: Eu queria ver! Se eu puder... (//)

José: Ah eu adoro fazer mágica, (titubeia) também ah dá um troço no rosto, eh ahn (dá uma risadinha) é engraçado

Rita: É

José: Ahn por exemplouu (-) tem umas mágicas lá que dá (-) umas mágicas que quebra o nariz e fica agoniado alguma coisa assim

Rita: Como é que faz, faz para mim

José faz o movimento no nariz, ao ver Rita arregala os olhos, leva a mão até o nariz sem tocá-lo efetivamente (estava com máscara) e faz uma careta como se sentisse dor por causa da demonstração.

Rita: cruzis aiihh

Rita: Huiuu não doe isso,

Rita: É

José: Não...Eu não sinto nada

Rita: Uihhh doeu (pequenas risadinhas) em mim doeu (fez uma careta novamente e ri novamente). (JOSÉ. Interlocução I. [jan. 2021]. Terapeuta: Rita. Porto Alegre, 2021. Consultório 6: vídeo 2 e 3. A conversa na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

O Mágico José, assim se considera, trouxe expressões que externalizam (ao gesticular, em sua fisionomia, no movimento dos olhos, das sobrancelhas e na entonação de voz), a alegria e o entusiasmo da experiência vivida, como mágico. Fez uso intensamente da comunicação não-verbal ao falar sobre o assunto, uma comunicação que está no plano do sensível e que dialoga com as considerações de De Marco (2006), que indica que a comunicação é algo efetivamente considerável, já que cria elos a partir do processo de fala e escuta, integralizado pela comunicação não-verbal, avultando a exteriorização pelo(s) sujeito(s), das expressões pelos gestos, pelo contato visual e/ou postura.

Observamos o interesse e o esforço da terapeuta, não só em conversar, mas em seguir as orientações para a realização da mágica proposta por José no consultório. Tais demonstrações, para nós, seriam os estímulos, que transformaram aquele menino retraído em alguém que manteve, naquele instante, uma conversa descontraída a contar sobre aquilo que o fazia feliz, mas que não trouxe garantia alguma de conexão com a terapeuta. Aspecto a ser considerado, visto que, ao falar sobre o Reiki, ele não confirmou ter recebido a prática, mas com menos intensidade mantém a voz descontraída na continuação do diálogo. Percebemos que

a voz de José reduziu um pouco a espontaneidade, mantendo um nível agradável, como no grupo, no qual as suas respostas e manifestações sobre o Reiki foram lacônicas. Isso, porém, não nos permite dizer que ele não sentiu em intensidade, porque a maneira de expressar sensações também espelham as características individuais dos sujeitos.

Rita: vamos lá fazer um (diz dando umas palmadinhas na maca) (-) tu já é acostumado a fazer o reiki né
José: Ah eu nunca fiz reiki
Rita: o que vocês (-)
Rita: É mas Acho que quando tu era bem pequenininho ela fez quando tu chorava, será que não
 Mãe do José é terapeuta
José: Assim acho que não
Rita: Vocês fazem Yoga juntos, tu gosta Não faço muito Yoga não mas eu gosto (//)
José: Sei como é do escorpião mas (gagueja) mas não consigo fazer
Rita: Não sei como é do escorpião estou tentando lembrar
 É aquele lá do escorpião que tu equilibra o corpo inteiro com o cotovelo. (José. Interlocução. [jan. 2021]. Terapeuta: Rita. Porto Alegre, 2021. Vídeo 2 e 3. A conversa na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação).

Mas, a contar do nosso estudo, situações como estas demonstram não ter ocorrido a sintonia preconizada pela comunicação do sensível, o vínculo foi momentâneo e naquilo que era especificamente de interesse da criança. O que poderíamos dizer que condiz com o que a sociologia da infância é o preconiza sobre a criança ser alguém capaz de expressar exatamente os seus sentimentos e vontades, sem que haja a reprodução dos atos e pensamentos dos adultos. A criança, mesmo que já conheça a prática, e já tenha um histórico de atendimentos, a cada sessão ela experiencia uma situação diferente, porque tem a ver com a sua bagagem, com o seu estado de espírito, e com tudo o que se manifesta até chegar naquele momento. Neste contexto, conversa e cuidado podem não ser novamente efetivos e congregam a sensibilidade, da qual estamos falando, como no diálogo entre Maria e Clara. A menina não dorme no escuro, pareceu ser algo recorrente, então Clara a orienta (Consultório 4). Confira.

Clara: Vamos combinar, vais reduzindo a luz, porque o sono é importante... dorme mais cedo e quando acordar não dorme novamente...espere, faça algo até sentir que está com sono mesmo.
Maria: tá bem, vou tentar. (Maria. Interlocução. Terapeuta: Clara. Porto Alegre, 2021. Anotações realizadas pela autora no caderno de campo. Parte da conversa encontra-se transcrita no Apêndice C (1.1) desta dissertação).

Maria responde automaticamente, baixa a cabeça e o significado da palavra tentativa ao lado deste conjunto de elementos, em nossa visão aponta para o fato de que talvez ela não faça o que está sendo orientado, ao considerarmos que uma criança na sua faixa etária não seria capaz de controlar esta situação. Por exemplo, ela pode esquecer já que liga a televisão quando

o sono não vem. O tempo de compreensão dela, nesta circunstância, seria diferente do tempo de um adulto. O processo com que Maria vem se defrontando com relação ao sono até poderá ser amenizado ou resolvido. Todavia, para o que tange esta pesquisa não configurou-se neste caso a presença de um fator que levasse a menina a uma reflexão sobre esta mudança de comportamento; não ocorrendo, desta forma, qualquer sinal dos elementos que congregam à noção do sensível.

Verificamos que, no caso de José e Maria, quando falamos da comunicação do sensível, nos critérios apresentados por Marcondes Filho, ela não se manifestou; foi uma simples troca. Todavia, acontecimentos descritos por outras crianças evidenciaram que elas foram ou são afetadas, como na conversa entre Rita e Fátima. Aqui estabelecemos, então, uma outra conexão que ocorreu não a partir de algo que fazia Fátima (11 anos) feliz, mas de um fato que a perturbou e que narrou à terapeuta Rita (Consultório 6).

Fátima: [...] eu e minha mãe tivemos um problema (//)

Fátima: Aquilo não saía da minha cabeça e repetia e repetia

Fátima: Estou nervosa ainda, mas depois fiquei relaxada, mas todos estão bem.

Fátima: Fui para casa... a amiga da minha mãe me levou e ela foi resolver as coisas.

Fátima: Me preocupei [...], fiquei preocupada, com ansiedade, com medo

Fátima: Mas depois fiquei relaxada.

Fátima: Ficou todo mundo bem [//]

Fátima: Depois vi que tudo ficou bem [//] relaxei. (Fátima. Interlocução. Terapeuta: Rita. Porto Alegre, 2021. O diálogo encontra-se transcrito no Apêndice C (3.1) desta dissertação).

Ela chegou no consultório descontraída, falando do que gostava, mas, em seguida, mencionou o fato. Então, enquanto narrava, a terapeuta a observava, acompanhando os seus movimentos. Manteve o silêncio, que, ao mesmo tempo, foi reflexivo e acolhedor. Ao acolher aquela fala, tratou o assunto como algo que não poderia ser negado ou esquecido, deixando transparecer que, naquele momento, o mais importante era escutá-la, e saber como se sentia. Então, face à evidência de um acontecimento que ainda estava pulsando na menina, a terapeuta perguntou com o olhar fixo nela, mas com uma voz branda e segura:

Rita: Tu teve medo? Insegurança? Complementando:

Rita: Normal tu te sentir assim, tu estavas preocupada com as outras pessoas (...) e como tu te sente agora!?

Fátima: Bem! (Fátima. Interlocução. Terapeuta: Rita. Porto Alegre, 2021. A conversa encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação).

Esta escuta, com foco no cuidado e no ato humanizado, exibiu uma prática que se manifesta não somente pela audição, porque ela não retrata apenas ouvir o que o outro tinha a dizer, mas a intenção de efetivamente entender ou de buscar entender este outro (não só através

dos prontuários). Saber como este se encontra no decorrer da consulta, trouxe à luz elementos que indicaram que os acontecimentos vivenciados repercutem no adoecimento, como a ansiedade citada por Fátima, ratificando que “as práticas de saúde não só intervêm no elemento propulsor do adoecimento, mas na melhoria das condições reais e concretas da vida individual e coletiva,[...]”.

Percebeu-se que houve uma mudança de uma situação de medo e insegurança, que foram transformados em uma situação de conforto e segurança evidenciadas pela forma como Fátima olhava a terapeuta e, aos poucos, reduzia os movimentos que estavam mais agitados do que quando chegou.

A resposta de Fátima pareceu ser a confirmação disso, ao dizer que se sentia “bem”. Seus gestos e movimentos também sinalizavam isso, pois, ao colocar para fora tudo que a estava perturbando, pareceu relaxar um pouco ao final do relato. Aqui o processo de conversa configurou, em nosso entendimento, nas noções de sensibilidade, ainda que Fátima se considerasse uma menina comunicativa, a forma com que sua história foi tomando corpo, os aspectos relativos à sua linguagem corporal, indicavam um pedido de ajuda. Partindo deste pressuposto, ela foi tocada, sua expressão, seu olhar, demonstraram que ser ouvida e ter uma resposta de uma situação tão presente amenizou as sensações e os sentimentos desagradáveis, e os medos que estavam em seu interior.

Fátima ao ser percebida pela terapeuta, dá sentido às palavras de Marcondes Filho, ao ter em conta que “o sujeito, [...], além de ser percebido, precisaria reconhecer os fatos do cotidiano, as emoções e afetos para que esta comunicação se configure.” A abertura possível para a compreensão dos problemas no que diz respeito aos fatores de adoecimento, seriam reduzidos. Acreditamos, se a criança fosse percebida nos seus detalhes, na fala, no gesto, nos sentimentos que absorve, porque não há como ser percebido sem ser exatamente visto, olhar sem ver ou ver sem olhar não garante a ninguém a possibilidade sequer de ser percebido ou de se considerar integrante de qualquer lugar ou grupo. Perceber e pertencer também demandam fatores de saúde.

De uma maneira muito sutil, pode-se constatar que a percepção da terapeuta sobre o estado físico e emocional de Fátima auxiliou na conexão de ambas e refletiu no fluir da energia proveniente do Reiki no instante da sessão, confirmando a ideia de Fischer e Adams (2010) sobre a comunicação interpessoal, na qual “os sujeitos se ligam entre si pelo que emerge do comportamento inter-relacionado”. De qualquer forma, considerou-se, através do que observou-se no campo, que a conversa não pode ser vista separadamente. Ela é o primeiro fator

que geraria a conexão da criança com o terapeuta e da criança com o Reiki, sendo que, o segundo fator está ligado à relação que se estabelece entre o emissor da energia e aquele que recebe, como aconteceu com Pedro.

Pedro (8 anos) ao se dirigir ao consultório 4 para ser atendido pela terapeuta Clara, encontrou no estreito corredor do Ambulatório outra reikiana, chamada aqui de Lourdes, que havia terminado um atendimento. Seus olhos brilharam e a ansiedade se fez presente quando Pedro se deparou com Lourdes. Então Clara pergunta:

Clara: Tu queres fazer com a Lourdes!?

Pedro: Quero! Eu sempre faço com ela! (Pedro. Interlocução. Terapeuta: Clara. Porto Alegre, 2021).

Teve-se a sensação de que até antes mesmo de sua resposta, os movimentos do corpo de Pedro já haviam transmitido a sua vontade. Interessante perceber que ele aceitaria permanecer com Clara, mas a confirmação da troca fez com que Pedro imediatamente demonstrasse a sua felicidade. Este episódio foi de uma intensidade que fez entender que havia uma conexão entre eles, e que estava sedimentada por uma relação face a face, por sentimentos de afeto, amizade, confiança e cumplicidade, que não condizia com um vínculo momentâneo, e que abarca os estudos sobre sensibilidade elencados pelos autores neste trabalho. Este contexto põe em destaque características de sensibilidade e de sentimentos, que traduzem e/ou levam “à paixão, à emoção, numa palavra, aos afetos de que estão impregnados os fenômenos humanos.” (MAFFESOLI, 1998, p. 10)

Na presença das duas terapeutas, ainda que tenha ficado, aparentemente, sem coragem de afirmar que gostaria de fazer a troca, este não conseguiu esconder o entusiasmo de receber o Reiki de sua “terapeuta favorita”, mas foi assertivo ao dizer que não gostaria que estivessem presentes na hora da conversa, dois estranhos (Pesquisadora/Assistente) que participaram da sessão do Reiki. Há, nesta situação, a potência do protagonismo deste ator social ao escolher o sujeito que realizaria o Reiki e de quem estaria presente no momento da conversa. “Agora eles ficam, mas depois não”.

Isso vai além da escolha da terapia, uma vez que “a introdução das práticas alternativas de assistência no âmbito dos serviços de saúde, possibilitando ao usuário o direito democrático de escolher a terapêutica preferida.” (NASCIMENTO *et al.*, 2013, p. 3597). As palavras e atitudes de Pedro demonstraram que ambos estão conectados por um estar junto, por uma forma de comunicação, que se estabelece pelo convívio, pela construção de uma amizade, que reforça o caráter relacional “um estar-juntos no sentido de explorar os afetos da experiência vivida.”

(ESPINOSA, 1983, p. 23). Aqui percebeu-se o movimento de abertura de ambos (criança e terapeuta), por motivos diversos, mas a conexão era densa, havia uma troca composta também por outros elementos imperceptíveis, mas que estavam ali naquele tempo, constituindo naquele espaço outros desejos e vontades como a escolha de Pedro pelo tipo de aroma.

Reiki Lourdes e Pedro

Antes de começar o Reiki, já na maca, Pedro comentou que a mãe quebrou o seu floral.

Lourdes: Vamos fazer outro.

Lourdes: Queres o cheiro, quer escolher?

Pedro: O que?

Lourdes: Laranja, Eucalipto e Lavanda.

Pedro: Lavanda. (Pedro. Interlocução. Terapeuta: Lourdes. Porto Alegre, 2021. (Consultório 7). Vídeo 6 a 8. A interlocução encontra-se transcrita no Apêndice C (5.1) desta dissertação).

As cinco crianças corpus da pesquisa tiveram a oportunidade de entrarem em contato com o que afeta a sua totalidade (integralidade), como as moléstias ou as doenças sociais, ao participarem do Reiki, face à visão de integralidade que está neste canal de energia que emana das mãos através do cosmo. Então, tratar de coisas reais, que se concretizam, de fato, através das palavras e das imagens, é também tratar daquelas que não são palpáveis, que estão no patamar do irreal, do espírito, que envolve a alma, ou seja, a essência de cada um. Acrescenta-se a isso o fato de escolher qualquer tipo de terapia ou aceitá-la não é algo unânime entre os profissionais ou entre os sujeitos em situação de cuidado, o que não seria diferente para as crianças, porque, para isso, estes atores precisam crer ou encontrar em si mesmos a potencialidade de tais recursos que foram percebidos por algumas das crianças neste processo.

A sessão de Reiki está na esfera do (in)visível e pode ser expressa, porque comunica pela linguagem, pelo corpo. Nesta linha, há uma dimensão de sentimentos e distúrbios que, talvez, sejam deflagrados e tratados; algo que perpassa pela consciência e pela mensagem e/ou sintoma reproduzido através do corpo, e que nos direciona às ponderações de José Gil, e são mencionadas por Marcondes Filho (2019) da seguinte forma: as percepções seriam o elo entre consciência e o corpo, dizendo que “estas junções partem dos pequenos percebimentos e intuições presentes no dia a dia, como atos simples do cotidiano e que, sem sombra de dúvidas, acabam por estabelecer um tipo de comunicação”. Em especial, porque há outras evidências, no tocante ao ambiente, e as outras modalidades de prática usadas como a musicoterapia e a aromaterapia, que atuam sobre os sujeitos em tratamento (crianças). Assim, observou-se que a música e o aroma estavam presentes em todas as consultas.

O fator multiprofissional e a combinação de terapias repercutiram no tratamento como um todo. A música, assim como o aroma, atinge as emoções, os aspectos cognitivos e mentais, a música, por si só, tranquiliza e permite uma maior receptividade por parte daquele que recebe, o que notamos com as crianças no processo do Reiki. O aroma, por sua vez, não só limpou o ambiente, mas agiu sobre a criança. Isso, juntamente com o processo de orientação, feito pelas terapeutas, viabilizou que outras partes do corpo da criança entrassem em harmonia, que houvesse uma coesão entre os diferentes sentidos, já que tanto a música quanto o aroma permaneceram no decorrer de cada sessão. Vejamos o procedimento em sua essência:

Reiki: Rita e Fátima

Rita: Aceita que seja colocada a música?

Fátima: Sim.

Rita coloca o aroma nas mãos de Fátima.

Rita: E aí tu vais inspirar.

Fátima: Assim, colocando as mãos com o óleo próximo do nariz (e após o procedimento Fátima coloca as mãos ao lado do corpo).

Rita: Sente um pouquinho do aroma (inspiração emitindo um som forte “Hunz”).

Rita: Não precisa colocar muito próximo, mais ou menos só.

Rita: Inspira fundo e solta.

Rita: Inspira pelo nariz solta pela boca.

Rita: Pensa nas coisas que tu gostas, que te deixam feliz, aí tu inspira assim (Humz).

Rita: Naquilo que tu não gosta muuuito tu solta (Rah).

Rita: Aquilo que tu quer (Humz).

Rita: E aquilo que tu não quer mais (Rah).

Rita: Vais relaxar. (Fátima. Interlocução. Terapeuta: Rita. Porto Alegre, 2021. (Consultório 6). Vídeo 2. A interlocução encontra-se transcrita no Apêndice C (3.1) desta dissertação).

Por outro lado, a música e o aroma complementam também os sujeitos, pois, estabelecem com eles, uma relação de lembranças, afetos. São referências, muitas vezes, do local onde habitam, e como tal, marcam ainda mais aquele instante, já que produz e reproduz elementos do ambiente.

No que tange ao Reiki, em um primeiro momento, a música e o aroma estão, efetivamente, entrelaçados a outras duas técnicas: meditação e respiração. No cotidiano do ATNC, ambas são executadas pelas crianças em uníssono com a fala branda das reikianas, aqui exemplificado no atendimento a José. Consequentemente, todos os modelos se entrelaçam identificando o “fazer” que realça “o sentido dessas práticas no dia a dia de trabalho, vivendos-as e utilizando-as [...]” (TELESI JÚNIOR, 2016, p. 99), como algo marcante e concernente às práticas integrativas. O fazer, e como fazer, manifesto naquilo que sintetiza a busca do lugar das crianças na sociedade, aporta na possibilidade de um fazer e como fazer conduzido por elementos que auferem a este sujeito a possibilidade de compor a sua própria saúde, ou que seja

capaz de identificar suas necessidades, desejos, perspectivas, sem que haja, por parte do outro, qualquer tipo de tradução; ele enquanto criança expressando ou internalizando o seu querer.

Reiki: Rita e José

Rita: inspira pelo nariz e solta pela boca.

Rita: pensa naquilo que tu gosta muito, aquilo que tu quer muito e aquilo que tu não quer mais.

Rita: Aquilo que tu quer, tu inspira, aquilo que tu não quer, tu hãñ (expira ao mesmo tempo em que afastas as mãos como se estivesse jogando a energia ruim para longe). (José. Interlocução. Terapeuta: Rita. Porto Alegre, 2021. (Observação - Consultório 6). A interlocução encontra-se transcrita no Apêndice C (4..2) desta dissertação).

A música e o aroma coabitam com a busca pelo bem-estar dos atores sociais, indo de encontro àqueles acontecimentos que, conseqüentemente, foram absorvidos pelo (in)consciente e geraram um processo de adoecimento. Sob este prisma, entendemos que as afecções e o imaginário fazem parte das características humanas e das variáveis sociais, como observou-se, pois:

As margens instáveis entre o ego e o mundo, entre o real e o imaginário, entre o existente e o imaginário, entre o existente e o projetado fizeram do corpo um sistema de interações e conexões. Como matéria do vivido, o corpo tornou-se foco privilegiado para a atividade constante da modificação e adaptação por meio da troca de informação com o ambiente circundante (SANTAELLA, 2004, p. 66).

A sessão de Reiki indicou a relevância deste fato, ao mostrar que os corpos das crianças não estão inertes às situações e nem às circunstâncias ou benefícios gerados pelo fluxo vital de energia emanado por esta PICS ou pelo ambiente. Verificamos que, inclusive, a meditação, concentração, respiração e movimentos musculares são meios que revelam, em um primeiro momento, os problemas físicos e emocionais que nem sempre são identificados ou percebidos pelo outro, mas que podem fazer parte da realidade das crianças e se somar aos possíveis problemas e aos seus cotidianos. Esta nova experiência, que os afasta daqueles que gostam, dos seus afazeres, das brincadeiras, da escola, dos amigos, enfim, esta realidade que também expõe as suas dificuldades e que, talvez, estivessem sinalizadas nos movimentos corporais que ocorreram quando as crianças estavam recebendo o Reiki.

Os relatos transcritos no prontuário de Pedro talvez façam parte da experiência dele com o Reiki. Pedro é uma criança com diagnóstico de hiperatividade, faz uso de medicação, fala muito, tem ansiedade e pensamentos maduros, segundo a sua mãe. Adora os meios-irmãos e os animais. Em 22/10/2020, falou que é ativo, comunicativo e que estava menos ansioso, ajudava

em casa, conversava sobre as suas atividades e não ia voltar para a escola. A mãe também diz que está ansiosa (24/09/2020).

A bagagem de vida de Paulo é reflexo do ambiente, da sociedade e, principalmente, da família, e suas reações quando recebe o Reiki, necessariamente, não estão voltadas somente ao que sente naquele instante, mas ao que se constrói ao longo da jornada.

A experiência é um dos marcos para o aprendizado, para o conhecimento. Então, o cotidiano é esta presença que se efetiva, muitas vezes, na fala, e que repercute na sessão de Reiki, pois o dia a dia ocupa na vida dos sujeitos o espaço de conhecimento e reconhecimento de diferentes espécies e situações. O Reiki se torna o real cuidado de saúde desta criança. Em sua consulta (09/12/2020), Paulo disse que ficava nervoso e ansioso com as atividades da aula; já no dia 16/12/2020, seu avô relatou que o neto estava melhor e que ele também era uma pessoa ansiosa. Uma ansiedade, ou ainda, uma tensão mencionada pela mãe em 06/06/2017, e que, devido à faculdade, ela acordava com os dentes cerrados, mas que dormia bem.

Dizemos que o corpo comunica, mas, muitas vezes, a voz da criança dá a dimensão do que esta meditação, concentração, respiração e movimentos musculares representam para ela, ainda que levem em sua mente aquilo que também está transcrito em seu prontuário. Sob a ótica da sensibilidade, este cenário necessitaria ultrapassar a proposta de uma relação interpessoal, porque iria além do “[...] olhar, ouvir, sentir, mas, efetivamente, de se envolver com ela” (MARCONDES FILHO, 2019, p. 30), o que permeia esta energia que fluiu do cosmo e que se efetivou através da transformação das vibrações e representações em processos simbólicos.

Reiki: Rita e Fátima

Rita ficou por um bom tempo com as mãos emanando energia na face de Fátima, depois transpôs a energia para o pescoço, como se buscasse aliviar possíveis tensões, retornando novamente à face e ao peito. A sensibilidade decorrente da energia que é transmitida, parece fluir mais tempo em partes do corpo, que aparentam se comunicar com a reikiana. Não podemos, de forma alguma, dimensionar se a energia naqueles pontos é mais intensa, mas, de uma certa forma, o corpo responde, e isso é evidente. Da mesma forma que é importante a criança conhecer o seu corpo, as suas funções, o que ele expressa, porque o corpo identifica a pessoa, faz parte da sua personalidade e, qualquer processo de transformação, provoca nele uma mudança interior.

Fátima somente abriu os olhos, olhando para a terapeuta, no momento em que o Reiki estava agindo em suas pernas, acima dos joelhos, tornando a fechá-los em seguida. O corpo

comunica o seu estado de "estresse, angústia, ou dor", alguns movimentos foram emanados, da perna direita à altura do joelho de Fátima, exatamente quando as mãos da terapeuta, em uma fração de segundos, ficou estendida sobre estes membros. Pequenos movimentos se conectam à energia cósmica transmitida por aquelas mãos. As pálpebras e a respiração se tornam mais densas. A sessão de Reiki de Fátima e seus movimentos involuntários reforçam, de certa forma, as questões que a menina tinha vivido no dia anterior e o quanto ela foi afetada pelos fatos por ela narrados.

Reiki (observação – consultório 4)

Terapeuta Clara - Maria

Algumas semelhanças são percebidas também no momento em que Maria participa do Reiki. Conforme a terapeuta Clara, foi acessando cada ponto de energia no corpo de Maria, a tranquilidade expressa na voz no momento da conversa, e as oscilações emanadas da energia transformaram aquela tranquilidade aparentemente presente na fala e tom de voz, da menina em movimentos agitados, conforme a reikiana se deslocava de uma parte do corpo para outra. Aos poucos, a reação de tranquilidade vai retornando, e ficando em um estado de relaxamento, enquanto ainda estava deitada na maca. Percebeu-se que o relaxamento também ocorreu a partir da melodia e do aroma que ajudou Maria a se sentir relaxada.

Neste instante, identificou-se a preponderância do vínculo entre o corpo e a energia recebida, que dialoga não só com os fatores de adoecimento, mas também com as emoções, pois confirmou-se que “o vínculo atravessa o corpo, o afeto, passa pelo sentimento, por ódio [...]” (SODRÉ, 2002, p. 87), o que condiz com a comunicação do sensível, como algo impalpável, mas real, algo visível e questionável, e que, de alguma forma, será confirmado ou não. Coaduna com o fato de que as mãos são membros que se comunicam por si só, através dos gestos por elas produzidos, e isso é comunicação, expressam um tipo de linguagem ainda que simbólica, como da terapia reikiana.

Na prática, testemunhou-se que o Reiki, pela imposição das mãos, transmite às crianças códigos/sinais, criando uma conexão com o outro para uma dimensão além do corpo, uma vez que a tríade terapeuta-energia/vitalidade-criança estabeleceu uma dinâmica com base na troca e com foco na saúde. Ainda que as práticas terapêuticas ensejem a cura, o bem-estar físico e mental ou o conhecimento do que gerou o adoecimento, é interessante levar em consideração que “todos os envolvidos terão suas sensações individualizadas com a mesma profundidade, ainda que vivenciem as mesmas situações, pois a construção mental que cada um terá será

diferente de pessoa para pessoa” (MARCONDES FILHO, 2008, p. 79), como expresso na sessão de Paulo (9 anos) com a terapeuta Clara (Consultório 4).

Reiki: Clara e Paulo

Paulo, deitado com suas sandálias, ficou por muito tempo com uma tranquilidade que transparecia em seu rosto, era como se estivesse dormindo e nada pudesse afetá-lo, nem dores, nem lembranças, nada. Isso porque o corpo de Paulo, em processo de energização, ficou imóvel. Porém, quando as mãos do terapeuta iam se aproximando de suas pernas, a respiração dele foi ficando um pouco ofegante, mas a permanência das mãos da reikiana posicionadas naquele ponto foi fazendo que, aos poucos, a respiração dele retornasse à normalidade. Clara direcionava, às vezes, seu olhar para o rosto de Paulo que tornou a permanecer imóvel, deitado com as pernas erguidas e os pés sobre o rolo de posicionamento, seu corpo pareceu ficar outra vez em completa harmonia, tranquilo atestando a plena serenidade. Cessaram os movimentos e Paulo aparentava novamente dormir. Estava naquela sessão de Reiki em um grau de concentração que pareceu não perceber a presença da terapeuta, nem o toque daquelas mãos que estavam emanando energia para o seu corpo.

Depreendeu-se que há neste processo a transversalidade do conhecimento científico e do saber popular, como parte do universo da razão e do sentir e que requer um “saber ouvir o mato crescer”, isto é, ‘estar atento a coisas simples e pequenas. Gerir o saber estabelecido e atinar com o que está prestes a nascer, [...]’ (MAFFESOLI, 1988, p. 35). Um nascer de alguma coisa que não é visível, ou seja, a energia, mas que tem concretude ao expressar o sentir e as sensibilidades através da voz e do silêncio dos atores sociais que integram o campo de pesquisa.

Outro fator expressivo e que efetivamente age sobre cada uma das crianças é o ambiente e a sociedade, ao atuarem sobre doenças como depressão e ansiedade que, muitas vezes, são produto destes polos, em que a “realidade social da vida cotidiana é, portanto, apreendida num contínuo de tipificações que se vão tornando progressivamente anônimas à medida que se distanciam do ‘aqui e agora’ da situação face a face.” (BERGER; LUCKMANN, 2001, p.52). Assim, infere-se, a partir do campo, que este “aqui e agora”, formatado pela Covid-19, hoje faz com que o vínculo terapêutico necessite compor, de forma harmônica, o que está no universo da razão e do sentir.

Agrega-se a isso, ao observar as crianças, a relevância da pluralidade e da visão holística como algo real, ainda que não se esteja dizendo que há, neste contexto, uma verdade absoluta, mas sim que esta visão plural e holística que fomenta a comunicação do sensível e as PICS, e

foram as forças complementares e propulsoras que nos auxiliaram a perceber o que emergiu das conversas e da energia emanada pela imposição das mãos que levou à “premissa da harmonia, das subjetividades, [...] da autotransformação [...]” do corpo destas crianças frente às sensibilidades geradas ao receberem tal energia.

Reiki: Rita e José

Sons externos não pareceram adentrar aquele lugar ou aquele momento, como o canto do galo que persiste em todas as sessões. José, deitado, ficou com os braços sobre o corpo, enquanto a terapeuta estava com as mãos ao lado do seu rosto, cobrindo os ouvidos. E ainda, naquele segundo, ele coloca os braços ao lado do corpo. Com a posição das mãos, depois, no semblante e no peito, pareceu relaxar de imediato, mantendo os olhos fechados, respirando sossegadamente como se estivesse dormindo. Interessante que o mundo externo não se materializa como algo real, o som das portas, das palavras ditas no corredor ou até mesmo o galo, é como se estivesse com uma aura que o afastou do que a realidade produzia. Quando a energia foi no sentido das pernas, José abre os olhos e levanta a cabeça vendo o que a terapeuta estava fazendo, retorna, colocando a cabeça novamente sobre o travesseiro. De olhos abertos, ele está com o seu olhar direcionado à profissional, depois olha para a parede, para o teto, e volta a acompanhar os movimentos das mãos impostas. Retorna a levantar a cabeça, a olhar para cima e para baixo, a fechar os olhos de novo e continua, espaçadamente, a se movimentar. Até que as mãos de Rita retornam a serem postas em seu rosto e peito, e ele voltou a ficar tranquilo. Rita passa a mão sobre a cabeça de José (//).

Reiki: Lourdes e Pedro

O galo insiste em cantar em alto e bom som. Pedro, em seu momento, permanece com as mãos cruzadas sobre a cabeça, as pernas esticadas, uma ao lado da outra, pássaros ecoam seu assobio. E com o rosto virado para o lado direito permanece de olhos fechados, mas o movimento de sua respiração é visível. Uma respiração, com intervalos, que se torna mais forte e outros momentos amenos. Porém, aos poucos, seus pés se movimentam por uns segundos. O processo de aplicação desta energia, que emana das imposições das mãos de Lourdes, não tem o relaxamento e a concentração total de Pedro, que permanece com sua mão direita sobre a cabeça mexendo os dedos da mão esquerda. Estando com as mãos postas uma ao lado da outra, ao descer para a altura do peito, o semblante de Pedro começa a transparecer tranquilidade como se estivesse a dormir.

Neste ponto, percebeu-se que não há como pensar que todos irão ter a mesma capacidade de estabelecerem uma relação pela conversa ou de transformação pelo que dela emerge, ou mesmo pela concentração no momento do Reiki. O terapeuta é o mediador daquilo que se pode intuir pelos gestos ou se perceber pela fala, mas, como mediador, talvez ele tenha a capacidade de ver além daquilo que está explícito. Ou quem sabe somente as crianças, ainda que se movessem, como no caso de Pedro e José, poderiam desvelar os mistérios, dizendo, por exemplo, o quanto estavam relaxadas no momento do Reiki.

No caso de Pedro, especificamente, não se pode afirmar que, apesar de mexer as mãos e os dedos, ele não estivesse parcialmente ou totalmente relaxado e tranquilo enquanto recebia o Reiki. Mas pode-se identificar, de uma maneira ou de outra, que esta comunicação do sensível fez parte deste processo, seja na conversa entre Fátima e Rita ou na forma como a transformação dos corpos dessas crianças evoluiu de um processo a outro pela imposição das mãos das terapeutas. A energia foi transmitida, e eles se conectaram com a tranquilidade por ela emanada. A *paz* percebida no rosto das crianças condiz com as palavras *tranquilidade* e *equilíbrio* constantes na escadaria.

6.2 ESPAÇO, MÚSICA E AROMA, IMPOSIÇÃO DAS MÃOS

Objetivo: identificar, através do desenho livre, como as crianças perceberam a sessão de Reiki que aconteceu.

Nestas categorias, estão descritos os elementos constitutivos presentes na comunicação do sensível e que servem de referência para que se possa compreender a visão das crianças sobre o Reiki, através do que expressam pelo desenho. A técnica projetiva ou o “desenho”, como foi informado para as crianças, lhes deu a liberdade enquanto protagonistas de trazerem a seu modo “sua maneira de ver, sentir e interpretar [...]” (FORMIGA, MELLO, 2000) o Reiki recebido. As crianças, nesta fase, ao tomarem conhecimento do que identificariam no momento da sessão, interagem trocando ideias, e conversam sobre a criação.

Desenho: Paulo e Pedro

Pedro: Eu tô fazendo uma praia.

Pesquisadora: Vocês façam aquilo que vocês entenderam naquele momento.

Paulo: Eu tô fazendo o meu sobre o Reiki, eu debruçado lá e ele fazendo.

Pedro: Eu tô fazendo eu assim.

Pesquisadora: Vocês façam o que vocês perceberem, o que vocês acharam.

Paulo: Deixa eu acabar os braços aqui. (Pedro. Interlocução. Pesquisadora. Porto Alegre, 2021. 1 vídeo (8min52s). A interlocução encontra-se transcrita no Apêndice G – Desenho e CoruGim (sala do encontro) desta dissertação).

O vínculo sobre o tema de pesquisa foi sendo construído entre eles a cada atividade. Todos os desenhos foram produzidos expressando, a sua maneira e a seu tempo, sem que houvesse de nossa parte uma visão homogênea da personalidade daqueles protagonistas. A partir disso, concorda-se com o pensamento de Sarmiento (2005), pois “corrobora a ideia de que muitas das percepções e situações experienciadas ainda permaneceram na mente das crianças ao serem acessadas”. Isso nos fez acolher todas as formas de manifestação e conceber que há nesta “arte” um imaginário e uma representação, possivelmente, formados pelos aspectos étario e social, os quais são parâmetros importantes para o campo da Infância.

Os desenhos, de certa forma, legitimaram as percepções que tiveram na sessão do Reiki, pois cabe a eles justificarem qualquer coisa, como diria Marcondes Filho, e sua justificativa, no contexto, expressa o instante em que ocorre a comunicação do sensível e quando isso não se efetiva.

Quando atua-se com crianças sempre há uma incógnita, principalmente, sobre como transmitirão o seu pensar. Com Pedro, o primeiro a fazer a atividade, não foi diferente. Enquanto a pequena mão esquerda pintava, ele olhava com interesse os colegas e os diálogos que transcorriam a sua volta, não estando alheio aos acontecimentos, compartilhou de falas e brincadeiras. De joelhos e com uma entonação descontraída todo o tempo, mencionou enquanto desenhava:

Desenho: Pedro

Pedro: Eu tô fazendo uma praia.

Pedro: Eu amo praia.

No decorrer da ação voltou a dizer:

Pedro: Já que tá de noite, nós... Na praia, mas tudo bem. (00.01.43) (crianças conversam sobre o frio que faz na praia...)

Pedro: Eu gosto de pescar na praia.

Pedro: Eu vi peixe na praia deste tamanho (demonstrando para Paulo e Maria).

Pedro: Eu vi peixe na praia deste tamanho assim (falou para José demonstrando com as mãos o tamanho dos peixes).

Pedro: As estrelas na praia (falou no momento em que as desenhava, dando ênfase à palavra praia, como se falasse consigo mesmo).

Quando terminou ficou de joelhos, levantou a folha mostrando a todos que tinha feito Júpiter.

Pedro: Não fiz o sol.

Pedro: Fiz Júpiter (colocando o dedo sobre a imagem). (Pedro. Interlocação. Porto Alegre, 2021. 1 vídeo (8min52s). A interlocação encontra-se transcrita no Apêndice G – Desenho e CoruGim (sala do encontro) desta dissertação).

A técnica projetiva nos traz a possibilidade do “indivíduo projetar a sua realidade, ou aquilo que está no seu inconsciente” (ALVES, [201-]). O Reiki, neste sentido, não foi só o

elemento motivacional e o tema para a realização do desenho, mas um portal que, através da energia e do que ela proporcionou a cada criança, lhes permitiu produzirem imagens que estivessem associadas a fatos e/ou elementos que os agradam. Houve, nesta dimensão, a perspectiva individual. Entretanto, desenho e fala confrontam o que as crianças perceberam e sentiram. Foi importante entender isso, porque, em um primeiro momento, este desenho, em especial, estaria distante do propósito e de uma referência que se aporta na comunicação do sensível, mas a combinação da fala nos mostra que as formas de linguagem nem sempre expressam o que a criança sente. Temos que o desenho de Pedro foi, de certa forma, o exemplo disso. Destaca-se a figura criada por ele, a praia como seu ambiente específico (MAFFESOLI, 1985), e que talvez reproduza em si o equilíbrio emocional, através da intensidade de energia que o Reiki lhe propicia, quem sabe.

Figura 10 - Desenho de Pedro (8 anos)



Fonte: assistente de pesquisa¹².

A imagem que cada um fez daquele momento, compreendeu-se como aquilo que estavam sentindo ou pensando, ou para onde foram transportados no momento do Reiki, para lugares que trazem boas lembranças ou lhes deixam felizes, como acredita-se ser a praia de Pedro.

¹² Tratamento de imagem por Anna Ortega

Sob outro prisma, observou-se que não foi só a musicalidade, o aroma, a presença da terapeuta ou as energias transmitidas que atuaram em conjunto, mas, inclusive, os ambientes (consultórios), pois foram referências nos desenhos e na percepção das crianças. Há uma evidência de comunicação entre o espaço, as crianças e a terapia energética, como se um complementasse o outro. Isso corroborado pelo conteúdo teórico, com recorte na ideia de Berger e Luckmann (2001), sobre a existência de uma “realidade objetiva (concreta) e outra subjetiva (dotada de sentido)”. Compreende-se que esta ideia perpassa exatamente por este momento de análise, porque “[...] ambos se complementam, pois é desta concretude objetiva, e do que o sujeito absorve como sentido, que os atores sociais seriam capazes de materializar atos, situações e/ou sentimentos a ponto de conceber a relevância a algo ou alguém.”

Não há verdade absoluta, nem na arte, nem nas palavras, muito menos nesta terapia energética que provém da imposição das mãos, porque todas dependem de como a sua mensagem chega ao outro e como este a interpreta. E, nesta investigação, como as crianças canalizam a energia recebida é que estaria o enfoque da criação dos protagonistas neste enquadramento teórico, reforçado pela noção de Marcondes Filho (2008, 2019), ao acreditar, conforme já explicitado, na relevância das relações que o sujeito estabelece com o outro, pressupondo que emissor e receptor estão atrelados a questões subjetivas na sua essência, e que transcendem a esfera da racionalidade. Logo, de acordo com o autor, não podem ser medidas, mas sentidas.

Os desenhos a serem aqui destacados também refletem, na presente ótica, o exercício de uma necessidade de ser levado em conta que estes sujeitos estavam em um processo de cuidado e autocuidado, a contar da liberdade de escolher o recurso de linguagem que evidenciasse, de forma plena suas sensações, crenças ou ideias, mesmo que o processo fosse formatado, como, neste caso, a partir do desenho. Maria (10 anos) trouxe tal situação ao desejar realizar a atividade através da escrita:

Desenho: Maria

Maria: Posso escrever? (entonação suave)

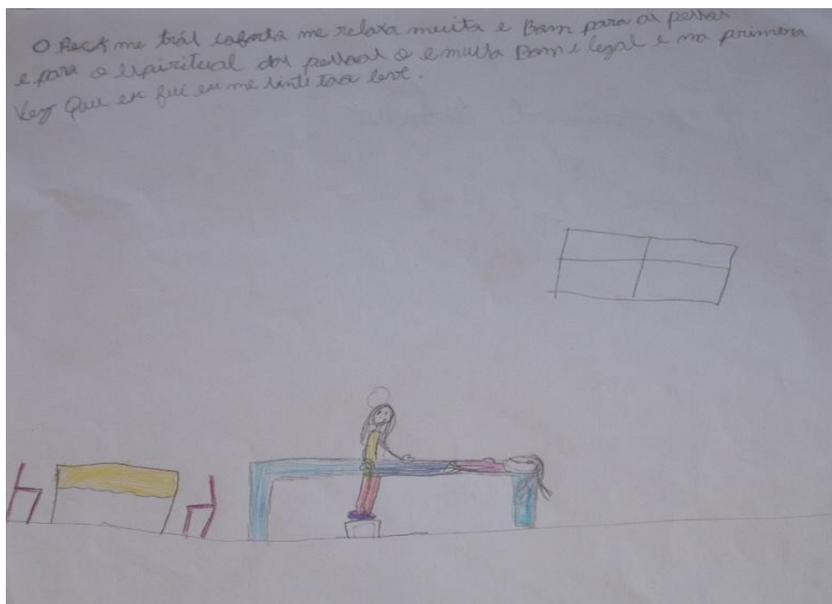
Pesquisadora: Sim, pode escrever, pode desenhar... (entonação suave) (Maria. Conversa. [jan. 2021.] Pesquisadora. Porto Alegre, 2021. 2 vídeo2 (15min12s e 15min08s). A interlocução encontra-se transcrita no Apêndice F – Brinquedo e desenho (Sala do Encontro) desta dissertação).

A palavra aqui reforçou a ideia de que o sujeito expressa as suas necessidades e a sua percepção sobre os fatos. Neste primeiro momento, ela não transmitia ansiedade. Mesmo que não tivesse a intenção de fazer o desenho, ela sabia o que o Reiki lhe havia propiciado, e de

qualquer forma estava na concepção dela a análise da energia recebida e o possível significado que havia dado ao momento vivido. Esta liberdade do sujeito para se expressar da forma como quer ou como consegue se comunicar à luz das sensibilidades, requer do pesquisador um olhar para o real e o irreal, para o consciente e para o inconsciente destes protagonistas. Percebendo e permitindo que eles tenham uma maneira peculiar de comunicar-se, a ponto de termos a capacidade de apreender ou entender o que foi transmitido “[...] conectam sensações e pensamentos que intentam a compreensão de quem é este sujeito social na relação e no processo do cuidado.” (MAFFESOLI, 2012)

Neste instante, como interlocutor, necessitamos não só nos atermos à regra, aos modelos, mas acolhermos o inesperado, com a flexibilidade que nos leva à reflexão do “por que”, não para criar algum tipo de atrito, mas para buscar entender o que leva o sujeito a trazer algo diverso daquele contexto. Acredita-se, contudo, que a palavra tem poder e através da mente ela também pode se materializar. Desta forma, a escrita ou o desenho seriam a abertura para acessar aquilo que as crianças, às vezes, não conseguem efetivamente verbalizar. Claro que, motivar Maria a desenhar era mais que uma opção que foi colocada em prática, mas entender o território e se adequar ao que ele traz de novo, também é preponderante dentro deste estudo metodológico. Foi feita a proposta de agregar àquela escrita um desenho, e ela foi aceita pela menina. Portanto, o relato de Maria diz: “o rock me dá conforto me relaxa muito e bom para as pessoas e para o espiritual das pessoas e é muito bom e legal e na primeira vez que eu fui eu me senti toa leve” [sic].

Figura 11 - Desenho de Maria (10 anos)



Fonte: assistente de pesquisa¹³.

Maria traz outro elemento importante em sua escrita que é a questão da espiritualidade. Ainda que o Reiki não esteja vinculado a nenhum modelo dogmático, ele tem uma sintonia com esta espiritualidade. Segundo Sader (2011, p. 31), “ainda que o Reiki seja uma terapia alternativa reconhecida pela Organização Mundial de Saúde como terapia integrativa, os efeitos prévios e outras experiências evidenciam o lado espiritual do Reiki, ainda que ele não esteja ligado a nenhuma religião.”

As palavras de Maria despertam para a noção de que há uma dimensão espiritual, que conecta o sujeito a um plano ainda maior, da alma. Pressupomos que há uma espiritualidade no cotidiano de Maria, sua experiência de vida ou sua própria sensibilidade a conduzem para este lugar. A espiritualidade é uma das temáticas das PICS, e mesmo que o Reiki não esteja ligado a nenhum dogma religioso, como já frisado, ele é o fluxo da energia entre a criança e o cosmo. Pelas palavras de Maria, o Reiki pode potencializar esta reflexão que vem através do sentir. O sagrado e o religioso estão presentes na sociedade contemporânea, mas a espiritualidade, a contar do simples sentir, emerge como algo intocável ou imperceptível, acaba tendo esse significado maior, na concretude e no testemunho como o de Maria. Ao reafirmar que a espiritualidade, por ela ressaltada, está imersa no universo do sentir e do sentido, agregando outras sensibilidades, considera-se que ela se “[...] torna real, logo, todos os serviços terapêuticos têm uma função, a partir dos fatos que os insere neste lugar, que não é

¹³ Tratamento de imagem por Anna Ortega

simplesmente corpóreo [...]”, pois, como sintetiza Maffesoli (1998, p. 190) “[...] que em nada são puramente corporais ou espirituais, mas sim o misto dos dois”.

Neste contexto, a escrita das *palavras conforto, relaxa, muita e bom* dizem algo, que se traduz em tranquilidade e paz e que repercutiram de outras formas pela capacidade que Maria e outras crianças tiveram de ver ou sentir algo impalpável, reverberando no “[...] significado que elas atribuem às situações em que estão envolvidas” (SILVA *et al.*, 2009, p. 79), e Maria o fez através das palavras e da figura.

Os consultórios com a sessão de Reiki, como já citamos, apareceram de forma preponderante nos desenhos das crianças até se assemelhando. Contudo, as imagens criadas tiveram significados específicos de uma criança para outra. Desta maneira, tomou-se esta criação a partir da experiência estética, não levando em conta a beleza, pois aqui não é a alusão ao belo que nos toca, mas dar lugar à interpretação que cada um concebe ao receber a energia reikiana, ratificando o pensamento de que “a construção mental que cada um terá será diferente de pessoa para pessoa” (MARCONDES FILHO, 2008, p. 79). Logo, o que resulta destes trabalhos é a probabilidade de as crianças projetarem o exercício da prática entre aquele que emite a energia e o que recebe, ou alguma outra dimensão das sensações vividas na sessão, como relata Fátima em dois momentos:

Desenho: Fátima

Fátima: Eu vou fazer a sala do Reiki.

(Outros diálogos e silêncio se sucederam entre uma fala e outra).

Fátima: Eu fiz... (gagueja) Eu fiz eu sendo atendida (entonação suave). (Fátima. Conversa. [jan. 2021.] Pesquisadora. Porto Alegre, 2021. 2 vídeo 4 (8min52s e 2min06s). A interlocução encontra-se transcrita no Apêndice G – Brinquedo e CoruGim (Sala do Encontro) desta dissertação).

Figura 12 – Desenho de Fátima (11 anos)



Fonte: assistente de pesquisa¹⁴.

O lugar, ou seja, o consultório reverbera o que a transmissão pessoal e individualizada representou. Os desenhos também deram voz às crianças. A conexão entre elas e tudo o que foi disponibilizado naquele ambiente ficou e estava marcado no seu (in)consciente, o que torna possível dizer que houve a conexão, houve o contato e que alguma coisa nesta interação provocou uma mudança que ainda estava latente, como Paulo que entre as conversas colaterais mencionou:

Desenho: Paulo

Paulo: eu tô fazendo o meu sobre o Reiki(//) Eu debruçado lá (//) depois bracinhos. Ao mesmo tempo em que comentava com os colegas sobre o que estava desenhando, ele estendeu os braços e movimentou os dedos, como se estivesse se espreguiçando.

Paulo: Vou arrumar os braços aqui (pega a borracha apaga e retoma o desenho). (Paulo. Conversa. [jan. 2021.] Pesquisadora. Porto Alegre, 2021. 2 vídeo 4 (08min52s e 02min06s). A interlocução encontra-se transcrita no Apêndice G – Brinquedo e CoruGim (Sala do Encontro) desta dissertação).

A importância que deu em arrumar o desenho, em realizar os movimentos que transmitem uma sensação de despertar, dá uma ideia do quanto ele foi realmente tocado, pois, ao final da sessão, ficou algum tempo com os braços esticados, espreguiçando-se calmamente, sem nenhuma pressa, o que percebemos também a partir do seu tom de voz seguro e que deixava transparecer que o Reiki agiu sobre algo que o afetava. Pareceu estar ciente do resultado e de

¹⁴ Tratamento de imagem por Anna Ortega.

onde a energia foi exatamente canalizada. As crianças interagiram, trocaram e sentiram a expressão de afetos e sentimentos uns pelos outros – aspectos da comunicação do sensível.

Figura 13 – Desenho de Paulo nº 1 (9 anos)



Fonte: assistente de pesquisa¹⁵.

Ao final da conversa (Grupo Focal), foi perguntado para as crianças se gostariam de acrescentar alguma coisa em seus desenhos ou criarem outro. Paulo, rapidamente, disse que gostaria de fazer. Ele estava ao lado de Fátima (Desenho 3), e então, identificou-se que os desenhos eram semelhantes, mas tem-se consciência, pelo que trata a comunicação do sensível e a reprodução interpretativa, que a concepção será da própria criança, e este fato foi comprovado pelo diálogo de ambos.

¹⁵ Tratamento de imagem por Anna Ortega.

Figura 14 – Desenho de Paulo nº 2 (9 anos)



Fonte: assistente de pesquisa.

Fátima: ... eu gostei do jeito que ele ficou.

Pesquisadora: Pense, à vontade.

Paulo: Tô pensando... Será que eu faço assim? (//)

Paulo: Eu vou.

Fátima para Paulo: Tão bem bonito o teu.

Paulo: Eu to fazendo uma casa, tipo, ela vai crescendo, vai crescendo, vai crescendo... tum tum tum (♫ Entonação de voz)

Fátima: Que nem o meu, só que o meu é regular (faz o gesto com os dedos). Um pequeno e um grande, um pequeno e um grande. (Fátima/Paulo. Conversa. [jan. 2021.] Pesquisadora. Porto Alegre, 2021. 1 vídeo 6 (21min5s). A interlocução encontra-se transcrita no Apêndice I – Conversa Reiki e Segundo desenhD (Sala do Encontro) desta dissertação).

Ponderou-se, ao verificar estes desenhos, que as crianças estabeleceram uma relação semelhante com o espaço, com o que lhes era singular. As suas percepções também abordaram o plano das sensibilidades, como a conexão que aconteceu entre eles e o que foi vivido nos consultórios. O desenho, por si só, dirá muito ou pouco, mas sempre dirá algo na dimensão de quem o criou. O momento em que as crianças expressam seus motivos nos leva à reflexão, pois, além da semelhança do desenho e da diferença de objetivo, Fátima, por exemplo, ao mencionar ao grupo o que representava as imagens, trouxe, subjetivamente, em sua fala, elementos que levariam a pensar no cotidiano e no seu dia a dia:

Conversa: Fátima e o Grupo

Pesquisadora: O que representa isto pra ti? (Se referindo ao desenho).

Fátima: O que?

Pesquisadora: Estas imagens.

Fátima: Ah... Representa... (-) Áhn... O sol, (-) o sol batendo na jan... (-) ao sol batendo na sala, uma energia boa. Humm hum ahn... Não um conflito, mas uma

energia boa que a gente parece que as coisas ruins não tá acontecendo. (Fátima. Interlocução. [jan. 2021]. 1 vídeo (21min05s). A conversa na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta dissertação).

A concepção desta energia que vem com o Sol e entra pela janela, presente na fala desta protagonista, nos diz que ela ocupou o seu lugar de fala ao declarar, exatamente, aquilo que percebe e como percebe, ainda que não se tivesse ideia do que exatamente seriam as coisas ruins. De toda forma, sua resposta não estava desconectada da realidade e de encontrar não só no espaço (consultório) um lugar seguro, mas no Reiki os elementos que a desconectava destas coisas ruins. Tem-se a necessidade da reflexão sobre “[...] de quem é, para mim, este outro com quem falo e vice-versa.” (SODRÉ, 2006, p. 70) Não só porque Fátima trouxe a sua percepção, as suas sensibilidades, mas porque reproduziu, em palavras, sentimentos de um lugar de conflito e de obscuridade. Por outro lado, a imagem adquire uma força através da interpretação do desenho pela própria autora, colocando em cena a sua própria visão estética sobre a sua “arte”, o que envolveria o seu próprio meio, a sua vida e a dos demais. Aliado a isso, igualmente, reforça-se a forma como as crianças introjetaram nos desenhos as suas emoções e percepções, e que estariam embasadas, teoricamente, pela Reprodução Interpretativa de Corsaro e abordada por Sirota (2007), sob outra denominação a “Socialização Interpretativa”:

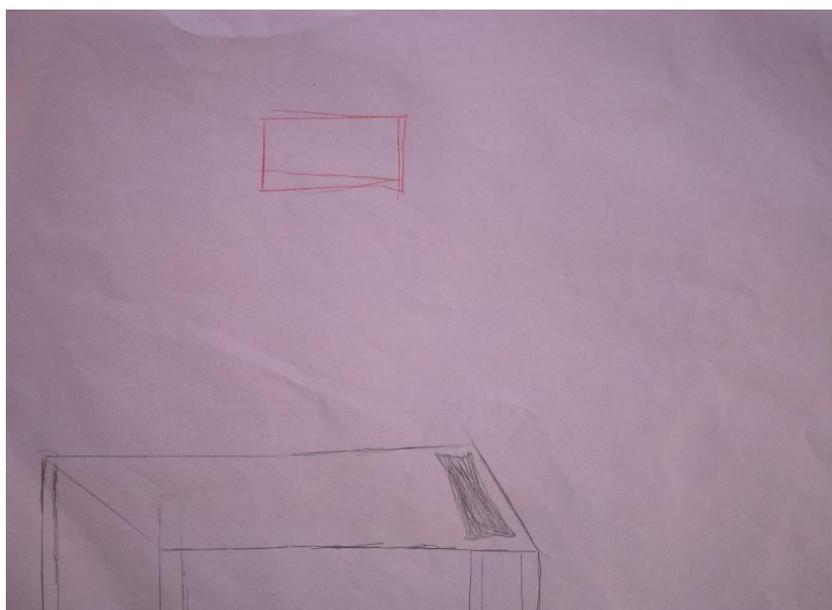
[...] na qual a criança não está mais apartada da sociedade, encarada como um sujeito de direitos, a socialização tem, em decorrência deste novo olhar, um direcionamento vertical que permuta para um horizontal. O lugar da criança então é reconhecido nesse novo paradigma, assim como, sua relação com seus pares ou entre-crianças (SIROTA, 2007, p. 43).

O desenho de Maria, certamente, foi a reprodução da sessão, pois continha a presença do terapeuta e do sujeito em atendimento, que foi, igualmente, sinalizada por Fátima e Paulo. Pode-se então interpretar, a contar do que foi observado, que a energia transmitida é compartilhada por aquele que a emite e por aquele que a recebe, ainda que as crianças não tenham ideia de que isso tenha ocorrido. E, principalmente, ficou evidente o elemento espaço e a relevância do consultório com os desenhos apresentados. Conectar o que fizeram com a tranquilidade que observou-se ao final da sessão, coaduna com a noção de que algo intenso aconteceu, com intenção ou sem, mas ocorreu, pois os três representaram o momento de troca e de benefício, algo concreto, proveniente de campos distintos, e que foram ressignificados por cada um.

E, para além da prática, refletiu-se sobre a experiência estética que retrata a importância da arte a partir do olhar daquele que a faz, mas também daquele que a observa, cada um de acordo com o seu próprio entendimento. Transpondo para o exercício de produção das crianças do que ela, por meio do desenho é capaz de sensibilizar e de comunicar, revelando, talvez, a perspectiva do desenho de José, pela forma como este interpretou o seu tempo na sala. Enfim, tudo o que o envolveu e que dialoga com a visão de Sarmiento (2005), na qual:

[...] as crianças são competentes e têm capacidade de formularem interpretações da sociedade, dos outros e de si próprios, da natureza, dos pensamentos e dos sentimentos, de o fazerem de modo distinto e de o usarem para lidar com tudo o que as rodeia (SARMENTO, 2005, p. 373).

Figura 15 – Desenho de José (10 anos)



Fonte: assistente de pesquisa.

José: ãhn... ãhn... Hum... Hum... Posso desenhar a sala sem ninguém (//)

José: (levanta o desenho) Eu só desenhei uma sala vazia. (-) Quer dizer... Deve ser quando eu tava sentado né! (♫ entonação -tom de voz fica mais grave neste momento do que no início) É porque ... Eu tava sentado (♫ entonação de voz quando diz sentado), e não tinha nada na pia, nem na cama (fica balançando o desenho)¹⁶. (José. Interlocução. Pesquisadora. Porto Alegre, 2021. 2 vídeos (8min52s; 2min06s). A interlocução encontra-se transcrita no Apêndice H – Finalização do Desenho (Sala do Encontro) desta dissertação).

¹⁶ A interlocução está no APÊNDICE H – Finalização do Desenho (sala do Encontro).

Diferentemente dos demais, José trouxe a sua ótica, retomando a possibilidade de todos os atores sociais, em especial as crianças, terem respeitado o seu tempo de compreensão. Isso fez crer que há a necessidade de percebermos as diferenças pela perspectiva de uma “sensibilidade generosa, que não se choque ou espante com nada, mas que seja capaz de compreender o crescimento específico e a vitalidade própria de cada coisa” (MAFFESOLI, 1998, p. 12), ou pessoa. Estas alegações dizem muito sobre o desenho de Pedro (a praia com Júpiter), e que não estão desconectadas da conversa que veio a seguir no grupo focal, e que nos fez entender a relação profunda que estes atores sociais tiveram com o Reiki, e como os desenhos explicitaram o instante vivenciado, fazendo sentido para eles.

6.3 CONVERSA INICIAL, ESPAÇO, MÚSICA E AROMA, IMPOSIÇÃO DAS MÃOS

Objetivo: identificar, através da conversa das crianças, a percepção de cada uma sobre o desenho que fizeram.

Não se pode perder de vista que o campo continha itens a serem verificados sob a ótica deste estudo, que os dados coletados dialogam com a questão de pesquisa, bem como, com os elementos da comunicação do sensível, elencados nas categorias. Posto isto, simplicidade, alteridade, resiliência estiveram presentes na fala das crianças, realidade e simbolismo foram ressaltados nos gestos, nos olhares e no sentir, que dão base ao conhecimento teórico da comunicação que se busca identificar. Pela sensibilidade, que está presente nas práticas, aqui sob o enfoque do Reiki, e nas propostas que demandam o conhecimento sobre a criança e a infância, sem idealizações ou utopias, mas considerando os atores sociais envolvidos, sua vida e seu cotidiano.

Apoiado neste fato e no que verificamos no território, identificou-se que as crianças, à sua maneira, demonstraram que a terapia energética e o que emana ou resulta dela não ocorre desligada da realidade. Os processos de exposição de dor, preocupação, alegria ou qualquer outro referencial do vivido estão alicerçados a instantes de reflexão e vão ao encontro do sentido que cada um dá para o seu modo de viver ou para aquilo que realiza. Para qualquer mudança pessoal ou social, faz-se necessário que os sujeitos consigam se assumir “como indivíduos autônomos, porém considerando a impossibilidade estrutural de uma visão única [...]. E tal impossibilidade se prende justamente ao fato de que todas as situações se enraízam no concreto, isto é, na diferença.” (MAFFESOLI, 1988, p. 77).

Neste sentido, as crianças foram capazes de emitir seus raciocínios, mesmo quando não encontram as palavras exatas para descreverem o que tinham pensado ou sentido. Além do

mais, um “NÃO” emitido nem sempre é uma simples negação e não condiz com a incapacidade de compreensão de sua experiência, mas, muitas vezes, se defronta com a subjetividade do assunto em pauta. A partir disso, considera-se que “o conhecimento admite graus diversos e que deve, vez ou outra, admitir que não sabe.” (MAFFESOLI, 1985, p. 34)

As crianças, através de uma linguagem própria, colocaram em destaque questões sobre o ambiente, as pessoas envolvidas e a sua relação com o outro, consigo e com a energia recebida. Isto ficou explícito quando conversavam sobre os desenhos, enunciando o que lhes chamava atenção, o que os integrava/ligava àquela prática específica.

Maria: Aqui é a moça fazendo o reiki numa pessoa e como tem aquela mesa pra conversar antes de fazer o Reiki, fiz essa mesa só. (☺ murmúrio) Janela tudo mais... A janela não é só (Maria usa muitos gestos delicados). (Maria. Interlocução. Pesquisadora. Porto Alegre, 2021. Vídeos (21min05s). A interlocução encontra-se transcrita no Apêndice I – Conversa Reiki e Segundo Desenho – Sala de Encontro desta dissertação).

A imagem criada, agora contextualizada, tomou “forma”, tendo significado de acordo com o entendimento de cada uma delas. Paulo e Fátima mencionaram que o desenho era a representação da sua sessão e a maneira como fizeram este relato os conectava àquele instante. A resposta simples também comprova que não é simplesmente um único corpo que emerge o Reiki, há o sujeito que emite (terapeuta) e o sujeito em processo de cuidado (receptor). As falas de Paulo e Fátima contêm a transformação de uma experiência intangível (Reiki) em algo real e concreto para eles.

Paulo olha para os colegas e, como ninguém se manifesta, ele levanta a mão. (\\)

Paulo mostra o desenho. (\\)

Paulo: A parte que eu gostei é que eu dei um pouquinho (-), quando eu dei uma espreguiçada e quando... ãhn... ãhn... (galo cantando) Botaram a mão na minha cabeça (ele demonstra botando a mão na testa) (⇒ ruídos internos e externos).

Paulo: Essa foi a parte que eu mais gostei (devolve a coruja ao meio da roda) (⇒): ruídos internos e externos – Sala do Encontro).

Fátima: Óh esse é o meu deseenho (mostra o desenho, direcionando calmamente para todos os lados) e a parte que eu mais gostei foi quando ela chegava assim perto assim... Do meu corpo (toca com a ponta dos dedos seus ombros para demonstrar) e eu senti meio que uma vibração boa, uma energia boa, e... fazendo eu me sentir mais calma.

Enquanto isso, as mãos de Fátima gesticulavam calmamente, acompanhando o ritmo da voz e do sentido que esta tinha naquele momento. (Paulo e Fátima. Interlocução. [jan. 2021]. Porto Alegre, 2021. 1 vídeo (21min5s). Apêndice I – conversa Reiki e Segundo Desenho - Sala do Encontro).

Sob outro ângulo, pareceu-nos ver essas crianças acordarem para uma nova percepção do sentir nos segundos em que seus corpos, que estavam em conexão, se associaram com a energia emanada pela imposição das mãos da terapeuta, e aos poucos foram retornando àquele lugar de consciência a partir das instruções emitidas. A proximidade e o toque também foram reveladores das sensações emanadas pela reikiana, e repercutiram no corpo destas crianças. Algo que potencializou e empoderou as suas falas, pois os gestos demonstrando como receberam a energia são elementos que corroboram com a intensidade com que foram afetadas. A afecção conduz a este sentido. Sensações, emoções, tudo expresso por crianças que têm em comum o fator de ansiedade, sintoma que pareceu deixar de existir ou não ter força naquele momento. Como quando Clara, com uma entonação branda ao som da música, instrui Paulo a retornar.

Reiki : Clara e Paulo

Clara: Vai voltando a respiração.

Clara: Vai sentindo teu corpo devagar. Clara: Vai sentindo teus pés, tuas mãos.

Clara: Vai abrindo teus olhos devagarrrr.

Clara: Vai sentindo todo teu corpo devagarinho. Clara: Dá uma espreguiçada. Paulo vai voltando aos poucos, no seu tempo, e se espreguiça calma e longamente.

Clara: Você está bem, amor!?

Clara: Vamos sentar!?! (Paulo. Interlocução. [jan.2021]. Terapeuta: Clara. Porto Alegre, 2021. 1 vídeo e anotações da pesquisadora. Consultório 4 – Sessão de Reiki. A conversa na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação).

A forma como as crianças ficaram tranquilas e as reações, conforme a prática terapêutica foi acontecendo, levaram a crer que seus corpos se encontram, realmente, em um estado de sono leve, como algo além do controle delas, que estava no controle da prática. Ao perceber isso, na perspectiva do sensível, ao final da terapia, a impressão era exatamente de “o corpo que acorda”. A causa e o efeito sedimentados por esse modelo estético que cita Perniola (1993), reflete e “[...] repercute no sentir, ainda que seja algo fluido e incerto.”

O silêncio e a objetividade foram outros modelos de mensagem utilizados e presentes na participação de José. Em todas as fases, ele pareceu agir com naturalidade e sem pensar ou se importar como seria interpretado, mesmo nos diálogos com os outros pesquisados. Ao apresentar o seu desenho, José exerceu sua a objetividade. Seus momentos de reflexão trouxeram os seguintes diálogos.

Pediu-se para que falasse sobre o desenho:

José: AAAH AHH, humm eu gostei maiiiiis do Reiki! (♫ entonação fica grave quando fala a palavra Reiki; (-) (responde olhando para cima; dando de ombros)

José: (levanta o desenho) eu só desenhei uma sala vazia (-) quer dizer, deve ser quando eu tava sentado né! (♩ entonação -tom de voz fica mais grave neste momento do que no início) é porque eu tava sentado (♩ entonação de voz quando diz sentado), e não tinha nada na pia nem na cama (fica balançando o desenho) (//)

Pesquisadora: "Por que fazer o Reiki?"

José: Porque é gostoso! (diz rapidamente antes dos demais e com forte ♩ entonação) (José. Interlocução. Pesquisadora. [jan. 2021]. Porto Alegre, 2021. 1 vídeo (21min5s). Apêndice I – conversa Reiki e Segundo Desenho - Sala do Encontro).

A fala de José sobre o desenho e seu pensamento em relação ao Reiki parecem desconexos, mas a comunicação está naquilo que é traduzido ou produzido, como nos aspectos simbólicos ou na dimensão do imaginário. Porém, entende-se que o resultado desta comunicação ou, precisamente, deste lugar de fala, circunda a dimensão citada por Maffesoli sobre a vida cotidiana (a razão, os afetos, os ambientes, a imprevisibilidade humana), e que compreende-se fazerem parte de um processo que perpassa pela:

[...] constituição da relação que se cria entre as pessoas comunicantes é falar da ocorrência do acontecimento comunicacional, que tem caráter único efêmero, irrepetível; é falar da interveniência de fatos extralingüísticos na comunicação, de processos que são mais sentidos do que verbalizados; trata-se da captura do momento em que a comunicação se realiza e, em todos esses casos, é preciso que o pesquisador possa apreender a atmosfera presente, o clima criado, o incorpóreo que atravessa os atos. Tudo isso constitui o evento mágico da comunicação humana (MARCONDES FILHO, 2008, p. 9).

A investigação fez esse trajeto, mostrando que esse sensível de que falamos, ou mesmo as afecções, chegam nos sujeitos a partir de sua análise e percepções como no desenho e na fala de José. Com isso, a convicção é que tudo vai depender da perspectiva daquele que está vivendo uma situação e/ou recebendo o Reiki neste contexto, como já mencionamos anteriormente. Pode-se dizer que José representa tudo isso, diz que o Reiki é *gostoso*, mas, ainda assim, afirma que ele não mudou a sua vida, mesmo que não desconsidere a energia recebida. Contrapontos e/ou contraditórios que, muitas vezes, estão na mente do outro, mas que talvez não estivessem na mente de José: “Huum huum (-) não mudou nada, só sinto mais energia, só isso...” (Pareceu preciso na resposta). (José. Interlocução. [jan. 2021]. Porto Alegre, 2021. 1 vídeo (21min5s). Apêndice I – conversa Reiki e Segundo Desenho - Sala do Encontro).

O que é certo é que mesmo que Paulo, Fátima e José tenham abordagens díspares, as crianças estavam no centro de tudo que os cercou, pois o simbolismo articulado pela fala e pela linguagem, por exemplo, “[...] traria no diálogo e nas ações as ideias e a valorização dos acontecimentos a partir do cotidiano e da potencialização das relações de trocas” (BERGER *et al.*, 2001; MARCONDES FILHO, 2008, 2019) que eles estabeleceram no decorrer de suas vidas, e na sua interação com o Reiki.

Valorizar a visão do outro dá o tom que diferencia a reação dos receptores quando estão em um processo de escuta. Faz a diferença entre aqueles que ouvem e aqueles que falam. Como no caso das crianças, pois elas ocuparam os espaços de diálogo à sua maneira, com conversas intercaladas ou realizadas ao mesmo tempo, algumas mantendo certo silêncio ou se movimentando constantemente, porém, sempre observando o outro. Isso ficou claro quando Maria e Fátima narraram situações do seu cotidiano, daquilo que afetou os seus estados de espírito, as suas saúde física e emocional e que foram sanadas/curadas pelo Reiki que receberam.

O cuidado e o autocuidado foram extremamente singulares na relação das crianças, porque, mais do que as palavras, depreendeu-se que elas formaram um conjunto de sentimentos e expressões que, de forma simbólica, as (re)ligava a estes valores. Considerou-se esta suposição por suas atitudes e não porque houvessem elementos indicativos de que soubessem as referências cabíveis ao cuidado e ao autocuidado. Com isso, os fatos narrados por Maria e Fátima, ainda que não ditos de forma explícita, tiveram, talvez, não de forma intencional, o cuidado com aquele que escuta, ou seja, as outras crianças. Fátima, em especial, relatou exatamente para a terapeuta Rita o que havia acontecido, e escolheu não fazê-lo diante dos demais. Por outro lado, fizeram uso do autocuidado ao não detalhar as situações pelas quais tinham passado, e não trazerem para si lembranças e sensações que lhes causaram algum tipo de adoecimento.

Fátima: Hãn... Ontem me aconteceu uma coisa que eu não gostaria de falar, mas aí hoje, aqui, eu fiz o Reiki eu me senti menos preocupada com isso que aconteceu (-) E... O Reiki como se fosse meio que... (-) Uma terapia pro corpo (-) pra gente... Pro corpo tá mais calmo, menos agitado e não ficar tipo assim ansioso (© Crianças distraídas)

Fátima faz o seu relato e as demais crianças investem sua atenção em outras coisas. Maria, que estava à direita de Fátima, brincava com a folha de desenho, à sua esquerda, respectivamente, Paulo brincava com o crachá, José com o lápis e Pedro mexia no seu relógio de pulso. Porém, em alguns momentos eles dirigiam o olhar para ela. Todos, sem exceção, como se estivessem ouvindo.

Pesquisadora: E você !? (Dirigindo-se à Maria). (//)(-)

Maria: (//) (-) Ontem também aconteceu uma coisa (-) Hãn... Hãn... Que eu não gostaria de falar (-) claro, e (-) daí hoje que eu fiz o Reiki, me senti muito mais calma, despreocupada com aquela coisa que aconteceu ontem (-) daí tipo fiquei des... despreocupada e ...(-) Na hora que eu fui lá fazer o Reiki parece que nem aconteceu aquela coisa de ontem.

Maria manteve uma  entonação suave, constante e gesticulando muito, mas seus gestos eram também tranquilos acompanhando o que dizia, sua cabeça também se movimentou enquanto fazia seu relato). (Fátima, Maria. Interlocução. [jan. 2021]. Pesquisadora. Porto Alegre, 2021. Vídeo (21min5s). A interlocução está transcrita no Apêndice I desta dissertação).

O Reiki recebido provocou a mudança de sentir, de pensar sobre a situação vivida, o que dialoga com a ideia da comunicação do sensível, descrita por Marcondes Filho, na qual a transformação provocada não será oriunda de um fato ou causa natural, mas de circunstâncias que leve o sujeito a traduzir estas cenas ou situações como uma “mensagem”, como um fim determinado que remete a novo estado do ser de indignação, revolta, adquirindo uma consciência que se centraliza e ratifica a ideia de que ocorreu uma mudança de posição ou opinião deste sujeito (MARCONDES FILHO, 2019).

Não se pode negar que, pela fala das meninas, depreende-se que houve uma alteração provocada por esta energia que abrangeu seus sentidos e sentimentos além do corpóreo, que está atrelada a algo que as perturbou, que lhes colocou em um lugar de insegurança, sem possibilidade de se manifestarem. Os gestos e a forma como Fátima e Maria colocaram a situação descrita, independente do tempo em que ocorreu, demonstrou ser real, o que, de certa forma, deu legitimidade a elas como interlocutoras, visto que estes “diálogos estão carregados de significados que, de uma forma ou de outra, acabam gerando algum resultado ou consequência, o que só seria efetivado com a assimilação de um ato comunicacional que convertesse o modo de pensar do ator social.” (MARCONDES FILHO, 2008, 2019)

A concepção de Marcondes Filho também corrobora e retrata os aspectos e acontecimentos que dizem respeito à vida de Fátima e Maria, sobre as rotinas contextualizadas. Ou como os sentimentos que fazem parte de cada sujeito, a exemplo da irritação citada por Fátima, e que está no âmbito do amor, da raiva etc. A noção da comunicação defendida pelo autor não anula a expressão de tais sentimentos, pois isso é vida. Sendo assim, o medo mencionado por Maria quando fez contato com a prática terapêutica pela primeira vez, responde e dá sentido, inclusive, aos fatores de adoecimento, quando disse os motivos que a levaram ao Reiki:

Maria: A primeira vez eu tava com muita ansiedade e tudo o mais, daí minha mãe me trouxe aqui no Reiki pra mim... (gagueja) Pra eu relaxar e parar essa ansiedade que eu tenho.

(//)

Maria: Quando eu comecei o Reiki... Hãn... Hãn... (...) A primeira vez que eu fiz, eu senti uma pontinha de medo (sinaliza aproximando o indicador do dedo). Não sei por quê (Dá uma risadinha). Mas senti um pouquinho de medo, mas depois... (-) (//)

Fátima: Eu acho que a minha mãe tinha uma, não sei se era dança, uma aulinha aqui (-) embaixo, e depois que ela soube que tinha Reiki, tinha atendimento, eu comecei a fazer.

Pesquisadora: Qual a diferença que isso fez pra vocês?

Fátima: A diferença é que eu, que nem ela (aponta para Maria), tinha muita ansiedade, era muito irritada, não parava de me mexer (suspira rapidamente). E depois do Reiki eu comecei a me sentir mais calma (-) menos ansiosa (-) é isso. (♫ entonação de voz em: agitada; calma) Fátima, Maria. Interlocução. [jan. 2021]. Pesquisadora. Porto

Alegre, 2021. Vídeo (21min5s). A interlocução está transcrita no Apêndice I desta dissertação.

A investigação também abarca experiência estética otimizada por Dewey e postulada por Marcondes Filho, porque esta “[...] experiência estética tem o mesmo padrão fenomenológico que um acontecimento comunicacional” (2019, p. 29), e neles estão contidos, respectivamente, as sensibilidades e a comunicação. O autor nos diz, então, que eles são motivadores que permitiriam que os sujeitos, ao enfrentarem um tipo de situação, seriam impulsionados a “forçar para frente”. Entendemos que seria como um ir adiante, impulsionado por uma força que reverbera na busca da integralidade, uma vez que este ator social estaria ali em sua totalidade.

As falas das crianças convergem para esta proposição, pois fizeram referência a questões emocionais e mentais, aqui já ditas. O possível adoecimento, talvez, provocado por algum tipo de acontecimento comunicacional no cotidiano desses atores sociais, ao mesmo tempo em que foram amenizados pela energia do Reiki, promovem a renovação de sentido, valor e ressignificado daquilo que lhes afetava. Como Paulo, uma criança de 9 anos, que fez uma *reflexão* sobre as consequências oriundas da Covid-19, causando impacto em suas relações em função do distanciamento. Porém, ao realizar o Reiki e refletir, houve uma mudança na sua forma de pensar encontrando um benefício neste contexto:

Paulo: Ih com esta pandemia eu não fiquei muito feliz mesmo, (-) mas daí quando fiz o (-) Reiki até que fiquei (-) um pouquinho bom... Pelo lado... (-) Eu olhei pro lado positivo que eu podia ficar mais com a minha mãe, a minha irmã, mais com a minha prima, mais com a minha família (♪ entonação de voz firme quando citava as parentes). Paulo. Interlocução. [jan. 2021]. Pesquisadora. Porto Alegre, 2021. Vídeo (21min5s). A interlocução está transcrita no Apêndice I desta dissertação.

Frente a isso, certifica-se que essas crianças foram capazes de sinalizar que elas transformaram ideias e que comunicaram, por vontade própria, aparentemente, algumas mais maduras que outras, mas replicando em um “gostar” (José e Pedro) ou na “alegria de ter o Reiki em sua vida” (Fátima). Todavia, ao ratificarem o que o Reiki representava para elas, isso ficou em harmonia com a percepção de Sirota (1994) na qual “[...] cada locutor deve ter seu comportamento detectado, não se tornando uma entidade indiferente àquele contexto.” É interessante unir esta proposição à partilha do sensível de Rancière (2005), reafirmando que fazer e o por que fazer estão subentendidos na lógica do autor, pois a sua análise parte do lugar, do momento exato em que as ações se realizam, principalmente, se pensarmos na criança, porque exercendo ou não seu papel de protagonistas, elas trazem elementos que geram

consequências e ações na dinâmica de certos aspectos sociais, o que, de certa forma, aconteceu na manifestação de Fátima ao retratar que é feliz por ter o Reiki em sua vida.

Pesquisadora: É! O quanto o Reiki... Hãh... O quanto o reiki representa para vocês? Na vida de vocês?

Pedro: Gosto (acenando, também, afirmativamente). **José:** Eu gosto (☺ diz em um murmúrio incompreensível). (//)

José: Eu gosto de fazer reiki.

Fátima: Eu gosto de fazer Reiki e eu sinto uma alegria que eu posso ter esta oportunidade de ter isto na minha vida. Fátima, José, Pedro. Interlocução. [jan. 2021]. Pesquisadora. Porto Alegre, 2021. Vídeo (21min5s). A interlocução está transcrita no Apêndice I desta dissertação.

O paradigma, todavia, foi a ação desta prática na superação dos seus problemas, e eles trouxeram aquilo que estava nas profundezas de sua alma ou da mente, sendo capazes de nos transportar, novamente, àquele consultório e àquele instante quando revelaram a presença do imaginário, já que *o cheirinho era como chá*, e a música levou à imagem ou à *sensação da chuva e das flores*, e ainda, a um lugar *com árvores, sem carros ou poluição*. Além disso, usufruíram não só destes elementos intangíveis, mas também de uma interatividade, pela energia que receberam. Todas estas representações cênicas são mensagens do belo com significado de estabilidade e seguridade. Estão além de uma visão romântica, mas totalmente comunicativa, fazendo sentido para quem fala e levando a raciocinar àquele que ouve, principalmente, em se tratando de algo que tem relação direta com a saúde das crianças. Agregam aspectos do simbólico e do imaginário, que os leva a externalizar situações sob uma concepção também intuitiva sobre os elementos aos quais se referiram.

Porém, não se pode desconsiderar que tais atributos ou situações foram pertinentes a estas crianças individualmente, uma vez que não existe uma única infância e que as crianças não são iguais. O percurso com elas demonstrou que estiveram ligadas por lembranças anteriores, como diria Halbwache, de acordo com a história de cada uma, e que não estavam desvinculadas de uma memória coletiva ou de um espaço compartilhado com o(s) outro(s), ou seja,

[...] se vivemos sós, a região do espaço que nos circunda de modo permanente e suas diversas partes não refletem apenas o que nos distingue de todos os outros. Nossa cultura e nossos gostos aparentes na escolha e na disposição desses objetos em grande quantidade se explicam pelos laços que sempre nos ligam a um número enorme de sociedades sensíveis e invisíveis (HALBWACHE, 2006, p. 158).

Confira a seguir os diálogos das crianças.

Pedro: O cheiro é bom!! (//)

Paulo: Um cheiro... Hmm ...Um cheiro tipo de chá, tipo de chá, me acalmo e a música gosteei muito, porque de piano né!?

(☺ Crianças murmurando) (//)

Pedro: Eu gosto do cheiro (☺ murmúrio). (≥ movimentos e ruídos internos)

Pesquisadora: E tu! Escolhe o cheirinho. (-) Pedro acena com a cabeça afirmativamente. Pesquisadora: Qual o que tu escolheu?

Pedro: Eucalipto.

Pesquisadora: Porque tu escolheu eucalipto?

Pedro não responde. Seus olhinhos de surpresa acompanham seus ombros e suas mãozinhas que se abrem como se dissesse não sei.

Pesquisadora: E tu, Fátima?

Fátima: Eu... Eu... O cheirinho, (-) eu me sinto como se tivesse em um jardim cheio de flores cheirosas com... E a musiquinha eu me sinto, (-) porque ela bota uma musiquinha ... Aí eu me sinto como se tivesse numa chuva ao redor de um monte de flor (neste momento mostra com o braço este lugar cheio de flor).(\\)

José mantém o silêncio mexendo na máscara. (movimentos e ruídos internos)

Pesquisadora: Tu gosta?

José não se manifesta. (≥ movimentos e ruídos internos)

Pesquisadora: E pra ti (pergunta feita para Maria)?

Maria: Hãn... Pra mim representa aquele cheirinho... (-) Hãn... Que tipo é sem poluição... Hãn... É um monte de árvore sem carro, sem nada, sem prédio(-) é uma coisa boa que eu sinto lá .

Paulo: Tipo assobio de pássaro!

Maria: Isso! (Pedro, Paulo, José, Fátima, Maria. Interlocução. [jan. 2021]. Pesquisadora. Porto Alegre, 2021. Vídeo (21min5s). A interlocução está transcrita no Apêndice I desta dissertação.

A fala das crianças nos faz reconhecer a força que existe neste contexto (ANEXO E). As análises desta fase e das anteriores têm e trazem o ímpeto da música e do aroma, mas também dos elementos sensíveis e invisíveis. E ambas, música e aroma, agregados a energia emitida pela imposição das mãos, compuseram uma cultura viva, mudando e/ou modelando as crianças ou sendo mudada e/ou modelada por elas. Independente do que é o Reiki, os elementos de comunicação estão promovidos, neste cenário, e representam a questão do sensível sob aspectos que envolvem: as conversas, o ambiente, o contato, as sensações, os sentidos, as reflexões. E configuram também este lugar que traduz a tranquilidade, a paz, e dá concretude à subjetividade de descrever o cheirinho que, como uma figura de linguagem, se transforma em um ambientes específicos (//) sem poluição (//) *árvore sem carro sem nada sem prédio*, um lugar que só tem *coisas boas*, ou expressa sob a forma de uma figura de linguagem tipo *assobio de pássaro*, o que conecta estes protagonistas à dimensão do sensível, que pretendeu-se identificar, está lá na imaginação formatada pela realidade e pela subjetividade, e que acreditamos estar contida de muita potência. As crianças, nas suas formas sinceras, deixaram claro o que viram, perceberam e sentiram em uma relação direta com o que a realidade apresenta de bonito como a natureza e os problemas pertinentes às cidades. Com isso, o olhar para estas cinco crianças permitiu compreender que elas foram capazes de expressar e partilhar a forma como concebem a sua

vida, ainda que não tenham verbalizado como ela é de fato. Por isso, a relevância de retomarmos à importância de as crianças serem percebidas, e os autores que tratam do sensível (Maffesoli, Sodré, Santaella) ou da comunicação do sensível, como Marcondes Filho, versam sobre este tema, dos sujeitos serem percebidos, assim como Sarmento, e sua ponderação está adequada aos resultados obtidos, pois o referido autor destaca que:

[...] este lugar onde a criança é percebida, onde ela emite aquilo que gostaria e tem a dizer, deveria ser analisado pelo adulto não somente com o sentido de divertimento (ou de cunho apenas engraçado ou infantil), mas como algo que tem conteúdo e sentido, isto é, como o esboço de uma base útil para a vida em comum o que sedimentaria a construção ou resgate do envolvimento da criança na vida social a partir de sua voz (SARMENTO, SESC/RS, 2017, n.p.).

A fala destas crianças repercutiu no fato de que elas foram tocadas por esta comunicação, não em todos os momentos. Mas fizeram parte desta comunicação, que comunica através do sentir, das afecções, dos afetos, da imaginação, das ações e das situações do cotidiano. Este espaço (Consultórios e Sala de Encontro), que conectado à prática, deu a eles, por alguns instantes, o estado de pertencimento. Eles não se sentiram excluídos. Ali suas palavras fizeram sentido. A sua presença física recebeu o cuidado originário desta relação face a face, como o olho no olho, com a sensação de que alguém está perto para te acolher, através daquela energia transmitida pela imposição das mãos, que, mesmo sem tocar e abraçar, no final, os fez encontrar conforto, tranquilidade, pois neste espaço não existem problemas.

Pesquisadora: E a sala em que vocês fazem o reiki? O que vocês sentem naquela sala? Que vocês sentem naquele lugar?

Antes mesmo de terminar a pergunta levanta Fátima o dedo e Paulo responde

Maria: Uma energia boa.

Paulo: Conforto (disse com plena convicção, ♪ Entonação de voz forte em tom alto diferente das outras manifestações).

Pesquisadora: Conforto...

Maria: Uma energia boa... Conforto... Hã... Parece que tu nem tá ali, parece que tu tá... (-) Dormindo, só que não tá ali.

Fátima fala com Paulo: fazendo isso...

Fátima: Eu me sinto parece tipo as coisas quando a gente entra... (-) lá no... (-) Na sala, parece que... Hmm... (-) A gente entra numa sala especial que não existe problema, só existe tranquilidade (♪ Entonação de voz suave, tranquila). (Maria, Paulo, Fátima. Interlocução. [jan. 2021]. Pesquisadora. Porto Alegre, 2021. Vídeo (21min05s). A conversa na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I – Conversa Reiki e Segundo Desenho - Sala do Encontro).

Como dito anteriormente, existem pontos convergentes às noções de sensibilidade na forma preconizadas por Marcondes Filho, pela mudança profunda do Ser ou do que o cerca, identificadas nas falas de Maria e de Fátima, ou da sensibilidade abarcada pelas afecções e estética dimensionadas por Maffesoli, Sodré ou Santaella, presente na interlocução de Pedro ou

nos desenhos de Paulo e José. Mesmo na busca de uma resposta ou no que envolve as sensações ou o simples ato do sentir, de estar em um Consultório ou na Sala do Encontro, isso define o espaço onde eles exerceram o seu protagonismo, sendo este o lugar que a criança necessitaria ocupar, de ser ouvida, mesmo que suas ponderações sejam suas. Partindo desta premissa e das evidências que detectou-se em todas as sessões, duas palavras emergiram da observação no momento do Reiki, acrescido da música e do aroma, que foram *tranquilidade* e *paz*. Elas marcaram a observação, pois além de estarem presentes no ambiente físico, ou seja, nos degraus da escadaria, estavam também na forma como as terapeutas conversaram com as crianças, no tom de voz empregado, e na disposição para interagir com elas, mesmo que nem todos os atores sociais estivessem motivados ao diálogo. Mas, principalmente, na mudança percebida na fisionomia das crianças, que foi recorrente ao final de cada sessão. A evidência do que repercute esta pesquisa está nas palavras emitidas por elas, pois todas estavam no campo dos sensível: *conforto, relaxamento, muito bom, legal, leve* (Maria), *gostoso* (José, Pedro), *uma energia, uma energia boa, vibração boa, energia boa* (Fátima), e foram reproduzidas em diferentes oportunidades. Ao serem questionadas sobre qual a palavra, para elas, representaria o Reiki, algumas novamente apareceram:

Maria: Relaxante.

Fátima: Harmonia.

Paulo: Paz.

José: Tranquilidade.

Pedro: Paz¹⁷.

Por isso, o olhar delas e a suas percepções são fontes de análise, e saber que seriam preponderantes se agregadas, servindo de valor para todos os modelos de pesquisa científica. Ainda que não tivessem consciência ou conhecimento do que abrange a comunicação e as sensibilidades, elas expressaram aquilo que lhes dá sentido, através da mensagem que as tocaram, da troca que efetivaram, do afeto, das palavras, dos gestos, pelos movimentos e pela postura. Tudo isso pertinente aos momentos vividos na pesquisa, constituídos ou ocorridos em suas vidas para além daquelas paredes, a exemplo das situações relatadas por Maria e Fátima, ou pela reflexão de Paulo sobre o que há de positivo neste período de pandemia. Estas são evidências, certamente, de que há uma comunicação do sensível nesta prática integrativa, que parte da realidade e da conexão entre os sujeitos e a energia cósmica, com uma perspectiva vitalista e holística centrada em quem são os sujeitos e os ambientes que habitam. Que o corpo formado por outros corpos dialoga e está conectado ao espaço, ao bem-estar físico e mental. E,

¹⁷ Apêndice I – conversa Reiki e Segundo Desenho (Sala do Encontro)

de forma prática, as crianças demonstraram que os diagnósticos de nervosismo, ansiedade, hiperatividade, ou as situações de medo, perigo, irritação e/ou o distanciamento social deram lugar à calma, ao sono leve, como se estivessem em outro lugar.

Neste contexto, por ser recorrente, a ansiedade foi a palavra chave que reportou ao fato de que estes atores sabiam exatamente os seus sintomas, compreendendo as transformações pelas quais passaram após receberem o Reiki. Algo relevante não somente no que, conceitualmente, significa adoecimento, mas, especialmente, porque condiz com a comunicação do sensível, e responde à integralidade preconizada na política que integra as PICS, instituídas pelo sistema de saúde vigente. E dimensiona ainda a capacidade de o sujeito compreender a sua existência, e isso passa pelas questões de saúde, com certeza.

As falas, por conseguinte, apontaram para o fato de que todos os envolvidos experienciaram suas sensações de maneira individualizada, o que dialoga com a ideia de que, mesmo que tenham passado por uma situação equivalente, “[...] a construção mental que cada um será diferente de pessoa para pessoa.” (MARCONDES FILHO, 2008, p. 79), ou seja, as crianças vivenciaram a sessão de Reiki, mas o que resultou para uma, necessariamente, não seria similar às demais. Outro fator é que, mesmo que algumas das crianças fossem mais comunicativas do que as outras, elas se comunicaram e a fizeram a seu modo, ainda que no silêncio. O esforço de compreensão destas formas de comunicar, assim, também estaria presente.

A intenção e a intuição fizeram parte e estiveram no decorrer do processo de investigação, até porque entende-se esta visão sendo preponderante quando fala-se sobre temas que abarcam a comunicação e a saúde. A intenção, porque é, a partir dela, que olhamos para o sujeito em estudo, sem pensar ou emitir qualquer juízo de valor sobre o que ele pudesse dizer ou fazer. E o uso da intuição, pois ela é confirmada na perspectiva do sensível, e complementa o entendimento daquilo que está no plano do invisível e do inconsciente. A contar deste olhar, chegou-se à compreensão de ratificarmos a ideia de que, mesmo que ocorra uma alteração oriunda da relação entre a energia e o corpo, como o estado de calma, paz ou tranquilidade, nem sempre estaremos aptos à identificá-las ou a confirmar se, de fato, tal transformação ocorreu ou não. A base disso está na capacidade de os protagonistas não ficarem imóveis durante a sessão de Reiki, como foi o caso de Pedro e José. Depreendeu-se nas conversas que, se isso ocorrer, será expressado pela voz da criança em tratamento, pois seriam capazes de confirmar as percepções do observador, isto é, se esta criança também pudesse compreender ou descrever as suas próprias percepções e sensações.

O querer, a necessidade, o estar aberto são preponderantes não só para a conversão efetivadas nas crianças, existente na noção do sensível, mas para a aceitação daquele momento de conexão entre elas com a terapeuta, a energia e seu corpo ou "Ser". Dessa forma, como José e Pedro que parecem não dizer muito, que se abstiveram em outros momentos, que permaneceram em silêncio algumas vezes, demonstrando que ainda assim estavam presentes, ou seja, não eram meros ouvintes, poder-se-ia encontrar muito mais neles, pela força (empoderamento), pela dimensão e pela propriedade que deram a cada termo dito. Suas características pessoais ficaram evidentes, mas eles deram significado e ressignificado a todas as palavras ditas e não ditas, estas expressas por gestos, pelo olhar, pelos movimentos.

Olhar para este cenário nos faz dizer que este grupo de atores sociais respondeu pelo seu protagonismo ao problema de pesquisa "De que formas podemos compreender a comunicação do sensível na perspectiva das Práticas Integrativas e Complementares com Crianças (PICS) a partir de aplicação de reiki em crianças?" E essa resposta veio através da soma de todas as categorias, elementos que constituem a comunicação do sensível e que estão indicados no conjunto de circunstâncias que se constituiu com o campo. Ou seja, as informações oriundas dos prontuários apontaram que as crianças possuem vivências pessoais e sintomas muito parecidos. Dentre as queixas está a ansiedade, uma constante nas conversas no transcorrer das consultas, mencionado não só por elas, mas também por seus familiares.

Por outro lado, as conversas trouxeram, novamente, as questões de ansiedade e percebeu-se que, de alguma forma, elas associam o Reiki como um processo de cura, uma cura que aporta a segurança de que serão cuidadas, de que serão ouvidas, de que ali é um espaço no qual os conflitos não as perturbarão. Frisamos que a conexão de tudo, partindo das palavras emitidas por todas elas, por nós percebida, no momento da sessão, e aquelas impressas nos degraus da escada simbolizam e remetem à palavra Paz na dimensão em que ela realmente significa.

A energia transmite a segurança que precisam, pois modifica os sentimentos e as sensações de medo e perigo que, muitas vezes, até de forma inesperada, se confrontam, por exemplo, na situação de pandemia. Talvez todas as questões de ansiedade venham do seu cotidiano, de suas vivências exatamente pelas situações de conflito, corroborado quando fala-se da energia que é transmitida pela imposição das mãos, que vai a cada parte do corpo, respondendo através dos desconfortos, dos movimentos, sejam das pernas ou respiratórios. Ou mesmo quando permanecem totalmente imobilizados como se estivessem em um sono pleno, mas em uma plenitude que assegura àquele que observa que aquela criança está em paz e está

tranquila; houve o equilíbrio do corpo com a energia e com aquilo que o levou ao processo de adoecimento. É muito mais do que um simples tocar ou movimento das mãos, o Reiki está, muitas vezes, além das questões exatamente que tocam à saúde física e mental; está na forma como as crianças irão viver. A simbologia, o imaginário, a tradução do que o Reiki representa ficou marcada por suas interpretações na personificação do pássaro ou do jardim, uma força que estava em todas as palavras que foram emitidas e que confirma, sim, que as crianças encontram algo no Reiki; que o *gostar* é muito mais do que um simples gostar, ele é o reflexo daquilo que eles estão apreendendo e aprendendo a buscar por meio de suas sensibilidades. Então, pode-se dizer que as evidências forneceram subsídios que demonstram a existência de referências que constituem a comunicação do sensível neste lugar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa centra o seu estudo apoiado no seu objetivo geral, que visa compreender a comunicação do sensível na perspectiva das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) a partir da aplicação de Reiki em crianças. Esta trajetória iniciou com foco nas PICS que, enquanto política pública, objetiva garantir a integralidade e atender às necessidades dos cidadãos. A integralidade tem por foco a saúde do sujeito em sua totalidade, e a compreensão dos fatores físicos e sociais que levam ao adoecimento. Neste sentido, as PICS, especificamente, o Reiki, têm por base o cuidado e o autocuidado, o bem-estar em uma amplitude que garanta a saúde mental, emocional, física e espiritual dos sujeitos em atendimento. No campo da saúde, as práticas integrativas apontam para um novo modelo de tratamento, que tem muito dos saberes compartilhados entre pais e filhos, em diferentes comunidades, como as indígenas, ciganas e quilombolas. Os séculos XX e XXI trouxeram para as práticas uma adequação, que, muitas vezes, as aproximam da medicina, como das parteiras. As PICS conquistaram alguns espaços, apesar de ainda enfrentarem obstáculos, mas, como o Reiki, ultrapassam a esfera da saúde pública. Inclusas nas 29 Práticas que também trazem uma visão vitalista e holística, o Reiki é uma técnica na qual a energia cósmica é canalizada e transmitida pela imposição das mãos de profissionais terapêuticos. É reconhecido por seu enfoque vitalista, que, como tal, produz saúde, não doença, e, por isso, não pode ser quantificável. Mas proporciona bem-estar, o que pode ser relatado por seus praticantes. Assim, esta terapia permite o acesso a outras questões, que não envolvem somente os aspectos de saúde.

O estudo marca este olhar sobre a comunicação do sensível, na perspectiva de uma relação presencial, face a face, e sua relação tanto com as PICS quanto com as abordagens que envolvem a Infância e a Criança. No tocante a este modelo de comunicação, os conteúdos falam dos vínculos e contatos que são construídos ou reconstruídos entre os sujeitos e a forma como a comunicação, na ótica das sensibilidades, se estrutura e de que forma pode se captar o momento em que as sensibilidades se efetivam. Agrega-se a isso, a importância como cada sujeito percebe e se percebe neste ato comunicacional, desvelando também se as mensagens emitidas acarretam algum tipo de mudança no sujeito a ponto de mudar a visão de si, do outro e do mundo. Como as PICS, a comunicação e as sensibilidades têm sentido naquilo que é holístico e vital. Estão na esfera da partilha estética, das fruições, do consciente e do inconsciente, do que é (im)previsível de tudo que perpassa os afetos, emoções e são expressas pela comunicação verbal e não-verbal.

Os conteúdos que dizem respeito às crianças estão embasados na Sociologia da Infância, no lugar que lhe é de direito, no seu papel como ser social. Esta temática que encampa a criança busca torná-la um ser visível, protagonista de suas histórias e daquelas provenientes do cotidiano. São consideradas crianças do presente que se relacionam com seus iguais, com os objetos e com os adultos, além de agirem por si mesmas, pelas suas vontades e necessidades. De acordo com as suas faixas etárias, elas produzem e reproduzem as suas próprias culturas.

Ao ingressar no campo, percebemos que não basta, simplesmente, ver de forma contemplativa; que não basta olhar atentamente, precisamos estar envolvidos e comprometidos com o que permeia os cenários de pesquisa. Estarmos engajados nos propicia uma outra dimensão da nossa permanência neste lugar, conseguimos identificar a frequência e a intensidade com que compreendemos o que acontece a cada situação, e quais subjetividades acabam se materializando. Por meio de palavras ou imagens, comprovamos que nem tudo está na razão, pois, muitas coisas estão no plano do irreal, do espírito que envolve a alma, ou seja na essência de cada um.

Neste lugar, reconhecemos que, ainda que os partícipes da pesquisa não fossem munidos de um conhecimento técnico ou científico sobre o tema, tinham conhecimento das causas ou motivos que lhes geraram o processo de adoecimento e, dentre as patologias, citaram que apresentam sintoma de nervos, ansiedade ou hiperatividade. A contar disto, a ansiedade foi a palavra chave, que nos reportou ao fato de que elas sabem exatamente seus sintomas e que conseguem compreender a transformação pela qual passam após receberem o Reiki. Notou-se, principalmente, que todos os envolvidos têm suas sensações individualizadas, que dialogam com a ideia de que, mesmo passando por uma situação idêntica, “a construção mental de cada um será diferente de pessoa para pessoa.” (MARCONDES FILHO, 2008, p. 79)

Com as ponderações das crianças, identificou-se que vocábulos como *tranquilidade*, *calma* e *paz* eram mais do que palavras, já que eram recorrentes. Da mesma forma, *Relaxante* (Maria); *Harmonia* (Fátima), *Paz* (Paulo), *Tranquilidade* (José) e *Paz* (Pedro) estão acompanhadas de um saber ligado ao estado físico e mental de cada uma delas. Os atores sociais trouxeram à luz a noção deste sensível, no que tange à intensidade e aos tipos de relações que constituem este processo terapêutico, sob a lente de uma comunicação que “[...] não existe em si e por si mesma, não é ‘uma coisa’, mas algo relacional: ela está diretamente relacionada à minha necessidade. O que é para mim, pode não ser para qualquer outra pessoa” (MARCONDES FILHO, 2019, p. 13). Os protagonistas confirmam, através da investigação,

que as variáveis externas afetam o estado de saúde e demonstram, mesmo que inconscientemente, a importância das afecções e que estão abertos a este tipo de terapia.

A fala de Paulo, Maria e Fátima reforçam a ideia de Marcondes Filho (2019), acima citada, ao transformar sentimento e pensamentos de algo que não o fazia muito feliz “Ih com esta pandemia eu não fiquei muito feliz mesmo”, em uma reflexão que lhe proporciona a visão positiva desta situação, por estar mais perto de sua mãe, irmã e prima. A mudança de sentido e a ressignificação do distanciamento social foi decorrente da energia canalizada e transmitida para seu corpo e “Ser”, por meio da imposição das mãos do terapeuta. Ou ainda, a compreensão de Fátima e Maria que descrevem a reação positiva que o Reiki provoca em seus corpos quando estavam sob a ação/consequências de situações que haviam vivenciado em um período anterior à pesquisa. Evidencia-se com elas a presença de uma conversão provocada não por um fato ou causa natural, conforme Marcondes Filho, mas por uma circunstância que leva o sujeito a traduzir estas cenas ou situações como uma “mensagem”, como um fim determinado, que remete a novo estado do ser de indignação, revolta, adquirindo uma consciência que se centraliza e ratifica a ideia de que ocorreu uma mudança de posição ou opinião deste sujeito (MARCONDES FILHO, 2019).

Desta observação, intui-se que, por mais que o olhar esteja atento às alterações entre a energia e o corpo, não nos tornamos aptos, algumas vezes, a dizer que as crianças não encontram a paz, a tranquilidade ou que não ficam calmas, por exemplo, nos movimentos feitos por Pedro e José na sessão de Reiki. O que a investigação expôs nitidamente foi que as nossas concepções se concretizam na voz da criança em tratamento, e só ela é capaz de confirmar o nosso entendimento, isso se ela também puder compreender ou descrever as suas próprias percepções e sensações.

Por outro lado, a abrangência da participação não lhes deu somente o direito de escolha de falar ou silenciar, mas, com certeza, reforçou o direito de serem ouvidas em uma pesquisa, empoderando-as. Seus relatos, de forma natural, destacam a força do lugar enquanto espaço físico e lugar de fala, comprovando que qualquer tipo de comunicação é viável, que as partes são como partículas, imprescindíveis quando olha-se para o todo, principalmente, se esta está direcionada para aquilo que reside no consciente, inconsciente ou na alma. Foi sob esses paradigmas que os protagonistas foram percebidos e considerados interlocutores de suas realidades, corroborando com a ideia de que:

[...] este lugar onde a criança é percebida, onde ela emite aquilo que gostaria e tem a dizer, deveria ser analisado pelo adulto não somente com o sentido de divertimento

(ou de cunho apenas engraçado ou infantil), mas como algo que tem conteúdo e sentido, isto é, como o esboço de uma base útil para a vida em comum o que sedimentaria a construção ou resgate do envolvimento da criança na vida social a partir de sua voz (SARMENTO, SESC/RS, 2017, n.p.).

Os resultados reforçaram a ideia de pluralidade e da visão holística preconizada pelos autores que tratam da comunicação e do sensível e também de autoras como Luz, Araújo e Cardoso, que abordam este tema, sob o paradigma da racionalidade ou da comunicação e saúde. Assim, esta ótica plural e holística, que fomenta a comunicação do sensível e as PICS, é percebida como algo real, ainda que não se esteja dizendo que há neste contexto uma verdade absoluta, mas são estas as forças complementares e propulsoras para a compreensão do que acontecia em cada fase.

Diante destes conjuntos de elementos originários das respostas das crianças, percebeu-se o resultado a partir dos prontuários que demonstram que as crianças vivenciam situações muito parecidas. A ansiedade é um sintoma presente neste contexto, sendo que, de alguma forma, elas associam ao Reiki, representando assim aquele lugar seguro, um espaço de proteção, pois elas têm certeza de que não terão conflito. Isso porque, o consultório aparece com muita força como se fosse um recuo, um refúgio, onde elas depositam algumas certezas de que serão cuidadas, que serão ouvidas, que não haverá ali qualquer situação de conflito ou perigo, porque, talvez, fora deste lugar, não tenham estas garantias.

Neste ambiente, elas não ficam ansiosas, pois talvez todas as suas questões de ansiedade sejam oriundas daquilo que estejam vivendo em situação de conflito. Fato corroborado quando se fala da ação da energia emitida pela imposição das mãos e a reação do corpo, ao entrarem em contato, emergindo em um determinado ponto algum tipo de reação: as mãos vão passando e as crianças vão tendo desconfortos e vão se tranquilizando. Tranquilidade formalizada pelas palavras que trouxeram no decorrer de toda a pesquisa, com isso, demonstrando uma transformação do plano da subjetividade para a concretude. O Reiki se torna o real cuidado de saúde destas crianças; percepções representadas nas seguintes palavras: *relaxante, harmonia, paz, tranquilidade, conforto, energia boa, felicidade, alegria*, e que, dentro de uma nuvem simbólica de sentidos, estariam seguras, acolhidas e a paz estaria presente. Ao ouvir as vozes destes protagonistas, suas expressões e movimentos, percebemos que as transformações as levaram ao equilíbrio, à calma e à paz, e que fizeram sentido sob a perspectiva desta comunicação, com cerne na sensibilidade,

Embasada em tudo que o foi contextualizado desta experiência, que leva em conta a visão da criança em relação ao Reiki, pode-se dizer que as ideias que se conectam à noção da

comunicação do sensível foram expostas, respondendo, assim, a questão de pesquisa “de que formas podemos compreender a comunicação do sensível na perspectiva das Práticas Integrativas e Complementares com Crianças (PICS) a partir de aplicação de reiki em crianças?”

Realizar este estudo, com estes atores sociais, ouvindo-os em um momento de pandemia, de forma presencial, sob a ótica desta comunicação, que evoca as sensibilidades, reforça o quanto este tema é inovador e pode trazer outras perspectivas para nós, pesquisadores, e para a sociedade. Um conhecimento aplicável a qualquer campo científico, porque nele está o sujeito, e a comunicação está onde o sujeito está. Seja no âmbito da saúde ou da infância ou qualquer outro lugar esta porta está aberta para aqueles que quiserem trilhar por este caminho com enfoque no que congrega a sensibilidade humana.

Por fim, cremos que a comunicação e a sensibilidade estão no universo, pois emergem dos sujeitos, dos cotidianos e, sob o nosso entendimento, aguardam a oportunidade de serem desveladas na relevância da sociabilidade, por nós ou por outros pesquisadores que busquem promover a ligação entre os novos saberes e o conhecimento científico.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane Consentino. Descolonizando as pesquisas com crianças e três obstáculos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 127, p. 461-474, abr./jun. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302014000200007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 2 ago. 2019.

ALMEIDA, Verônica. Cooperação entre SES-RS e observatório vai estudar impactos de práticas integrativas. *In: **Blog do Observatório Nacional de Saberes e Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde (ObservaPICS)***. [S. l.], nov. 2019. Disponível em: <http://observapics.fiocruz.br/cooperacao-entre-ses-rs-e-observatorio-vai-estudar-impactos-de-praticas-integrativas/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

ALVES, Suely. **Conceito de projeção e métodos projetivos**. Material apresentado para a disciplina de Métodos Projetivos de Avaliação. [201-]. 11 slides. Disponível em: <https://slideplayer.com.br/slide/4026905/>. Acesso em: 3 ago. 2020.

ARAÚJO, Inesita Soares de. O campo da comunicação e saúde: contornos, interfaces e tensões. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 36., 2013, Manaus. **Anais [...]**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0550-1.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.

ARAÚJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE REIKI (ABR). **Reiki**: uma completa técnica para se chegar à iluminação. [S. l.], [S. i.], [S. a.]. Disponível em: <http://www.ab-reiki.com.br/reiki.htm>. Acesso em: 21 out. 2020.

BAHIA. Secretaria da Saúde do Estado da Bahia (SESAB). **Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde na Bahia**. Área Técnica de Práticas Integrativas e Complementares. Coordenação de Políticas Transversais. Diretoria de Gestão do Cuidado. Superintendência de Atenção Integral à Saúde. Bahia. 20 junho de 2019. Disponível em: http://www.saude.ba.gov.br/wp-content/uploads/2020/02/PEPICS_BA___Documento_Final___09_12_19___Para_Divulgacao.pdf. Acesso em: jun. 2020.

BARROS, Nelson Filice de. Bases da sociologia das medicinas alternativas, complementares e integrativas no campo da saúde. *In: LUZ, Madel Therezinha; BARROS, Nelson Filice de. (orgs.). **Racionalidades médicas e práticas integrativas em saúde**: estudos teóricos e empíricos*. Rio de Janeiro: CEPESC-IMS-UERJ-ABRASCO, 2012.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

BORSA, Juliane Callegaro. Considerações sobre o uso do teste da casa-árvore-pessoa-HTP. **Avaliação Psicológica**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 1, p. 151-154, abr. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=335027281016>. Acesso em: 3 ago. 2020.

BRASIL. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 18.055, 20 set. 1990. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1990/lei-8080-19-setembro-1990-365093-norma-pl.html>. Acesso em: 15 set. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Covid-19**: CNS recomenda divulgação de práticas integrativas e complementares em saúde (PICS) na assistência ao tratamento. [S. l.], 22 maio 2020. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1196-covid-19-cns-recomenda-divulgacao-de-praticas-integrativas-e-complementares-em-saude-pics-na-assistencia-ao-tratamento>. Acesso em: 18 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Práticas Integrativas e Complementares (PICS): quais são e para que servem**. [S. l.], [201-?]. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/praticas-integrativas-e-complementares>. Acesso em: 1 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Manual de implantação de serviços de práticas integrativas e complementares no SUS**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS**: atitude de ampliação de acesso. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Humaniza SUS**: documento base para gestores e trabalhadores do SUS. Brasília, DF: Editora do Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus_documento_gestores_trabalhadores_sus.pdf. Acesso em: 30 ago. 2020.

BULLOCK, Marlene. Reiki: a complementary therapy for life. **The American Journal of Hospice and Palliative Medicine**, Phoenix, v. 14, n. 1, p. 31-33, jan./fev. 1997. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/104990919701400112>. Acesso em: 12 jun. 2020.

CARILLO JÚNIOR, Romeu. Um pouco sobre a homeopatia. In: **Blog da Associação Brasileira de Reciclagem e Assistência em Homeopatia (ABRAH)**. [S. l.], [2014?]. Disponível em: <http://www.abrah.org.br/abrah/um-pouco-sobre-a-homeopatia/>. Acesso em: 14 jul. 2020.

CASTRO, Michele Guedes Bredel de. O direito da criança de participação no processo educativo: a perspectiva das crianças da educação. **Caderno de Prod. Acad.-Cient. Prog. Pós- Grad. Educ.**, Vitória, v. 21, n. 1, jan./jun. 2015.

CHIOZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

CIRO Marcondes Filho fala sobre os rumos da comunicação. Publicado por TV Unesp, São Paulo, 25 jun. 2015a. 1 vídeo (6min52seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_kPzOH-evN0. Acesso em: 15 maio 2020.

CORIOLOANO-MARINUS, Maria Wandelerya de Lavor *et al.* Comunicação nas práticas em saúde: revisão integrativa da literatura. **Saúde Soc. São Paulo**, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 1356-1369, 2014. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/sausoc/2014.v23n4/1356-1369/pt>. Acesso em: 9 jun. 2020.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CORSARO, W. A.; MILLER, P. J. **Interpretive approaches to children's socialization**. San Francisco: Jossey Bass, 1992.

COSTA, Lorena Xavier da. Sujeito de direito e pessoa: conceitos de igualdade? **Legis Augustus**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 75-87, jul./dez. 2013.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo focal. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

DIÁLOGOS - Nova Teoria da Comunicação. Publicado por TV Unesp, São Paulo, 2 set. 2015b. 1 vídeo (24 min 44 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4OUdGtc5Aik>. Acesso em: 1 jun. 2019.

ESPINOSA, Baruch de. Ética. *In*: CHAUI, Marilena de Souza (org.). **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **A comunicação que não vemos**. São Paulo: Paulus, 2018.

FIOCRUZ. **Boletim quadrimestral do Observatório Nacional de Saberes e Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde**, [S. l.], n. 5, maio/ago. 2020.

FISHER, Aubrey B.; ADAMS, Katherine. **Comunicação interpessoal: pragmática das relações humanas**. FARINHA, José (org.). [S. l.]: [S. i.], [2010].

FLORES, Herrera Joaquin. **A reinvenção dos direitos humanos**. Tradução de Carlos Roberto Diogo Garcia, Antônio Henrique Graciano Suxberger e Jefferson Aparecido Dias. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009.

FRANÇA, Vera Veiga. O objeto da comunicação: a comunicação como objeto. *In*: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz Claudio; FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 39-60.

FREITAG, Vera Lucia; ANDRADE, Andressa de; BADKE, Marcio Rossato. El reiki como forma terapéutica en el cuidado de la salud: una revisión narrativa de la literatura. **Enferm. glob.**, Murcia, v. 14, n. 38, p. 335-345, abr. 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

INSTITUTOS NACIONALES DE LA SALUD (INS). Departamento de Salud y Servicios Humanos de los Estados Unidos. **Salud complementaria, alternativa o integral: ¿Qué significan estos términos?** Estados Unidos, 2015. Disponível em: <https://www.nccih.nih.gov/health/espanol/salud-complementaria-alternativa-o-integral-que-significan-estos-terminos>. Acesso em: 15 jun. 2020.

IV SEMINÁRIO Midiatização - Mesa I - Construção Comunicacional da Realidade - Ciro Marcondes. Publicado por Midiaticom, Porto Alegre, 20 out. 2020. 1 vídeo (20 min 28 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E4TRIhoKMnQ&feature=youtu.be>. Acesso em: 21 out. 2020.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2007.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de J. Rodrigues de Merege. [São Paulo]: Edição Acrópolis, [2001].

LACAN, Jacques. O simbólico, o imaginário e o real. *In*: LACAN, Jacques. **Nomes-do-pai**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005. p. 11-53.

LANÇAMENTO do PodCast. Publicado por Fiocruz Pernambuco, 15 jul. 2020. 1 vídeo (57 min 07 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fG70NVfsS78>. Acesso em: 15 jul. 2020.

LIMA, Julyane Felipette. **Interações das pessoas em hemodiálise: o que acontece no ciberespaço?**. 2016. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, 2016.

LIMA, Karla Morais Seabra Vieira; SILVA, Kênia Lara and TESSER, Charles Dalcanale. **Práticas integrativas e complementares e relação com promoção da saúde: experiência de um serviço municipal de saúde**. *Interface (Botucatu)* [online]. 2014, v.18, n.49, pp.261-272. Epub Mar 10, 2014. ISSN 1807-5762. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622013.0133>.

LUZ, Madel Therezinha, NASCIMENTO, Marilene. OBSERVAPICS, Evidências. **Contribuição das PICS no Sistema Único de Saúde**. Boletim quadrimestral do Observatório Nacional de Saberes e Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde. n.1. jan-abr 2019. www.observapics.fiocruz.br. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/observa_pics_boletim_no_1.pdf. Acesso em: 6 abr. 2021.

LUZ, Madel Therezinha. Contribuição do conceito de racionalidade médica para o campo da saúde: estudos comparativos de sistemas médicos e práticas terapêuticas. *In*: LUZ, Madel Therezinha; BARROS, Nelson Filice de. (orgs.). **Racionalidades médicas e práticas integrativas em saúde: estudos teóricos e empíricos**. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

LUZ, Madel Therezinha; WENCESLAU, Leandro David. A medicina antropológica como racionalidade médica. *In*: LUZ, Madel Therezinha; BARROS, Nelson Filice de. (orgs.). **Racionalidades médicas e práticas integrativas em saúde**: estudos teóricos e empíricos. Rio de Janeiro: CEPESC-IMS-UERJ-ABRASCO, 2012. p. 185-216.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**: introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 10, n 20, p. 13-20, abr. 2003.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. [Entrevista cedida a] Juremir Machado da Silva. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 15, ago. 2001.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998a.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**: compêndio de sociologia compreensiva. Tradução de Aluizio Ramos Trinta. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A comunicação do sensível**: acolher, vivenciar, fazer sentir. São Paulo: ECA-USP, 2019. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/368/324/1332-1>. Acesso em: 1 set. 2019.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Para entender a comunicação**. São Paulo: Paulus Editora, 2008.

MARTINO, Luiz Claudio. De qual comunicação estamos falando?. *In*: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz Claudio; FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MONTANDON, Cléopâtre. Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. Tradução de Neide Luzia de Rezende. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 112, p. 33-60, mar. 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000100002. Acesso em: 30 maio 2019.

MORIN, Edgar. **O método 5**: a humanidade da humanidade. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2003.

NASCIMENTO, Marilene Cabral do. *et al.* A categoria racionalidade médica e uma nova epistemologia em saúde. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 12, p. 3595-3604, 2013.

NATANSOHN, Graciela. Comunicação & saúde: interfaces e diálogos possíveis. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**, v. 6, n. 2,

maio/ago. 2004. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/411/538>. Acesso em: 8 mar. 2020.

PH, Noronha de. Pesquisa nacional vai mapear uso de práticas integrativas e complementares em saúde durante a epidemia. In: **ICICT/Fiocruz**. [S. l.], 25 ago. 2020. Disponível em: <https://www.iciet.fiocruz.br/content/pesquisa-nacional-vai-mapear-uso-de-praticas-integrativas-e-complementares-em-saude-durante>. Acesso em: 18 out. 2020.

PROTAGONISMO nas infâncias, com Manuel Sarmento. Publicado por SESC/RS, 24 ago. 2017. 1 vídeo (20 min 15 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c8mI7wekQc>. Acesso em: 12 jun. 2020.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 631-643, maio/ago. 2010.

RAMOS, Sandra; RAMOS, Jorge A. **Reiki**: as raízes japonesas (o tronco, ramos, folhas e alguns frutos). Lisboa: Dinalivro, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005.

REIKI - Naturóloga Mariana Ostermann no Canal Saúde. Publicado por ABRANA - Associação Brasileira de Naturologia, [S. l.], 25 jul. 2017. 1 vídeo (26 min 15 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vEkIqox5uUk>. Acesso em: 15 nov. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento de Ações em Saúde. Coordenação da Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares. **Nota Técnica PEPIC-RS/DAS Nº 01/2017**. 11 dez. 2017. Disponível em: <https://atencao basica.saude.rs.gov.br/upload/arquivos/201712/13142927-nota-tecnica-pepic-rs-das-01-2017.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2017.

ROCHA, Andressa Laís. **O uso de grupos focais com crianças na avaliação de um serviço de saúde mental na atenção primária de saúde**. 2016. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Medicina, Universidade Estadual Paulista (Unesp), São Paulo, 2016.

RUELA, Ludmila de Oliveira; MOURA, Caroline de Castro; GRADIM Clícia Valim Côrtes; STEFANELLO, Juliana; LUNES, Denise Hollanda; PRADO, Rogério Ramos do. **Implementação, acesso e uso das práticas integrativas e complementares no Sistema Único de Saúde**. Saúde: revisão da literatura. Ciência & Saúde Coletiva. DOI: 10.1590/1413-812320182411.06132018, pp 4239-4250, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v24n11/1413-8123-csc-24-11-4239.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2021.

SADER, Moacir. **Os milagres do reiki**. Vitória: Edição do Autor, 2011.

SANTAELLA, Lucia. O paradigma do sensível na comunicação. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, SP, v.11, n.1, p. 17-28, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/102>. Acesso em: 14 dez. 2019.

SANTOS, Paula Renata Miranda dos; ARAUJO, Laura Filomena Santos de; BELLATO, Rosenedy. O campo de observação em pesquisa sobre a experiência familiar de cuidado. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 20, n.3, e20160055, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452016000300215&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 jun. 2020.

SARMENTO, Manuel Jacinto; FERNANDES, Natália; TOMÁS, Catarina. Políticas públicas e participação infantil. **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 25, p. 183-206, 2007.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a03v2691.pdf>. Acesso em: 21 maio 2020.

SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Portugal: Asa Editores, 2004.

SIGNATES, Luiz. O sujeito da comunicação. In: **COMPÓS**, 9., 2000, Porto Alegre.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/333199022_O_sujeito_da_comunicacao. Acesso em: 9 nov. 2020.

SILVA, Cleber Fabiano da; RAITZ, Tânia Regina; FERREIRA, Valéria Silva. Desafios da sociologia da infância: uma área emergente. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 75-80, abr. 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822009000100009&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 22 nov. 2020.

SILVA, Maria Júlia Paes da. **A comunicação tem remédio**: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

SILVA, Maria Júlia Paes da. O papel da comunicação na humanização da atenção à saúde.

Revista Bioética, Brasília, DF, v. 10, n 2., 2002. Disponível em:

http://www.revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/215. Acesso em: 24 jun. 2020.

SILVA, Waldine Viana da; NAKATA, Sumie. Comunicação: uma necessidade percebida no período pré-operatório de pacientes cirúrgicos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 58, n. 6, p.673-676, 2005. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0034-71672005000600008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt.

Acesso em: 16 abr. 2020.

SIROTA, Régine. A indeterminação das fronteiras da idade. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n.1, p. 41-56, jan./jun. 2007. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1628/1369>. Acesso em: 21 jun. 2020.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. Tradução de Neide Luzia de Rezende. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 112, p. 7-31, mar. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000100001&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 12 set. 2019.

SIROTA, Régine. **A escola primária no cotidiano**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1994.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz. A forma de vida da mídia. [Entrevista cedida a] Mariluce Moura. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, n 78, ago. 2002. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2002/08/86_entrevista.pdf. Acesso em: 12 jun. 2020.

SPEZZIA, Sérgio; SPEZZIA, Solange. O uso do reiki na assistência à saúde e no Sistema Único de Saúde. **Revista de Saúde Pública do Paraná**, [Curitiba], v. 1, n. 1, p. 108-115, 2018.

TAVARES, Fabiola. Podcast aborda ciência e saúde integrativa com a pesquisadora Madel Luz. *In*: **Blog do Observatório Nacional de Saberes e Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde (ObservaPICS)**. [S. l.], 10 jul. 2020. Disponível em: <http://observapics.fiocruz.br/podcast-aborda-ciencia-e-saude-integrativa-com-a-pesquisadora-madel-luz/>. Acesso em: 15 jul. 2020.

TELESI JÚNIOR, Emílio. Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.30, n.86., jan./abr. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000100099. Acesso em: 12 jun. 2020.

UNIDIVERSIDADE - homeopatia no SUS. Publicado por Canal Saúde Oficial, Rio de Janeiro, 9 set. 2016. 1 vídeo (23 min58 seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=4&v=bL_5ceZSVk0&feature=emb_logo. Acesso em: 15 maio 2020.

VARNO, [S. I.]. **Reiki**: sistema ocidental. Universo: Edição do Autor, 2009.

VIEIRA, Ana Beatriz Duarte *et al.* As práticas integrativas e complementares em saúde como um caminho para a sensibilização e formação de acadêmicos da saúde: relato de experiência. **Vittale - Revista de Ciências da Saúde**, v. 30, n. 1, p. 137-143, 2018.

VIEIRA, Tony de Carlo. **O reiki nas práticas de cuidado de profissionais do Sistema Único de Saúde**. 2017. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/185635/PGSC0188-D.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 set. 2020.

WOLFF, Flávio Roberto. **Reiki**: quatro níveis em curso à distância, não tradicional, essencial. Santa Maria: Ed. do Autor, 2012.

APÊNDICE A - Roteiro

ROTEIRO

Data: 06 de janeiro de 2021 (Quarta-Feira)

Horário: 13:00 as 16:30 (3h30min)

Local: Ambulatório Terapias Naturais e Complementares 1º de Maio (ATNC 1º de Maio)

Objetivo Geral: Compreender a comunicação do sensível na perspectiva das práticas integrativas e complementares em saúde (PICS) a partir de aplicação de reiki em crianças.

1. 13:00 -13:15 Acolhimento terapeutas (Oração)
2. 13:15 -13:30 Assinatura dos termos e despedidas dos pais (pais/responsáveis/crianças/profissionais)

Fase 1: Observação (40min)

Objetivo Geral: Identificar através da imposição das mãos e das crianças o que emerge deste momento

- 1.13:30 -13:50 - 1º Grupo Consultórios 4 (6 min); 6 (7 min); 7 (7min)/ (Observar Je/Andy imagem)
- 2.13:50 - 14:10 - 2º Grupo Consultórios 4 (10 min); 6 (10min)/ (Observar Je/Andy-imagem)

Sala do Encontro

14:10 -14:30 (20min)

1. Convidá-las a fazerem um círculo, pegando cada uma seu colchonete (colocados na parede)
2. Jerônima apresenta o CoruGim
3. Apresentação e apresentação do objeto (nome/idade/ objeto que trouxeram) (entrega do crachá depois de se apresentarem)
4. Anderson apresenta a Flor (último a apresentar a Flor e dizer de onde ela vem)
5. Jerônima (Flor – Coruja Faladora)
6. Lanche: cada criança pega seu kit –
- 7 Coletivamente as crianças participam da limpeza da sala depois do lanche
8. Propor as crianças a ida ao banheiro

Fase 2: Desenho

14:30 – 14:45 (15min)

2. Período da criação do desenho (sem qualquer tipo de movimento Je/Andy)

Fase 3: Conversa

Objetivo Geral: Fazer com que a criança manifeste a partir do seu ponto de vista o sentido e os significados que têm o reiki no seu processo

14:45 – 16:00 Conversa (1h10min)

1. Crianças conversam sobre o desenho que fizeram
2. Questões Norteadoras (usar se necessário)

Porque começaram a fazer o reiki?

Quando vocês fazem o reiki muda alguma coisa em relação a isto?

3. Perguntar se querem acrescentar mais alguma coisa ao desenho ou se desejam fazer mais um desenho (ação final) – Andy tem que captar as duas fases do desenho (antes/depois)

16:00 – 16:30 Encerramento (30min)

1. Agradecimento
2. Convidar as crianças a fazerem uma foto com o ConiGim e a Flor
3. Mímo (sala anexa)

APÊNDICE B - Transcrição

TRANSCRIÇÃO

Data: 06 de janeiro de 2021 (Quarta-Feira)

Horário: 13:00 as 16:30 (3h30min)

Local: Ambulatório Terapias Naturais e Complementares 1º de Maio (ATNC 1º de Maio)

Endereço: Rua Francisco Martins, 9. Bairro Cascata (Final da linha de ônibus 250 – 1º de Maio)

Denominação equipamento: Grupo Focal – CAM 1 Nº de Vídeos 7

Identificação das crianças:

As crianças e as terapeutas no desenvolvimento das atividades foram chamados por seus nomes de batismo, mas na transcrição dos diálogos e reflexões oriundas da observação realizada por esta pesquisadora eles serão identificados por nomes fictícios. Nossa decisão perpassa pela oportunidade das crianças exercerem o seu lugar de fala, e o papel de atores sociais, como protagonistas de sua realidade, incorporando a isto o ato humanizado que reverbera na forma como tratamos ou vemos o outro, assim, elas serão nominados como Pedro (8 anos); Paulo (9 anos); José (10 anos); Maria (10 anos) e Fátima (11 anos), esta percepção também levou a denominar para as três terapeutas, que aplicaram o reiki, os nomes de Clara (sala 4), Rita (sala 6) e Lourdes (sala 7). Ratificamos que os dados foram trabalhados de forma anônima, e serão utilizados somente para fins científicos desta pesquisa.

Descritivo do ambiente

1. Consultórios 4,6,7 (fotos páginas 65 e 66)
2. Arejados tinham uma maca disposta de acordo com o espaço, uma mesa lugar onde foram estabelecidos os primeiros diálogos terapeutas conversava com a criança,

3. Interpretação da Conversa

Acompanhamos algumas das conversas a exceção de Pedro que aceitou nossa presença (pesquisadora/assistente) enquanto recebia o reiki, mas não no momento em que conversava com a terapeuta Lourdes.

As conversas são informais, mas cada terapeuta trouxe seu olhar e sua forma pessoal de acessar as crianças.

No decorrer das conversas ou aplicação do Reiki ouvia-se o som de um galo que cantava e que não pareceu chamar a atenção das crianças ou das terapeutas, mesmo os sons externos do Ambulatório. A conversa entre as crianças e as terapeutas ocorrem todas antes da sessão de terapêutica.

A prática

4. é feita com as crianças deitadas, algumas permaneceram descalças enquanto outras ficaram calçadas, a ideia é que se sentissem à vontade. A música e o aroma, estiveram presentes
- 5.

APÊNDICE C - Interlocução da terapeuta com a criança e a sessão de reiki

Interlocução da Terapeuta com a Criança e a Sessão de Reiki (Caderno de anotações e vídeos)

1 Consultório 4: Terapeuta /Clara; Criança/Maria – Vídeo 5

1.1 Interlocução: Clara e Maria

Pesquisadora: Maria estava com sono irregular e não dorme no escuro.

Clara: Orientação de dormir mais cedo, ao acordar não dormir novamente. E diminuir um pouco a luz Durante a conversa ficou mais calada ouvindo a terapeuta, mas suas respostas foram expressas com uma tranquilidade, suas mãos gesticulando com leveza

Maria: vai tenta dormir no escuro com pouca luz,

1.2 Reiki (Observação – Consultório 4) Terapeuta Clara – Maria

Conforme a terapeuta foi acessando cada ponto de energia no corpo de Maria, a tranquilidade expressa na voz no momento da conversa e as oscilações emanadas da energia transformaram aquela tranquilidade aparentemente presente na fala e tom de voz da menina em movimentos agitados, conforme a reikiana vai avançando. Aos poucos a reação de tranquilidade vai retornando, voltando a tranquilidade e foi ficando relaxada, enquanto ainda estava deitada na maca. Percebemos que o relaxamento também ocorreu a partir da melodia e do aroma que ajudou Maria a se sentir relaxada.

2 Consultório 4: Terapeuta/ Clara; Criança/Paulo – Vídeo 1

2.1 Interlocução: Clara e Paulo

Pesquisadora: Antes de ingressar no consultório enquanto aguardava na recepção se mostrou ansioso, querendo saber quando iria

Pesquisadora: Não conseguimos acompanhar a conversa entre eles antes do reiki.

2.2 Reiki (Observação – Consultório 4) Terapeuta Clara – Paulo

A música ao som do piano lembrava uma melodia oriental, tinha intervalos de silêncio e voltava novamente como um tilintar do som emitido pelas notas musicais. Paulo deitado com suas sandálias, ficou por muito tempo com uma tranquilidade que transparecia em seu rosto como se dormisse. Como se nada pudesse afetá-lo, nem dores, nem lembranças, e tal impressão foi percebida, porque as partes do corpo de Paulo em processo de energização, ficaram imóvel. Porém, quando as mãos iam se aproximando de suas pernas a respiração, de Paulo, foi ficando um pouco ofegante, mas a permanência das mãos posicionadas naquele ponto foi fazendo que aos poucos a respiração fosse retomando a tranquilidade, cessaram os movimentos e pareceu novamente dormir de forma serena. O

menino estava em um grau de concentração que não percebia a presença da terapeuta, nem o toque daquelas mãos que estavam emanando energia para o seu corpo. Clara em alguns momentos direcionava seu olhar para o rosto do menino que permanecia imóvel, deitado com as pernas erguidas e os pés sobre o rolo de posicionamento, seu corpo pareceu ficar completamente em harmonia,

tranquilo estando em plena serenidade. Meditação, concentração, respiração, contração muscular são as formas como o corpo comunica como ele expressa a informação que os outros órgãos que o compõem sinalizam questões que estão lá naquela pessoa que nem sempre pode ser identificado ou percebido pelo outro. Aceitar o Reiki, a energia que flui do cosmo para o corpo, é um dos processos simbólicos que determinam o que está no plano do invisível no plano dos sentimentos, das palavras e ações e que refletem no corpo, na mente e na alma dos sujeitos. Ao final com uma voz calma abre a janela, ela diz:

Clara: respira fundo, vai sentindo teu corpo devagar,

Clara: Vai voltando a respiração

- Vai sentindo teu corpo devagar
- Vai sentindo teus pés, tuas mãos
- Vai abrindo teus olhos devagarrrr
- Vai sentindo todo teu corpo devagarinho
- Dá uma espreguiçada
- Vai abrindo teus olhos devagar, dá uma espreguiçada

Paulo: mesmo sendo guiado a retomar os sentidos de seu corpo, o fez no seu tempo, lentamente, pois ele ficou ainda algum tempo até retomar realmente os sentidos, os movimentos de acordo com a orientação da terapeuta, que a cada orientação silenciava deixando que este retomasse ao seu tempo.

Então, Paulo com os braços esticados e as mãos cruzadas se espreguiça

Clara: Ai que preguicinha, tudo bem amor.

Paulo: Sim (em tom branco, como se estivesse sonolento)

Clara: bem

- Vamos sentar
- Pega teus óculos, teu bonequinho

✔ Consultório 6: Terapeuta/Rita; Criança/Fátima – Vídeo 2

3.1 Interlocução: Rita e Fátima

Pesquisadora: Mais expansiva na conversa disse fazer reiki com a terapeuta Lourdes (Paula) desde que tinha 5 anos.

Rita: oi vamos conversar um pouquinho

Fátima: chego agitada e entro tranquila (**)

- Sou comunicativa
- Tenho seguidores no tick tock, fazem música e piadas e as pessoas utilizam os áudios
- Eu gravo sozinha na pandemia, mas vou grava com minhas amigas depois da pandemia
- Ontem eu e minha mãe tivemos (//) vi tudo, (//)
- (//) aquilo não saía da minha cabeça e repetia e repetia
- me preocupei (//) casado, a mulher dele tá grávida, fiquei preocupada, com medo
- mas depois fiquei relaxada. Fico todo mundo bem ninguém se machuca (//)
- (//)
- Depois vi que tudo ficou bem falamos com a esposa dele e a minha mãe foi resolver as coisas, a amiga dela me buscou

Comenta sobre o (//) que ocorreu no dia anterior (05/01/2021) e declara que todos ficaram bem, a amiga da mãe a levou para casa. Esposa (//). Não tirava a cena da cabeça depois ficou relaxada.

A sensibilidade e os sentimentos confusos estavam implícitos na verbalização, fez uma fala espaçada, na tentativa de demonstrar uma maturidade frente à situação. Uma maturidade que pareceu real, verdadeira, mas que não estava distante de uma ansiedade, um medo, como se estivesse revivendo os momentos descritos de forma perceptível, seus olhos e postura corporal também traduziam isto.

Obs.: Como Fátima comenta a questão na Fase do Grupo Focal, sem citar os fatos, por uma questão ética, omitimos as falas que identificam o problema ocorrido.

3.2 Reiki (Observação – Consultório 6)

Terapeuta Rita – Fátima

Aceita que seja colocada a música, a terapeuta põe em suas mãos o aroma, que são aplicados de acordo com a necessidade daquele em atendimento. Rita coloca um pouco de aroma nas mãos de Fátima e pede que esta passe uma contra a outra. A menina fricciona as mãos, e inspira aquele aroma suave que exala no ambiente. Rita também usa o óleo em suas mãos friccionando uma contra a outra enquanto vai dizendo:

Rita: E aí tu vais inspirar

Fátima: Assim, colocando as mãos com o óleo próximo do nariz (colocando após as mãos ao lado do corpo)

Rita: Sente um pouquinho do aroma (demonstra uma inspiração com uma sonorização forte Hunz),

- Não precisa colocar muito próximo, mais ou menos só.
- Inspira fundo e solta, inspira pelo nariz solta pela boca
- Pensa nas coisas que tu gostas, que te deixam feliz aí tu inspira assim (Humz)
- Naquilo que tu não gosta muuuito tu solta (Rah)
- Aquilo que tu quer (Humz)
- E aquilo que tu não quer mais (Rah)
- (pronúncias pausadas)
- Vais relaxar

Em um primeiro momento, as palavras, a melodia zen e o aroma vão acalmando-a. O que resultou em uma conexão harmônica que ao nosso olhar emergiu do corpo da criança em atendimento. Esta tríade criança, terapeuta e ambiente, neste caso, estavam em ligação simbolizando uma unidade. Rita ficou por um bom tempo com as mãos emanando energia na face de Fátima, depois transpôs a energia para o pescoço, como se buscasse aliviar possíveis tensões, retornando novamente a face e o peito. A sensibilidade decorrente da energia que é transmitida, parece fluir mais tempo em partes do corpo, que parecem se comunicar com a reikiana. Não podemos de forma alguma dimensionar se a energia naqueles pontos é mais intensa, mas de uma certa forma o corpo responde e isto é evidente. Fátima somente abriu os olhos olhando para a

terapeuta, no momento em que o reiki estava agindo em suas pernas acima dos joelhos, tomando a fechá-los em seguida. O corpo comunica seu estado de “stress, angústia, ou dor”, Fátima mantém uma respiração constantemente estável. Mas os possíveis problemas relatados a afetaram, porque relatou isto, mas o sintoma ou o ponto onde havia um nó-energético foram acionados por essa energia, e a resposta pode estar nas contrações que foram emanadas involuntariamente, de sua perna direita a altura do joelho, exatamente quando as mãos da terapeuta, em uma fração de segundos ficou estendida sobre estes membros. Pequenas contrações se conectam à energia cósmica transmitida por aquelas mãos. As pálpebras e a respiração se tornam mais densas. A sessão de Reiki de Fátima e seus movimentos involuntários, reforçou, de certa forma, as questões que tinha vivido no seu cotidiano e o quanto, ela foi afetada pelos fatos por ela narrados. Quando as mãos da terapeuta emanava a energia, as pernas da menina começam a ter contrações

As palavras iniciais emitidas pela terapeuta em combinação com os outros dois elementos foram tranquilizando-a, e ao final notamos, com isso, uma harmonia entre a respiração, o movimento lento das pálpebras e das pernas, até ficar imóvel como se estivesse tendo um sono bom.

Pesquisadora - Rita se afasta um pouco e fazendo movimentos circulares foi calmamente dizendo

Rita: Vai voltando, sentindo o corpo

- Mexendo as mãos, os pés
- Se espreguiçando
- Se sentindo bem desperta do sono
- E vai voltando
- Tá bom

Pesquisadora - Fátima atende a todas as orientações da terapeuta, movimentando as mãos em círculos, se espreguiçando e sua resposta a orientação é uma:

Fátima: Hum Hum!

Rita: Aí que bom

Fátima: Quando a pessoa chega perto eu sinto meio que uma vibração

Rita: Que bom, quero que você venha mais vezes

- Você costuma vir né

Fátima: HumHum!

4 Consultório 6: Terapeuta:/Rita; Criança/ José – Vídeo 2 e 3

4.1 Interlocução: Rita e José

Rita: Pode sentar quero conversar contigo um pouquinho

- ✓ Olha um kit de mágicas

José: É

- ✓ Minha mãe disse que eu tinha que leva uma coisa que eu goste
- ✓ Que é isto (apontando para o rolo de posicionamento que estava sobre a maca)

Rita (tom de voz descontraído)

- ✓ Ah isso é pra quando tu deita pra quem tem dores nos quadris ou nos joelhos Bota atrás assim (mostrando como faz), daí fica mais confortável não dá tanta pressão na coluna aqui assim, acho que não temos estes problemas
- ✓ Quantos anos tu estás José, 10

José: 10

Rita: 10

- ✓ A última vez que te vi tu não vai lembrar de mim né
- ✓ Não faz tanto tempo assim tu estava com 7 mais ou menos isso

José: faz uns três anos

Rita: é deve fazer uns três anos que não te vejo da última vez

- ✓ Os olhos estão os mesmos, uma mistura eu acho da mamãe e do pai. Dizem que tu és mais parecido com quem!

José: com a minha mãe

Rita: Com a tua mãe, é!

José: Todo mundo que me vê, diz a tu é parecido com a tua mãe e daí têm uns que dizem que eu sou parecido com meu pai, mas não tem nada a ver!

Rita: é a gente confunde

- ✓ E me conte! O que você gosta de fazer José

José: Hãh é mágicas!

Rita: É, hãh!

José: Só eu não sou mágico, quer dizer eu nunca fiz um show de verdade assim, mas eu já fiz tipo um showzinho assim.

Rita: Que legal

José: na escola de inglês eu fiz um showzinho

- ✓ A (//) que hãh é a escola do meu pai, porque ele trabalha numa escola de inglês, eu fiz um showzinho
- ✓ Hãh que bacana e tu ficou tipo num palco
- ✓ Não, tinha, era uma mesa firme. Que um show surpresa Nem eu sabia que eu ia fazer o show, ninguém sabia né tipo eu levei um livro e daí eu fui pegar o material de fazer a mágica
- ✓ Eu fiz uma mágica assim de um livro que eu... que o livro fecha sem eu encostar nele

Rita: eu queria ver se eu puder

(//)

Rita: E quando tu fez mágica, como é que foi prá ti tu gosto?

José: Ah eu adoro fazer mágica, (titubeia) também ah dá um troço no rosto, eh ahn (dá uma risadinha) é engraçado

Rita: É

José: Ahn por exemplouu (-) tem umas mágicas lá que dá (-) umas mágicas que quebra o nariz e fica agoniado alguma coisa assim

Rita: Como é que faz, faz para mim

José faz o movimento no nariz, ao ver Rita arregala os olhos, leva a mão até o nariz sem tocá-lo efetivamente (estava com máscara) e faz uma careta como se sentisse dor por causa da demonstração.

Rita: cruzis aiihh

Rita: Huiuu não dói isso,

Rita: É

José: Não...Eu não sinto nada

Rita: Uihhh doeu (pequenas risadinhas) em mim doeu (fez uma careta novamente e ri novamente)

Rita: sabe quando tu vê assim (leva as mãos ao rosto) e chega até a doer (demonstra com as duas mãos fazendo uma careta como se sentisse algum tipo de dor)

✓ Dá um trecozinho assim

✓ Que legal

José: Parece que um cara ele fez assim né

Rita: E

Rita: Que legal

Sim

José: Tipo a primeira vez que tu vê tipo

José: A primeira vez que tu vê tipo por exemplo vendo um vídeo na internet pra sabe como faz né, Daí tipo a primeira vez tu QUE!! Daí quando tu vê Tá Loko É Muito Fácil

Rita: Simmm !Ah tu tá descobrindo

José: Da uma agonia enorme depois não tá dando mais

Rita: Sim

Rita: sabe aquilo que faz de vez em quando anh agora tem o circo híbrido em Porto Alegre

José: Como assim

Rita: Ahn Lá Tem aquelas coisas de fazê claro tem quando (ahn) (-) acrobacia, coisas no tecido

José: Tipo um circo

Rita: É ééé tipo um circo

✓ Agora não sei lá não sei, porque esse ano tudo fechou, mas eles tinham uns encontros assim me lembro que ia um lá e fazia umas mágicas na rua e era (gagueja) bem bacana

✓ De repente tu debes ter visto

✓ Tu ia antes em alguns assim na rua vê

José: Nãooo um dia eu vi um vídeo e uma pessoa tipo aquilo ali anh (-) era óbvio (-) era pura matemática ouuu só é o feito ahn (-) e é (suspira, gagueja) ele pergunta prá todo mundo alguém têm um relógio(-) eu tava na praia, daí uma menina (-) tirou o relógio daí ele disse tá vendo esta marca de relógio daí ele pego e boto o dedão na marca de relógio ele ele pego puxo a marca de relógio pra cima e tiro a marca

Rita: anh tipo daí

Rita e José falam ao mesmo tempo ficando incompreensível o que dizem

Rita: É Tipo assim aqui eu fiz uma pressão daí ficou uma marca e ele puxou aqui anh (todo tempo as ações e reações da terapeuta demonstram interesse e interação com o assunto)

José: É ele puxou a marca até em aqui (mostrou) e fez desaparecer

Rita: Vamos lá fazer, tu, já é acostumado com o Reiki né.

- ✓ Não sei (-) não saberia e tu
- ✓ E tu descobriu como faz isso?

José: Não ele não revelou

Rita: Aí que sem graça

José: Não acho sem graça, eu gosto de mágica em shows essas coisas

Rita: Sem graça porque se vai aprender a fazer tem que compartilhar aí um pouquinho (-) para aprender qual foi o truque que ele usou (-) porque isto é um truque (fala com movimentos de cabeça)

José: Mas tu acha sem graça só vê a mágica eu te ensino está aí do nariz

Rita: Ah deixa eu vê

Rita: Não acho sem graça eu gosto de vê também, mas pra quem tá aprendendo este número é legal saber como faz (leva os dedões até o nariz)

José: É só (demonstra colocando o dedo nos dentes e o outro no nariz ela repete,

José: Viu é só (© murmura)

Rita: Mas tu fez no nariz junto

José: Sim eu só fiz assim o aberto 9..) fechado (demonstrando e ela acompanhando os movimentos. Os dois riem

E teria que disfarçar melhor

Rita: vamos lá fazer um (-) tu já é acostumado a fazer o reiki né

José: Ah eu nunca fiz reiki

Rita: o que vocês (-)

Rita: É mas Acho que quando tu era bem pequenininho ela fez quando tu chorava, sera que não

Mãe do José é terapeuta

José: Assim acho que não

Rita: Vocês fazem Yoga juntos, tu gosta

Não faço muito Yoga não mas eu gosto

(//)

José: Sei como é do escorpião mas (gagueja) mas não consigo fazer

Rita: Não sei como é do escorpião estou tentando lembrar

É aquele lá do escorpião que tu equilibra o corpo inteiro com o cotovelo

(//)

Rita: Vamos deitar um pouquinho (tocando três vezes a maca)

- Eu vou colocar ...(música)

José: Eu tiro o chinelo

Rita: Pode tirar como tu te sente melhor com chinelo ou sem

José: Sem

Rita: Sem né

4.2 Reiki (Observação – Consultório 6)

Terapeuta Rita – José

Deitado após Rita colocar o aroma nas mãos de José as palavras que vieram a seguir foram para conduzi-lo à sessão energética, as mãos de José, com o aroma, acompanhavam as indicações por ela pronunciadas enquanto a melodia era composta por diferentes tipos de som, que traziam junto o canto de pássaros. Então, Rita fez junto com o menino o processo respiratório, quando dizia “o que tu quer tu inspira e aquilo que tu não quer as mãos (hãn) e as mãos se abriram como se jogasse para longe.

Rita: inspira pelo nariz e solta pela boca

- pensa naquilo que tu gosta muito, aquilo que tu quer muito e aquilo que tu não quer mais;
- Aquilo que tu quer tu inspira e aquilo que tu não quer tu “hãn” (som como se estivesse expirando);
- Tu faz uma técnica quando, de vez em quando, tu fica assim meio chateado ou não usa alguma técnica quando tu fica tristezinha ou não

José: Não

Rita: Ah que bom, que bom

- Então a técnica tu já tem naturalmente, nem precisa se exercitar muito
- Mas as vezes quando se tem uma coisa se fica um pouco mais chateado, dá para fazer a respiração, daí ajuda. Tá bom
- Fecha os olhos, relaxa pode descansar

Sons externos não pareceram adentrar aquele lugar ou aquele momento, como o canto do Galo que persistiu em todas as sessões. Deitado, ficou com os braços sobre o corpo, enquanto a terapeuta estava com as mãos ao lado do seu rosto, cobrindo os ouvidos. E ainda, naquele segundo ele coloca os braços ao lado do corpo. Com a posição das mãos depois no semblante e no peito pareceu relaxar de imediato, mantendo os olhos fechados, respirando sossegadamente como se estivesse dormindo. Interessante que o mundo externo não se materializa como algo real, o som das portas, das palavras ditas no corredor ou até mesmo o galo, é como se estivessem com uma aura que os afastou do que a realidade produzia. Quando a energia foi no sentido das pernas, José abre os olhos e levanta a cabeça vendo o que a terapeuta estava fazendo, retorna colocando a cabeça novamente sobre o travesseiro. De olhos abertos está com o seu olhar direto na

profissional, depois olha para a parede, para o teto, e volta a acompanhar os movimentos energéticos. Volta a levantar a cabeça, a olhar para cima e para baixo, retorna a fechar os olhos novamente, e continua espaçadamente a se movimentar. Até que as mãos de Rita voltam a ser postas em seu rosto e peito, e ele voltou a ficar tranquilo. Rita passa a mão sobre a cabeça de José que pergunta:

José: Deu!! (Rita faz um murmúrio como se estivesse sorrindo)

Rita: Pronto

- Gosto! Conseguiu relaxar um pouquinho (Fazendo também o gesto aproximando o dedo polegar do dedão)

José: sim

Rita: Coisa boa

- Outro dia tu volta daí a gente fica mais tempo e faz umas mágicas uns truques incríveis
Rita acompanha José até a escada que o levará a Sala do Encontro, e ao retornar lava as mãos

5 Consultório 7: Terapeuta/ Lourdes; Criança/ Pedro – Vídeo 6 a 8

5.1 Interlocução: Lourdes e Pedro

. **Pesquisadora:** Não conseguimos acompanhar a conversa entre eles, porque Pedro não permitiu. O menino tem um vínculo forte com a terapeuta, disse que poderíamos ficar na sessão de Reiki, porém depois tínhamos que sair, pois queria falar sozinho com a terapeuta

Pedro: Vamos ficar só nós dois

5.2 Reiki (Observação – Cons. 7)

Terapeuta Lourdes e Pedro

Antes de começar o Reiki, já na maca, comentou que a mãe quebrou o seu floral

Lourdes: vamos fazer outro

- Queres o cheiro, quer escolher

Pedro: O que

Lourdes: Laranja, eucalipto e Lavanda

Pedro: Lavanda

Tirou os sapatos e deitou na maca, cruzando as pernas e os braços sobre a cabeça. Pedro apresentava uma familiaridade com a terapeuta e com o que teria que fazer, e o que o colocava à vontade naquele lugar, para receber o Reiki da pessoa com quem está acostumado. Nos pareceu que a espontaneidade de Pedro foi singular, por ser Lourdes, não saberíamos dizer, ou não depreendemos, se seria igual ou parecida sua atitude se tivesse feito com a terapeuta Clara, por exemplo.

A terapeuta Lourdes colocou o óleo em suas mãos, esfregando uma na outra e diz:

Lourdes: Hum fecha os olhos (enquanto balança as mãos sobre o rosto de Pedro, na altura da cabeça novamente esfregando as mãos e dá início a transmissão de energia.

A linguagem branda, calorosa, amorosa, o aroma e a melodia, acredita-se que foram o primeiro processo para a concentração de Pedro. Talvez ele tenha ficado totalmente relaxado, por estar em um ambiente favorável em todos os sentidos.

O galo insiste em cantar em alto e bom som. Pedro permanece com as mãos cruzadas sobre a cabeça, as pernas esticadas uma ao lado da outra, pássaros ecoam seu assobio. E com o rosto virado para o lado direito permanece de olhos fechados, mas o movimento de sua respiração é visível. Uma respiração, com intervalos, que se torna mais forte e outros momentos amena. Porém, aos poucos seus pés se movimentam por uns segundos. O processo de aplicação desta energia que emana das mãos de Lourdes, não tem o relaxamento e a concentração total de Pedro que permanece com sua mão direita sobre a cabeça mexendo os dedos da mão esquerda. Estando, com as mãos postas uma ao lado da outra ao descer para a altura do peito, o semblante de Pedro começa a transparecer tranquilidade como se estivesse a dormir.

Neste ponto percebemos que não há como pensar que todos irão ter a mesma capacidade de concentração, e o terapeuta é o mediador daquilo que podemos intuir pelos gestos, ou perceber pela fala, mas como mediador talvez ele tenha capacidade de ver além daquilo que está (in)visível, mas que as crianças de uma forma ou outra podem dimensionar do seu modo se assim o quiserem.

Rita: Sentindo os pés

- Vai acordando
- Sentindo seus pés suas pernas, sua respiração
- Quando sentir vontade pode abrir os olhos
- Vai se espreguiçando
-

Mesmo com estas palavras ditas melodiosamente, ao compasso também da melodia, Pedro permaneceu por alguns momentos sem se mover, como se estivesse aproveitando ainda aquela experiência, aquela energia e as vibrações que chegavam ao seu corpo enquanto Lourdes o observava. Percebemos que Pedro pareceu gostar da conexão cósmica, e seu tempo foi produtivo, seus consciente e inconsciente trabalharam de tal forma que os comandos fossem respondidos a partir de sua própria vontade. A sessão parece ter levado o menino a uma outra dimensão que está além da consciência e da realidade a um plano de colher cada fragmento da energia emitida. Isto representado na expressão de total tranquilidade, de acordar de um sono brando, límpido ao final sua respiração estava muito tranquila como se estivesse em paz.

10.1.1 Impressão das cinco sessões de reiki:

Acreditamos que as situações vivenciadas ou outros elementos que estavam no inconsciente das crianças, fazem com que os locais específicos onde estavam canalizadas as energias negativas se movimentam. O campo trouxe um olhar para o lugar reforçando o fato de que o ambiente e a linguagem servem como referência para o sujeito em tratamento, demonstra-nos que o tempo de convivência entre o profissional e a criança, bem como a experiência do terapeuta estabelece o tipo de linguagem e o ritmo empregado nos diálogos.

O atendimento no ATNC ocorre de forma individual realizado nos consultórios, onde diálogo e a prática ocupam o mesmo espaço. A conversa entre o profissional e a criança pode acontecer no início ou no final da terapia, seguida da sessão de reiki propriamente dita. As conversas focam as informações contidas nos prontuários, outras questões gerais do dia a dia, mas também sobre como as crianças estão se sentindo, se houve alguma mudança desde a última consulta, se fizeram o que foi dito pela terapeuta (orientação técnica). O tempo de atendimento é variável, porque levam em consideração como a criança se encontra no momento ou naquele dia. No cotidiano a terapia é aplicada em uma maca, e tanto o travesseiro ou o rolo de posicionamento, equipamento onde ficam as pernas daquele em atendimento, podem ou não serem usados pela criança, já que o importante neste processo é que estas se sintam confortáveis.

De uma maneira muito sutil, podemos perceber que a percepção da terapeuta sobre o estado físico e emocional da criança auxiliou a conexão de ambos refletiu no fluir da energia proveniente do reiki no instante da sessão. Considerar a criança um protagonista de um diálogo, é permitir que ele seja criança e que possa ser ouvido, por isto observamos em um primeiro momento os recursos utilizados pelas três terapeutas para se aproximarem das crianças. Verificamos neste contexto que as conversas informais, de cada uma trouxeram seu olhar e sua forma pessoal de acessar as crianças, estabelecendo uma comunicação acolhedora, uma escuta ativa, a contar também da orientação técnica, visando as prerrogativas do cuidado e do ato humanizado, sem hierarquização. Como os relatos

Por outro lado, entendemos que a escuta, não é algo que se manifesta somente pela audição, não está somente no fato de ouvir o que o outro tem a dizer, mas está na intenção de efetivamente entender, ou buscar entender este outro não só através dos prontuários, mas de como este se encontra no decorrer da consulta, o que aparentemente não seria uma tarefa fácil. Isto talvez trouxesse à luz outros elementos que indicassem os acontecimentos que possivelmente geraram algum tipo de adoecimento na criança em tratamento. Cenário presente no campo demonstrou o pensamento acima narrado, aliado ao silêncio por parte das terapeutas quando o relato de alguma das crianças envolvia emoções, medos, insegurança, ainda que a linguagem empregada pelas profissionais ao responder fosse simples e de acordo com a faixa etária, entendemos refletir empatia pelo que a menina havia vivenciado.

As trocas no diálogo face a face deixaram transparecer, que o contato visual, dava sentido à relação entre aquelas duas pessoas. O tom de voz seguro das terapeutas denota transparecer segurança, tranquilidade, conforto e conforme o assunto traziam tons de alegria.

APÊNDICE D - Apresentação e lanche (Sala do Encontro)

Apresentação e Lanche (Sala do Encontro)

CAM 1 Vídeio: 1 Duração: 4min 55 segs.

CAM 2 Vídeio: 1 Duração: 4min 55 segs.

1- Apresentação e Lanche

(> *movimentos das crianças e ruídos delas pegando os colchonetes e se sentando na Sala do Encontro*)

(☺ *Crianças murmurando*)

Pesquisadora: depois han ...tu vem aqui também senta no círculo

Assistente: ahn

Pesquisadora: pega da cadeira e coloca no círculo ao seu lado

Pesquisadora: Então eu vou me apresentar meu nome é Jerônima (-) eu sou estudante, sou mestranda estou fazendo uma pesquisa sobre comunicação e sensibilidade e tenho 60 anos (-) E aqui (🎵 *entonação de voz*) eu trabalho num laboratório de pesquisa junto com meu colega que está me assistindo (-) e nesse momento nós trouxemos pra vocês conhecerem a nossa mascote que é (-) (🎵 *entonação de voz, descontraída*)

Paulo: A coruja...CoruGim **Pesquisadora:** o CoruGim (hahaha) **Paulo:** ...CoruGim

Pesquisadora: Ele é uma corujinha! Mas o nome dele que foi batizado no nosso grupo de pesquisa é o CoruGim ne ele atua conosco nas atividades que nós fizemos no nosso laboratório com outras crianças tá. Então! já que o Corugim se apresentoou, eu me apresentei, agora cada um de vocês se apresente.

Pesquisadora: Como eu me apresentei vou colocar meu crachá. Oh eu sou a Jerônima, tá bem!. E (-) Quem quer se apresentar? (🎵 *entonação de voz descontraída*)

Fátima: Posso

Pesquisadora: Pode

Fátima: Meu nome é “Fátima”, eu tenho 11 anos, ahn eu gosto muito de gravar vídiuu iii hum eu também moro aqui perto ii eu (*gaguejo*) ii eu sou muito comum de criar novos amigos.

Fátima: E é isso

Pesquisadora: Hum muito bem, prazer Fátima

Fátima: Prazer

Pesquisadora: Quem mais gostaria de se apresentar agora

Pedro: Levanta a mão

Pesquisadora: Então se apresente

Pedro: Meu nome é Pedro eu tenho 9 anos i eu gosto muito de brinca i di correr, hum deixa ... (-) (bate uma mão contra a outra) eu moro um pouquiiinho mais longe daqui

(-) tá e é só

Pesquisadora: Só, então Pedro obrigada muito prazer. Quem gostaria agora de se apresentar

Pedro para Fátima: Mostra seu crachá para Fátima e diz meu nome é com Y

Maria: Meu nome é Maria, tenho 10 anos, moro muito longe daqui, gosto de fazer novos amigos, gosto muito de socializar e amo brincar. (*voz baixa*)

Pesquisadora: SEU nome é

Maria: Maria

Pesquisadora: Ó seu nome foi com dois Y (*risos*)

Maria: Não tem problema

Pesquisadora: Quem mais, quem mais, qual dos dois quer se apresentar?

José: Humm, então vamos lá (isto não precisa)

José: Meu nome é José tenho 10 anos, gosto bastante de fazer mágicas, e é.

Pesquisadora : Prazer José e agora você

Pedro: Eu tenho 8 anos sou Pedro e gosto muito de celular

Pesquisadora: hmm gosta muito de celular

Terapeuta: Eu sou a Clara sou terapeuta, trabalho aqui no ambulatório tenho 38 anos

Assistente: Eu sou o Anderson sou colega da Jerônima a gente estuda juntos e eu tô ajudando ela hoje aqui na atividade junto com vocês aqui e também vou apresentar que ela já apresento o CoruGim eu vou apresentar pra vocês a Flor, Flor é a coruja que tá junto sempre quando vem o CoruGim vem a flor também. A flor foi uma coruja qui a minha mãe deu pro nosso grupo de pesquisa, a gente tem um grupo juntos que cada um faz uma pesquisa diferente i a minha mãe deu de presente i é uma coruja que é muito importante pra (-) pro nosso grupo também assim como o Corugim. Hi Jerônima explica pra nós o que é (-) a história da Flor, (♫ *entonação de voz descontraída*)

Assistente: e que foi escolhido por uma criança o nome dela. (♫ *entonação de voz descontraída*)

Pesquisadora: Éé exatamente!

Pesquisadora: A Flor o nomezinho dela foi escolhido por uma menina (-) e ela é a nossa corujinha faladora. (🎵 *entonação de voz*). Como funciona! como nós temos nossas atividades com as crianças quando alguém quer conversar, fala alguma coisa usa a Flor (-) então a Flor vai ser pra nós hoje, nesta tarde, a menina a corujinha que vai nos dar o poder de falar tá bom! Então assim já que nos apresentamos nos conhecemos seria legal a gente fazer um lanchinho, então cada um antes de fazer o lanchinho cada um vai passar o álcool gel, passar depois um papelzinho em função do coronavírus, daí cada um vai pegar sum kitzinho pra fazer o seu lanche, tá bem , pra nós descontrair um pouquinho.

(> *movimento das crianças pegando o kit de lanche*)

Paulo: Da prá tocar (se referindo ao CoruGim) **Pesquisadora:** dá pra tocar, se querem tocar antes de lanchar **Paulo:** eu amo muito bicho

Fátima– qual dos dois dá pra pegar (mostrando o kit de bolachas e de frutas)

Pesquisadora – os dois, é um kitzinho, da frutinha e das bolachinhas e suco, pega só o que tiver à vontade

Fátima – é obrigado a pegar os dois juntos

Pesquisadora – não necessariamente, vocês se sintam a vontade

10.2.2 Impressão do Momento

Ao término todos foram direcionados a *sala de encontro*, onde ocorreriam as outras duas fases desenho e da conversa. Antes das devidas apresentações as crianças foram incentivadas a formarem um círculo e para tanto deveriam cada uma buscar seus colchonetes. Importante foi observar dois aspectos, primeiro que todas atenderam, muito bem, ao protocolo implementado no Ambulatório, como o uso constante das máscaras, sem tecerem qualquer crítica. E, segundo, como formariam o círculo solicitado, por estarem afastadas de outras pessoas por conta do Covid, automaticamente ou inconscientemente formaram o círculo, escolhendo seus lugares, aparentemente de forma aleatória, e mantendo o distanciamento, que foi relativamente igual entre eles. Entretanto, observamos que eles não ampliaram o círculo não ocupando um espaço mais vasto, já que está tinha uma dimensão maior que as demais salas. Para nós foi nítido que compuseram o círculo e que o distanciamento ocorreu, mas de forma que pudessem sentir realmente a presença uns dos outros. A própria disposição refletiu isto, já que se sentaram a partir do Corugim mascote do LabGim, a sua direita, Pedro e a direita deste sucessivamente, José, Paulo, Fátima, Maria. Coincidência ou não poderia se pensar em uma divisão configurada por tribos dos meninos e das meninas, mas isto não se configurou na realidade, já que todos conversavam e interagiram com naturalidade. Estavam tão envolvidos entre si, que não abriram espaço no círculo para o doutorando, que atuou como assistente nas atividades. Paulo e Fátima se moveram, sim, todavia, não abrindo um grande espaço para o assistente de pesquisa.

Ao Iniciarmos as apresentações pelo CoruGim, espontaneamente cada um se apresentou, informando seu nome, idade, como gostavam de ser chamados e o que preferiam fazer no dia a dia.

APÊNDICE E - Lanche (Sala do Encontro)

Lanche (Sala do Encontro)

2 Grupo Focal - CAM 1

Vídeo- 2 Duração: 15 min 8 seg.

Lanche

(-) *Pausa*

(⇒): *ruídos de amaço de papel*

(☉): Crianças olhando uma para as outras **Fátima**: Algum de vocês tem bicho de estimação **Paulo**: eu tenho dois um cachorro e um gato **Pedro**: Vários

José: eu tenho 3 na verdade

Paulo: o gato é maior e o cachorro é pequenininho

Fátima: eu tenho 4 gatos

Maria: eu tenho 4 cachorros

Fátima: Só que tem uma de 16 anos, gato geralmente vive até 10 anos, mas a minha tem 16, tem o Ramiroto de 5, outro de 8 anos o outro eu não sei a gente já chegou a ir n veterinário, mas a gente vai, os gatos tivessem ido pro ceu a gente não vai pegar mais, muito estranho.

Paulo : O meu desenhinho é um Minion né jogando uma bola, o dele é acertando uma bola **Fátima**: O meu é jogando uma bola deixa eu ver qual o teu, o dela é o que não pode

Paulo: Você tá terminando

José: Eu tenho 3, um coelho, um peixe e um cachorro, antes eu tinha outro cachorro, mas ele morreu

Pedro: Eu tenho bastante canário belga

Paulo: Coelho para ti fazer aquele truque de mágica da cartola (risos) (//)

Pedro: Eu tenho 5 canários belga, calopsita, tenho um coelho, tenho dois cachorros

José: Até poderia dar certo, mas se eu virasse a cartola meu coelho saberia que não tem nada e meu coelho iria ficar assim ó.

Pesquisadora: Conforme nós formos conversando dai se vocês pudessem falar um pouquinho mais alto que a máscara tapa e as vezes a gente não consegue ouvir, tá bom, pode ser

Maria: acena com a cabeça afirmativamente

Pedro: Acena com a cabeça afirmativamente (⇒ *ruídos das embalagens*)

Fátima: Eu tenho uma colega na escola que praticamente quando ela falou parece que nem está falando de tão baixo que ela fala.

Assistente: senta-se próximo de Fátima e Paulo para lanchar

(- pausa; > ruidos das embalagens)

Fátima: Vai até que horas a nossa conversa.

(-) pausa

Pesquisadora: a previsão é até as 16:30.

Fátima: as 4 (-) i meia

(- pausa; > ruidos das embalagens)

José: já acabei

Pesquisadora: Depois que nós todos terminarmos o lanchinho, vamos botar no cestinho ali. Vamos deixar a salinha bem limpinha.

Fátima E: tem 8 bolas

Paulo: Que?

Fátima: (aponta) Tem 8 bolas ali. A bola de exercício (que estavam na sala ao lado)

Pedro: com as mãos na vertical bate no chão fazendo som com as duas mãos

Pesquisadora: vai a sala ao lado buscar os sacos de lixo, próximo a mesa de lanche, para acondicionar as embalagens e frutas do lanche

Pesquisadora: Cada um vem aqui e coloca o seu , aí o das frutinhas a ente bota aqui um papelzinho pra secar as frutinhas que caíram no chão.

Paulo: É prá fazer o que?

Pesquisadora: Quando vocês terminarem, se já terminaram e quiserem colocar aqui já podem colocar.

Fátima E: a gente vai ter outra hora do lanche

Pesquisadora: Hum

Fátima: depois mais tarde vai ter outra hora do lanche?

Pesquisadora: É este o momento, fica à vontade.

(- Pausa; > Ruidos das embalagens)

Pesquisadora: Quer colocar ali Augusto, pode colocar.

José: Posso coloca

Fátima E: Até as 16h eu vou senti fome

Maria: hum

Fátima: Até as 16h vou senti fome

(- Pausa; > Ruidos das embalagens)

Pesquisadora: Alguém quer ir no banheiro antes da gente começar as outras fases

Pesquisadora: tu não queres ir (Maria)

Maria: Acena negativamente com a cabeça

Pedro: acena negativamente com a cabeça

José: Hum

Pesquisadora: Não queres ir ao banheiro antes de começar

José: Não

Pesquisadora: Então tá

Pedro: enquanto fazem esta conversa Pedro com as mãos na vertical bate no chão fazendo som com as duas mãos

(-): *Pausa*

10.3.1 Impressão do Momento

O lanche, idealizado como uma ferramenta do grupo focal e atendeu as prerrogativas protocolares do hospital ao qual o ATNC é vinculado. Este momento foi previsto também como um instrumento passível para se criarem possíveis vínculos e a desinibição daquelas crianças mais tímidas. Isto porque, partimos do pressuposto do que abrange a sociologia da infância de torná-las parte daquele instante e da própria pesquisa, empoderando-as, principalmente, neste período de pandemia e distanciamento social que estavam vivendo, foi ali que iniciou o acolhimento, propriamente dito, entre a pesquisadora e os pesquisados. No decorrer da atividade antes de pegarem o lanche, com uma atitude um tanto tímida Pedro, Paulo e Maria aflagaram carinhosamente a cabeça do CoruGim, enquanto os demais pegavam seus lanches. Um tocar, como um primeiro contato, um sentir a presença física do CoruGim. Depois de alguns segundos de silêncio, este foi interrompido por Fátima, que perguntou

Fátima: “Alguém de vocês tem animal de estimação!” (Fátima)

Claramente Fátima e Paulo eram aqueles que rompiam aqueles instantes em que se identificavam somente com o olhar, e que interagiram em todos os diálogos. A partir da pergunta a conversa entre eles fluiu, pois o tema era comum. Todos falaram em alguns momentos ao mesmo tempo, mas igualmente participaram das conversas laterais que surgiram com outros integrantes que não estavam tão próximos de si. E mesmo quando falavam juntos, algo engraçado era dito e todos riam e compartilhavam da brincadeira. Naquele instante as crianças estavam em outra dimensão, além da pesquisa em si, foi uma interação natural, presente nesta fase da infância. (ver algo sobre a infância). Com isto, percebemos que elas se integraram e compartilharam de sentimentos que tinham em comum de forma dinâmica. Eles ocupam os espaços

Ressaltamos que os lanches também serviriam para a construção de uma relação interpessoal, já que estavam face a face. Logo como estratégia os sucos e bolachas foram pensados no sentido quiçá de promover um diálogo entre as crianças, já que focamos em ofertar sucos e bolachas com diferença de sabores e embalagens, o que surtiu efeito. Assim, a imagem do Minions, estampada nos Sucos fez este link, presente na fala de Paulo.

Paulo: “o meu desenhinho é jogando uma bola e o dele é alguém acertando uma bola”, logo todos foram olhar seus sucos e ver que desenho havia em cada um.

O olhar das crianças sobre algo presente naquele espaço circular, como os desenhos impressos nos sucos, demonstrou que elas foram capazes de interagir e mudar de

APÊNDICE F - Brinquedo e desenho (Sala do Encontro)

Brinquedo e Desenho (Sala do Encontro) CAM 1 Vídeo:3 Duração: 15 min 12 seg.

CAM 2 Vídeo:2 Duração: 15 min 08 seg.

Brinquedo e Desenho Pesquisadora: É de vocês

(> *Ruídos das embalagens*) (☺ *Crianças murmurando*)

Pesquisadora: Venham pegar o kit de vocês.

(> *movimentos das crianças e ruídos delas pegando os kits de desenho na Sala do Encontro*)

(☺ *Crianças murmurando*)

Paulo: Vou pegar as folhas que eu esqueci

Pesquisadora: Mas antes da gente começar eu lembrei de uma coisa olhando o bonequinho.

Pesquisadora: O que vocês trouxeram que gostariam de mostrar. Alguém trouxe alguma coisa? (🎵 *entonação de voz*)

Fátima: eu trouxe

(> *movimentos de Fátima, Paulo e José para pegarem os objetos*)

Pesquisadora: então por favor. Apresentei o Corugim àquela hora agora vocês nos apresentam o que trouxeram. A Flor vai ficar aqui no centro, quem quiser falar, pega a Florzinha.

Fátima: pega a Flor

Fátima: Bom eu queria mostrar um objeto, como eu disse gosto muito de gravar vídeo

(-

) i eu não mexo no YouTube eu mexo no tiktok, e essa luz é pra clarear meus vídeos (*fala pausada*). Alguém mais quer falar (*Alteração na entonação de voz, indica com o dedão e o indicativo a Corujinha Flor*)

Fátima: Coloca novamente no centro a Flor

(-): Silêncio durante as falas

Olhar em volta e notar que ninguém se manifestava fez com que Paulo dissesse, dando de ombros:

Paulo: han eu trouxe este bonequinho, que eu gosto de brincar com ele (-) i

(-) ele é o Max e ii só (-) eu gosto de brincar com ele (movimenta os braços e as pernas do boneco)

Ao mesmo tempo em que disse isto, e deu de ombros ocupou aquele lugar de fala, no momento em que nenhuma das demais crianças o fez. Suas mãos moveram os braços e

pernas do boneco, demonstrando como costumava brincar. O recurso da mobilidade do boneco foi despojado da concepção de apresentar o que trouxe, somente continha ali um simples brincar e a demonstração da relação pessoal que tinha com o brinquedo, confirmado por suas palavras

Paulo: coloca a Flor no centro e olha para José

(-): Silêncio durante as falas

José tinha uma caixa de mágica sobre suas pernas, tão rápido quanto sua resposta foi o diálogo travado entre ele e Paulo

Pesquisadora: E você José?

José: Vou passar a vez (♫ Entonação de voz; descontraída)

(♫ Entonação de voz descontraída das crianças)

Paulo: Tu vai ser por último

Pesquisadora: Você trouxe alguma coisa João

Pedro: trouxe, mas tá lá em cima. *(fala murmurando)*

Clara: quer que eu pegue prá ti Pedro

Pedro: faz uma careta e responde ao mesmo tempo que acena com a cabeça não (e continua desenhando)

Pesquisadora: Trouxe alguma coisa Maria, quer falar de alguma coisa que tu goste?

Maria: Não

José: Eu adoro fazer mágica, bem as vezes, mas mesmo assim eu gosto. Dou uma olhadinha no manual de instruções e vejo alguma que eu goste.

Pesquisadora: Vai nos mostrar alguma coisa aqui?

José: Alguma mágica?

Pesquisadora: Sim, vamos olhar a mágica do José.

Paulo: Eu adoro cheiro de giz (aproxima a caixa para sentir o aroma)

Pesquisadora: Quando estiveres pronto pra apresentar a mágica tu fala tá Augusto

José: Tem alguma sala vazia pra eu preparar a mágica?

Pesquisadora: Tem, ali

Fátima: Gente eu adorei essa borracha

Pesquisadora: Enquanto José vai preparando a mágica, vocês querem ir desenhando?

Fátima: Esse kit vamos levar para casa depois?

Pesquisadora: A única coisa que vocês vão dar para mim são os desenhinhos que vocês vão fazer

Paulo: Bah esse giz é bom

Fátima: Eu vou levar esse aqui pra escola

Pesquisadora: As folhinhas que sobrarem e as canetinhas ficam com vocês

Paulo: Vou deixar minhas coisas aqui

Fátima: Nesse kit tem máscara, tem que desenhar uma coisa específica do Reiki?

Pesquisadora: Alguma coisa que tu queira desenhar sobre o Reiki

Maria: Pode escrever

Pesquisadora: Pode escrever, desenhar

Paulo: Acabei de fazer um, é que as folha tavam toda branca

Maria: Pode começar

Paulo: Tua borracha é assim também

Fátima: Eu vou usar essa borracha pra escola, eu sou específica em perder borracha, mas essa aqui eu vou usar só quando eu perder todas as outras

Paulo: É pra fazer o que mesmo?

Fátima: Uma coisa específica do reiki

Pesquisadora: tu vai fazer um desenho livre sobre o que tu quiser, da sessão que tu fez ali em cima

Clara: E o José

Paulo: Acho que ele tá preparando a mágica

Fátima: Imagina do nada ele aparece como mágica, eu adorei essa borracha

Paulo: Olha aqui eu adorei mais essa

Pesquisadora: Ele tá separando o kit da mágica

Maria: Precisa botar o nome né

Pesquisadora: No desenhinho que vocês vão me dar na parte de trás vocês botam o nome e a idade

Fátima: tu pegou meu lápis

Paulo: Não (olha para o lado), meu lápis tava aqui, achei que era o meu. Ele ainda tá fazendo a mágica?

Pesquisadora: ele tá preparando tudo

Paulo: essa mágica deve demorar hein

Pedro: Vou primeiro desenhar pra depois pintar

Fátima: Geralmente é o que todo mundo faz

Paulo: Tem gente que faz e gente que não faz

Fátima: Tem gente que desenha só com lápis de cor

Paulo: Olha comparação coisa feia com coisa bonita

Fátima: Nossa se demorou tanto, vai fazer aquela magica que tem eu achar uma carta no baralho

Com a mágica e a brincadeira para ver quem escolheria a primeira carta a 
entonação de voz das crianças foi descontraída

José: Aham

Fátima: Eu já fiz isso e com certeza deu errado a minha. Mas a tua vai dá certo, porque tu é mágico.

Paulo: Alguém já jogou baralho ali?

Fátima: Eu já joguei pifê

José: Quem quer escolher a carta

Todos Levantam a mão

Fátima: Vamos fazer 0 ou 1

Paulo/Fátima/Maria: tá

Fátima: Tu não vai querer escolher a carta?

Pedro: Não sei fazer isso

Fátima: É só escolher 0 ou 1

Paulo: Vamos fazer pedra papel tesoura

Fátima: PPT é só com dois

Paulo: Pedra papel tesoura, não, dá pra fazer todos e daí vai saindo

Todos: PPT (Pedra/Papel/Tesoura)

Paulo: Cortei, sobrou nós 3

Paulo/Pedro/Maria: PPT

Paulo: eu bati, sobrou nós dois

Paulo/Pedro: PPT

Paulo: Ganhei

José: Tá bom, calma aí eu vou embaralhar

Fátima: Eu vou fazer um desenho

Fátima: Vou fazer a sala de reiki

Fátima: Eu fiz (gagueja) eu fiz eu sendo atendida (entonação suave

José: é pra fazer a sala de reiki?

Fátima: é pra fazer uma coisa específica de reiki

Pesquisadora: Não é pra fazer o que tu quiser sobre o que passou lá em cima quando tu tava fazendo o reiki. E a tua mágica?

José: Calma aí tô quase terminando

Pesquisadora: Tá embaralhando?

José: quer que eu deixe tu terminar?

Paulo: Não pode fazer agora

José: Tá bom, corta o baralho. Sabe o que é cortar baralho né, não é pegar um atesoura e cortar. É pegar e fazer assim.

Paulo: Pegar assim?

José: é mas tem que ser bem no meio, pega a carta pode mostra pra todo mundo mas não me mostra. Mostrou?

Paulo: Sim

José: Agora me dá o baralho, vou te dar outra que deu ruim

José: Agora vamo lá, eu fechei o baralho com ela dentro, era essa né?

Todos: era

Pesquisadora: Tá bem então, obrigada

José: Querem mais uma mágica ou só uma?

Fátima: Posso fazer essa daí agora?

José: tu sabe como?

Fátima: sei

José: pensando bem, na verdade é bem moleza

Fátima: Essa é a carta que eu escolhi onde eu boto?

José: Ah é pra fazer contigo?

Fátima: Sim

José: Entre a o cortado e a tua carta.

Paulo: Eu nem vou perguntar pra ele como ele faz, pq ele vai dizer. Os mágicos nunca revelam seus segredos.

José: Sem querer deu uma batida, não era pra ter pego esse. Só se não era esse aqui que tu escolheu

Fátima: Perdi meu lápis de novo

Pesquisadora: Tá ali do teu ladinho

José: Foi essa que tu escolheu?

Fátima: Não

José: Tô procurando pra ver qual vai ser, quem vai apostar? Era essa?

Fátima: Era

Paulo: Tu nem me mostrou qual era

Pesquisa: Obrigada José

José: Vou guardar o baralho ali na caixa

Pesquisadora: José, depois o desenho fica comigo tá, e na folhinha atrás tu bota teu nome e tua idade

José: Tá

Paulo: Aqui tem um desenho que não deu certo

Pesquisadora: Não tem problema, mas tem mais folhinhas ali se tu quiseres, são todas tuas. E se faltar tem mais.

10.4.1 Impressão do Momento

A comunicação e o contato também se constrói pelos objetos, alguns afetam as pessoas através do gostar, fazendo com que elas sejam o elo de inserção em diferentes grupos ou lugares, assim ao falar sobre o que levarão de especial (Objeto) naquela tarde foi outro confronto com o que podemos esperar de crianças que se viram pela primeira vez e que têm gostos diversos. Assim, depois de anunciarem o que gostam de fazer, um pouco antes da fase de produção dos desenhos, comentamos:

Pesquisadora: "mas antes da gente começar, lembrei de uma coisa olhando o bonequinho o que vocês trouxeram que gostariam de mostrar. Alguém trouxe alguma coisa?"

Fátima: bom eu queria mostrar um objeto, porque como eu disse eu gosto de gravar vídeo (...) eu gravo vídeo no *tiketoke* e essa luz aqui é para iluminar meus vídeos.

Olhar em volta e notar que ninguém se manifestava fez com que Paulo dissesse, dando de ombros:

Paulo (adrian) 00.02. 29 "eu falo então, ninguém mais quer (...)". Ao mesmo tempo em que disse isto, Paulo deu de ombros ocupando aquele lugar de fala, no momento em que nenhuma das demais crianças o fez. Suas mãos moveram os braços e pernas do boneco, demonstrando como costumava brincar. O recurso da mobilidade do boneco foi despojado da concepção de apresentar o que trouxe, somente continha ali um simples brincar e a demonstração da relação pessoal que tinha com o brinquedo, confirmado por suas palavras

Paulo "Eu trouxe este boneco, porque eu gosto de brincar com ele. Hi! Hi! só. Eu gosto de brincar com ele."

José tinha uma caixa de mágica sobre suas pernas, tão rápido quanto sua resposta foi o diálogo travado entre ele e Paulo,

Perguntamos se queria falar sobre a caixa mágica ‘e você José’, que imediatamente respondeu “vou pensar nisto”,

Paulo seguiu falando “tu vai ser por último, tu vai ser por último” obtendo como resposta “É isto que eu queria”, com isto Paulo disse “então tu vai ser por último”. Ao mesmo tempo em que afirmava com convicção e um sorriso de contentamento no rosto, ele sinalizava esta aprovação com o movimento das mãos para cima e para baixo, e com a cabeça, sem que fosse questionado por qualquer das crianças, que não tinham nada a apresentar (Maria), ou que não queriam buscar o que haviam trazido para mostrar aos demais (Pedro).

José “eu adoro fazer mágica e às vezes eu dou uma olhadinha nas instruções aqui dentro.” A atenção das crianças à explicação sobre seu gosto pela mágica, mantiveram-se atentas e sérias direcionando o olhar para a caixa, como algo que traria a surpresa.

Então perguntamos, vais nos mostrar alguma coisa agora, e vem como resposta “uma mágica?!” na sequência Paulo salta um “sim pode ser” como os mesmos gestos entusiastas. Personificar o papel de mágico o levou a solicitar uma sala onde pudesse arrumar seu material e ao comentário de Fátima “(...) tu fez a mágica do baralho a minha deu errado faz a tua vai dar certo, porque tu é mágico”. A brincadeira suscita a imaginação que cercou aquele pequeno grupo, os guiou para uma disputa para saber quem iria escolher a carta no baralho. Por sugestão de Paulo e Fátima falam o jogo do 0 e 1, porém Pedro não conhecia, então sem saber colocaram em cena o personagem chamado “inclusão do outro”, pois para que todos participassem eles trocaram para um jogo que fosse de conhecimento de todos, ou seja, “Pedra, papel, tisoura”. Todavia, ambos os joguinhos harmoniosamente ensinaram, como era, sendo que no decorrer das atividades, por diversas vezes, acolheram o outro, tiveram empatia, foram solidários. Mas o ato de inclusão ficou explícito com este acontecimento que havia se formado à nossa frente por aquelas crianças. O brincar foi o que os identificou, todos esperavam o novo, unidos como um grupo coeso, uma tribo com gosto pela mágica.

APÊNDICE G - Desenho e CoruGim (Sala do Encontro)

Desenho e CoruGim (Sala do Encontro)

CAM 1 Vídeo:4

Duração: 8 min 52 seg.

CAM 2 Vídeo:3 Duração: 2 min 06 seg. Desenho e CoruGim

➤ Movimentos e ruídos das crianças, porém tranquilos e alguns ☺ murmúrios

Sala do Encontro

Pesquisadora: é outra coisa, mas seria bom que tu fez

Pedro: Eu tô fazendo uma praia

Pesquisadora: Vocês façam aquilo que vocês entenderam daquele momento

Paulo: Eu to fazendo o meu sobre o reiki, eu debruçado lá e ele fazendo

Ao mesmo tempo em que comentou com os colegas sobre o que estava desenhando ele estendeu os braços e movimentou os dedos. Também parece interessado em como vai ficar

Pedro: Vocês façam o que vocês perceberem ok, o que vocês acharem

Paulo: Deixa eu acabar os braços aqui (apaga e faz novamente)

Pesquisadora: Quer botar pra trás, quer ajuda pra botar pra trás?

Maria: Melhor assim

Paulo: Deixa eu faze o chão aqui

Pedro: Eu tô fazendo uma praia



Eu amo praia

No decorrer da ação voltou a dizer:

Pedro: Já que tá de noite nós... na praia mais tudo bem

(crianças conversam sobre o frio que faz na praia José e Pedro... ☺ murmúrios)

Fátima: tem gente que bota uma cadeira ali prá relaxar nem nada

➤ Movimentos e ruídos, ☺ murmúrios

Pedro: Eu gosto de pescar na praia



Eu vi peixe na praia deste tamanho (demonstrando para Paulo e Maria)

✓ Eu vi peixe na praia deste tamanho assim (falou para José demonstrando com as mãos o tamanho dos peixes)

Pedro: fiz as estrelas na praia (falou no momento em que as desenhava, dando uma ênfase a palavra praaia, como se falasse consigo mesmo)

□ Movimentos e ruídos enquanto fazem o desenho

José: Sabia que eu nunca comi peixe

Pedro: eu como peixe é muito bom

José: Eu sou vegetariano (erguendo as duas mãos, seu corpo se inclina para trás um pouco)

José: Só como (-) hum vegetais, queijos isso que eu como (faz gestos com as mãos enquanto fala) nunca comi (-) quer dizer

Fátima: Tu nasceu e já foi criando vegetariano ou tu (-) assim (-)

Paulo e Fátima murmuram algum comentário

José: Eu nasci (/) (-) assim só que na verdade ahn (-) quando eu era menor a minha prima me dava escondido (gagueja e ri ao mesmo tempo) me dava escondido

✓ Nossa ficava ahn comendo um monte (-) nossa um monte não presunto salsicha já comi escondido claro eu tinha uns 4

Enquanto contava as outras crianças continuavam fazendo seus desenhos

Paulo: Salsicha é de carne

José: É

Paulo: Não sabia não

José: Hi (/)

Fátima: Frango

José: Mas salsicha eu não gosto

Paulo: Eu também não gosto

Fátima: Gosto no cachorro-quente

Paulo: coitadinho do cachorro (sempre espirituoso fala com tom de brincadeira encantando)

José: Deixa eu ver

Movimentos e ruídos das crianças

Pedro ficou de joelhos, levantou a folha mostrando a todos que tinha feito Jupiter e terminado o desenho

Pedro: Não fiz o sol

Pedro: Fiz Júpiter (colocando o dedo sobre a imagem).

Pesquisadora: coloca teu nome e idade no verso da folha

Pedro: qual

Pesquisadora: como tu gosta de ser chamado (//) então coloca

(//) todos citam como gostam de ser chamados

Paulo e Pedro fazem uma brincadeira com o nome de José – e como crianças que são começam a rir

José: Não sei o que fazer

José: Não sei se humm não sei se

Enquanto os outros desenham Pedro pega o CoruGim para brincar, no mesmo instante José acaricia o mascote

Fátima: Olha o meu desenho (mostrando para Paulo)

Paulo: Tá bem bonito gostei

Movimentos e ruídos das crianças

Pesquisadora: Pedro coloca ali no cestinho (a embalagem de suco e bolacha)

Enquanto ele levanta para levar as embalagens ao cesto a pesquisadora fica segurando o CoruGim

Fátima: Eu fiz (gagueja) eu fiz eu sendo atendida (entonação suave)

Pesquisadora: Como vocês quiserem

Movimentos das crianças e ruídos dos passos de Pedro retornado ao seu lugar

Ele senta e pega novamente o mascote

José: O que eu quiser então

Pesquisadora: é sobre o que aconteceu lá em cima no reiki,mé sobre a sessão de reiki

- ✓ É livre o desenho podes fazer sobre o que tu quiser;
- ✓ É sobre o que aconteceu no Reiki, é o que tu quiser depois a gente conversa sobre os desenhos

José: ☉ murmura

- Movimentos e ruídos das crianças

Enquanto os demais continuam com a atividade, Pedro interage com o CoruGim, um contato carinhoso, suas atitudes condizem com o ser criança brinca com as orelhas...

A corujinha Flor permanece no centro do círculo

☉ murmúrios de Paulo e Fátima sobre os lápis de cores

- Movimentos e ruídos das crianças a procura de um lápis do Paulo

Pedro pega a corujinha Flor do centro, e aproxima de si e do CoruGim, fazendo uma voz diferente para a Corujinha

Corujinha Flor (Pedro): Eu quero ...

Depois coloca a Corujinha perto do CoruGim

Pesquisadora: Vocês façam para agente poder depois conversar sobre os desenhos está bem

☉ murmura

Paulo: Eu já to quase acabando

Pedro brinca com a Corujinha fazendo que ela caminhasse e com o CoruGim e ☉ murmura algo para José que pergunta

José: Já termino teu desenho

Pedro vira e olha para o desenho pega-o e mostra para José

Continua a brincar com as corujas e dando voz a elas

Fátima: Meu desenho tá bem bonito ... meu desenho (levanta o corpo e olha para o desenho de Maria enquanto fala

- Movimentos e ruídos, ☉murmúrios

APÊNDICE H - Finalização do desenho (Sala do Encontro)

Finalização do Desenho (Sala do Encontro)

CAM 2 Vídeo:4 Duração: 8 min 52 seg.

CAM 1 Vídeo:5 Duração: 2 min 06 seg.

Paulo: De quem é este lápis (Paulo com o lápis de cor nas mãos mostra para cada um dos colegas)

Paulo: Este lápis é teu (apontando para Maria – que é chamada pela Pesquisadora)

Pesquisadora: o lapisinho é teu

Maria: Não o meu tá aqui

Paulo para José: Este lápis é teu

José: O meu tá aqui

Paulo: Então de quem é

✓ Meu não é

José: não é dele (apontando com o dedão para Pedro)

Fátima: Não o dele já tá guardado

Pesquisadora: Não é teu Fátima

Fátima: Não o meu tá aqui

Paulo e Fátima começam a olhar o interior das caixas

Fátima: deixa eu ver uma coisa (olhando novamente para a cor e para o interior da caixa)

➤ Movimentos e ruídos, ☺ murmúrios

José mostra para Fátima que seu lápis está com ela

Fátima: Pior é meu

➤ Movimentos e ruídos internos e externos (canto do galo), ☺ murmúrios,

Fátima alcança seu Crachá para ser arrumado, pois desamarrou a fita

Pesquisadora: Então só falta agora esperar, temos só alguns minutinhos

✓ José como tu fizestes a mágica prá nós tu tens mais cinco minutinhos, tá bem pode ser

José: Eu consigo fazer em menos

Pesquisadora: Han então tá bom

➤ Movimentos e ruídos internos e externos (canto do Galo), ☺ murmúrios

Começam a guardar seus materiais, Pedro olha para seu crachá e o desenho que está em suas mãos

Pesquisadora: Olha vê se dá agora

Fátima: Obrigada

Fátima: Já coloquei o nome e a idade

Pesquisadora coloca a Corujinha Flor no Centro do Círculo

Pesquisadora pega os desenhos para o Assistente fazer a fotografia dos trabalhos que já estavam prontos

Pesquisadora: Alcança para ele fazer a foto (para Fátima que alcança para o Assistente)

Pesquisadora: Já terminou (pergunta para Maria)

Maria: Hum hum

Pesquisadora: Posso pegar

Maria: Hum hum

‡ pequenos Movimentos e ruídos enquanto guardam seus materiais, © murmúrios

José: Jerônima

Pesquisadora: oi

José: anh anh Hum Hum Posso desenhar a sala sem ninguém

Pesquisadora: Como tu quiseres

José levanta a folha e mostra o desenho para a pesquisadora

José: Pode ser assim

Pesquisadora: Como tu quiseres, Se está bom para ti para mim também, é como tu quiseres (-)

- ✓ Tu que escolhe...se quiser colocar mais alguma coisa enquanto ele faz as fotos aqui

‡ Movimentos e ruídos internos Paulo gesticula porque consegue colocar os materiais no saco como recebeu

© murmúrios

Os desenhos depois de fotografados são devolvidos para que as crianças depois falem sobre os mesmos

Eles conversam sobre o material neste momento Maria olha para Fátima e lhe pergunta

Maria: que signo tu és

Fátima: Capricórnio

Se dirige para Paulo

Maria: E tu

Paulo: Eu

Maria: Sim

Paulo: Aires

Maria: Como

Paulo: Aires

Fátima: E o seu

Maria: Aquário

⇒ Movimentos e ruídos das crianças

Fátima: Ah minhas folhas também

☺ murmúrio de Paulo

⇒ Movimentos e ruídos das crianças

Paulo vai até o centro e pega a Corujinha Flor e faz carinho nela

Joé pega a caixinha de lápis de cor e olha vira, olha de novo e pergunta

Podem ser sem lápis de cor

Pesquisadora: Como

José: Sem lápis de cor (-) assim (mostrando o desenho feito com lápis)

Pesquisadora: Podem ser (entrega para fazermos a foto)

☺ murmúrios das crianças e conversas paralelas

Paulo continua fazendo carinho na Corujinha Flor e Fátima se aproxima fazendo também gestos de carinho nela

As crianças vão ao banheiro

Paulo aponta para Fátima, enquanto Maria já está a caminho, e diz

Paulo: Depois dela sou eu

Enquanto isto levanta e se aproxima do CoruGim e lhe faz carinho

APÊNDICE I – Conversa Reiki e Segundo Desenho (Sala do Encontro)

Conversa Reiki e Segundo Desenho (Sala do Encontro)

CAM 1 Vídeo 6 Duração: 21 min 5 sg.

Pesquisadora: Sobre o seu desenho, né, sobre aquilo que achou de melhor lá no reiki, sobre seu desenho (galo cantando)

Pesquisadora : quem quer começar

Paulo olha para os colegas e como ninguém se manifesta Paulo levanta a mão

Pesquisadora: Pega (aponta para flor) aqui nossa corujinha faladora, mostra o desenho

Paulo Mostra o desenho)

Pesquisadora: Mostra o desenho Issoo (com uma voz branda)

Paulo: A parte que eu mais gostei aqui quando eu dei uma esprigüçada (demonstrando com os braços)

Pesquisadora: Fala um pouquinho só mais alto por favor (aproxima o celular)

Paulo: A parte que eu gostei é que eu dei um pouquinho, quando eu dei uma esprigüçada e quando .. ahn ahn (*galo cantando*) botaram a mão na minha cabeça (ele demonstra botando a mão na testa) (⇒ ruídos internos e externos – Sala do Encontro)

Paulo: Essa foi a parte que eu mais gostei (devolve a coruja ao meio da roda) (⇒): ruídos internos e externos – Sala do Encontro)

Fátima pega a corujinha Flor do centro do Circuo

Fátima: óh esse é o meu deseenho (mostra o desenho, direcionando calmamente para todos os lados) e a parte que eu mais gostei foi quando ela chegava assim perto assim ... do meu corpo (toca com a ponta dos dedos seus ombros para demonstrar) e eu senti meio que uma vibração boa, uma energia boa i ... fazendo eu me sentir mais calma

Enquanto as mãos de Fátima gesticulavam calmamente acompanhando o ritmo da voz e do sentido que esta tinham naquele momento

Pesquisadora: quem quer falar agora? *Pedro João olha para o outro lado* **Pesquisadora:** José?

José faz que não com a cabeça

Pesquisadora: Pedro?

Pedro acena que não com a cabeça

Pesquisadora: Maria?

(⇒ ruídos internos do movimento das crianças para alcançarem a Corujinha Flor para *Maria*) *Fátima alcança coruja oara Maria*

(□ ruídos internos do movimento das crianças para alcançarem a Corujinha Flor para Maria)

Fátima alcança coruja para Maria

Maria: eu ia pintar (mostrando o desenho)

Pesquisadora: Mas é que não deu tempo ainda, vamos falar sobre

Maria: A parte que eu mais gostei do reiki é que eu me senti mais leve mais calma, E a primeira vez que eu fui no reiki eu tava com muita ansiedade daí fizeram reiki em mim me senti mais calma sem ansiedade e tudo mais.

(coloca a corujinha flor sobre as pernas e estabelece com a fala diferentes gestos, quando fala da ansiedade toca a ponta dos dedos no rosto e ao falar que ficou mais calma abriu as mãos tocando no peito do lado esquerdo, realizou movimentos serenos com significado relacionado a cada palavra emitida)

Maria devolve a coruja ao meio da roda

Paulo: Agora vai ter que ser um dos dois (dirigindo as palavras para José e Paulo e pega coruja)

(□ ruídos internos do áudio e do movimento de José pegando a corujinha)

Então José busca a corujinha do centro e coloca em suas pernas entrelaçando seus braços sobre ela

José : AAAH AHH, Hummmmmmm eu gostei maaiiii (-) (olha para cima; dá de ombros) do reiki! (♩ entonação fica grave quando fala a palavra reiki)

Pesquisadora: i tu não quer mostrar teu desenho pra nós, o que tu pensou, o que tu desenhou

José: (levanta o desenho) eu só desenhei uma sala vazia (-) quer dizer deve ser quando eu tava sentado né! (♩ entonação -tom de voz fica mais grave neste momento do que no início) é porque eu tava sentado (♩ entonação de voz quando diz sentado), e não tinha nada na pia nem na cama (fica balançando o desenho)

José alcança coruja para Pedro

Pesquisadora: E tu Pedro, mostra teu desenho pra nós,

Pedro Mostra o Desenho

Pesquisadora: Fala um poquinho sobre ele, sobre teu desenho

Pedro fica de joelhos, larga o desenho ao lado do CoruGim, pega novamente a corujinha Flor coloca à sua frente e fica mexendo)

Pedro: Não sei o que falo (movimenta a cabeça para os lados no instante em que fala, aperta a coruja com a mesma tranquilidade sem aparentar preocupação por não saber o que dizer)

Pesquisadora e Pedro dão uma risadinha

Pesquisadora: O que tu achou da tua relação com o reiki (-) O que tu achou de melhor? Mostra o teu desenho pra gente ver de novo.

Pedro: levanta o desenho

Pesquisadora: Olha aqui, vamos aqui dar um olharzinho pro trabalho du... (dizendo para Paulo e Fátima)

Pedro: o que eu mais gostei foi (*gagueja*) foi quando a Lourdes (*gagueja*) foi fazendo o reiki em mim (passa as mãos pela cabeça)

Pesquisadora: E vocês sabem anh porque vocês anh começaram a fazer o reiki?

Fátima: Eu não sei (diz balançando a cabeça)

Pedro Eu não sei (com a cabeça baixa de joelhos olhando para a Flor)

Maria levanta a mão (porque Pedro ficou com a Corujinha Flor brincando e fazendo pequenos carinhos)

José : Porque é gostoso! (diz rapidamente e com forte ♪ entonação)

Pesquisadora: A primeira vez porque vocês vieram fazer o reiki a primeira vez

Maria: a primeira vez eu tava com muita ansiedade e tudo o mais, daí minha mãe me trouxe aqui no reiki pra mim (*gagueja*) pra eu relaxar e parar essa ansiedade que eu tenho

Fátima: Eu acho que a minha mãe tinha uma , não sei se era dança, uma aulinha aqui (-) em baixo ii depois que ela soube que tinha reiki, tinha atendimento eu comecei a fazer

Pesquisadora: Qual a diferença que isso fez pra vocês

Fátima: A diferença é que eu que nem ela (*aponta para Maria*) tinha muita ansiedade, era muito irritada, não parava de me mexer (*suspira rapidamente*) i depois do reiki eu comecei a me sentir mais calma (-) menos ansiosa (-) é isso

(♪ *entonação de voz em: agitada; calma*)

Pesquisadora: E você Paulo

Paulo: Ééé Só hoje que eu comecei mesmo, eu me senti mais calmo (fala mexendo no seu crachá) (♪ *entonação de voz firme, denotando certeza do que dizia*)

Pesquisadora: Como que tu sentia antes?

Paulo: eu me sentia mais leve (-) como si (-) eu tava calmo como si (-) anh (-) não tivessi (-) nada pra me preocupa (♪ *entonação de voz firme, denotando certeza do que dizia*)

Pesquisadora: e você José?

00.04.54 José: a primeira vez eu não lembro qual foi, eu jáá (-) reiki há alguns anos tempo, acho que a primeira vez (-) foi a minha mãe que deu

Pesquisadora: e tu já fez com outras pessoas além da tua mãe

José: anh anh anh (-) com essa que eu (-), ahm essa de hoje

Pesquisadora: i desde que tu faz o reiki anh o que tu percebe de diferente pra ti, o que mudou?

José: Huum huum (-) não mudou nada só sinto mais energia, só isso (pareceu preciso na resposta)

Ao pensar sobre o que lhe foi dito, pareceu refletir sobre o que lhe foi perguntado até encontrar a resposta

Pesquisadora: sente mais energia?

(não responde nem faz sequer qualquer movimento, mas continua a olhar para a pesquisadora tranquilamente)

(-)

Pesquisadora: E você João?

Pedro: não seiii (-), (conforme fala suavemente movimenta seus ombros)

acho que eu senti que me senti mais calmo((♫ *entonação baixa mas calma*),

Pesquisadora: se sentia mais calmo

Pesquisadora: E tu já fez outras vezes?

Pedro acena com a cabeça positivamente

Pedro: Eu só faço com a Lourdes ((♫ *entonação de voz firme*)

Pesquisadora: isso

José: a gente vai ficar com os desenhos?

Pesquisadora: os desenhos ficam comigo e depois dou uma cópia tá uma imagem tá bem uma cópia pra vocês, mas nesse momento eu preciso levar os desenhos tá;

Pesquisadora: em relação esses desenhos vocês têm mais alguma coisa que vocês queiram

(□ ruidos internos todo o instante)

Pesquisadora: Tu quer ler o que tu escreveu pra nós *(se dirigindo para Maria)*

Maria aproxima a folha de seu rosto e acena que não com a cabeça

Pesquisadora: Não

Pesquisadora: vocês querem falar mais alguma coisa (-) qui pense um pouquinho anh (-) sobre agora esse momento de pandemia hoje vocês estavam fazendo reiki. Vem alguma coisa pra vocês! Que vocês queiram dizer

(Enquanto entro com uma nova questão para conversarmos Pedro fica de joelhos brincando com a Flor a jogando para o alto e pegando de volta) e os outro mantinham-se atentos

Pauto e Fátima processam um rápido diálogo

Paulo e Fátima: falam SIM (Paulo) “EU” (Fátima) ao mesmo tempo

Fátima para Paulo: Pode falar primeiro

Paulo para Fátima: não, pode falar

Fátima: tá

Fátima: Anh ontem me aconteceu uma coisa que eu não gostaria de falar mas ai hoje aqui eu fiz o reiki eu me senti menos preocupada com isso que aconteceu (-) iiii o reiki como se fosse meio quiii (-) ummaa terapia pro corpo (-) pra gente...pro corpo tá mais calmo, menos agitado i não ficar tipo assim ansioso (© *Crianças distraídas*)

Fátima faz o seu relato as demais crianças impõem ao momento sua atenção para outras coisas, Maria que estava à direita de Fátima brincava com a folha de desenho, a sua esquerda, respectivamente, Paulo brincava com o crachá, José com o Lápis e Pedro mexia no seu relógio de Pulso. Porém, em alguns momentos eles dirigiam o olhar para ela todos, sem exceção como se estivessem ouvindo, mesmo com suas pequenas distrações.

Na vez de Paulo eles pareciam mais atentos, estavam olhando para ele enquanto falava

Paulo: Ih com esta pandemia eu não fiquei muito feliz mesmo (-) mas daí quando fiz u (-) reiki até quii fiquei (-) um pouquinho bom... pelo lado (-) eu olhei pro lado positivo que eu podia ficar mais a minha mãe a minha irmã mais ca minha prima mais ca minha família (♫ *entonação de voz firme quando citava as parentes*)

Pesquisadora: E você !(se dirigindo para Maria)

(-)

Maria: quando eu comecei o reiki ahn ahn (...) a primeira vez que eu fiz eu senti uma pontinha de medo (*sinaliza aproximando o indicador do dedão*), não sei por que (*dá uma risadinha*), mas senti um pouquinho de medo mas depois (-) ontem também aconteceu uma coisa (-) anh anh que eu não gostaria de fala (-) claro, e '(-) daí hoje que eu fiz o reiki me senti muito mais calma despreocupada com aquela coisa que aconteceu ontem (-) daí tipo fiquei des... despreocupada i (-) na hora que eu fui lá fazer o reiki parece que nem aconteceu aquela coisa de ontem.

Maria manteve uma ♫ entonação suave, constante e gesticulando muito, mas seus gestos eram também tranquilos acompanhando o que dizia, sua cabeça também se movimentou enquanto fazia seu relato)

Pesquisadora: E você José neste momento de pandemia como você vê o reiki (-) na sua vida?

(● *Crianças olhando uma para as outras*)

José (-) *pausa longa mexendo na fita verde do kit de desenho*

Pesquisadora: como tu te sentes

José: aaahmmmm

Paulo: Sabe dize!! (♩ *entonação de voz alegre, acolhedora, virado para José seu corpo se embalava ao falar*)

José (-) *pausa longa mexendo na fita verde do kit de desenho*

José: não sei (falar direta e objetiva) (□ *ruido externo – Galo Cantando*)

Pesquisadora: tu Pedro

Pedro: Não sei também

Pesquisadora: Não sabe dizer (♩ *entonação suave*)

Pedro fica de joelhos e fala ao mesmo tempo em que acena com a cabeça, várias vezes, movendo a Flor colocando-a sobre sua cabeça, no pescoço

Pesquisadora: **Êe** O quanto é o reiki ahn o quanto o reiki representa para vocês? Na vida de vocês?

José: Ahmm (-) não sei (Ⓢdiz murmurando)

Quer pensar um pouquinho mais, pensa um pouquinho mais José

José: Não sei

Pesquisadora: Não sabe

José: não sei Hum hum (*acenando negativamente*)

Pesquisadora: E tu também não sabe (*olhando para Pedro*)

Pesquisadora: Mas vocês gostam ou não

Pedro: Gosto (*acenando, também, afirmativamente*)

José: Eu gosto (Ⓢdiz em um murmúrio incompreensível)

Pesquisadora: Como?!

José: Eu gosto de fazer reiki

Eu gosto de fazer reiki iii eu sinto uma alegria que eu posso ter esta oportunidade diihh ter isto na minha vida

Pesquisadora: Que bom

Pesquisadora E você (perguntando para Maria)

Maria murmura e movimenta a cabeça dizendo que não, enquanto Pedro embala a corujinha e brinca com a mesma

Pesquisadora: Pedro hahn você gosta de fazer reiki com a Lourdes, fazer reiki com a Lourdes. porque você gosta de fazer reiki com ela?

Pedro: acena que sim

Pedro: **AAh** porque na primeira vez ela ela (*gagueja*) ah eu atendia ela e depois ela me atendia...eu fazia massagem nela, fazia reiki tudo

(-)

(*Brincou o tempo todo com a corujinha*)

Pesquisadora: Então alguém quer mais dizer alguma coisa, que acha importante

Pesquisadora: Ninguém quer falar

Pesquisadora: ah nós temos outra oportunidade de olharmos nossos desenhos né e se quisermos (-) ahn colocarmos mais alguma coisa nele (-) se assim desejarem OU! fazer um outro tá

Então o que que vocês ahn (-) acham que poderiam fazer (-) olhe seus desenhos (-) pensem neles (-) pensem nele na sessão do reiki e vejam se vocês gostariam(-) de colocar mais alguma coisa no desenho de vocês

Fátima: ... eu gostei do jeito que ele ficou

Pesquisadora: Pense, a vontade

Paulo: Tô pensando será que eu faço assim

Pesquisadora; pense a vontade

Paulo: Eu vou

Pesquisadora: Não vai

Pedro: Eu não vou

(*☺ Crianças murmurando*)

(Movimentos e ruídos internos)

Pedro: embala a corujinha Flor e a coloca carinhosamente ao lado do Corugim

Pedro: Tu pode pensar Pedro se tu queres falar alguma coisa sobre a tua praia

Acena que não

(//)

Pesquisadora: Não vai fazer mais alguma coisa no teu José.

Inquieto Pedro não para se se movimentar silenciosamente

(Movimentos e ruídos internos)

Fátima para Paulo: Tão bem bonito o teu

Paulo: Eu to fazendo uma casa tipo ela vai crescendo vai crescendo vai crescendo tum tum tum (*♪ Entonação de voz*)

Fátima: Que nem o meu só que o meu é regular (faz o gesto com os dedos) um pequeno e um grande um pequeno e um grande

Pesquisadora: O que representa isto pra ti

Fátima: O que

Pesquisadora: Estas imagens

Fátima: Ah representa (-) anh o sol, (-) o sol batendo na jan (-) ao sol batendo na sala uma energia boa Humm hum anh não um conflito, mas uma energia boa quii agente parece qui as coisas ruins não tá acontecendo

Pesquisadora: O teu ali não é o sol Pedro, conta prá nós!

Pedro: É Júpiter

Pesquisadora: Júpiter

Pesquisadora: O que representa Júpiter aí no teu desenho

Pedro abre a mão como se disse que não sabia, seu olhar expressa o sorriso ingênuo, mas alegre

Pesquisadora: Ele tá na praia o que tu pensou

Pedro: (ediz em um murmúrio incompreensível, gagueja) Accho que vou colocar mais umas coisinhas

Pesquisadora: Tu quer! então tá então coloca

Pesquisadora: Vamos ver o teu Maria

Pesquisadora Conta prá nós aqui o que está tua sala

Maria: Hum

Pesquisadora: Mostra pra eles olharem

(☺ murmúrios)

Pesquisadora: Aqui todos são criativos

15.14.44 **Maria:** Aqui é a moça fazendo o reiki

Pesquisadora: Oh vamos ouvir!

Maria: Aqui é a moça fazendo o reiki numa pessoa i como tem aquela mesa pra conversa antes di faze o reiki fiz essa mesa só (☺ murmúrio) janela tudo mais ...a janela não e só

(maria usa muitos gestos delicados)

Pesquisadora: E a sala em que vocês fazem o reiki? O que vocês sentem naquela sala? Que vocês sentem naquele lugar?

Antes mesmo de terminar a pergunta levanta o dedo e Paulo respondem

Maria: uma energia boa

Paulo: Conforto (*disse com plena convicção, ♪ Entonação de voz forte em tom alto diferente das outras manifestações*)

Pesquisadora: conforto

Maria: uma energia boa, conforto anh parece que tu nem tá ali parece que tu tá (-) dormindo só que não tá ali

Fátima fala com Paulo: fazendo isso...

Paulo: vo faze uma mesa

Pesquisadora: E você José

José: Hummm hummm hummm (□ ruídos internos) que sô tô numa sala

José fica na maior parte do tempo mexendo na fita verde que amarrava o kit de desenho ao ser questionado levantou os olhos e pensativo ...silencioso, a pergunta o levou a vasculhar em si a resposta, porque seus olhos se moviam, como se pensasse buscando a resposta, a impressão é de que a subjetividade da pergunta precisava ser pensada ...como se a resposta tivesse que ser a esperada

Pesquisadora: Sente

José: Que to numa sala

Pesquisadora: Que está numa sala

Pedro brincando a todo o momento com a Flor, está atento também a conversa e responde prontamente

Pedro: eu me sinto mais relaxado

Pesquisadora: Relaxado

Fátima: Eu me sinto parece tipo as coisas quando a gente entra (-) lá nuu (-) na sala parece quii humm (-) a gente entra numa sala especial qui não existe problema só existe tranquilidade (♪ *Entonação de voz suave, tranquila*)

Pesquisadora: uma coisa vocês anh na sala tem a música a terapeuta coloca a música e coloca o cheirinho (-) tá, vocês poderiam falar sobre isso

Paulo: O que o cheirinho

Pesquisadora: É

(☺ murmúrio)

Pesquisadora: Vamos circular as nossas...vamos ver se os meninos né quem sabe não querem falar do cheiro. Eu quero (Paulo) do aroma

Pedro: o cheiro é bom!! (*exclama Pedro*)

Pesquisadora: O que que representa o vocês sentem quando ela pôe o cheiro

Paulo: Um cheiro hum um cheiro tipo de chá tipo de chá mi acalmo i a música gosteeei muito porque di piano né

(☺ murmúrios)

Pesquisadora: Você

Pedro: eu gosto do cheiro (☺ murmúrio)

(☐ movimentos e ruídos internos)

Pesquisadora: E tu escolhe o cheirinho (-)

Pedro acena com a cabeça afirmativamente

Pesquisadora: Qual o que tu escolheu

Pedro: Eucalipto

Porque tu escolheu eucalipto

Pedro não responde seus olhinhos de surpresa acompanham seus ombros e suas mãozinhas que se abrem como se dissesse não sei

Pesquisadora: e tu Fátima

Eu eu o cheirinho (-)eu mi sinto como si tivesse em um jardim cheio de flores cheirosas commm e a musiquinha eu mi sintuu (-) por que ela bota uma musiquinha ... aí eu mi sinto como si tivesse numa chuva ao redor de um monte de flor (neste momento mostra om o braço este lugar cheio de flor)

E pra ti José o que representa este cheirinho a música que a terapeuta coloca (-) a reikiana, porque elas são reikianas também

José mantém o silêncio mexendo na máscara

(☐ movimentos e ruídos internos)

Pesquisadora: Tu gosta

José não se manifesta

(☐ movimentos e ruídos internos)

Pesquisadora: E prá ti (pergunta feita para Maria)

Ahn pra mim representa aquele cheirinho (-) anh qui tipo é sem poluição anh anh é um monte de arvore sem carro sem nada sem prédio(-) é uma coisa boa que eu sinto lá “*tipo assobio de passáro (Paulo)*” isso (Maria)

Pesquisadora: I tu pensou em alguma coisa José

José: Tranquilidade

Pesquisadora: tranquilidade

Pesquisadora: Palavras hum! Cada um poderia dizer uma palavra que poderia ser anh o que vocês veem no reiki

Fátima: Uma palavra que representa o reiki

Pesquisadora: Prá você

Pesquisadora Vamos pôr ordem assim (mostro qual a criança que começa a responder, seguindo a ordem depois

Respondem pode ser

Maria: Relaxante

Fátima Harmonia

Paulo: Paz

José: Tranquilidade

Paulo: Paz

Paulo: Paz eu já disse

As palavras são as palavras elas vem né

E vocês querem manter a continuidade do reiki continuar fazendo o reiki

Paulo Hum hum

Pedro: Hum hum

Fátima Hum hum Sim

Maria: acena com a cabeça que sim

Fátima: Eu faço des dos meus 5 anos

Pesquisadora Quem faz a mais tempo também aqui

(□ movimentos e ruídos- externo)

Pesquisadora: Quanto tempo tu faz tu lembra (pergunta para Paulo)

Paulo acena que não lembra

Pesquisadora: E tu já faz a bastante tempo né José

José: 150, 150 anos será

Pesquisadora: E tu Pedro, lembra quanto tempo tu faz o reiki, mais ou menos

Pedro: Não acho

Pesquisadora: Não, quanto tempo tu tem, começou a fazer, faz tempo que tu começou a fazer?

Pedro: Não, foi hoje (segurando crachá)

Pesquisadora: Ah hoje que tu começou

Reforçamos que a escuta, não é algo que se manifesta somente pela audição, não está somente no fato de ouvir o que o outro tem a dizer, mas está na intenção de efetivamente entender, ou buscar entender este outro e as crianças a seu modo fizeram isto, mesmo quando estavam se movimentando, ou sem silêncio mexendo na fita como José. Eles estavam atentos. Contaram fatos sobre acontecimentos que possivelmente geraram algum tipo de adoecimento na criança em tratamento. O cenário presente no campo demonstrou o pensamento acima narrado, aliado ao silêncio quando o relato de alguma das crianças envolvia emoções, medos, insegurança, ainda que a linguagem corporal expressa que eles estavam sendo tocados, o olhar direcionado àquele(a) que falava era e permaneceu constante. O caráter de nossa investigação também é relacional, então ratificar que as trocas no diálogo face a face deixaram transparecer, que o contato visual, dava sentido a relação entre aquelas duas pessoas, é algo relevante. O tom de voz seguro das crianças e sua infantilidade deixavam transparecer que o reiki agiu sobre aquele ponto de adoecimento que os havia afetado. Estavam bem e cientes do resultado e onde a energia foi exatamente canalizada. Eles interagiram, trocaram e sentiram a expressão de afetos e sentimentos uns pelos outros – aspectos da Comunicação do sensível.

ANEXO A - Parecer consubstanciado do Comitê de Ética da PUCRS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A comunicação do sensível na perspectiva das práticas integrativas e complementares em saúde com crianças.

Pesquisador: Juliana Tonin

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 40313620.9.0000.5336

Instituição Proponente: UNIAO BRASILEIRA DE EDUCACAO E ASSISTENCIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.468.919

Apresentação do Projeto:

O pesquisador principal Juliana Tonin, responsável pelo projeto com número de CAAE 40313620.9.0000.5336 e Título: A comunicação do sensível na perspectiva das práticas integrativas e complementares em saúde com crianças, encaminhou ao CEP-PUCRS emenda contendo os seguintes documentos: Informações Básicas do Projeto (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1650358.pdf); TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência (TCLE_Jeronima_Daltro_Milton_Mestrado.pdf); TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência (TALE_Jeronima_Daltro_Milton_Mestrado.doc); Recurso Anexado pelo Pesquisador (Carta_Resposta_Jeronima_Daltro_Milton_Mestrado.pdf); TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência (TALE_Jeronima_Daltro_Milton_Mestrado.pdf).

O projeto "A comunicação do sensível na perspectiva das práticas integrativas e complementares em saúde com crianças" trata de um tema atual, da adoção de práticas complementares de saúde em crianças e sua comunicação. Esta proposta de olhar sobre a comunicação parte das proposições de Ciro Marcondes Filho, e visa responder ao problema de pesquisa "de que formas podemos compreender a comunicação do sensível na perspectiva das PICS com crianças?". A metodologia, com foco qualitativo, será realizada presencialmente, respeitando os cuidados e protocolos deste período de COVID-19. As técnicas metodológicas seguirão três fases: Observação, Técnica Projetiva e Grupo Focal, a serem aplicadas em crianças que recebem

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703
Bairro: Partenon **CEP:** 90.619-900
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3320-3345 **Fax:** (51)3320-3345 **E-mail:** cep@pucls.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 4.468.919

atendimento de reiki (uma das práticas integrativas) no Ambulatório de Terapias Naturais e Complementares 1o. de Maio (ATNC), pertencente à Rede de Saúde Divina Providência (RSDP).

Objetivo da Pesquisa:

Conforme relatado previamente, a pesquisa tem como objetivo compreender a comunicação do sensível na perspectiva das práticas integrativas e complementares em saúde (PICS) a partir de aplicação de reiki em crianças.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme relatado previamente, a proposta de riscos e benefícios está estruturada de maneira coerente, respeitando a privacidade das crianças envolvidas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Conforme relatado previamente, pesquisa investiga aspectos relevantes de comunicação e sociabilidade.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos foram rescritos conforme solicitação, apenas pontuamos três pontos levantados durante a discussão com o colegiado: 1) No TCLE, ao invés de se referir à criança apenas como FILHO (A), também incluir uma menção a uma criança sob responsabilidade do adulto, como, por exemplo, no caso de um(a) enteado(a). Não são filhos no sentido estrito, mas estão sob responsabilidade adulta. 2) No TALE, da mesma maneira, mencionar seus pais ou responsáveis. 3) Observar e ajustar que nos termos devem constar os telefones e e-mails do aluno e da orientadora da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está bem estruturado e a proposta está clara.

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o CEP-PUCRS, de acordo com suas atribuições definidas na Resolução CNS n° 466 de 2012, Resolução n° 510 de 2016 e a Norma Operacional n° 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa A comunicação do sensível na perspectiva das práticas integrativas e complementares em saúde com crianças, proposto pela pesquisadora Juliana Tonin com número de CAAE 40313620.9.0000.5336.

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703
Bairro: Partenon **CEP:** 90.619-900
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3320-3345 **Fax:** (51)3320-3345 **E-mail:** cep@pucls.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 4.468.919

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1650358.pdf	09/12/2020 12:58:45		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Jeronima_Daltro_Milton_Mestrado.pdf	09/12/2020 12:57:01	Juliana Tonin	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_Jeronima_Daltro_Milton_Mestrado.doc	09/12/2020 12:56:26	Juliana Tonin	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	Carta_Resposta_Jeronima_Daltro_Milton_Mestrado.pdf	09/12/2020 12:55:24	Juliana Tonin	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_Jeronima_Daltro_Milton_Mestrado.pdf	08/12/2020 18:07:39	Juliana Tonin	Aceito
Outros	Autorizacao_HDP_Jeronima_Daltro_Milton_Mestrado.pdf	23/11/2020 09:30:24	Juliana Tonin	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_Jeronima_Daltro_Milton_Mestrado.pdf	23/11/2020 09:13:57	Juliana Tonin	Aceito
Orçamento	Orcamento_JeronimaDaltroMilton_Mestrado.pdf	17/11/2020 10:32:21	Juliana Tonin	Aceito
Declaração de concordância	Carta_Anuencia_Escola_Jeronima_Daltro_Milton_Mestrado.pdf	16/11/2020 21:54:48	Juliana Tonin	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	CEP_carta_encaminhamento_Jeronima_DaltroMilton_Mestrado.pdf	16/11/2020 21:52:23	Juliana Tonin	Aceito
Outros	Equipe_carta_apresentacao_Jeronima_Daltro_Milton_Mestrado.pdf	16/11/2020 21:50:27	Juliana Tonin	Aceito
Cronograma	Cronograma_Jeronima_Daltro_Milton_Mestrado.pdf	16/11/2020 21:46:25	Juliana Tonin	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Jeronima_Daltro_Milton_Mestrado.pdf	16/11/2020 21:45:18	Juliana Tonin	Aceito
Outros	Roteiro_Atividade_Jeronima_Daltro_Milton_Mestrado.pdf	28/10/2020 13:34:20	Juliana Tonin	Aceito
Outros	Carta_Aprovacao_Comissao_Cientifica_1603479606403_Jeronima_Daltro_Milton_Mestrado.pdf	28/10/2020 13:33:01	Juliana Tonin	Aceito
Outros	Documento_Unificado_ProjetodePesquisa_1603479606403_Jeronima_Daltro_Milton_Mestrado.pdf	28/10/2020 13:32:36	Juliana Tonin	Aceito

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703
Bairro: Partenon **CEP:** 90.619-900
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3320-3345 **Fax:** (51)3320-3345 **E-mail:** cep@pucls.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 4.468.919

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 16 de Dezembro de 2020

Assinado por:
Paulo Vinicius Sporleder de Souza
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703
Bairro: Partenon **CEP:** 90.619-900
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3320-3345 **Fax:** (51)3320-3345 **E-mail:** cep@pucrs.br

ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) Pais e Responsáveis



ESCOLA DE COMUNICAÇÃO,
ARTES E DESIGN
FAMECOS

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu.....
.....
.....

....., autorizo meu/minha filho(a),
enteado(a) _____ a participar de um estudo denominado “A comunicação do sensível na perspectiva das práticas integrativas e complementares em saúde com crianças”. A permissão do adulto responsável pelo(a) menor, como participante no referido estudo *presencial*, será no sentido de autorizar a pesquisadora acompanhar a participação da criança nas 3 fases da pesquisa: 1º da atividade de cuidado na prática de reiki com meu filho (a), enteado(a) e sua interação com os profissionais terapeutas. 2º com o desenvolvimento da Técnica Projetiva, na qual as crianças farão desenhos sobre a sessão de reiki da qual participaram e a nossa conversa no grupo. Na 3ª fase em que será desenvolvida a metodologia do grupo focal, o desenho será o instrumento para as crianças dialogarem sobre suas sensações no reiki, ao final produzindo um novo desenho sobre a experiência dos momentos vividos. Cientes de que este documento será formatado em duas vias: uma para a pesquisadora e a outra para as partes envolvidas.

Fui alertado(a) de que podemos esperar alguns benefícios com a investigação a ser realizada, tais como: colaborar com as pesquisas sobre comunicação nas infâncias, acompanhar o avanço do estudo sobre o tema e a possibilidade mostrar um novo caminho de estudo de um procedimento de saúde sob a ótica da comunicação.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes da investigação, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, bem como do risco das crianças se sentirem desconfortáveis com a prática do reiki, ainda que já conheçam os profissionais que realizarão a sessão. Ou trazerem sentimentos ou problemas que não puderam ser compartilhados ou mensurados pelos profissionais, face ao encerramento das atividades no mês de março em função do Covid-19.

PUCRS

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 07 – Sala 319 | CEP 90619-900 | Porto Alegre, RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3658 | E-mail: famecos-pg@pucrs.br | www.pucrs.br/famecos/pos



A fim de minimizar os riscos citados, buscaremos o diálogo, através de uma escuta acolhedora, com a criança respeitando seus desejos a contar do assunto que trata das questões de sensibilidade e empatia. Na necessidade, a pesquisadora responsável pela ação buscará auxílio do profissional terapêutico presente no recinto. Há também risco de as crianças comentarem sobre sua participação na pesquisa ou indicar outro integrante do grupo, o que caracterizaria quebra de sigilo. A partir de uma linguagem apropriada, neste sentido serão informados os participantes das questões que abrangem a quebra de sigilo. Estou ciente de que nossa privacidade será respeitada, ou seja, os nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identificar as crianças, serão mantidos em sigilo. Tenho ciência de que as gravações do encontro serão utilizadas única e exclusivamente para registro da pesquisa, não sendo compartilhadas ou divulgadas.

Coleta de Dados: Os dados serão coletados através das técnicas de observação, projetiva (desenho) e do Grupo Focal. Ao analisar o sensível da comunicação no trabalho proposto embasaremos a busca, através do objeto (desenho), da dimensão da prática (reiki) e também do sentimento de conexão, e das diversas formas de linguagem: gestos, palavras, expressões, e emanações que estão no ambiente e que podem ser captadas de diferentes formas. Ou seja, tudo que aparece e que está na dimensão da noção da comunicação do sensível, e que buscaremos identificar sob o paradigma daquilo que possamos ver e/ou sentir e que compõe também o universo das subjetividades. Assim, as variáveis que serão coletadas têm por foco o que os autores discutem, no tocante ao que podemos ver, ouvir, sentir, reforçando, inclusive o que está no âmbito da subjetividade. Tudo isto estabelece outros canais comunicativos para além da fala e da escuta e que estão conectados a sensibilidade aplicada às relações, que abarcam “sensações, emoções, desejos, interesses, curiosidades, percepções, estados de espírito, intuições, humores” (MARCONDES FILHO, 2019; MAFFESOLI, 2003; SANTAELLA, 2016; SODRÉ, 2014).

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

PUCRS



Também fui informado(a) de que eu posso retirar meu consentimento a qualquer momento, e que a criança sob minha responsabilidade pode se recusar a participar do estudo, sem precisar justificar, e por desejar sair da pesquisa, não sofrerá nenhum prejuízo à assistência que vem recebendo. Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são *prof^a Dr^a Juliana Tonin, orientadora; e Jerônima Daltró Milton, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS*, e com eles poderei manter contato com a Prof.^a *Dr^a Juliana Tonin, 51 99166-0343; Jerônima Daltró Milton (51) 99988-5642* e respectivamente pelos e-mails juliana.tonin@pucrs.br; jeronima.milton60@edu.pucrs.br.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa por parte da pesquisadora, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da participação de meu filho(a), enteado(a). Ao assinar este termo de consentimento como o adulto responsável pela criança, não renuncio a nenhum direito legal. Posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais a criança, sob minha responsabilidade, será submetida, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade.

Enfim, tendo sido orientado(a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em autorizar a criança sob minha responsabilidade (filho/filha, enteado/enteada) a participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por sua participação.

Caso tenha qualquer dúvida quanto aos direitos de meu filho(a), enteado(a) como participante de pesquisa, posso entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@pucrs.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e de 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído por profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Diante do exposto expressei minha concordância de espontânea vontade em autorizar meu filho e/ou filha; enteado e/ou enteada a participar deste estudo.

Porto Alegre, 06 de janeiro de 2020.

Nome e assinatura do adulto responsável

Nome e assinatura do pesquisador responsável

PUCRS

ANEXO C - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)



ESCOLA DE COMUNICAÇÃO,
ARTES E DESIGN
FAMECOS

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Para crianças e adolescentes (maiores de 6 anos e menores de 18 anos).

Você está sendo convidado a participar da pesquisa *A Comunicação do Sensível na Perspectiva das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde com Crianças*, coordenada pela Prof.^a Dr.^a Juliana Tonin e por mim, mestranda Jerônima Daltró Milton, com a autorização dos seus pais ou responsáveis. Você está fazendo parte de uma pesquisa que colabora para que outras crianças e adultos possam conhecer o tema da comunicação de crianças em atendimentos de saúde. Queremos saber como você experienciou os momentos em que recebeu a sessão de reiki. Mesmo que seus pais ou responsáveis tenham permitido sua participação, você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Outras crianças também farão parte, elas têm de 8 a 10 anos de idade. Ninguém saberá que vocês estão participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da investigação vão ser publicados em pesquisa e trabalhos científicos na Universidade, mas sem identificar as crianças que cooperaram.

Vamos realizar atividade em grupo e serão feitas imagens e gravação para registrá-las. Elas serão usadas apenas para estudo, não serão divulgadas.

Nossa atividade terá três momentos: 1) a sessão de reiki; 2) um grupo para falar sobre a sessão de reiki e 3) você será convidado a realizar um desenho sobre o reiki e a nossa conversa no grupo. Cientes de que este documento será formatado em duas vias: uma para a pesquisadora e a outra para as partes envolvidas. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelos telefones que serão informados a seguir: Prof.^a Dr.^a Juliana Tonin, 51 99166-0343; Jerônima Daltró Milton (51) 99988-5642 e respectivamente pelos e-mails juliana.tonin@pucrs.br; jeronima.milton60@edu.pucrs.br.

Agradecemos por aceitarem fazer parte deste estudo.

PUCRS

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 07 – Sala 319 | CEP 90619-900 | Porto Alegre, RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3658 | E-mail: famecos-pg@pucrs.br | www.pucrs.br/famecos/pos



ESCOLA DE COMUNICAÇÃO,
ARTES E DESIGN
FAMECOS

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa *A COMUNICAÇÃO DO SENSÍVEL NA PERSPECTIVA DAS PRÁTICA INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE COM CRIANÇAS.*

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim.

A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Porto Alegre, ____ de _____ de _____.

Assinatura do menor

Assinatura da pesquisadora

PUCRS

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 07 – Sala 319 | CEP 90619-900 | Porto Alegre, RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3658 | E-mail: famecos-pg@pucrs.br | www.pucrs.br/famecos/pos

ANEXO D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - Profissionais



ESCOLA DE COMUNICAÇÃO,
ARTES E DESIGN
FAMECOS

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu.....
.....
.....
.....

.....concordo em participar da etapa 1, de observação, do estudo denominado “A comunicação do sensível na perspectiva das práticas integrativas e complementares em saúde com crianças”.

Fui alertado(a) de que podemos esperar alguns benefícios com a investigação a ser realizada, tais como: colaborar com as pesquisas sobre comunicação nas infâncias, acompanhar o avanço do estudo sobre o tema e a possibilidade mostrar um novo caminho de estudo de um procedimento de saúde sob a ótica da comunicação.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes da investigação, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, bem como do risco das crianças, *corpus* da pesquisa, se sentirem desconfortáveis com a prática do reiki, ainda que já conheçam os profissionais que realizarão a sessão. Ou trazerem sentimentos ou problemas que não puderam ser compartilhados ou mensurados pelos profissionais, face ao encerramento das atividades no mês de março em função do Covid-19.

A fim de minimizar os riscos citados, buscaremos o diálogo, através de uma escuta acolhedora, com a criança respeitando seus desejos a contar do assunto que trata das questões de sensibilidade e empatia. Na necessidade, a pesquisadora responsável pela ação buscará auxílio do profissional terapêutico presente no recinto. Há também risco de as crianças comentarem sobre sua participação na pesquisa ou indicar outro integrante do grupo, o que caracterizaria quebra de sigilo. A partir de uma linguagem apropriada, neste sentido serão informados os participantes das questões que abrangem a quebra de sigilo. Estou ciente de que nossa privacidade será respeitada, ou seja, os nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identificar as crianças, serão mantidos em sigilo.

PUCRS

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 07 – Sala 319 | CEP 90619-900 | Porto Alegre, RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3658 | E-mail: famecos-pg@pucrs.br | www.pucrs.br/famecos/pos



Tenho ciência de que as gravações do encontro serão utilizadas única e exclusivamente para registro da pesquisa, não sendo compartilhadas ou divulgadas.

Coleta de Dados: Os dados serão coletados através das técnicas de observação, projetiva (desenho) e do Grupo Focal. Ao analisar o sensível da comunicação no trabalho proposto embasaremos a busca, através do objeto (desenho), da dimensão da prática (reiki) e também do sentimento de conexão, e das diversas formas de linguagem: gestos, palavras, expressões, e emanações que estão no ambiente e que podem ser captadas de diferentes formas. Ou seja, tudo que aparece e que está na dimensão da noção da comunicação do sensível, e que buscaremos identificar sob o paradigma daquilo que podemos ver e/ou sentir e que compõe também o universo das subjetividades. Assim, as variáveis que serão coletadas têm por foco o que os autores discutem, no tocante ao que podemos ver, ouvir, sentir, reforçando, inclusive o que está no âmbito da subjetividade. Tudo isto estabelece outros canais comunicativos para além da fala e da escuta e que estão conectados a sensibilidade aplicada às relações, que abarcam “sensações, emoções, desejos, interesses, curiosidades, percepções, estados de espírito, intuições, humores” (MARCONDES FILHO, 2019; MAFFESOLI, 2003; SANTAELLA, 2016; SODRÉ, 2014).

Rubrica do Profissional

Rubrica do pesquisador

PUCRS



Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são *prof.ª Dr.ª Juliana Tonin, orientadora; e Jerônima Daltró Milton, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS, e com eles poderei manter contato com a Prof.ª Dr.ª Juliana Tonin, 51 99166-0343; Jerônima Daltró Milton (51) 99988-5642 e respectivamente pelos e-mails juliana.tonin@pucrs.br; jeronima.milton60@edu.pucrs.br.*

É assegurada a assistência durante toda pesquisa por parte da pesquisadora, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da participação. Ao assinar este termo de consentimento não renuncio a nenhum direito legal. Estou ciente da garantia de confidencialidade.

Caso tenha qualquer dúvida como participante de pesquisa, posso entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@pucrs.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e de 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído por profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

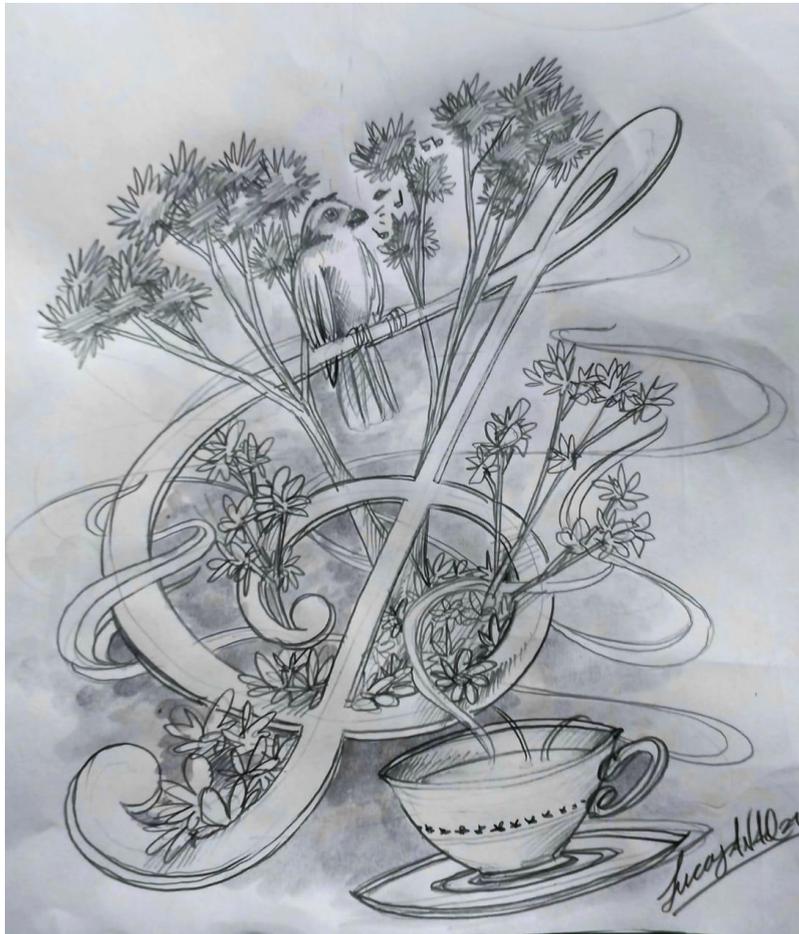
Porto Alegre, 06 de janeiro de 2020.

Nome e assinatura do profissional

Nome e assinatura da pesquisadora responsável

PUCRS

ANEXO E - Presença do imaginário, o cheirinho era como chá, a sensação da chuva e das flores, lugar com árvores, sem carros ou poluição



Fonte: Lucas Anão Vernieri @lucasanao.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br